



a escola com que sonhei e ajudei a construir

Org.

Sonilda Sampaio Santos Pereira

Hildacy da Silva Mota Dias

Org.

Sonilda Sampaio Santos Pereira

Hildacy da Silva Mota Dias

a escola com que sonhei e ajudei a construir

**Jequié/BA - Brasil
Ponto e Vírgula
2017**

Copyright © 2017, Ponto e Vírgula
Jequié, para presente edição.

1ª Edição
Março de 2017

Revisão Textual
Valter Cezar Andrade Jr.

Projeto Gráfico e Diagramação
Gisele Silva Cezar Andrade e
Valter Cezar Andrade Jr.

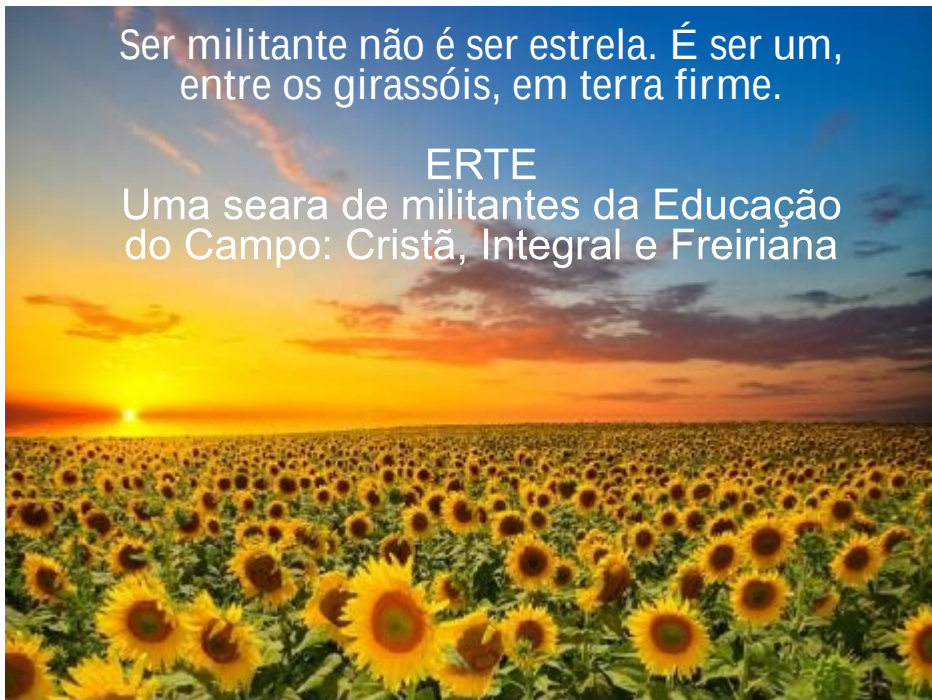
Fotolito/Impressão

Todos os direitos reservados à:
Ponto e Vírgula
Av. Rio Branco, 763, Edf. Santtana - Centro
Cep 45.200-270, Jequié - Bahia
E-mail: editorapontoevirgula@hotmail.com

Ser militante não é ser estrela. É ser um,
entre os girassóis, em terra firme.

ERTE

Uma seara de militantes da Educação
do Campo: Cristã, Integral e Freiriana



LEMA: O Senhor te guiará para sempre; tu serás
como um jardim regado.

(Isaías 58:11)

ESCOLA ESTADUAL RURAL TAYLOR-EGÍDIO

JAGUAQUARA – BAHIA

Av. Aloísio de Castro, s/n - Muritiba - Jaguaquara - Bahia

Fone: 73-3534-2430 - www.erte.com.br

Autorizada pela Portaria nº. 1327 - D.O. de 25-01-01

Código da U.E. – 76945 – Unidade Gestora nº 11.324 – PORT. 059 –
06.02.2009

CNPJ 13937065/0001-00

2001 A 2016 – 15 ANOS - Educação Camponesa, Integral,
Freireana, Cristã

VISÃO:

Crianças e adolescentes camponeses têm todas as possibilidades de domínio do sistema de escrita alfabética desde que sejam respeitados em suas singularidades, acolhidos como sujeitos de cultura diferente, não deficiente e, sobretudo, imersos numa práxis pedagógica que faça valer as crenças que professa.

MISSÃO:

Envidar todos os esforços para que a educação de crianças e adolescentes camponeses se realize de forma integral, progressista e cristã.

CRENÇAS:

- Os postulados de Jesus Cristo e as práticas sinalizadas por Paulo Freire são conteúdos imprescindíveis às reflexões de educadores e de educandos comprometidos com cidadania, progresso, construção e felicidade humana.
- Homens, mulheres, jovens, meninos e meninas camponeses são sujeitos de direitos e valores inegociáveis.
- Camponeses e urbanos podem dialogar como pessoas em movimentos diferentes, nunca na perspectiva daqueles serem deficientes.

- O campo tem saberes necessários a todos os humanos.
- Crianças e adolescentes camponeses devem ser alfabetizados na cidadania, sem preconceitos linguísticos.

VALORES:

- Jesus Cristo é servido por meio de cada criança e de cada adolescente servido.
- A concepção freiriana de educação integral é uma possibilidade para a realização da educação no/do campo.
- A pedagogia radical de alfabetização crítica, a reflexão sobre a língua, os eventos de letramento, a oralidade e a oralização viabilizam o aprendizado do sistema de escrita alfabética.
- As contribuições do construtivismo e das metodologias significativas sociointeracionistas colaboram com o fortalecimento da autoestima.
- Os sujeitos envolvidos no processo educacional são sujeitos espirituais e a dimensão da espiritualidade precisa ser desenvolvida.

Com justiça, dedicamos o empenho e o labor investidos na construção deste livro aos três mil, setecentos e oitenta e oito (3.788) estudantes camponeses, legítimos inspiradores da missão, que tiveram seus nomes arrolados nas matrículas dos primeiros quinze anos da ERTE.

Com a mesma justiça, nós construtores do presente, dedicamos nosso esforço aos ex-educadores que nos deixaram pistas de como fazer e de como não fazer para que a construção se mantivesse firmada em rocha.

Agradecimento Especial

São procedentes os depoimentos dos educadores da ERTE sobre suas práticas e doações de suas vidas. No entanto, nada do que fazem fariam não fosse a abnegação genuína, constante e incontestável daqueles que a mantêm, entregando, com ou sem recursos financeiros, materiais escolares, remédios, vestimentas, calçados, cobertores, lençóis de cama, toalhas de banho, papel ofício, lápis, canetas, sementes, ferramentas agrícolas, feijão, leite, carne, arroz, café e pão.

São, portanto, os fornecedores, que abastecem as despensas e almoxarifados da ERTE, fazendo-o maioria das vezes sem pagamentos atualizados, os verdadeiros sustentadores da missão.

Aos fornecedores, provisosores da parte de Deus, o agradecimento especial dos três mil, setecentos e oitenta e oito (3.788) estudantes camponeses, dos sessenta e um (61) educadores atuais, da Convenção Batista Baiana, do Governo do Estado da Bahia, da Fundação José Carvalho e do Senhor Jesus Cristo que não poderia vestir, alimentar e ensinar a crianças e adolescentes camponeses sem suas mãos, pés e corações abnegados.

Prefácio

Magda Becker Soares

Em 2013, eu, vinda de Minas Gerais, Belo Horizonte, ela, vinda da Bahia, Jaguaquara, encontramos-nos em um evento em Santa Catarina, Florianópolis, e, antes tão distantes na geografia, logo nos reconhecemos almas-irmãs: Sonilda e eu. Uma surpreendente combinação de acasos, surpreendente e rara, uniu duas pessoas igualmente comprometidas com uma educação de qualidade, promotora de justiça social, construída sobre o respeito às diferenças, uma educação que sobretudo garanta igualdade e equidade a crianças e adolescentes em geral desamparados em uma sociedade que trata de forma desigual os que são ricos e os que são pobres, os que são urbanos e os que são do campo, entre tantas outras discriminações. E também por isso nos descobrimos ambas discípulas de Paulo Freire, ambas em busca da utopia que esse nosso mestre sempre perseguiu.

Utopia? Paulo Freire gostaria de ver a utopia feita realidade, foi o que eu pensava quando Sonilda me contava sobre a ERTE, e eu ouvia embevecida. E recordava as palavras de Paulo Freire que têm sido minha permanente inspiração e minha orientação na vida: Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenho para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.

Sonilda e essa maravilhosa equipe que com ela construiu a ERTE transformaram o mundo de um grande número de crianças e adolescentes camponeses, para os quais tinham um certo sonho ou projeto de mundo, uma utopia da qual não se limitaram a falar, mas construíram, com práticas com ela coerentes, em apenas 15 anos, historicamente um curto tempo, uma realidade que é essa admirável

escola comprometida com uma educação de qualidade que garante igualdade, cidadania, direitos, respeitando as condições de vida, a cultura, as expectativas dos que vivem no campo.

A minha vida tem sido dedicada à luta por uma escola pública que promova equidade, justiça social, igualdade de direitos para os grupos oprimidos da sociedade, mas diante da ERTE, dos 15 anos da ERTE, me sinto pequena, porque ainda longe de ver realizada a utopia que persigo, mas me sinto também feliz e gratificada, porque a utopia se fez realidade em Jaguaquara, na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, a ERTE: em algum lugar deste país um grupo vem transformando o mundo, um grupo vem comprovando que é possível transformá-lo, que sonhos podem realizar-se.

Eu me sinto feliz por saber da utopia feita realidade; Paulo Freire se sentiria feliz se ainda entre nós estivesse e soubesse de sua utopia feita realidade. Assim, tenho a audácia de dizer que é não só em meu nome, mas também no dele, nosso mestre, que escrevi este prefácio.

Magda Becker Soares é professora titular emérita da Faculdade de Educação da UFMG. Pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – Ceale – da Faculdade de Educação da UFMG. Graduada em Letras, doutora e livre-docente em Educação. Entre seus livros, destacam-se: Alfabetização e letramento (São Paulo: Contexto, 2004), Português: uma proposta para o letramento (São Paulo: Moderna, 2002), Letramento: um tema em três gêneros (Belo Horizonte: Autêntica, 1998) e o autobiográfico Metamemória, memórias: travessia de uma educadora (São Paulo: Cortez, 1991).

TECENDO RELAÇÕES

Este livro institucional é parte das celebrações pelos quinze anos da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE). Nele estão retratadas facetas de um cotidiano permeado de emoções. A rotina diária da ERTE aponta para o fato incontestável que ela nasceu predestinada a ser referencial na contramão da educação.

A ERTE localiza-se em Jaguaquara, no interior da Bahia. Nasceu como filha do Colégio Taylor-Egídio (CTE). Durante o centenário do CTE, em 1998, com o objetivo de revigorá-lo, seus ex-alunos alimentaram o sonho de criação de uma escola agrícola dentro do campus de CTE.

O sonho concretizou-se por meio de uma sólida parceria entre a Convenção Batista Baiana (cedente do espaço físico), a Fundação José Carvalho (interveniente) e o Governo do Estado da Bahia (mantenedor).

Em janeiro de 2001 a ERTE estava pronta e autorizada a funcionar pela Portaria nº. 1327 do Diário Oficial da Bahia de 25-01-01. De janeiro de 2001 a dezembro de 2015 passaram por seu rol de matrículas 3.788 estudantes. Os números apontam crescimento contínuo nas matrículas nos últimos cinco anos: 2001 – 329; 2012 – 346; 2013 – 373; 2014 – 383 e 2015 – 471.

A publicação de depoimentos, reflexões e testemunhos sobre as experiências e práticas vivenciadas na ERTE objetivam dar visibilidades às possibilidades de exercício concreto de um fazer educacional comprometido com a educação integral, com a competência técnica, com a amorosidade e com a espiritualidade.

Ao observar, in loco, diuturnamente, durante quinze anos, o acontecer da ERTE e a abertura e o desejo de seus educadores (todos que servem na escola são educadores) em realizar suas atividades a partir da excelência, pensamos em como seria a escola dos sonhos de todos nós. Recorremos a Rubem Alves, no sonho de escola, que afirmou encontrar na Escola da Ponte, em Vila das Aves,

ao Norte de Portugal.

Fomos à Escola da Ponte. Lá percebemos o fenômeno educacional que atraía educadores do mundo. Rubem Alves tinha razão: era a escola dos sonhos. Ele não imaginava que pudesse existir. No entanto, do lado de cá do mar, em Jaguaquara - Bahia, estávamos construindo outra escola: a escola dos nossos sonhos. Construção demandante de intensa luta e de enfrentamentos corajosos ao sistema educacional, às estruturas dominantes e, sobretudo à força desagregadora do mal que conspira contra a educação integral, camponesa, cristã, progressista e libertadora.

Das respostas afirmadoras às nossas lutas e da inspiração de Rubem Alves, emergiu o título desse livro: **A Escola com que sempre sonhei e ajudei a construir**. Sugerimos que cada educador, a partir do seu lugar de atuação, relatasse por meio da escrita ou da oralidade, sobre os tijolos que colocou na construção da ERTE. Dos sessenta e um (61) construtores atuais¹, 20% optou pela escrita e 80% fez uso do recurso narrativo oral. Ouvi-los foi um misto de tensão, rememoração e exaustiva emoção. O processo foi laborioso, instigante, atraente, doloroso, amoroso e sofredor.

Desde o nascente, esta obra contou com a participação da Professora Hildacy da Silva Mota Dias como animadora insistente. Ela, que também é organizadora, debruçou-se durante um semestre como quem se debruça em seu maior sonho pessoal. Sem sua persistência no incentivo à produção, o livro não sairia. Imensurável sua contribuição na qual estão impregnados seu conhecimento linguístico e sua paixão acadêmica.

Nós, organizadoras, documentamos a gratidão aqueles que, extralinguisticamente, deram contribuições indispensáveis à concretização desse trabalho: Professoras Izaná Costa Silva e

¹Atuais porque ao longo dos quinze (15) anos muitos outros construtores entraram, colaboraram e saíram, mas deixaram suas inquestionáveis contribuições, verdadeiros tijolos nas colunas. São, aproximadamente, 121 ex-construtores.

Vilmaci dos Santos Dias pelas informações históricas, documentais e apoio administrativo; Jusceli Silva Brito, Erenice de Jesus Santos, Eraldo dos Santos e Clenilton de Sousa Alves por proverem da água ao HD externo. Esses, nos bastidores, nos ofereceram as seguranças necessárias para a fluidez do trabalho.

O livro está organizado em três partes. Na primeira, estão as vozes dos construtores atuais, em suas palavras, as sínteses de suas histórias, funções e rotinas. Nessa parte, o leitor atento verá as singularidades e especificidades da ERTE nas inusitadas atividades de seus educadores.

Na segunda parte estão as reflexões teórico-práticas daqueles que se debruçaram mais demoradamente para pensarem suas práticas, aprofundarem seus estudos e buscarem suas âncoras teóricas. São reflexões que giram em torno de três categorias: gestão, docência e transversalidade. A terceira parte é composta por testemunhos, em forma de depoimentos, de ex-alunos que, como amostra, validam as vozes e as reflexões dos construtores.

Embora nós, organizadoras, tenhamos assessorado as produções, todos os depoimentos, reflexões e testemunhos são inteiramente da responsabilidade dos seus respectivos autores.

Depois da primeira produção em 2011, ERTE por um ser integral, entregamos à vida, aos educadores do Brasil e ao mundo, o segundo testemunho de uma equipe dedicada, comprometida e abnegada que decidiu pagar o ônus para experienciar o bônus da concretude da educação sonhada e amortizada por tantos meninos, meninas, educadores e pessoas do bem desse imenso Brasil.

Para tanto, tivemos em Deus o inspirador e sustentador, o fiel amigo e aliado presente. Como “dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas” (Romanos 11:36), eis mais uma obra de Suas mãos, de Sua vontade e para Sua glória, somente.

Sonilda Sampaio Santos Pereira
Gestora desde a fundação

SUMÁRIO DOS ELEMENTOS TEXTUAIS

PARTE 1 – VOZES DOS CONSTRUTORES

1.1. A palavra dos construtores da Escola dos Sonhos

1.1.1. Sonilda Sampaio Santos Pereira.....	27
1.1.2. Lourival Brito Guimarães.....	29
1.1.3. Nalva Oliveira Gomes.....	31
1.1.4. Vilmaci dos Santos Dias.....	33
1.1.5. Eliana Gabriel dos Santos.....	35
1.1.6. Maria da Conceição Trindade Pellegrini.....	37
1.1.7. Sandra Martins de Souza.....	39
1.1.8. Eline Santana Ramos Sousa.....	41
1.1.9. Ivonete Almeida Vieira.....	43
1.1.10. Azenália Pereira dos Santos.....	45
1.1.11. Valdemir Dias Bispo.....	47
1.1.12. José Jorge Almeida Pereira.....	49
1.1.13. Eliane Costa Araújo Vaes.....	51
1.1.14. Adilene Costa Almeida Santos.....	53
1.1.15. Catia Liliana Coelho dos Santos.....	55
1.1.16. Marta dos Santos Souza.....	57
1.1.17. Eraldo dos Santos.....	59
1.1.18. Sandra Costa Correia.....	61
1.1.19. Maria Aparecida Ivo Gomes.....	63
1.1.20. Marinilda Almeida Vieira Souza.....	65
1.1.21. Maryvane dos Santos Araújo.....	67
1.1.22. Elielena Sousa Gomes.....	69
1.1.23. Miriam Santos Araújo.....	71
1.1.24. Paulo Eldebrando Silva de Miranda.....	73
1.1.25. Izaná Costa Silva.....	75
1.1.26. Jusceli Silva Brito.....	77
1.1.27. Maria da Glória dos Santos Ribeiro.....	79

1.1.28. Nilton Souza dos Santos Filho.....	81
1.1.29. Ilzete Ferreira dos Santos.....	83
1.1.30. Osivaldo Santos da Silva.....	85
1.1.31. Juliana Cardoso Bastos Santos.....	87
1.1.32. Daiane Silva dos Santos.....	89
1.1.33. Hildacy da Silva Mota Dias.....	91
1.1.34. Maria Mendes Silva.....	93
1.1.35. Izabel Santos Costa.....	95
1.1.36. Silene Santos Ribeiro Marinho.....	97
1.1.37. Sivaldo Santos Oliveira.....	99
1.1.38. Roberto Carlos Carneiro dos Santos.....	101
1.1.39. Edna Almeida Mendes Santos.....	103
1.1.40. Francisco Domingos da Cruz.....	105
1.1.41. Marluce Dias Costa Lima.....	107
1.1.42. Norma Santos Ramos Silva.....	109
1.1.43. Dalmir Felix Santos.....	111
1.1.44. Leandro de Almeida Santos.....	113
1.1.45. Wilis Lima de Santanna.....	115
1.1.46. Elisabete Pereira da Silva.....	117
1.1.47. Leia Bispo Neves Santos.....	119
1.1.48. Rosania Silva da Cruz.....	121
1.1.49. Claudionor Rodrigues dos Santos Filho.....	123
1.1.50. Clenilton de Sousa Alves.....	125
1.1.51. Erenice de Jesus Santos.....	127
1.1.52. Elitania de Azevedo Pereira.....	129
1.1.53. Vilma Oliveira D'Emídio.....	131
1.1.54. Deuzeli Miranda de Souza.....	133
1.1.55. Luis Carlos Santos.....	135
1.1.56. Marilene de Jesus Costa Teixeira.....	137
1.1.57. Maria Sonia Souza Rodrigues.....	139
1.1.58. Andilene Silva Santos.....	141
1.1.59. Maria Cristina Bastos de Jesus.....	143
1.1.60. Miralva dos Santos Miranda.....	145
1.1.61. Elisângela de Jesus.....	147

PARTE 2 – REFLEXÕES TEÓRICO-PRÁTICAS

2.1. Reflexões sobre Gestão

2.1.1. Crenças sobre liderança geral aplicadas à gestão educacional

Sonilda Sampaio Santos Pereira.....151

2.1.2. Uma proposta para a educação do campo que considera a pedagogia de alternância, o recreio pedagógico e a formação de líderes

Vilmaci dos Santos Dias.....187

2.2. Reflexões sobre Docência

2.2.1 Das atividades metalinguísticas às práticas reflexivas sobre a língua materna um estudo nas turmas do ensino fundamental da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio

Hildacy da Silva Mota Dias & Sonilda Sampaio Santos Pereira.....205

2.2.2. Competência linguística: experiências desenvolvidas em sala de aula na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio

Hildacy da Silva Mota Dias.....229

2.2.3. Motivação como fator imprescindível no ensino de história na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio

Juliana Cardoso Bastos Santos.....	251
2.2.4. Desafios de uma educação matemática: da realidade a formalidade	
Sandra Martins de Souza.....	269
2.3. Reflexões sobre Transversalidade	
2.3.1. ERTE: singularidade e transcendência	
José Jorge Almeida Pereira.....	287
2.3.2. Os saberes necessários para a realização de sonhos	
Maria da Conceição Trindade Pellegrini.....	301
2.3.3. Em minha história, uma denúncia: o status quo da educação; uma novidade: a ERTE para a educação do campo; uma superação: o preconceito linguístico; uma declaração: o amor aos livros	
Nalva Oliveira Gomes.....	315

PARTE 3 – TESTEMUNHOS QUE VALIDAM AS VOZES E AS REFLEXÕES

3.1. Depoimentos de ex-alunos	
3.1.1. Na ERTE aprendi o suficiente para viver em sociedade. Valores simples, mas essenciais à vida	
Bruna Silva Souza.....	327

3.1.2.A ERTE plantou a semente. Cheguei à licenciatura em educação do campo com ênfase em ciências agrárias, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Carlos de Souza Santos.....331

3.1.3.A ERTE não só marcou minha vida, a ERTE mudou minha vida

Erenice de Jesus Santos.....333

3.1.4.A escola que me ajudou a mudar a minha vida e a construir vários amigos verdadeiros

Henrique Victor Gomes de Assis.....337

3.1.5.Cheguei na ERTE com seis anos: de menino sapeca a colaborador

Josemar Bezerra da Silva.....341

3.1.6.Minha casa

Milene Andrade Damasceno.....345

3.1.7.Da alfabetização ao 9º ano na ERTE à bolsa no CBTE e ao compromisso com o internato masculino infantil

Jerffeson Bispo dos Santos, Josemar Bezerra da Silva, Rafael Santos Gois e Renan Peixoto dos Santos.....347

VOZES DOS CONSTRUTORES DA ESCOLA DOS SONHOS

APLICANDO MINHAS CRENÇAS SOBRE GESTÃO

Sonilda Sampaio Santos Pereira

Gestora fundadora da ERTE



A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) está um sonho de ambiência educacional. Tornou-se o possível da utopia. Um fenômeno que tem despertado mais de uma dezena de pesquisadores. Foram e são muitas as causas que fazem desaguar nessas consequências educacionais notáveis. Eu ajudei a construí-la. Minha participação, desde 2001, diz respeito à direção geral. Durante quinze (15) anos, exerci a liderança aplicando minhas crenças sobre gestão. Dentre as quais faço o destaque de sete (7):

- 1) Fazer para ensinar. Os liderados refletem o líder. Com base nessa crença, julguei ser mais eficaz a orientação pelo fazer e não pelo dizer verbalmente, apenas. Por isso, pus minhas mãos em todos os segmentos da escola;
- 2) Acreditar no potencial dos liderados. As pessoas ainda não são, estão sendo e serão. Firmada nesse princípio, impacientemente, busquei ser paciente e esperar o crescimento dos meus companheiros e, na medida do possível, apostar em seus avanços, enquanto profissionais e pessoas;
- 3) Organizar para acontecer. A organização é caminho para a excelência. Desde uma conversa com um estudante ao encontro com o governador do Estado, tudo devidamente agendado e organizado. Fiz assim!;
- 4) Formar para o desenvolvimento. A formação continuada fortalece a

instituição. Os projetos avançaram e a ERTE se desenvolveu porque durante seus primeiros quinze (15) anos a formação continuada foi uma tônica distinta;

5) Conscientizar para mudar. As mudanças de paradigmas educacionais devem ser propostas pelos membros do grupo. As propostas educacionais rotineiras da ERTE são díspares das que estão postas na sociedade. Ainda que minha visão fosse anterior, trabalhei a conscientização para que os novos paradigmas saíssem dos liderados;

6) Proporcionar amizades entre os colegas. A equipe se fortalece quando seus membros constroem relações saudáveis entre si mesmos. Os membros do grupo sentem-se apoiados uns nos outros e animados a prosseguirem suas trajetórias porque tornaram-se mais que colegas - amigos;

7) Pensar a sucessão desde o primeiro dia da assunção. O líder precisa saber a hora de passar o bastão. Ajudei a construir a ERTE preparando sucessores. Dentre os docentes e funcionários, há gente preparada e firmada nos ideais que fizeram-na surgir e que garantem sua continuidade.

Nesse momento, continuo a construí-la quando ensino a desocupar espaços e mostro a possibilidade de guardar a fé depois de acabar a carreira num bom combate.

ENTRE ADMINISTRAÇÃO, FINANÇAS E ACONSELHAMENTOS, CONSTRUINDO A “ESCOLA ASAS”



Lourival Brito Guimarães
Vice-diretor desde a fundação

Como professor e vice-diretor dessa escola de excelência, tenho orgulho em dizer que ajudo a construí-la mesmo antes de sua inauguração, quando, noite a noite, na zona rural, anunciava sua chegada para familiares de crianças do campo.

Minha palavra a todos os que tenham o privilégio de acesso a esta obra é: a grande sacada para fazer a diferença, nesta vida, é se esforçar no exercício da humildade e do amor ao próximo. Exercícios que nos tornam melhores e nos aproximam muito de Deus.

A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE), onde sirvo desde janeiro de 2001, é um lugar proporcionador de aprendizado diário porque nos oportuniza o convívio com crianças e jovens camponeses que, ao serem por nós acolhidos, nem imaginam o quanto nos ensinam na arte do viver. Sou muito feliz nessa escola, pois os enfrentamentos diários sempre trazem uma razão maior. Nossa razão maior tem a ver com a busca incessante da cidadania, da dignidade e da inclusão da criança e do jovem. Aqui nada acontece por acaso.

A educação na ERTE se faz, primeiramente, com o entendimento de que o outro precisa ser visto com o coração; depois dessa compreensão, todos os outros passos das formalidades burocráticas, acontecem naturalmente.

Minha contribuição, em forma de missão, dentro da ERTE, é fazer acontecer, com honestidade e transparência, as aplicações e prestações de contas dos recursos financeiros que recebidos dos governos Federal e Estadual. Tais recursos são utilizados na aquisição de gêneros alimentícios, medicamentos, colchões, materiais didáticos, dentre outros.

Ouvi, certa feita, do saudoso Rubem Alves, “Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas”. Se ele tivesse tido a oportunidade, nesta vida, de conhecer a ERTE, ficaria muito feliz com a típica “escola asas”. Daqui os alunos têm dados voos altos. Muitos estão trabalhando em diversas partes do Brasil; outros, estudando nas universidades e, ainda outros, voltando como funcionários tanto da parte administrativa quanto da docência.

GERANDO LEITORES, COMPARTILHANDO A BOA MÚSICA E OUVINDO COM O CORAÇÃO A PARTIR DA COORDENAÇÃO

Nalva Oliveira Gomes

Coordenadora desde a fundação



Sei que ajudei a construir a ERTE – escola dos meus sonhos e dos sonhos de muitas outras pessoas. Aqui, fui sendo construída e, naturalmente, ajudei a construir. Fui construída, especialmente, ouvindo muitos estudantes. Sei que minha contribuição, mais efetiva, diz respeito à formação dos cidadãos quando me propunha a ouvir com o coração.

Assim, estive próxima de muitos meninos e meninas. Essa proximidade resultou, até, na transformação de vidas que voltaram a mim para testemunhar: “Como eu mudei”! Minha participação tem a ver com o sentido real da vida e o sentido real da vida não é outra coisa senão ser para o outro o que lhe falta.

Minha participação no sentido que foi colocado acima, deu visibilidade ao bem que a ERTE faz aos seus estudantes. Hoje, esta escola é por muitos procurada por conta de referências daqueles que por aqui passaram e foram impactados por terem ouvidos prontos a ouvi-los, entendê-los e estender-lhes à mão.

Outra área, na qual sei-me contribuidora, é no incentivo à leitura. Dei visibilidade ao bem que advém da biblioteca. Aqui lidei diretamente com os livros e incentivei a leitura. Sempre com os livros em minhas mãos, apresentava-os para todos os docentes, servidores, trabalhadores e estudantes. Disso tenho colhido

verdadeiros leitores até de obras clássicas.

Tanto quanto contribui para a formação de leitores, foi minha contribuição para a quebra de preconceitos sobre os verdadeiros artistas, tais como: Luiz Gonzaga, Dorival Caymí, Vinícius de Moraes, Touquinho, Morzat e outros. Hoje nossos estudantes conhecem a vida e a obras desses clássicos. Nessa linha, também, dei contribuição no que se refere às vivências com a cultura local, como: a obra de Stela Câmara Dubois e as festas caipiras.

Dessa forma, sei que valorei a cultura camponesa e, com isso, as pessoas do campo que passam a perceber as riquezas que têm. Nessa percepção, as pessoas camponesas passam a se orgulhar do que são e percebem-se pessoas que, também têm o que dar, o que ensinar, o que ser.

Desde janeiro de 2001, sou participante da construção dessa escola inclusiva e acolhedora.

DOS SERVIÇOS DE AUXILIAR À GESTÃO DE EXCELÊNCIA

Vilmaci dos Santos Dias
Docente desde a fundação



Ajudo a construir a escola dos sonhos – ERTE, desde antes da inauguração, já estava envolvida, aprendendo nos dias 28 e 29 de janeiro de 2001, na Escola Tina Carvalho, na cidade de Entre Rios – Ba.

Desde a chegada dos primeiros estudantes que me deixava apreensiva, lá eu estava contribuindo. Com eles aprendi a fazer a minha prática e à medida que aprendia, contribuía. Desde a função de auxiliar de disciplina, ajudando na condução de banhos, almoços, jantares e dormidas.

Depois dessa função, ainda no primeiro ano, contribuí iniciando minha carreira como professora regente de classe, quando alfabetizei e ensinei a prática de leitura e escrita às crianças camponesas. Com grandes desafios, grandes dúvidas e medos, fui tecendo minha história de professora e me aprofundando nos estudos.

Esses estudos me fortaleceram, me animaram, me autorizaram a saber-me professora, de fato e de direito. Enquanto regente, com sólida bagagem, apropriei-me na prática a buscar respostas às inquietações de quem ensina desejando aprender e desejando que o outro aprenda.

Aprendi e coloquei em prática a afetividade, como possibilidade do êxito, da minha docência. Assim, percebi que é possível liderar um grupo a partir da posição de liderada perceptiva,

atenta, disposta a ouvir, a entender os comandos e a praticá-los.

À medida que a ERTE foi crescendo e avançando, também acompanhei seu desenvolvimento. Começaram os desafios de educadores pesquisadores. Fui desafiada a estudar e ensinar sobre o tema recreio. Assunto crítico em todas as escolas porque é um tempo ocioso em que os estudantes ficam sem liderança e sem planejamento.

Quando a ERTE começou a oferecer o ensino fundamental II, assumi os componentes curriculares História e Artes. Nesse espaço contribuí com o aprofundamento dos meus estudos para, também, aprofundar o conhecimento dos meus alunos. Eles se encantaram e envolveram-se em projetos especiais da Secretaria de Educação do Estado. Assim, contribuí dando visibilidade a ERTE fora dos espaços locais.

Dessa forma, a ERTE foi avançando, em todas as suas dimensões, inclusive com gestão de excelência. Nessa área me impressionei e me encontrei. Enquanto gestora em ação, colaboradora efetiva, tenho contribuído com a gestão, dando continuidade a princípios, tais como: organização, antecedência, cumprimento do planejado, responsabilidade e entrega, inclusive de forma presencial, em todos os setores.

DA ARRUMAÇÃO DAS CAMAS À VESTIMENTA DOS CORPOS



Eliana Gabriel dos Santos
Responsável pelo dormitório masculino I

Estou contando minha participação nessa escola que ajudei a construir. Aqui relato minha história e a história das crianças que estudam na ERTE. Logo que soube que em Jaguaquara seria aberta uma instituição escolar, desempregada, me entusiasmei e coloquei meu currículo.

Fiquei em oração na busca da aprovação do meu currículo. Deus me respondeu. Um anjo me trouxe a resposta. Fui chamada. Hoje tenho quinze (15) anos como parte da família ERTE. Esta escola é um campo missionário. Cada criança tem uma história para contar, são casos diferentes. Contudo, são iguais em suas carências, especialmente, de abraços, carinho e aconchego.

Eu, enquanto missionária da ERTE, sou movida a dar o necessário para suprir essas carências e muito mais. Por isso, sentem-se em casa comigo e com meus colegas. Meu espaço específico é o dormitório masculino, onde cuido da limpeza. Suas camas são cuidadas por mim com o mesmo sentimento com que cuido das camas de minhas filhas.

Carinho e dedicação estão presentes em minhas ações. Todas as tardes, durante os banhos, entrego as toalhas e as vestimentas escolares de acordo com o tamanho de cada um. Assim, sentem-se confortados e tratados como pessoas valiosas que são.

Em sendo a ERTE um campo missionário, Jesus Cristo é o centro de todas as coisas. Os estudantes aprendem sobre as lições

de vida extraídas da vida do próprio Cristo.

É desta forma que estou ajudando a construir a escola dos sonhos de todos nós desde sua inauguração em janeiro de 2001.

MOVENDO E FORTALECENDO PELA FORÇA DOS SONHOS

Maria da Conceição Trindade Pellegrini
Docente desde a fundação



Reportar-me, aos quinze anos de militância da educação do campo, na Escola Estadual Rural Taylor–Egídio (ERTE), é desvendar caminhos de expectativas, surpresas e descobertas. Muitos contentamentos e frustrações no transcorrer da experiência de sonhar e ajudar a construir, com muito labor, uma história de sucesso.

Comecei a docência na ERTE, em 2001, tendo a oportunidade de trabalhar, todos os anos, com o 5º ano do ensino fundamental I. Discentes maiores e com maior desenvoltura. Em 2010, comecei uma experiência nova e fantástica trabalhando com 3º e 4º anos. Nessas turmas os educandos são menores e, muitas vezes, não sabem identificar as letras do próprio nome. Fui desafiada a estudar mais e buscar apoio da coordenação para colocar em prática as teorias estudadas nos encontros de formação continuada.

Na construção dessa escola dos sonhos, às vezes, dormia tarde pensando em como fazer para dar conta das vidas que Deus havia me confiado. Eu precisava (e preciso) de graça para ensinar e para fazê-las mais felizes. Sei que a aprendizagem liberta e muda o curso das vidas. Por isso, ensinando Língua Portuguesa, buscava o ensino significativo.

Assim, via desabrochando, diuturnamente, a alegria e a esperança. Sentia e sinto nos olhos dos meus educandos a cumplicidade nas diversas leituras e escrita que fazíamos e fazemos.

Dessas leituras, chegamos ao ponto de produzirmos nossos próprios textos. Nesses, os personagens são os próprios escritores. Eles não ficavam de fora das histórias produzidas, por isso tudo é muito mais prazeroso.

Também entendo que o espaço físico é muito importante. Por isso, minha sala de aula é arrumada com muito esmero. Tudo lindo para que eles se sintam dentro de um espaço de aprendizagem que os impulse a querer aprender. E mais: aprendam a organizar suas vidas com alegria e a sonhar com dias melhores num futuro, não tão distante.

Dessa forma, penso que todo o sucesso desses anos, em sala de aula, foi, e é, minha crença em poder contribuir com responsabilidade, inteireza, alegria e disposição com todas as coisas que chegam às minhas mãos, conforme minhas forças e os meus sonhos.

**BAILANDO, A CADA DIA, EM NOVOS PASSOS:
MOVIMENTOS ENTRE ALFABETIZAÇÃO, LÍNGUA
PORTUGUESA, MATEMÁTICA, COORDENAÇÃO E
FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Sandra Martins de Souza
Docente desde a fundação



A escola com que sempre sonhei e ajudei a construir me proporcionou, ao longo desses quinze (15) anos, muitas aprendizagens. Iniciei na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) quando da sua fundação em 2001, como auxiliar de disciplina, função que durou apenas uma semana. De lá até aqui, foram muitas as vivências.

Durante esse tempo, pude vivenciar as mais diversas experiências. Do desenvolvimento, com as crianças, das aprendizagens básicas como os hábitos de higiene pessoal (tomar banho, escovar dentes, sentar-se à mesa) até as ministrações, no curso de pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB - PARFOR), que acontece dentro da ERTE. Para mim, todas são vivências iguais em importância.

Dos segmentos da educação, a alfabetização sempre foi uma paixão para mim. Nas turmas de alfabetização, sentia o peso da missão que me havia sido confiada: alfabetizar crianças e adolescentes residentes na escola e que necessitavam de mais tempo para o desenvolvimento da aprendizagem formal.

Durante muito tempo estive à frente dessas classes das séries iniciais, pois, a princípio, a ERTE oferecia apenas o ensino fundamental I. Nesse segmento, passei por todas as turmas, tempo

em que compreendi que precisava de muita preparação para desempenhar minha missão. Fui em busca do grande sonho: continuar estudando. Assim me colocaria como discente e poderia compreender melhor os educandos. Compreendendo-os, trabalharia de forma dinâmica e fiel.

Outro sonho também rondava meus pensamentos, ver a ERTE ampliar o oferecimento da educação básica. Então, em 2009, passou a oferecer o ensino fundamental II, uma ampliação gradativa, ano após ano. Assim, tive o privilégio de trabalhar com a disciplina Língua Portuguesa, momento de grande valia para mim, pois tive a oportunidade de junto com os educandos, desenvolver um trabalho de construção de conhecimento mútuo, no estudo da língua materna e compreender um pouco mais sobre as estruturas que regem a nossa língua.

Mas, não ficou por aí, para minha surpresa, em 2010, em meio ao crescimento da escola e à necessidade de um ministrante para a disciplina Matemática, fui contactada e aceitei o desafio de enfrentar o componente curricular considerado como “difícil”. Mais um obstáculo para transpor: desmistificar conhecimentos tão cotidianos e tão distantes, ao mesmo tempo. Outra vez fui mergulhar na busca de novos conhecimentos para dar conta dessa missão e desenvolver meu trabalho de forma responsável e comprometida.

Pensando que os desafios oriundos da ERTE já não mais me alcançariam, agora em 2015, a missão pesa ainda mais sobre mim, fui convidada a também coordenar o trabalho pedagógico, no ensino fundamental; e a colaborar no curso de formação de professores da UESB – PARFOR com estudos sobre a matemática prática. Nesses novos passos, venho tentando buscar maior entendimento para fazer um trabalho que satisfaça a todos e que fortifique a parceria em prol de uma educação de qualidade.

São quinze (15) anos de missão com aprendizagens, realizações, muitas dificuldades, mas com superações e acreditando que é esse o caminho favorável para a aprendizagem de todos.

DO LOCAL PARA MUNDIAL COM O ENSINO DA GEOGRAFIA

Eline Santana Ramos Sousa
Docente desde a fundação



É sempre desafiador falar de como faço acontecer a ERTE. É difícil recordar tudo que vivemos e construímos, ao longo desses anos, sem me emocionar. Comecei, em março de 2001, a missão de educar nesta unidade escolar. Foi, também, o momento em que chegavam os primeiros estudantes trazendo consigo grandes expectativas.

Expectativas que geravam ansiedades tanto nos pequenos alunos iniciantes quanto a nós, educadores, desafiados a aprender a fazer uma educação na perspectiva freiriana, cristã e integral. O que sempre nos levou a grandes conflitos, reflexões e aprendizagens.

Depois de muitas vivências e aprendizados, ainda somos desafiados a continuar construindo uma educação que atenda às especificidades dos nossos discentes. E, nesse desafio, procuro desenvolver uma práxis pedagógica proporcionadora de uma leitura de mundo a partir de sua realidade e de seus conhecimentos prévios, mas também apresento outros saberes para ampliação do conhecimento de mundo.

Nesse ensino da geografia, também articulo o conhecimento individual do estudante com a perspectiva da geografia socioambiental. É gratificante a interação do estudante da ERTE com essa proposta, que possibilita a interação entre natureza e cultura ou natureza e sociedade, porque, oriundos da zona rural do nosso município, trazem consigo um conhecimento do espaço natural

que faz diferença significativa em seu aprendizado.

Para isso, procuro dedicar-me no exercício da minha missão, propondo novas metodologias que facilitem o aprendizado e despertem nos estudantes, o interesse em aprender. Sendo pontual, utilizo meu tempo de aula integralmente na aplicação das atividades pedagógicas, orientando e desafiando a interação com o meio natural, de forma consciente e sustentável.

Entretanto, percebo que ainda tenho muito a fazer, a construir, a disponibilizar aos meus estudantes. E, para isso, procuro a capacitação profissional, disponho tempo, estratégias, criatividade, e o desejo de fazer melhor. Assim, oferecendo o melhor, planto sonhos em corações, alimento e motivo a construção do futuro. E, certamente, dessa forma, vou tecendo a história e contribuindo para outras colheitas.

DE AUXILIAR DE CLASSE A DOCENTE, CONHECENDO TODOS OS ESPAÇOS

Ivonete Almeida Vieira
Docente desde a fundação



Eu sei que contribuir para a construção dessa escola dos sonhos. Entrei no primeiro grupo de funcionários, no início de 2001. Mesmo antes da escola ser inaugurada, participei dos primeiros contatos, momentos de inseguranças e busca de ajustamento e de conhecimento do espaço e dos outros.

Nos primeiros anos participei como auxiliar de sala de aula, acompanhei as atividades, dando reforço aos temas tratados pelas docentes e cuidando da higiene das crianças. Estas chegavam na ERTE desprovidas de limpeza de cabelos, de unhas e, éramos nós, auxiliares de classe, que tínhamos a incumbência de cuidá-las.

Na função de auxiliar de classe, ajudei a construir esta escola com meu empenho, alegria e entrega nas dormidas no dormitório geral. Nos primeiros anos, meninas e meninos dormiam no mesmo dormitório. Conversávamos muito e, hoje, tenho contato com muitos deles. São meus amigos nas redes sociais e testemunham da contribuição que a ERTE deu às suas vidas e me incluem como construtora participante.

Também ajudei a construir esta escola dos sonhos passando em todos os seus ambientes. Da horta à lavanderia, dos dormitórios à cozinha, movimento-me com facilidade e boa relação. Corto cabelos das meninas, costuro, ouço confidências e dores dos estudantes que, para mim, são muito mais que discentes, sinto-os como filhos e defendo-os como a leoa defende suas crias.

Atualmente estou atuando como docente do componente curricular matemática, função que tenho gostado muito. Esse desafio tem me feito crescer. Tenho buscado aprender por meio de pesquisas e buscas das pessoas que me orientam e me apóiam.

Dessa forma, ajudei na construção, com muito prazer, com intensa alegria e orgulho por pertencer ao primeiro grupo de funcionários. Vou participar das celebrações dos quinze (15) anos e de muitos outros porque a ERTE é minha própria vida.

NO CAMPO, NO POSTO MÉDICO, NA SALA DE AULA

Azenália Pereira dos Santos
Educadora líder da itinerância



Como missionária, que cuida e contempla a carência de cada pessoa, tenho desenvolvido minha missão nessa escola. Enquanto professora itinerante que conhece todas as moradias dos estudantes, no campo, faço a relação entre as famílias e a ERTE. Essa relação é muito importante porque é um contato direto que insere a escola nos lares das crianças e dos adolescentes que aqui residem.

Em sendo a ERTE uma escola residencial, com pedagogia de alternância, um internato, os pais entregam seus filhos numa confiança ilimitada. Eu sou a pessoa a quem eles entregam e confiam. Ser esse elo de ligação entre o campo e a ERTE é minha participação ativa na construção dessa história que completa quinze (15) anos.

Além do meu envolvimento e da relação construo entre as famílias e a escola, também exerço o papel de conselheira entre os estudantes. A vida não é só curtição, vaidades, a vida depende de lutas. Por isso, estou sempre chamando os alunos e alunas para conversas e aconselhamentos sobre os mais variados temas.

Outra forma que encontro na construção dessa escola ideal é ajudando na enfermaria, embora não tenha formação específica na área. Contudo, na qualidade de mãe, que sabe cuidar das situações que acometem seus filhos quando a saúde lhes falta, cuido dos pequeninos que são atingidos por doenças rotineiras e infantis,

quando o caso ultrapassa minha competência, encaminho para o hospital.

Também contribuo em sala de aula sempre que a necessidade se impõe. Na ERTE nenhum estudante fica sem orientação pedagógica, mesmo que um professor precise se ausentar. Nesses momentos, lá estou eu na construção dessa escola séria e comprometida com seu calendário. É assim que venho sendo construtora da escola dos meus sonhos desde 23 de março de 2001.

DOS SERVIÇOS GERAIS ÀS SALAS DE AULAS

Valdemir Dias Bispo

Professor de educação integral



Iniciei na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE), no ano de 2001, mesmo ano de sua fundação. Comecei a trabalhar como auxiliar de serviços gerais. Em 2008, saí da função de serviços gerais e passei a trabalhar como vigilante. E atualmente estou como professor.

Na ERTE aprendi a trabalhar com crianças muito carentes. Muitas destas são órfãs do carinho e da atenção dos pais e dos parentes. São crianças da zona rural. Muitas foram as vezes que fui buscá-las em sua moradias para o mês na escola e, um mês depois, fui levá-las de volta à zona rural.

Sou muito feliz por fazer parte da história desta escola. Tenho certeza que ajudei e ajudo a construí-la, a cada dia, com minha participação. Contribuo com a educação e disciplina dos educandos. Sei que a ERTE é a segunda casa deles. Aqui temos a missão de formar cidadãos críticos e conscientes para que possam viver melhor e também contribuir com a construção de um mundo melhor.

Eu estou muito feliz com minha participação na ERTE. Dei o melhor de mim e pretendo continuar assim, para que a ERTE continue por muitos anos existindo e fazendo a diferença na vida de todos os alunos e funcionários.

ENTRE BARBEARIA, DOCÊNCIA, RECREAÇÃO E PASTOREIO

José Jorge Almeida Pereira
Pastor, professor e educador



A ERTE é para mim, educador desde a sua fundação em 2001, escola que me educa para a vida. Aqui conheci e vivenciei o voluntariado. Também conheço a experiência de pertencer ao seu quadro de servidores.

Minhas contribuições em sua construção perpassam os limites da sala de aula e chegam ao discente, ao seu coração e aos seus sigilos, suas brincadeiras, a relação com Deus, também à boa aparência, refletida no corte do cabelo.

A escola que tenho ajudado a construir tem-me permitido chegar aos labirintos do coração adolescente, em seus conflitos e questões existenciais, suas complexidades, lágrimas, e também sorrisos. O Projeto Calçada serviu de instrumento de ajuda aos alunos, na medida em que a palavra de Deus trazia luz e os fazia ver a vida a partir de uma nova perspectiva, a da fé, como caminho de transformação.

Durante anos fiz do exercício da recreação o meu lazer, oportunidade de extravasar a criança sapeca, oculta no adulto docente e cheio de compromissos. Voltava a ser criança nesses instantes vespertinos que tão céleres passavam. “Criança não é meio para se chegar ao adulto. Criança é fim, o lugar onde todo adulto deve chegar” (Rubem Alves).

A relação com Deus é foco sempre priorizado na escola. Nela, a inclusão divina é imprescindível. Como pastor, lido com o aluno, direcionando-o para a palavra de Deus e seus comprovados benefícios para a vida. É maravilhoso como brilha a luz no coração do que se permite iluminar-se. E os alunos respondem, positivamente, a essa ação luminosa.

Deixo nossos alunos bem melhor apresentáveis, cortando seus cabelos. Temos na escola um espaço exclusivo para a satisfação dessa vaidade teen. Isso é parte do asseio, tão bem praticado no conjunto do necessário cuidado.

Trabalho em sala de aula as disciplinas gramática e filosofia, transito, simultaneamente, no equilíbrio e ajuste das palavras, na formação e sentido das frases; e da filosofia, busca sempre permanente, nunca porto e chegada.

É igualmente prazeroso ver o que a descoberta do conhecimento faz no e do aluno.

É uma caminhada. Nunca chegada. Nela deixamos os rastros da passagem. Somente quero no percurso poder dizer, olhando retrospectivamente: esta é a escola com que sempre sonhei, e ajudei a construir.

ENSINANDO A ARTE NUMA ESCOLA CAMPONESA

Eliane Costa Araújo Vaes

Docente



A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) emociona-me, faz disparar o meu coração. Foi nessa escola que aprendi a sonhar e conquistar os meus objetivos. Aqui fui desafiada a conhecer, com mais propriedade, a importância da leitura e das experiências adquiridas através da formação continuada.

Aprendi a valorizar o que cada educando traz para ser aprimorado na escola, dando visibilidade ao saber rural. Sou educadora há catorze anos, entrei nessa instituição no ano de 2001. Atualmente leciono o componente curricular Arte. Sou apaixonada pela disciplina e vejo o reflexo nos meus educandos. Juntos, descobrimos a importância da arte em nossas vidas.

Através da proposta do ensino das Artes, criamos poesias, teatros, danças e também reutilizamos materiais recicláveis. Assim, incentivamos a sustentabilidade. Nesses momentos, os educandos são oportunizados a buscarem suas histórias e conhecerem as histórias dos outros. Isso traz sentido à vida.

Nesse ensinar, procuro dar o melhor de mim. Tento despertar no educando o interesse e o prazer em aprimorar as suas habilidades artísticas. Aqui damos oportunidades aos aprendizes de vivenciarem e crescerem como cidadãos de bem. Eu faço parte dessa história e verei muitos frutos.

DEDICANDO AMOR, RESPEITO E COMPROMISSO

Adilene Costa Almeida Santos

Docente



Em um cantinho do mundo, no interior da Bahia, na cidade de Jaguaquara, nasceu, em janeiro de 2001, uma escola modelo, cujo nome é Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, carinhosamente chamada de ERTE.

A cada minuto, agradeço Deus por permitir-me essa rica oportunidade de contribuir nesse espaço desde maio de 2001, quando aqui cheguei para conduzir a dormida das crianças no dormitório.

Três anos se passaram. Continuei contribuindo, auxiliando em sala de aula, onde a aprendizagem foi bastante significativa. Aprendi, aqui, na ERTE, que servir a cada criança, seria como estivesse servindo a Jesus Cristo. Esse serviço perpassa por todas as ações que realizo.

Ações presentes no ensino: do uso do garfo, do sentar-se corretamente para o almoço, da higiene corporal, do ouvir e esperar a vez para falar, da condução para o dormitório e, também, do ensino da leitura e da escrita. Ações não tão fáceis, mas extremamente gratificantes para quem faz com amor e dedicação.

Estou nesta missão há 14 anos, é muito lindo ouvir de estudantes que por aqui passaram, e hoje são mães e pais, depoimentos lindíssimos, expressando o que aqui aprenderam, e o que a ERTE significa em suas vidas. Por isso digo; "Valeu a pena".

Na regência de sala, tive e tenho a oportunidade de ajudar

às crianças a arte da leitura e da escrita. É muito lindo ver como elas se envolvem com as atividades propostas. Muitos são os resultados deste trabalho que é feito com amor e carinho. Além de todas essas tarefas citadas, também ajudo nas decorações dos espaços para todos os eventos que a escola proporciona. Assim, estou muitíssimo feliz pela oportunidade de participar desse lindo projeto e poder testemunhar da história que mudou minha vida, e, conseqüentemente, também ajudei a construir.

CAMINHANDO COM FÉ E ESPERANÇA

Catia Liliana Coelho dos Santos

Docente



Iniciei minha caminhada missionária na ERTE, no ano de 2002, para contribuir como auxiliar de disciplina quando acompanhava os alunos em suas refeições, na higiene corporal e nos momentos de recreação.

No ano de 2003, passei a atuar na função de professora itinerante junto com outros dois outros colegas professores. Encontramos muitas dificuldades para chegarmos às casas dos educandos. A tarefa de ir à zona rural acompanhar e auxiliar, diariamente, as tarefas escolares, nos sensibilizava porque testemunhávamos situações de fome, miséria e exclusão social.

Esses foram anos difíceis, mas apesar de toda luta, sempre levávamos a palavra de Deus, com esperança de dias melhores, para os nossos educandos do campo. As lutas sociais, na última década, mobilizou os poderes governamentais e, se não chegamos onde deveríamos chegar, já não estamos onde estávamos.

Há cinco (05) anos estou atuando como regente de classe. Experiência que tem sido gratificante e desafiadora. Poder contribuir com a formação das crianças e adolescentes camponeses com dedicação, amor e respeito a história de vida de cada um deles, tem sido nosso lema na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE).

Dessa forma, tenho muito orgulho de fazer parte do corpo de educadores. Amo muito as crianças e me sinto responsável por elas! Fazer parte desta escola mudou minha vida e hoje posso dizer que sou um ser humano melhor. Sou grata a Deus por ter me dado a

oportunidade de estar construindo a história desta escola e me sinto realizada profissionalmente.

Se morresse hoje, teria certeza de que trabalhar aqui, ao longo desses anos, foi uma das experiências mais significativas para minha vida. Apesar das dificuldades enfrentadas, conseguimos superar os obstáculos e continuamos firmes uma caminhada de fé e esperança. A ERTE e seus estudantes passaram, passam e passarão legados de esperança para um mundo melhor.

CONTRIBUINDO NA FORMAÇÃO DE CRIANÇAS CAMPONESAS

Marta dos Santos Souza
Docente



Comecei a trabalhar na Escola Estadual Rural Taylor Egidio (ERTE) no dia 20 de setembro de 2002. Sempre sonhei em trabalhar em uma escola dessas. Com muitas crianças e na modalidade de alternância. Sou apaixonada pelos pequenos. Por isso, agradeço a Deus pela oportunidade que me concede de fazer parte dessa instituição.

Aqui é meu campo missionário. Iniciei minha missão um ano após a sua fundação. Nesta instituição, tenho contribuído na formação de cidadãos camponeses. Isso é muito prazeroso e gratificante. A princípio fui substituta; em seguida, assumi a docência na turma do 1º, do ensino fundamental I, Turma da Alegria, mas continuo com amor e disponibilidade para servir em todos os setores da escola.

Amo o que faço e procuro realizar a missão da melhor maneira possível. Dedico-me aos meus alunos dando carinho, ensinando a ler e a escrever, e orientando em como ser um cidadão melhor, neste mundo tão cruel. Para tanto, falo, também, do grande amor de Jesus por cada um de nós.

Ser professora não é uma tarefa fácil, além do compromisso com o ensino, temos que ser de tudo um pouco: mãe, pai, conselheira, amiga, enfermeira, psicóloga etc. Quando estou na sala de aula com meus alunos sinto-me realizada. Eles me têm muito

carinho. Sempre quando termina meu plantão, eles pedem: “Pró não vai embora. Fica com a gente o dia todo”. Não faço acepção, amo a todos, de todas as cores, de todas as origens.

Meus alunos representam o meu jardim de flores. Nesse jardim, cada um tem seu tempo para desabrochar.

Também sou coreógrafa. Meus colegas contam com minha colaboração nessa área. Sou feliz e faço felizes os educandos da ERTE. É desse jeito que vou construindo a escola dos sonhos: formando vidas com qualidade, numa escola que é família e todos procuram se unir e se ajudar.

Ouvi, certa vez, “tudo o que um sonho precisa para ser realizado é alguém que acredite que ele possa ser realizado”. Eu acredito que, mesmo a ERTE sendo tudo o que consegue ser, ainda há um melhor de Deus que estar por vir. Tenho orgulho em dizer: Sou professora da Escola Estadual Rural Taylor Egídio e a faço acontecer.

DA EDUCAÇÃO INTEGRAL ÀS TECNOLOGIAS

Eraldo dos Santos

Professor de educação integral e tecnologias



O ano de 2003 foi quando Deus começou a escrever minha jornada na ERTE. Escola que ajudei a construir, não com tijolos, areia, cimento, mas com conhecimento, amor, dedicação e compromisso.

Sempre presente, exercendo o chamado de Deus, cuidando dos pequeninos, com amor, carinho e entendendo que em cada um deles Jesus Cristo está representado.

São doze (12) anos na estrada. Todos os domingos, cedinho, colaboro nos cultos, instalo os equipamentos, para que a palavra de Deus seja ensinada aos alunos. Esse é o momento da Escola Bíblica Dominical.

Depois de trinta (30) dias na escola, porque a ERTE é residencial com pedagogia de alternância, chega o momento da permuta dos grupos. Os estudantes que estão na escola vão para o campo e os que estão lá, vêm. Vale ressaltar que muitos não gostam do dia do retorno para suas casas.

Nesses dias, estou presente, chovendo ou não, juntamente com a equipe de itinerância. Além de colaborar com a preparação dos mapas e roteiros, acompanho a entrega de cada estudante. Viagens longas e cansativas, mas não me deixo abater, pois vejo em cada aluno, em cada experiência, motivo para continuar minha construção.

Além do que já disse, também contribuo na tecnologia. Ao

longo destes treze (13) anos, tudo que faz parte da tecnologia, aqui na escola, funciona muito bem, pois essa é uma área que precisa de contínuas atualizações e assim o faço.

Graças a Deus, tenho me esforçado para que tudo continue funcionando a contento: Rede Estado, Wi Fi, Pcs e o SGE (Sistema de Gestão Escolar). Enfim, todos estamos construindo a escola dos nossos sonhos. Não seria possível a ERTE chegar aos seus quinze (15) anos se Deus não tivesse presente na causa, guerreando juntamente conosco, sendo o nosso comandante. Toda honra e glória sejam dadas a Ele.

ENTRE HOSPITAIS, ÔNIBUS, CARONAS, POSTOS E EXAMES CUIDANDO DO CORPO PARA A MENTE APRENDER



Sandra Costa Correia
Educadora auxiliar de enfermagem

Minha impressão dessa escola é como se ela fosse uma grande família onde não há distinção. Aqui todos se respeitam. Cada servidor cuida do seu próprio setor. Cada um sente-se responsável pela sua área. Nessa escola, nós crescemos como instituição, como pessoas qualificadas que formam um grande sistema e, assim, chegamos ao ponto do respeito mútuo pelos afazeres dos outros colegas.

Nesse macro sistema, escola residencial, atuo como enfermeira no posto médico. Há necessidade do meu serviço porque são, aproximadamente, quinhentas (500) crianças internas no sistema de alternância, cujas famílias vivem em situações socioeconômicas desfavoráveis e, por isso, não cuidam da saúde dos pequenos camponeses. A saúde, a prevenção das doenças, não é prioridade.

Um exemplo claro da falta dessa prioridade, são os dentes que, tão precocemente, ficam cariados e muitos dos permanentes se perdem ainda na pré-adolescência. Ainda posso exemplificar com casos de câncer que foram diagnosticados, por meio do trabalho de saúde da ERTE e, por conta da descoberta, a tempo, houve a intervenção cirúrgica e a cura.

Sei que ajudei a construir esta escola quando, por exemplo, me lembro de uma aluna sem o céu da boca. Ao ser conduzida ao

médico, ele disse: “este caso não tem jeito, não pode fazer cirurgia, é coisa muito difícil”. Naquele instante, ficou muito evidente para mim, que as palavras negativas do médico se amparavam na visível falta de condição financeira da família da criança. Insisti. Pedi a requisição para encaminhar a cirurgia. Ele cedeu e me deu. Em menos de três (03) meses, nossa aluna estava com a cirurgia realizada.

Dessa forma, que venho desde janeiro de 2003, ajudando a construir a escola que ensina com excelência, alimenta com amor, veste com dignidade e, sobretudo, luta pela continuidade da vida saudável de milhares de crianças e adolescentes camponeses.

MAIS DE UMA DÉCADA, NA COZINHA, CONVERSANDO E FELIZ

Maria Aparecida Ivo Gomes
Cozinheira



A escola dos sonhos é muito diferente. Aqui as crianças moram, aprendem sobre espiritualidade, recebem roupas lavadas, refeições, estudos e o amor de todos nós, que aqui trabalhamos. O convívio diário, em todos os turnos, nos transforma em pais e filhos. Os alunos são filhos que não geramos em nosso útero, mas são filhos.

Os alunos são felizes mesmo tendo aulas e espaços pedagógicos aos sábados, domingos e feriados, porque na escola há passeios alegres, cultivo da espiritualidade e diversões. Por isso, mesmo estando longe das famílias, os estudantes têm liberdade e alegria.

Ajudo a construir essa escola dos sonhos há doze (12) anos, desde o dia 21 de agosto de 2003, quando fui admitida para servir na cozinha. No primeiro dia recebi o avental e a faca para cortar as verduras. Aprendi muita coisa nessa cozinha. A princípio, era o medo daquelas panelas grandes; depois, fui me familiarizando e dominando o espaço.

Hoje, a rotina do meu plantão é como se eu estivesse em minha casa. Uma casa que acolhe e ensina sobre o sentido verdadeiro da vida – Deus! Também aprendi que servindo às crianças, às vezes crianças órfãs, estou servindo a Deus. Já chorei muitas vezes com pais e filhos cujas mães abandonaram os lares ou com crianças que pais e mães os abandonaram.

Meu trabalho é importante porque não pode, nesta escola, que é internato, ter aula sem a refeição. Nesse caso, a refeição é condição indispensável para que a aprendizagem aconteça, barriga vazia não permite aprendizagem. Entendo quando os alunos procuram saber antecipadamente sobre o cardápio do dia, também já estudei e o lanche me atraia, imagino como o almoço e jantar atraem os olhos e os estômagos dos estudantes.

Já me sinto cansada, mas feliz no meu espaço de trabalho onde cozinho, ajudo, converso e me realizo.

CRESCENDO, PROMOVO O CRESCIMENTO

Marinilda Almeida Vieira Souza

Docente



É até difícil sistematizar a minha contribuição na construção dessa escola dos sonhos. Sei-me contribuidora porque estive e estou ao lado das crianças orientando-as na educação integral.

No mês de fevereiro de 2003, quando do início das aulas do ano letivo, iniciei na função de auxiliar de classe. Naquela função, eu ajudava na sala de aula e cuidava da higiene. Nessa escola integral, é necessário ensinar às crianças como cuidar dos corpos.

Além de orientar no cuidado com os corpos, orientava como sentar-se à mesa, usar garfos e facas nas refeições, quando no refeitório. À noite, lá estava eu, na sala de aula, ensinando a leitura e a escrita. Aprendizagens necessárias a todas as crianças e adolescentes independentemente urbanas ou camponesas. É um direito de todos.

Nessa escola, todos somos educadores. Por isso, todas as auxiliares assumiram, responsavelmente, a docência. Estamos aprendendo constantemente e, por isso, ensinando também. Assim, assumi a sala de aula como docente titular. Enquanto professora do ensino fundamental I, ajudo a construir a escola dos sonhos ensinando aos meus alunos, sobretudo, a leitura e a escrita.

Sei que estou em aprendizado eterno. Todos os dias tenho algo novo a aprender. Aprendo com os colegas e com meus alunos. Aprendi muito. Tenho orgulho de estar nesse local que, além de ser escola da vida acadêmica, é espaço de ação para todos que têm

compromisso com a própria vida e com a missão para que veio ao mundo.

Todos que aqui chegam, saem impactados com a ordem, a decência, a postura discente. Sei que há muitos que desejam fazer parte dessa história. Sou parte importante, sou peça do cenário ERTE que é um sonho. Por isso, agradeço a Deus por ser uma escolhida para a história que completa quinze (15) anos, que tornou-se minha casa.

VALORIZANDO A VIDA NO CAMPO NO ESPAÇO PEDAGÓGICO DA AGRICULTURA

Maryvane dos Santos Araújo

Docente



Como laboratório vivo na área agrícola, conheci a Escola Estadual Rural Taylor Egídio (ERTE) no ano de 2002, quando realizei meu estágio de conclusão do curso Técnico, pela Escola Agrotécnica Federal (EAFSI), na cidade de Santa Inês, Bahia, hoje conhecida como Instituto Federal Baiano - Campus Santa Inês, de forma que minha área de interesse foi a agricultura.

Em sendo a ERTE uma escola que tem um projeto educativo em sintonia com a vida, necessidades, possibilidades e interesses dos educandos, expande a educação para outros setores. Nessa perspectiva, coube minha contribuição que iniciou no ano de 2003, quando, atuando na educação integral, acompanhei durante um ano o dormitório feminino, ensinando as meninas e adolescentes na aprendizagem de hábitos relacionados à higiene corporal e à organização dos espaços onde dormiam.

Dando continuidade à educação supracitada, no período de 2004 a 2008, tive novas e inusitadas experiências como professora auxiliar. Entendendo o mundo que nossas crianças vivem, mudando a postura como educadora e inovando as minhas práticas pedagógicas. Assim, busquei alternativas para uma educação melhor e de qualidade na vida das crianças camponesas.

Em 2008, assumi sala de aula como regente, embasada no

grande mestre Paulo Freire e outros autores da alfabetização. Confirmando que a nossa educação é libertadora, baseado no diálogo entre professor e aluno. Tornamos educadores pesquisadores, para observar e conhecer a realidade de nossos educandos e conversando com eles, em situações adversas, identificando os temas geradores.

No ano de 2010 e até hoje assumo, como professora de agricultura, o ensino no fundamental I. Contribuo com a valorização e permanência das crianças no campo, fortalecendo sua autoestima, dando visibilidade aos saberes rurais, motivando-as a buscar o desconhecido e o novo. É tão gratificante está inserida em uma escola que busca ajudar neste processo mais amplo de humanização, e de reafirmação dos povos do campo como sujeitos de seu próprio destino, de sua própria história.

DA ITINERÂNCIA AO ALEGRE ENCONTRO COM A TURMA DA ALEGRIA

Elielena Sousa Gomes

Docente



Iniciei minhas atividades na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) em fevereiro de 2005. Fui contratada para preenchimento de uma vaga na equipe de Professores Itinerantes. Nessa função, fazíamos visitas domiciliares, acompanhando o cotidiano e as atividades dos estudantes quando na alternância, em suas moradias, na zona rural.

Lá, tínhamos a oportunidade de conhecer seus responsáveis, suas realidades particulares e suas regiões campestres. Esses conhecimentos foram importantes para a escola porque serviam de suporte para os docentes trabalharem, em salas de aula, a partir do concreto que o aluno vivia. Experiência que durou cinco (5) anos, diariamente, em assentamentos, povoados e comunidades campestres, sempre bem recebidos, apesar das duras realidades que a vida se nos apresentava por lá.

Dessa vivência, assumi uma sala de aula, na escola, com outra colega, uma turma de seis (6) anos de idade, 1º ano do ensino fundamental, cujo nome é: Turma da Alegria. Mudança que trouxe apreensão. Era minha primeira docência efetiva com crianças tão pequeninas, dependentes do olhar e da atenção do professor. Meu serviço abrange desde acompanhar refeições, banhos, higiene corporal, recreação, passeio até o compromisso com o desenvolvimento socioeducativo e a aprendizagem da leitura e da escrita.

Para tanto, foi-me necessário participar das capacitações oferecidas pela própria ERTE, por meio da formação continuada e, finalmente, inscrever-me no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PACTO), programa do Governo Federal. Tudo isso tem-me feito crescer e amadurecer para realizar o trabalho desafiador e, por isso, propiciador de desenvolvimento pessoal e de mudanças de valores e de hábitos

Por conta das contribuições que tenho dado na ERTE, foi-me oportunizada a graduação em Serviço Social e o ingresso na pós-graduação. Nesse lugar, são experiências novas a cada ano. Sempre um novo aprendizado nos contatos com a Turma da Alegria. Turma que tem sido um presente de Deus para mim e, por conseguinte, para toda minha família que também a abraçou e a assumiu. Desta forma, a Turma da Alegria é minha alegria e alegria para todos que comigo convivem. Uma alegria que nos ajuda a prosseguir diante dos desafios e a caminhar na missão.

ENTRE LAVANDERIA E DORMITÓRIO FEMININO EXERCENDO A MISSÃO

Miriam Santos Araújo
Responsável pela lavanderia



Esta é uma escola diferente porque é uma escola de educação integral. Por isso, todos que aqui trabalham temos tarefas diferenciadas. Nossos turnos de trabalho são estendidos. Uma vez que os estudantes moram na escola, eles precisam de atenção e cuidados todo o tempo.

Todos nós nos responsabilizamos pelo todo da ERTE mesmo quando aqui não estamos. Creio que pela dedicação de todos nós essa escola está reconhecida mundialmente. Isso deve-se ao fato de que a escola educa de forma diferenciada. Quando os estudantes saem daqui têm muitas possibilidades porque são educados integralmente.

Sou consciente que ajudei a construir esta escola dos sonhos. Desde 18 de abril de 2005 faço parte da história da ERTE. Trabalhei nove anos no dormitório feminino fazendo a limpeza dos quartos, varrendo, passando pano no assoalho, tirando poeira, dando brilho nas janelas, forrando camas, lavando banheiros. Todos os dias, realizando a rotina com muito gosto, entrando em contato direto com as estudantes mulheres.

Nesses contatos, tive grandes emoções porque ouvindo as meninas eu me identificava com suas histórias e entendia como elas precisavam de mim. Entendia que, muitas vezes, eu representava suas mães. No dormitório feminino foi grande a oportunidade de amar, acolher e dividir minha vida e delas receber vida.

Sem minha contribuição a ERTE não teria chegado onde chegou porque era necessário o serviço dos quartos realizados com inteireza e amor. Sei que fiz muita diferença na construção dessa história! Cada canto por onde passo, conscientemente, deixo minha contribuição de dedicação.

Atualmente retornei para a lavanderia onde comecei. Amo lavar roupa. Lavo com muito carinho cada peça de roupa das nossas crianças. O que seria, hoje, dessa escola residencial se seus estudantes camponeses não tivessem suas roupas lavadas, cheirosas e passadas?! Dessa forma, ajudo a construir a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio como uma missão de Deus para minha vida. Deus colocou-me aqui e tem me sustentado. Foi Ele que me chamou e tem confirmado a escolha do meu nome.

TRANSFORMANDO ESPAÇOS OCIOSOS EM PRODUTIVOS, GERANDO PRAZER E DIGNIFICANDO VIDAS

Paulo Eldebrando Silva de Miranda
Educador responsável pelo setor agrícola



Nos mês de maio do ano de 2005, Deus me deu a incumbência de fazer parte na construção de uma instituição chamada ERTE. Sou da área de agropecuária. E, diga-se de passagem, apaixonado por ela.

Na ERTE, venho contribuindo na transformação de espaços ociosos, improdutivos e feios em espaços produtivos, úteis e belos, mostrando às pessoas que é possível inovar, inventar e transformar.

Os espaços que estavam ociosos transformamos (eu juntamente com o discentes e outros colaboradores) em hortas, implantadas e cuidadas. O que é interessante nessa transformação é que a mão de obra, por excelência, foi dos estudantes. Esses aprendem e praticam técnicas novas de plantio que utilizam na ERTE e levam para suas vidas, no campo.

Quando cheguei à escola havia apenas um espaço de horta. Hoje são quatro porque utilizamos três ociosos. Ainda temos carência de outros espaços para aumentarmos a ação de produzir o verde, tão prazeroso de se ver. Saliento que a horta é autossustentável.

Também orientei a implantação da criação de aves, tais como: galinha, pato, ganso, peru, saqué, que além de nos darem a sua carne e fornecerem os ovos para ajudar tanto na alimentação, quanto em nossos estudos, nos dão a sensação de estarmos, literalmente, no campo com seus cantos a todo tempo.

Ajudei também a formar cidadãos para o mundo, na educação integral, quando no dormitório os orientava e oriento desde o banho à higiene pessoal e os cuidados com seus pertences; no refeitório, oriento a postura ao sentar à mesa e a gratidão a Deus pelo alimento que nunca nos falta.

E, assim, venho dando minha contribuição na construção desta obra que é de Deus. Várias tribulações, muitos desânimos e incompreensões, mas Deus está no controle sanando todas as barreiras. Sou bastante grato e realizado em ajudar a construir esta grande obra.

NA LIDA COM OS RECURSOS FINANCEIROS, DEDICANDO AMOR AOS PEQUENINOS

Izaná Costa Silva

Adjunta da direção administrativo-financeira



Na trajetória da vida sempre somos surpreendidos com o melhor de Deus para nós. Em dezembro de 2005, fui contemplada para fazer parte do projeto da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE). Nesse local, as crianças e adolescentes camponeses residem e recebem uma educação em tempo integral. Minha contribuição, nesse lugar, é na área administrativa e financeira.

Nessas funções, ajudo a construir a escola dos sonhos com a precisão, antecipação e organização de todas as contas de todos os programas. Sei que a função financeira abarca todas as tarefas ligadas à aquisição, utilização e controle de recursos financeiros da instituição. É grande o desafio e a responsabilidade. A própria legislação da educação brasileira, no artigo 12, diz que cabe a cada escola administrar seus recursos financeiros.

Esses recursos financeiros são transferências às escolas, tanto do governo federal quanto do estadual, de recursos dos programas, tais como: Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Fundo de Assistência Educacional (FAED), Programa Mais Educação (PME), Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE), Patrimônio e Serviços (SIMPAS), Sistema Integrado de Planejamento, Contabilidade e Finanças do estado da Bahia (FIPLAN) e outros.

Todos os referidos recursos contêm, em seus textos legais, referências à gestão democrática e a transparência em suas

utilizações, motivando a participação da comunidade escolar em sua movimentação, se valendo de procedimentos legais de prestação de contas de maior praticidade para suas transferências e utilizações. Assim, a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) zela pela conservação de seu patrimônio, bem como pela qualidade dos materiais aqui consumidos. A mesma passou a ser Unidade Gestora do Estado da Bahia por meio da Portaria n. 059 de 06 de fevereiro de 2009, sob o número: 11.324. Única unidade escolar na categoria de Unidade Gestora do Estado.

Colaboro com a construção desta escola dos sonhos, também, na aquisição de seus gêneros alimentícios que se processa, exclusivamente, por meio do processo de credenciamento, sendo os outros bens de consumo adquiridos por meio de dispensas de licitações. Credenciamento ou licitação, sempre com respeito aos princípios constitucionais da administração pública. Desta forma, é grande meu compromisso. Experiência desafiadora, mas, aos poucos, juntamente com a liderança da minha área, venho vencendo cada nova jornada do trabalho.

Ora, estar na ERTE, responsável por todos os referidos programas, tem sido de grande crescimento e aprendizagem. Contudo, compreendendo minha missão, vou além da administração financeira, também ajudo às crianças por meio do diálogo, do abraço, do olhar e de muito amor.

Assim, sinto-me disponível, útil em tudo o que faço. Inserida e interagindo em todos os espaços necessários, colocando Deus no controle geral. E Ele, na sua infinita bondade e fidelidade, sempre me ilumina e direciona nas decisões a serem tomadas e tudo acaba certo. Mesmo em meio às lutas, sei que Deus está conosco. É Ele que nos concede a força e realiza os milagres que animam nossa fé e a nossa esperança para continuarmos construindo a escola dos nossos sonhos.

DOS SERVIÇOS GERAIS À LIDERANÇA DA COZINHA COM FIDELIDADE



Jusceli Silva Brito

Líder da cozinha

Tenho ajudado a construir a história da ERTE desde que aqui cheguei no mês de maio 2007. Ao chegar na ERTE, iniciei nos serviços gerais, limpando banheiros, áreas livres, ventiladores, teto etc. Sempre colaborei com as professoras das salas ajudando a tomar conta das turmas. Aqui, também sou professora porque sou educadora. Na condição de educadora, fui várias vezes na biblioteca. Naquele lugar de livros e mágicas, eu ouvia as histórias dos alunos, individualmente. Eram momentos de sorrisos e choros.

Ouvi sonhos que não se concretizaram porque a morte roubou vidas de familiares de alunos de forma súbita e inesperada. Alunos órfãos estiveram e estão na ERTE, muitos perderam seus sorrisos. Estive com eles durante os dias da semana e no domingo. Sempre que me despedia, aos domingos, deixava todos os cômodos limpos para a segunda-feira.

Também estive presente na educação integral, durante os almoços, nas cantorias no pátio da ERTE, onde eu via meninos e meninas batendo pandeiros, dançando, bailando nos sonhos, misturando leituras e bois, sonhos e realidades.

Nos serviços gerais, o tempo ia passando, e eu agradecia por pertencer a essa escola encantadora que estuda e vive Paulo Freire. Escola de ensino e aprendizagem para todos que por aqui passaram ou passam. Mesmo diante das dificuldades, dos embaraços, do quase fechamento, o poder do bem, o poder de Deus

a fez prosperar, inclusive com as mais abundantes colheitas.

Depois de participar nos serviços gerais, a convite, iniciei minha missão como líder da cozinha. Foi difícil servir neste novo setor e na nova função, mas amparo da liderança nunca me faltou. Na cozinha, onde participo até hoje, construo a escola da igualdade. Nesse lugar todos são tratados de igual modo.

Assim, sigo as orientações gerais da escola, e a primeira é: A criança camponesa deve ser servida como se fosse Jesus Cristo. Junto ao fogão ou nas compras, na rampa ou na pia, construo a escola que sonhei – ERTE.

As incumbências como líder da cozinha excederam às que eu tinha nos serviços gerais, mas foi na cozinha que vi Deus fazer milagres tanto nas vidas das colegas cozinheiras quanto na provisão de utensílios e alimentos.

VESTINDO MENINOS E MENINAS COM ROUPAS LIMPAS E CHEIROSAS

Maria da Glória dos Santos Ribeiro

Responsável pela lavanderia



Essa escola é muito importante para mim. É uma escola diferente porque é internato. Ela faz grande diferença na vida das crianças. Elas gostam muito de estar aqui. Às vezes, não querem nem voltar para suas casas e choram para não voltar.

Entendemos que o choro para não voltarem é porque suas realidades, na zona rural, muitas vezes, dormem no chão, não se cobrem nas noites frias. Também muitas vezes, por causa da situação financeira precária dos familiares, a alimentação não é servida a contento.

Sou parte importante dessa escola atuando na lavanderia. Desde 27 de maio de 2007 realizo meu trabalho na lavanderia. É nesse lugar que lavo roupas da escola e das crianças com meu coração porque a ERTE faz parte da minha vida. Gosto das crianças como filhos.

Ao olhar para cada uma delas, com roupas limpas, sinto-me feliz. Então penso: “como seria minha vida sem essas crianças”? Também sei que a equipe que trabalha diretamente comigo, em especial, neste ano, muito acrescenta à minha visão e melhora meu trabalho.

A ERTE é muito importante porque faz crescer todos que aqui trabalham. São pessoas capacitadas por Deus para nos guiarem, ajudarem, compreenderem e acudirem em nossas

necessidades tanto pessoais quanto profissionais.

Dessa forma, agradeço a Deus por incluir meu nome nesta missão de escola integral. Tenho consciência que sou parte da história que completa quinze (15) anos e, do meu lugar, ajudo a construí-la.

DA PORTARIA AO VOLANTE COM ALEGRIA

Nilton Souza dos Santos Filho

Motorista e educador



Nem sei como começar, são muitas as minhas atribuições. Logo cedo parece que todos estão me aguardando. Das cozinheiras, para as compras dos alimentos, às pessoas que cuidam das crianças para idas a médicos, dentistas etc. Sou a pessoa em quem a direção confia para as compras, consertos de carros etc.

Sempre que os carros quebram, sou eu a pessoa a conduzir para os consertos. Faço a manutenção de todas as áreas da escola. Sou o motorista de todas as viagens externas, isto é, fora da cidade. Também acompanho todas as idas e voltas dos estudantes até a zona rural.

Toda equipe da escola conta comigo nas organizações das festas para arrumação dos ambientes e providências de todas as coisas. Sinto-me aquilo que dizem “um polivalente”, disposto a servir em todos os espaços em que sou solicitado. Faço isso com prontidão, sem resmungar.

Também faço parte da equipe dos plantões dos domingos, uma vez por mês. Nesses plantões, conduzo torneios, passeios a outras cidades vizinhas e me responsabilizo pelo todo que acontece no espaço da escola. Gosto dos domingos que passo na ERTE. Servem de distração para minha rotina.

Desde o mês de novembro de 2007, quando tirei férias de dois vigilantes, comecei a história de trabalho com missão. Passei pelas funções de porteiro, motorista itinerante, educador da educação

integral até chegar ao meu posto atual de motorista e educador.

ENTRE O FOGÃO, A PIA E A RAMPA, A RESPONSABILIDADE DE FAZER SEMPRE MELHOR.

Ilzete Ferreira dos Santos
Cozinheira



Essa escola é um espaço de edificação das pessoas, ensinando a todos que aqui passam quer como estudantes ou funcionários. Não tenho palavras para descrevê-la.

Essa é uma escola que ajuda a comunidade e, especialmente, aos que residem no campo, aqueles que mais precisam. Aqui, desde a alimentação à educação de qualidade, oferecendo oportunidade de esporte, lazer e formação integral.

Eu também ajudo a construir, a cada dia, essa escola. Em sendo um internato, as crianças ficam trinta (30) dias na residência escolar. Nesses dias que passam na escola, toda alimentação é dentro dela. Aí entra minha participação verdadeira e essencial.

Sem alimentação os estudantes não poderiam permanecer internos. Cuido de todas as refeições juntamente com minhas colegas. Fazemos escalas de quem vai liderar o fogão, a cada dia, a cada turno. Enquanto uma coordena o fogão, as outras ficam no apoio.

Depois das refeições prontas, a cada refeição, os alimentos são colocados nas rampas industriais, onde os estudantes são sempre servidos por três pessoas. Sempre uma cozinheira, uma docente e um estudante em treinamento.

Terminadas as refeições, vou para a limpeza da cozinha e do refeitório e cuidar das próximas refeições. Durante o dia de plantão, que é um dia sim, o outro não, não paro. A cozinha é muito dinâmica e deve estar sempre atenta.

Sinto-me uma pessoa realizada. Nunca imaginei que teria uma escola desse tipo para trabalhar. Assim, sinto-me responsável para que a ERTE melhore mais e mais, a cada dia. Estou presente na continuidade de sua construção, como desde o começo em 14 de março de 2008.

FAZENDO DE TUDO QUE SE FAZ NECESSÁRIO

Osivaldo Santos da Silva
Professor de educação integral



Em quinze (15) de dezembro de 2008 comecei a trabalhar na ERTe na função de porteiro. Nessa escola, todos os funcionários, independentemente da função, são tratados, por todos os estudantes, de PROFESSOR.

Os anos se passaram e, hoje, de fato, faço parte do quadro de professores. Contribuo para a construção desta escola ideal de várias maneiras. Conduzo os estudantes do Ensino Fundamental II para o almoço. Antes de sentarem-se à mesa, nos colocamos em pé para orarmos em gratidão a Deus pelos alimentos.

Nessa hora, faço reflexão sobre as pessoas que não têm o que comer. Em seguida, faço a condução até a rampa, no refeitório, onde apanham os pratos e talheres e são servidos pelas cozinheiras ou pelas pessoas escaladas.

De pratos prontos, oriento onde e como se sentarem. Também me sento com eles. Juntos, nos alimentamos, sempre zelando do silêncio durante as refeições. Cuido para não haja o desperdício de alimentos.

Ao sairmos do refeitório, quando há tempo, damos uma passeada na área verde da escola. Depois voltamos para o prédio de aulas, onde ficam os banheiros, para realizarmos a escovação dos dentes. Oriento até que todos escovem e se encaminhem para suas salas onde têm aulas à tarde.

Retorno para minha função às 17:00h, quando conduzo a

recreação e depois o banho, no dormitório masculino. Oriento o cuidado com a higiene do corpo. Após o banho, organizo as filas para o encaminhamento do jantar, no refeitório, que acontece de forma similar ao almoço. Outra vez, o processo de escovação e posicionamento discente para receber o docente da noite.

Em duas noites da semana, exerço a docência com conteúdos de reforço de todas as matérias. E, em cada mês, dou plantão em um domingo quando realizo atividades recreativas, lúdicas e prazerosas.

Cada dia que chego na ERTE faço meu trabalho com amor e fico feliz. Cada aluno é como se fosse meu filho. Nunca finjo que não vejo a necessidade de minha atuação. Estou atento porque sei que darei contas ao Senhor Jesus.

DA ALFABETIZAÇÃO AO ENSINO DE HISTÓRIA

Juliana Cardoso Bastos Santos

Docente



Comecei na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) em 2010. Nessa escola de educação integral, onde os estudantes residem, os domingos são ativos. Desde minha iniciação, aqui, nos domingos dos meus plantões, proporciono prazeres, brincadeiras, muita diversão e integração entre os alunos.

Além de participar dos domingos, também passei um período com as turmas de alfabetização, hoje, 1º ano do ensino fundamental I. Nessas turmas, colaborei com os pequenos na construção do saber sobre a página escrita, isto é, aprender a ler e a escrever. Experiência que me proporcionava o privilégio de ver, em cada rosto, a felicidade de conseguir aprender a ler pequenos e médios textos, mesmo com algumas dificuldades.

Cada dificuldade, demonstrada por eles, era motivo para que eu buscasse mais estratégias para tentar saná-las. Considerando que a ERTE é uma residência, além de ensinar a leitura e a escrita, também ensinei, muitas vezes, como segurar uma bandeja na rampa e como pegar o alimento utilizando o garfo e a faca; como tomar um banho e utilizar um chuveiro. Alguns chegam à escola sem conhecer o chuveiro.

Hoje, ministrando o componente curricular História, no ensino fundamental II, tenho a oportunidade de reencontrar meus ex-alunos da alfabetização. Que aprendizagem! Do ensino da leitura e da escrita às propostas de reflexões históricas da própria vida.

Dessa forma, estou contribuindo na construção da consciência sobre o cuidado pelo que é próprio e pelo que é do outro. É na lavanderia que essa prática pedagógica ocorre. Lá, todos têm a responsabilidade de ajudar nas lavagens das roupas, sem o desperdício de sabão nem de água.

E mais: procuro chegar à escola antes que os alunos entrem para as salas de aula. Essa é uma maneira de demonstrar quão são importantes. Espero-os na porta para desejar “bom dia” e motivá-los a para as aulas, ajudando a solidificar, em cada educando, a autonomia. É assim que cada trabalhador da ERTE é mais que um educador, é parte de uma grande família. Com humildade e amor, dados por Deus, vou servindo a cada criança.

UMA AÇÃO DE CUIDADO E LIMPEZA EM CADA CANTO

Daiane Silva dos Santos

Responsável pela limpeza do prédio



No dia dez (10) de janeiro de 2010 fui contratada nesta instituição de ensino. Foi então que comecei minha trajetória com missão. Foi aqui que entendi o que significa fazer missão. Sou grata por isso. Sou feliz neste lugar porque sei-me útil e necessária.

Sou respeitada pelos estudantes e também sei respeitá-los. Nessa escola que ajudo a construir, encontro crianças e adolescentes com histórias parecidas com as minhas. Temos apenas uma diferença: eu não tive a felicidade deles de participar de uma escola como esta.

Minha participação está diretamente ligada à limpeza do prédio de aulas. Faço tudo com empenho e dedicação. A cada dia, tento superar um novo desafio. Aqui, fala-se muito de Deus. Ele é quem dá o comando e nós o obedecemos.

Nessa escola fazemos amigos. Eu fiz verdadeiras amizades que não se desfarão com o tempo. Sei que uma escola modelo precisa ser bem limpa. A higiene é o cartão de visitas de uma instituição educacional. Por isso, sei do meu valor e da minha contribuição para a construção dessa escola dos sonhos.

APRIMORANDO AS COMPETÊNCIAS LINGÜÍSTICAS EM UM CONTEXTO CAMPONÊS

Hildacy da Silva Mota Dias

Docente



Sou educadora na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) desde fevereiro de 2011. Entrei para suprir uma carência do 1º ano do Ensino Fundamental I, antiga Alfabetização. Trabalhei por quatro meses com essas turmas, mas logo surgiu uma vaga para lecionar Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II. Considerando minha graduação em Letras Vernáculas, fui convidada a assumir essas turmas.

Comecei a trabalhar aqui com a nossa língua materna. Com a vivência, percebi a necessidade de desenvolver uma proposta curricular que fosse mais próxima da realidade de cada educando e eles pudessem ser valorizados em suas peculiaridades. A escola necessitava de um ensino que fosse significativo e, que, ao mesmo tempo, oferecesse visibilidade ao saber camponês.

Como se trata de uma escola rural, o falar camponês precisa ser respeitado e a variação linguística tem que ocupar o seu espaço em sala de aula. Para que isso aconteça, decidi por uma prática pedagógica que tivesse como ponto inicial as atividades epilinguísticas, ou seja, as atividades de reflexão da língua para, a partir daí, vir com as atividades metalinguísticas que são as de cunho normativo.

Em nossa práxis, proponho, aos discentes, muita leitura e escrita para que se familiarizem com a norma culta sem,

necessariamente, desvalorizar a variante rural, tão presente em suas casas.

Gosto muito de estudar, Vejo que é por meio do estudo que muitos alcançam a ascensão social. Por isso, procuro sempre em minhas aulas incentivar a caminhada dos educandos nessa direção.

Paralelo a esse trabalho com a língua materna, também procuro ensinar a Palavra de Deus aos discentes e colegas de trabalho, mostrando por meio de atitudes e ensinamentos que precisamos ter uma vida diferente, para melhor, e, só conseguimos fazer essa diferença, se tivermos propósitos definidos e a condução de um Deus criador.

NOS CUIDADOS COM O DORMITÓRIO FEMININO

Maria Mendes Silva

Educadora no dormitório feminino



Numa escola dos sonhos, as crianças meninas e adolescentes que dormem no internato não poderiam dormir sozinhas. Elas precisam de mãos protetoras para cuidar delas à noite. Às vezes, algumas adoecem, no meio da noite, então entra minha contribuição de fazer o encaminhamento ao hospital para a consulta médica.

Nessa escola onde as meninas residem e, por isso dormem, minha contribuição também passa pela manutenção da ordem no dormitório, na condução do banho da manhã e no acompanhamento para o café. Antes, porém, de servir o café, em ordem, agradeço a Deus juntamente com as meninas pela noite e suplicamos pelo dia que está diante de nós.

O café é servido no refeitório. Nesse lugar, depois de todas serem servidas, oriento em como devem se comportar na mesa. Também dou assistência aquelas que, por algum motivo, não conseguem tomar o café oferecido. Sempre procuro uma alternativa para que todas se alimentem bem, pela manhã.

Após o café, com ajuda das monitoras, que são alunas mais velhas, que têm mais tempo na casa e que possuem características de liderança, conduzo todas as meninas para a escovação e da escovação para as suas salas de aula, onde esperam os professores

das disciplinas curriculares.

Com todas as meninas em suas salas, revisto todo o ambiente e deixo a escola dos sonhos acontecendo durante o dia. À noite, diariamente, retorno para a rotina, desde 30 de janeiro de 2011. Gosto muito do meu trabalho, da minha função e da escola que afirma: “O Senhor te guiará para sempre; tu serás como um jardim regado”. Deus é fiel em nosso combinado: enquanto eu cuido e cubro as meninas camponesas, Ele, na minha casa, cuida e cobre os meus filhos.

VOLTANDO AO CAMPO COM A VISÃO DA EDUCAÇÃO AMOROSA

Izabel Santos Costa

Docente



Doei-me por inteiro na ERTE. Eu ajudo a construir esta escola dando amor intenso aos meus alunos. Desde que aqui entrei em fevereiro de 2011, tenho me entregado literalmente. Assim, fui um Saulo da vida. Eu também fiz parte do grupo de pessoas que, por motivos inexplicáveis, procuram algum ponto de acusação.

Fui impactada. Como Paulo, cai do cavalo. Aqui, tive a visão de que eu tenho tudo na vida. Diante das crianças que muitas vezes pedem “um pouquinho” de colo porque são órfãs de pais mortos, impiedosamente, por bandidos.

Minha primeira turma fez-me conhecer o valor da vida, o valor da ERTE, o valor de um lugar que acolhe, que causa impactos. Esses conhecimentos que dão sentido à vida, foram me seguindo ano a ano. As palavras de apreço e carinho dos meus estudantes, as lutas para a sobrevivência da ERTE, as visitas à zona rural, estão me comprometendo cada dia mais.

Compromisso que me afirmam que este lugar é minha casa. Uma casa que ajudo a construir. Reconheço-a como porto seguro para todos os estudantes. Isso é testemunhado pelos adultos que residem no campo. Sei-me participante na construção das vidas que se tornam cidadãs, sei-me construtora dessa escola nas minhas contínuas idas ao campo.

Minhas idas ao campo me humanizaram muito mais. Minhas

idas ao campo deram visibilidade ao meu valor, como alguém que lá nasceu e para lá volta com uma missão de anunciar a educação integral, amorosa, cristã. Assim, não concebo mais minha vida longe da perspectiva de educadora da educação integral que recebe intenso amor daqueles que foram amados primeiro.

No amor aos meus alunos, vou contribuindo para a solidificação dessa escola dos sonhos que me convence, a cada dia, que o sentido da existência é fazer sorrir e oferecer uma experiência, ainda desconhecida, para os pequeninos, como por exemplo, comer uma pizza.

FAZENDO A MISSÃO A PARTIR DA COZINHA

Silene Santos Ribeiro Marinho
Cozinheira



A ERTE é uma escola diferente de todas as outras que conheço. Nessa escola os estudantes moram. Aqui a convivência é fator diferenciado porque é uma residência. É tão grande minha apreciação por este modelo escolar que se eu houvesse passado por uma experiência de aluna em uma escola assim, seria outra pessoa.

Uma vez que os estudantes residem na escola, a cozinha funciona para todas as refeições do dia. E é no setor da cozinha que presto meus trabalhos. Sou cozinheira. Tenho grande prazer em fazer parte da equipe que alimenta as crianças. Sou uma representação da figura materna que lida com a refeição para o ser humano manter-se em pé, feliz e produzindo.

Dessa forma, sei que ajudo muito na construção dessa escola dos sonhos. Não dou aulas em sala de aula, mas estou a ensinar quando os estudantes vêm servir e olham para mim para aprenderem. Sei que ensinando também aprendo muito com os alunos. Cada dia uma aprendizagem nova. Uma novidade.

Em minha experiência profissional já passei por outros trabalhos, mas nada se compara à experiência que tenho vivido na ERTE. Só pelo trabalho eu poderia estar em qualquer outro lugar, mas aqui é além do trabalho, a convivência, em uma grande família rural, é muito importante.

Essa convivência me ensina muitas coisas boas como dividir, doar, servir. Servindo sou missionária. Sempre que sou

questionada sobre o que faço na ERTE, respondo: sou missionária. Cozinhando sei que estou servindo em missão às crianças que aqui residem.

É assim que tenho vivido e ajudado a construir a escola ideal desde o dia 1º de abril de 2011. Desejo aqui continuar até o momento que Deus me conceder e me permitir servir alimentando os corpos dos estudantes para que melhor aprendam nas salas de aulas.

DO CAFÉ DA MANHÃ AO QUE ACONTECER

Sivaldo Santos Oliveira

Professor de educação integral



Eu amo trabalhar na ERTE. O convívio aqui é familiar. Sou missionário neste lugar. Sei que ajudo muito, dou o máximo de mim. Especialmente com palavras de incentivo aos estudantes e no aconselhamento quando erram ou quando precisam.

Temos uma excelente relação. Diariamente começo bem cedo, pela manhã, orientando o café, no refeitório. Nesse lugar, minha participação é ensinar que o horário da refeição é sagrado. Deve-se, nesses instantes, conduzir os pensamentos em gratidão e ter postura ao sentar-se à mesa.

Após o término do café da manhã, conduzo todos os estudantes do sexo masculino para as salas de aula. Organizo os espaços até que todos professores cheguem. Este é um momento difícil para a manutenção da ordem que a ERTE defende. Preciso percorrer todas as salas. Muitos saem dos seus espaços para passearem nos corredores ou nas salas de outras turmas.

Após a chegada dos professores, passo a acompanhar a escovação dos dentes. Esse é um momento muito importante para educarmos na educação integral porque orientamos desde como segurar a escova, a passar o creme dental até a economia com a água.

Em seguida faço a supervisão de toda área dos prédios de aulas e administrativo. Fico neste posto, como suporte. Geralmente,

quando um estudante adoece, conduzo ao hospital com a enfermeira plantonista. Também transporto todos que têm dentistas agendados no posto Centro Odontológico (CEO) que fica no bairro São Jorge, distante da Muritiba, onde está a ERTE.

Além de ser o motorista condutor dos casos acima, também vou aos supermercados e feiras fazer compras de gêneros alimentícios. Dessa forma, encontro-me disponível para atender a todas as necessidades dessa escola que mudou minha vida, desde o dia 1º de setembro de 2011, com a presença de Deus e a paz que vem dEle, mesmo diante de conflitos.

LAVRANDO A TERRA COM AMOR

Roberto Carlos Carneiro dos Santos
Educador auxiliar agrícola



Ajudei bastante a construir a ERTE através do trabalho na horta. Sinto que ajudei a construir o nome da ERTE, divulgando seus produtos. Quando aqui cheguei, em janeiro de 2012, senti que a plantação precisava de mais vida, de mais mão de obra amorosa e ativa.

Desde aquela época tenho me empenhado bastante. Hoje a horta da ERTE fornece até para pequenos comerciantes, além de manter a própria cozinha da escola. Antigamente o setor financeiro era responsável pela aquisição dos esterco, rações etc. Hoje a horta se mantém, sempre que necessário, nos momentos de crises e até colabora financeiramente com outros setores.

Em sendo a ERTE uma escola rural, a horta tem que brilhar muito. Eu contribui com a experiência que adquiri na roça, onde passei minha vida até vir para a ERTE. Essa grande bagagem tem sido a minha orientação para o trabalho que tenho desenvolvido. Claro que há outros companheiros e alunos que ajudam muito, mas sou consciente da minha participação.

Além da horta, estou ajudando na criação de aves. As aves são diversas e estão lindas. Esta é uma área muito chamativa para as pessoas que aqui vêm fazer compras. A comunidade confessa gostar dos produtos que aqui compra e um faz propaganda para o outro.

Também ajudo a construir a escola dos sonhos quando

estou lado a lado com os alunos, meus amigos, com quem converso muito, oriento, dou conselhos. Fico muito feliz ao ver os alunos transformando suas vidas através do meu acolhimento e do meu apoio.

Sei que os dons que tenho para cuidar da terra e das pessoas são dons que Deus me dá. Ele é digno de toda glória porque tudo que sou, sou por causa dEle.

SENDO FELIZ NA COZINHA

Edna Almeida Mendes Santos
Cozinheira



Esta é uma escola que olha para as crianças da zona rural. Nesse olhar, a ERTE respeita os direitos das pessoas do campo. Direitos tais como: refeição decente, banho que faça a higiene do corpo, etiqueta necessária para o comportamento na mesa.

Mesmo na condição de funcionária, na função de cozinheira, trouxe minhas duas filhas para estudarem aqui. Elas gostaram muito de serem alunas nesta escola. Suas professoras foram verdadeiras mestras muito educadas e atenciosas. É interessante como minhas filhas gostaram dos sábados e domingos vividos na ERTE.

Esses dias, que não eram iguais na rotina da semana, sempre traziam novidades, oficinas, brincadeiras, passeios, banhos de piscina. Essas coisas faziam os domingos serem atraentes. É assim que ocorre com todos os alunos. E é dessa forma que todos ficam apaixonados pela escola.

Outro fato muito importante nessa escola é o espaço de ouvidoria. Na ouvidoria, uma vez por semana, geralmente nas sextas-feiras, os alunos falam e a direção ouve. Logo na segunda-feira seguinte, a direção toma as providências no setor que foi apontado. Por exemplo: se um aluno fala que a refeição está salgada, a direção procura a cozinha para os consertos.

É esta a escola que ajudo a construir fazendo parte da

equipe da cozinha. Chego, nos dias do meu plantão, às 6:00h, para preparar o café da manhã que é servido às 6:45h. Após servir o café, vou participar do preparo do lanche que é servido às 10:00h e, em seguida, parto para o preparo do almoço com minhas companheiras, depois para o lanche da tarde e, finalmente, para o jantar.

É dessa forma que faço minha rotina e sou feliz. Aqui, além do meu salário, ganho muito aprendendo sobre o amor ao próximo, as crianças nos procuram na cozinha, sempre no final da tarde, para nos abraçar. Acho que nessas horas elas sentem saudades dos familiares. Desde o 12 de março de 2012, encontrei a felicidade no meu primeiro emprego e colaboro com a continuidade dessa história que é um sonho.

ACOMPANHANDO AS NOITES NO DORMITÓRIO MASCULINO

Francisco Domingos da Cruz
Educador no dormitório masculino



Esta é uma escola camponesa na qual o ensinamento da parte agrícola é bastante trabalhado, embora também seja oferecida a base comum do currículo nacional. Mas, não somente isso, esta escola oferece também o ensino da espiritualidade e do desenvolvimento do ser como um todo.

Nessa escola, todos ajudam na construção de vidas para que sejam excelentes cidadãos no futuro, sem esquecer a importância da cidadania no tempo presente. Assim, conduzimos nossos estudantes ao autoconhecimento e a autocompreensão. Ajuda e respeito são nossos alvos já que somos uma grande família e, em muitas vezes, não somos apenas professores profissionais, somos também parte da família dos alunos.

Assim, vamos aprendendo todos juntos. Ao ensinar aos nossos alunos, vamos refazendo nossa aprendizagem. Especialmente quando lidamos com os princípios da escola. São princípios que aplicamos e aprendemos para o exercício de nossas próprias famílias. Desta forma, os princípios e normas nos ajudam a sermos uma família melhor tanto na ERTE quanto em nossas casas.

Desde o ano de 2012, tenho colaborado na construção dessa história, tomando conta dos nossos alunos homens, no internato masculino. Na noite, refletimos sobre as aprendizagens do

dia, agradecemos pelo dia, pedimos pela paz na noite e aguardamos o novo nascer do sol para também irmos às hortas e ao campo.

Tem sido gratificante testemunhar nossos alunos se tornando nossos colegas de trabalho. Meninos que antes eu acompanhava e agora acompanham outros comigo. Assim, sou feliz neste lugar que me ensina e eu ajudo a construir e fazer outros felizes.

FELIZ NO SERVIÇO DA COZINHA

Marluce Dias Costa Lima
Cozinheira



Essa escola é um lar que acolhe muitas crianças necessitadas. Ao falar sobre a ERTE lembro de minha infância órfã. Ah! se na minha infância houvesse uma escola dessa, uma escola do amor para abrigar a mim e a meus irmãos. Sendo assim, eu abraço a cada criança, converso e sinto como se fosse um filho.

Esses abraços preenchem nossos vazios. É assim que a gente se complementa. Cada funcionário, aqui, sabe de quanto precisa cada criança porque percebe nelas a si mesmos; nas histórias delas, suas próprias histórias. Experiência que tenho vivido desde 12 de março de 2012.

Essa linda escola é também construída por mim. Estou aqui muito mais do que pelo salário, estou aqui para contribuir na missão amorosa de cozinhar para cada uma das crianças. Sei que a alimentação é tão importante quanto as aulas. Não se pode viver bem sem os estudos, mas também não se pode estudar sem alimentos.

Esses alimentos são feitos por mim e por minhas colegas da cozinha. São alimentos feitos com amor. Alimentos que alimentam a alma, dão alegria. Sei que estou ensinando também aos alunos sobre o fazer com amor. Amor que tenho desenvolvido, até, levando para minha casa irmãos doentes de alunos da ERTE.

Eu trabalho dia sim, dia não. No dia do meu plantão passo o dia inteiro, muitos desses dias são domingos, sábados e feriados.

Mesmo nesses dias venho alegre cuidar das crianças, fazer suas refeições. Venho alegre na missão de ser a cuidadora dos pequenos que aqui residem.

Nos plantões cozinho, lavo pratos, auxilio a cozinheira, sirvo na rampa onde as refeições são servidas às crianças; meus plantões começam às 6:00h e terminam às 20:15h. Só saio quando tudo fica organizado para o dia seguinte. Saio com a sensação do dever cumprido. Missão realizada. Saio para me preparar e voltar, outra vez, ao convívio feliz dos camponeses.

NA COZINHA VOU FAZENDO MINHA MISSÃO

Norma Santos Ramos Silva

Cozinheira



Nessa escola eu me sinto em casa, sinto que cuido como cuido da minha casa e dos meus filhos. A ERTE chegou na minha vida como uma resposta ao anseio do meu coração de trabalhar com crianças. Nesses rostinhos eu sinto o acolhimento que me recebe e sinto neles a grande oportunidade de servir e crescer.

Há três anos e dois meses que estou na ERTE. Aqui cheguei em 19 de abril de 2012. É como se eu tivesse nascido desses três anos para cá porque é um tempo em que me sinto à vontade com todas as pessoas. Antes eu me sentia envergonhada, muito tímida, aqui em me desenvolvi. Dessa forma, a ERTE também é uma escola para mim.

Sou aluna dessa grande escola. Aqui os funcionários também aprendem sobre todas as coisas como: cozinhar, servir e amar. Amar é o mais importante! Isso tudo se aprende aqui porque esta é uma escola do amor. Nunca vi uma escola assim. Conheço pessoas que dizem que esta escola deveria se expandir por todas as cidades.

Eu também ajudei a construir a escola de nossos sonhos. Minha contribuição é no servir refeições na rampa e proporcionar o sorriso de cada criança. Esse momento é de intensa importância porque é o momento de saciar uma fome que, muitas vezes, vem de casa.

Faço essa afirmação porque alguns eu conheço de casa,

sei onde moram. Vivem em pobreza, em estado de doença dos familiares, em moradias emprestadas. São famílias sofridas, alguns fui eu que trouxe e viabilizei a matrícula.

Essa é a gente que a ERTE abriga. Diante delas sinto o desafio da missão de cuidar. Cuidado que é fruto do amor, do amor ao irmão que vemos para podermos amar ao Deus que não vemos. É vestindo e alimentando o irmão sofredor que me sinto cuidando de Jesus Cristo.

MANTENDO A REFERÊNCIA

Dalmir Felix Santos
Vigilante



A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) é uma referência. Ensina valores, muito além dos valores ensinados nas outras escolas. Os valores espirituais, os valores morais, os valores éticos são ensinados aqui. Sei de alunos que vieram para a ERTE sem conhecer o que é um banheiro.

Assim, a ERTE preocupa-se em ensinar todas as coisas, desde o uso de um banheiro a fazer amizades, a relação com outras pessoas, o respeito aos colegas, a todos trabalhadores e a toda sociedade.

Muitos alunos são órfãos, sem pai e sem mãe. Por isso, para estes, a ERTE é a própria casa. Aqui encontram roupas lavadas, café da manhã, merendas, almoços, jantares. Além dessas coisas, os alunos acham carinho e amor.

E, paralelo a tudo isso, os alunos encontram excelentes estudos, recreações, passeios e domingos divertidos em outras cidades.

Comecei a trabalhar nessa escola em julho de 2012. Desde então sou vigilante. Em minha função, faço ronda, passo segurança para todos que estão no interior e nos arredores da ERTE e ajudo em todas as coisas em que solicitado.

Fico feliz de trabalhar nesta escola. De alguma forma dou o melhor de mim, contribuindo da melhor maneira possível para que

continue sendo uma escola de referência, desde a portaria.

DE OLHO NA PORTARIA, PROTEGENDO O PATRIMÔNIO E AS PESSOAS

Leandro de Almeida Santos
Vigilante



Nesta unidade chamada Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) contribuo na função de vigilante. Sou contratado pelo grupo MAP. Por meio desse grupo, recebi o treinamento necessário à minha função.

É grande minha satisfação em trabalhar aqui. Neste lugar venho contribuindo desde julho de 2012, quando fui contratado, com toda minha experiência. Assim, protejo o patrimônio e colaboro com a portaria no sentido de proporcionar a segurança de todos que deste lugar participam.

Além dos alunos, funcionários e professores, são muitos os que transitam por aqui porque é uma escola aberta à comunidade. Sua horta é um atrativo para todas as pessoas.

Sou muito importante na recepção e na proteção. Assim, também ajudo a construir esta escola admirada por todos.

VIGIANDO E CUIDANDO DO FOGO DO CAFÉ

Wilis Lima de Santanna

Vigilante



A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) é uma escola que deveria acontecer em todas as cidades. Vejo que esta escola ensina muito mais que os conteúdos, ensina sobre a espiritualidade, sobre Deus na vida. Ensina que Deus é o pilar de todas as ações humanas.

Cada aluno que passa por esta escola poderá não ser um doutor no futuro, mas, com certeza, será um ser humano muito melhor. Esta escola ensina que sonhos podem ser realizados. O aluno que daqui sai, sai com forças para realizar seus próprios sonhos e de outras pessoas.

Minha contribuição é uma parte da grandeza da ERTE. Sei que a grandeza desta escola é fruto do trabalho de muitos. São muitas pessoas. Cada um faz uma parte. É como se fosse uma grande engrenagem que promove uma filosofia, um ideal de educação que faz grande bem.

Desde julho de 2012, sou vigilante noturno. Nessa função, faço rondas, tenho tarefas como fechar e abrir portões, mas não posso esquecer de ligar o fogo cedinho para fazer o café dos estudantes. É uma vasilha muito grande de água porque são muitos internos. Aqui os estudantes moram, por isso o trabalho não pára.

Também dou minha contribuição e fico muito feliz em contribuir e deixar registrado, neste livro, a minha participação.

ACOMPANHANDO BANHOS, MINISTRANDO AULAS E TESTEMUNHANDO

Elisabete Pereira da Silva
Docente



A ERTE transforma pessoas!. Não só os alunos, mas a todos que estamos aqui. Eu fui transformada. Aqui, enxerguei o outro e minha utilidade. Minha autoestima foi elevada ao me dispor a ajudar. Isso devo, especialmente, as nossas estudantes. Coisas tão simples para mim, eles agradecem tanto e me dignificam.

Até na orientação de uso de um absorvente, às meninas que, pela primeira vez, precisam, sou útil. Quantas vezes fui abençoada simplesmente por explicar o ciclo menstrual e ensinar a usar o absorvente!

É no dormitório, acompanhando os banhos das meninas e adolescentes, diariamente, desde fevereiro de 2013, que exerço minha missão. Entendo que auxiliar as meninas no banho, nas orientações, no cuidado com as roupas, estou sendo missionária e representando Jesus Cristo. Este é um lugar propício para receber Jesus e calçá-lo, vesti-lo e dar-lhe de comer.

Também, como missionária, tenho o desafio de representar o próprio Jesus para as crianças e adolescentes que vivem na ERTE. É interessante como minha família é impactada por minha participação na ERTE. Todos sabem sobre a rotina dessa escola e amam as crianças e o meu trabalho. Assim, a ERTE vai ensinando sobre a educação integral, ideal, que traz felicidade ao educador.

Esta é uma escola muito organizada onde há a verdadeira

paz em sua atmosfera. Nas salas de aula há controle. Há continuidade da postura disciplinada e comprometida. Também exerço a docência ensinando o componente curricular Cultura Cristã. Nesse espaço não falo de religiosidade, mas proporciono os ensinamentos bíblicos capazes de transformar suas vidas e refazer suas trajetórias.

Nas experiências de reconstrução das vidas dos meus alunos, eu reconstruo minha própria vida. Além da Cultura Cristã, trabalho no apoio do ensino da língua materna formal. A leitura de livros é a tônica. Mostrar o prazer pelo ato de ler, é um desafio que tenho diante de mim nessas aulas.

Nessa escola, que ajudo a construir, também sou construída, inclusive cresço intelectualmente fazendo minha faculdade de pedagogia, dentro da ERTE, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). A ERTE abençoou meu filho. Ele foi alcançado para participar de uma educação de qualidade no Colégio Batista Taylor-Egídio. O Senhor me ajudou! Ele atendeu minhas orações! Sou presenteada!

PREPARADA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO PARA SERVIR NA ERTE

Leia Bispo Neves Santos
Docente



Esta escola que estou ajudando a construir já foi uma ameaça ao meu emprego, na zona rural. Porque quando os familiares do campo conhecem a ERTE interessam-se e, muitos, pedem a transferência dos seus filhos para cá.

Foi no mês de fevereiro de 2013 que fui convidada para uma experiência nessa escola, aceitei, mas nunca ouvido essa concepção de educação como missão, nem da dimensão de um trabalho aqui.

Estando dentro da rotina da ERTE, vivenciando diariamente suas práticas, fui-me gratificando porque estava diante do novo, das descobertas, da mudança de minha vida, em frente da liderança de uma turma na escola dos sonhos, cujo nome era: Turma da Fé. E foi a fé que me acompanhou durante todo o ano.

E a fé foi peça fundamental quando eu estava diante da possibilidade de fazer diferente, de se ir na contramão do desrespeito, desconfiança, injustiça e desigualdade. Isso é o que a ERTE propõe. Para mim, numa unidade escolar, tudo isso era novo, inclusive o piloto de escrever na lousa.

Nesse emaranhado de coisas novas, venho contribuindo na construção dessa escola quando cumpro minhas responsabilidades, com compromisso e fazendo valer os direitos dos estudantes. Trato-os de acordo com o princípio: Faça aos outros, o que você quer que

Ihe façam.

Busco atender as dificuldades dos alunos com trabalho diferenciado, parto sempre de suas realidades, com diálogos que nos igualam. Assim, facilito a aquisição dos conhecimentos que vão precisar durante toda a vida. Também, saliento nossa responsabilidade diante das escolhas.

É assim, vendo Deus aqui e, com Sua ajuda, que estou dando continuidade à construção da escola dos sonhos de todo educador consciente e cristão.

MINISTRANDO GEOGRAFIA E CIÊNCIAS E ACOMPANHANDO O DORMITÓRIO FEMININO

Rosania Silva da Cruz

Docente



Acredito nas promessas de Deus na vida de cada ser humano e as entrelinhas que Ele tem traçado no decorrer da caminhada. Com essa convicção, no ano de 2013, durante a programação do Acampamento Estadual do Batistas Baianos (ACAMP'BAB) que aconteceu na área da ERTE, a palavra foi dada à gestora da instituição, Professora Sonilda Sampaio Pereira, que relatou sobre as atividades realizadas na escola. Desde aquele momento, senti uma chama ardente em meu coração e o desejo de buscar uma oportunidade para ser uma colaboradora desse projeto, mas aguardei o momento de ir à escola.

Dias depois, fevereiro de 2013, fui convidada para uma entrevista, por intermédio de uma amiga que na ERTE já trabalhava, Professora Izaná Costa. Naquele momento comecei a minha jornada. Nessa escola, onde o maior mestre é Jesus Cristo, sinto-me como uma missionária diante de um campo vasto, tendo como foco principal semear o amor em cada ser.

Na ERTE, já ministrei aulas de geografia, dando informações sobre o espaço humano; acompanhei as alunas no dormitório feminino, lugar que se tornou meu monte de oração, dependendo unicamente de Cristo, foram momentos de grandes experiências; atualmente ministro a disciplina ciências, espaço onde ensino e aprendo sobre os fenômenos naturais e as transformações humanas.

Desenvolvo uma relação afetiva e recíproca com os alunos.

Juntos, enfrentamos os desafios, partilhamos conhecimentos e conquistamos novos saberes. Só tenho a agradecer ao nosso grande Deus por sua fidelidade na minha vida e por tudo que ainda fará por meio de mim. A ERTE nasceu, primeiro, no coração de Deus. Considero-me parte dos escolhidos para servir neste local, até o tempo determinado por Ele. Sou como um jardim que está sendo regado, a cada dia, nesta escola e venho crescendo como cristã, professora e pessoa humana.

ZELANDO DA SUA SEGURANÇA COM ATENÇÃO E AMOR

Claudionor Rodrigues dos Santos Filho

Vigilante



Esta é uma escola diferenciada de todas as outras. Aqui há respeito. Os estudantes têm respeito por todos nós. Eles têm postura discente e sabem respeitar porque a filosofia desta escola é que todos os servidores são educadores.

Eu me sinto um educador nesta escola. Minha presença traz segurança, postura e respeito. Sou vigilante, trabalho com sua segurança. Faço isso com carinho, amor e boa recepção. Dou meus plantões na portaria onde sou bem tratado.

Sou muito feliz nesta escola agrícola que vende seus produtos da horta para a comunidade. Todas as pessoas que aqui chegam se referem ao meu bom atendimento, na recepção. Este atendimento eficiente fala muito bem da escola e a notícia se espalha.

Desde o dia 15 de junho de 2013, quando iniciei meus trabalhos, nesta função de vigilante, tenho procurado dar meu melhor para o crescimento e fortalecimento da família ERTE. Aqui, os alunos recebem muito amor como se fosse de seus pais.

São tratados com todo esse amor, mas a disciplina, a ordem e a cobrança pela boa conduta são exigidos para que os alunos se tornem cidadãos de bem, bons profissionais para transformarem este país. Sendo cidadãos de bem, contribuirão para diminuir a violência que tem estado presente em nosso mundo.

Eu contribuo para concretização desta escola dos sonhos, quando faço com atenção meu trabalho, sou pontual e cumpro as normas da ERTÉ. Também estou sempre presente nos estudos e orientações que a direção promove para obter mais conhecimentos e melhor servir a todos que chegam e moram nesta escola.

SENDO CONSTRUÍDO COMO PROFISSIONAL, TAMBÉM CONSTRUO A ERTE

Clenilton de Sousa Alves
Secretário escolar



Cheguei à ERTE em janeiro de 2014, trabalho na secretaria, sou responsável pela organização, atualização e arquivamento de documentos. Estão sob a minha responsabilidade os sistemas escolares, como: SGE (Sistema de Gestão Escolar) e Censo Escolar, tenho que mantê-los sempre atualizados, porque é neles que se encontram todas as informações da escola.

Devo, também, manter sempre organizado o arquivo de documentos intermediários, isto é, aqueles que estão impressos nos armários. Isso facilita nas expedições de documentos, de transferências e de declarações. Os documentos dos educandos de primeira idade ficam em um armário separado por estarem sempre em uso. Essa organização é essencial para um bom funcionamento, não só da secretaria como também de toda a escola.

Um dos principais sistemas da escola é o SGE. Nele constam todas as informações dos educandos, como: notas, faltas; também os diários de classe, e o rendimento escolar de cada aluno. Cuidando deste setor, ajudo a construir a escola dos sonhos quando agilizo todos os processos de forma proativa.

Também faz parte do meu trabalho a captura das fotos de todos os alunos. Nesta captura, podemos ver o semblante de cada um e perceber suas individualidades. Alguns são mais tímidos e, outros, mais extrovertidos. É um trabalho simples, mas

proporcionador de felicidade.

Quanto ao Censo Escolar, é realizado em duas etapas. Cada etapa uma vez por ano. O Censo tem muita importância porque nele estão informações da escola, dos alunos e dos professores. Na primeira etapa, são coletadas informações de alunos, professores e turmas; na segunda, são as informações sobre os resultados das avaliações.

Dessa forma, a ERTE, meu primeiro espaço de trabalho, onde tive minha primeira carteira assinada, é a escola que me construiu como profissional e tenho ajudado, também, a construí-la.

DE ALUNA A PROFESSORA

Erenice de Jesus Santos
Docente



Falar desta escola ERTE, para mim, é muito importante. Nunca pensei em conhecer uma escola que fosse mudar minha vida definitivamente. Como aluna, passei por outras unidades de ensino, mas nunca encontrei o amor, a dedicação, o incentivo e o compromisso que achei aqui, na ERTE.

Aqui, não é apenas uma escola no sentido normal que vemos em todo lugar. Trata-se de um compromisso em ajudar a vida do estudante para que seja um ser melhor. Esse ser melhor, essa possibilidade, eu levei para minha casa e minha família toda tem sido alcançada. Nosso comportamento mudou. Deixamos de xingamentos e descontroles. E mais: aqui aprendi sobre espiritualidade, na prática, e tomei decisões nessa área.

Minha participação nesta escola dos sonhos começou em 15 de março de 2001 quando aqui entrei como aluna da primeira turma. Eu tinha apenas nove (9) anos e, naquele tempo, já dei meu passo de confiança em apostar em uma escola residencial que estava se iniciando. Na condição de aluna, não queria sair, quando na época das alternâncias.

Ao concluir toda escolaridade que a ERTE oferecia, que era a então 4ª série do ensino fundamental, em dezembro de 2004, deixei seus espaços e fui continuar minha escolaridade em outras escolas. Encontrei muitas diferenças! Senti muita falta da ERTE acolhedora.

Tive que fazer enfrentamentos duros! Enfim, terminei a educação básica e fiz vestibular para pedagogia.

Enquanto estudante de pedagogia, retornei ao querido ambiente, no dia 1º de fevereiro de 2014. Desta feita, ocupando uma vaga no quadro de funcionários na área de serviços gerais. Nessa função, eu ia ajudando na continuidade da construção dessa escola, fazendo meu melhor na limpeza de todo o ambiente com recordações de minha experiência enquanto aluna do passado.

Da função de serviços gerais, fui convidada a ocupar uma vaga na docência. Nesse lugar de docente, sinto-me feliz e muito responsável pelo meu crescimento acadêmico para melhor fazer para meus alunos. Ensino a leitura e a escrita, ensino a educação integral, ensino que o futuro depende da tomada de decisão de cada um. Assim, continuo na construção da escola dos sonhos.

UM VÍNCULO QUE ME FEZ DEVEDORA À VIDA, A DEUS E ÀS CRIANÇAS CAMPONESAS PARA SEMPRE

Elitania de Azevedo Pereira

Docente



Na minha concepção, esta escola é muito mais que uma casa porque todos que aqui trabalham tecem relações de amor que estão além das relações de parentesco. Penso que isso acontece, primeiramente, porque Deus está interessado nesse projeto. Isso eu descobri desde maio de 2014 quando entrei por seus portões para mudar, definitivamente, minha vida.

Isso é muito perceptível porque somos contagiados pelas carências dos estudantes do campo. Não há como se olhar para uma criança interna, longe dos seus pais e não sentir-se comovido. É um paradoxo: ao mesmo tempo em que as crianças são solitárias, são também amorosas e nos enchem, nos preenchem de seus amores infantis e, muitas vezes, um amor desinteressado.

Esta escola é um lugar único, que nos faz nos apegar, parece que não há como nos desapegarmos. Esse mistério é muito grande e nos desafia. Creio que o mistério é a própria presença de Deus nas crianças e no próprio lugar que é sagrado. Enfim, é maravilhoso estar na ERTE. Sinto paz. Sinto que é um lugar que acolhe mais meu interior que minha própria casa.

Diante da grandeza dessa escola, em passando por ela, sei que contribuo. Minha contribuição foi, especialmente, na sala de aula,

ajudando-os a construir conhecimentos, dando atenção, ouvindo suas historinhas e dando-lhes amor. Também sei que contribuo quando aprendo sobre os pilares que sustentam esta obra, inclusive, sobre o trabalho burocrático, na secretaria; sobre a vida no campo e sobre a vida em comunhão.

A comunhão é muito importante numa escola residencial. Com pessoas totalmente diferentes, aprendi a arte da relação humana. Dessa forma, sei-me devedora à ERTE por tudo que consegui aprender e pelo ser humano que estou me tornando a partir dela. Por isso, sendo funcionária ou não, estando arrolada em sua frequência ou não, tenho um débito com a ERTE, estou comprometida a continuar ajudando na construção dessa escola que é um sonho.

VALORIZANDO O ACHADO, REAFIRMANDO O IDEAL NO ESPAÇO DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Vilma Oliveira D'Emídio
Docente



Minha história de participação na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) começou em 2014, quando cheguei com a missão de substituir o ministrante da disciplina Língua Inglesa, Professor Jalon Leal. Tarefa difícil e ao mesmo tempo gratificante. Jalon Leal foi meu professor de inglês no Colégio Taylor-Egídio. Uma referência em minha vida.

Desse modo, dar continuidade a um projeto num grupo já estruturado como o é a ERTE, não foi tão simples, mesmo para quem já trazia alguns anos de experiência. O projeto desenvolvido nesta escola difere de todos os outros desenvolvidos nas escolas públicas, por onde já passei.

Aqui, na ERTE, tenho aprendido particularidades da ação educativa, tais como: respeito ao “turno de fala”; postura na “escola do silêncio”; observância do “tempo real de aula”; organização dentro e fora da sala de aula e planejamento prévio.

Nessa escola, tenho a oportunidade de colocar em prática algumas crenças sobre a prática docente. Por exemplo, desde os tempos de faculdade acreditava que a afetividade devia nortear o trabalho de todo professor. Dessa forma iniciei o meu trabalho na ERTE, colocando doses generosas de afetividade no meu planejamento diário.

A consequência é que fui conquistando o espaço destinado

ao ensino de língua estrangeira moderna. Ensinar inglês tem sido muito gratificante, os alunos se envolvem durante as aulas, cantam pelos corredores, na área, e até na horta.

No entanto, tenho aprendido mais que ensinado, foi aqui, na ERTE, que aprendi a dominar o meu tom de voz. A escola do silêncio é possível sim! São os próprios alunos que chamam a nossa atenção quando todos falam ao mesmo tempo. Eles reclamam: “Pró, olha o turno de fala”.

Entre os alunos camponeses, percebo como a música com a letra em inglês exerce um fascínio. Há grande curiosidade em saber o significado de cada palavra. Dessa forma, as aulas são agradáveis e dinâmicas .

Contribuir para a continuidade do bom andamento dessa escola, tem sido um dos meus objetivos. Para tanto, tenho participado de todos os projetos desenvolvidos. Por exemplo, para domingos, há uma escala para o plantão do dia. Nos meus plantões dominicais, posso conhecer mais de perto a vida de cada aluno, seus hábitos, suas histórias de família, bem como suas reais situações. Compartilho a rotina e percebo como aprendem a viver uns com os outros.

A ERTE é um projeto solidário e seus estudantes e educadores entendem-no muito bem. Esse entendimento gera o envolvimento que vai além das paredes das salas de aula. Somos a família ERTE. Uma família formada em torno de um projeto maior, projeto grandioso porque está firmado em uma base sólida – a fé. E é essa fé que move e faz acreditar que é possível fazer uma educação integral e cristã.

MOVIMENTANDO-ME ENTRE O CASARÃO E A COZINHA, SOU FELIZ E REALIZO MINHA MISSÃO

Deuzeli Miranda de Souza

Responsável pelo casarão



Eu sempre ouvia falar muito da ERTE. Muitas palavras como: “a ERTE é acolhedora de crianças”. Ouvindo essas coisas, eu desejava trabalhar nesse lugar. Nunca pensei que esse sonho pudesse ser realizado, mas foi.

Ao chegar a ERTE, percebi que todo bem falar sobre a ERTE era verdade. Aqui é uma verdadeira igreja. Lugar onde se cultua a Deus. Onde a Palavra de Deus é apresentada, pregada, ensinada alegre e continuamente.

Percebo que todas as crianças são tratadas com amor, cuidado, boa alimentação, higiene. Fico radiante com o que vejo e testemunho. Sei que, se no meu tempo de infância, houvesse uma escola dessa, eu teria estudado e seria uma experiência muito boa para minha vida.

Desde o dia 03 de fevereiro de 2015, tenho participado dessa história. Não posso desprezar o que faço, minha contribuição é arrumando o dormitório do casarão, varrendo, passando pano no chão, organizando todos os espaços para acolher os hóspedes da melhor forma possível.

Muitas vezes, penso que não levei o evangelho fora, mas aqui dentro, me sinto em missão, inclusive abrigando e organizando os espaços dos internos do Colégio Batista Taylor-Egídio. Sou

responsável por eles, por seus quartos, lençóis e roupas.

Além dos cuidados com o casarão, também presto ajuda na cozinha lavando louças, guardando materiais e colocando-me à disposição para colaborar, no que for necessário. Amo participar dessa equipe. Ao sair, saio em paz, ao voltar, volto feliz para esse lugar onde o amor é transpirado.

DOS BANCOS DA SALA DE AULA AOS JARDINS E ÁREAS GERAIS

Luis Carlos Santos

Educador responsável pelo jardim



ERTE é uma escola que ensina muitas coisas boas para todos que são da zona rural e que, muitas vezes, não sabem usar suas possibilidades. Eu comecei nesta escola como aluno. Em 2013 aqui cheguei como estudante. Nessa condição de aprendiz, aprendi muitas coisas nas salas de aula, nas hortas, nos cultos aos domingos, nos momentos de espiritualidade.

Essas aprendizagens vão comigo para minha casa. Mudei meu comportamento, mudei meus pensamentos. Eu me comprometi com meus estudos. Terminei o 9º ano do ensino fundamental, na ERTE, e agora faço o curso em agroindústria. Estou me preparando para ir a uma faculdade fazer o curso superior nessa área ou em agronomia.

Minha experiência é muito especial. Fui aluno e em 2015 passei para o outro lado: sou funcionário! Estou na função de serviços gerais, cuido dos jardins, da limpeza geral, faço pequenos serviços de eletricidade e hidráulico. Faço tudo com amor e gosto do que faço.

Cuido do lugar onde moro. Sou um funcionário residente. Aqui mesmo resido juntamente com os alunos. Ajudo a construir esta escola dos sonhos tornando-a cada vez mais bonita e funcionando

bem. Meu trabalho é o cartão de visita. A limpeza diz tudo sobre o ambiente. É a embalagem que faz a pessoa comprar um produto.

Minha escola, onde me preparei, me deu meu primeiro emprego. Tenho o compromisso de fazê-la cada vez melhor.

NA HIGIENIZAÇÃO DO DORMITÓRIO FEMININO

Marilene de Jesus Costa Teixeira

Responsável pelo dormitório feminino



A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) é uma escola acolhedora, educadora, mãe ajudadora. Se a ERTE existisse em anos atrás, quando minha mãe foi brutalmente assassinada, meu pai quis doar minha irmã caçula, eu colocaria minha irmã aqui.

A ERTE é muito importante. Sempre olhei para esta escola com bons olhos. Toda comunidade reconhece sua importância. Muitas pessoas são transformadas por passarem por aqui. Tenho testemunho de dois irmãos meus, filhos apenas do meu pai, que foram alunos aqui. Eles têm entendimento maior da vida, de Deus. Também sei que esta escola, hoje, abriga dois sobrinhos meus que são bem cuidados.

Já trabalhei em uma Unidade da Família, onde houve uma parceria com a Pastoral da Criança, lá eu trabalhava alimentando crianças e com a higienização da Unidade. Assim, vejo a ERTE como uma continuidade do meu trabalho com crianças, da minha missão de integrá-las aos grupos das igrejas.

É muito interessante como vejo nas crianças da ERTE, minha própria história. Ouço sobre seus pais mortos, também, assassinados. Nessas coisas vejo como minha experiência difícil serve para que eu compreenda as experiências de crianças órfãs.

Dessa forma, no dia 12 de fevereiro de 2015 iniciei a participar da continuidade da construção dessa escola dos sonhos.

Aqui sou responsável pela higienização do dormitório feminino. Faço este trabalho com muito amor e carinho. Às vezes, sinto que aqui faço igual, ou melhor, ao que faço em minha casa.

O amor é a razão de todas as coisas. Fico muito feliz em poder ajudar a manutenção dessa escola de qualidade, desde a limpeza dos banheiros, arrumação das camas, passagem de visita aos doentes do postinho até ao trabalho de ouvir e acolher as crianças e adolescentes do campo que vivem minha história.

DOS MEDOS À PAIXÃO COM COMPROMISSO NA FORMAÇÃO

Maria Sonia Souza Rodrigues
Educadora técnica em enfermagem



Essa escola pela qual me apaixonei, a princípio, me causou indagações, inseguranças e medos. Mas, no início ouvi: “Todos que aqui chegam, são assim, mas logo em dois dias, se apaixonam pelas crianças”. E foi assim: apaixonei-me.

Penso que isso se deve ao fato de eu me encontrar nas vidas e nas histórias das crianças excluídas. Eu fui excluída, no meu tempo e no tempo dos meus irmãos, não havia a ERTE, o que me salvou foi a experiência de ser adotada por uma família amorosa a qual reconheço como meu pilar, meu sustento.

Volto a afirmar que esta escola é diferenciada desde o acolhimento da criança até o atendimento médico, das aulas de excelência à refeição de qualidade. Contudo, o que mais me impressiona é que com tudo isso, as crianças não são tratadas como coitadas, pelo contrário, são respeitadas como pessoas dignas.

Essa dignidade é algo de enorme na escola. Vejo nos ex-alunos uma vida digna e olho para os pequeninos, de hoje, e penso no que serão amanhã. Dessa forma, não se trata de um trabalho assistencialista, nem que pressupõe que o pobre está destinado a ser pobre o resto da vida.

Assim, o trabalho da ERTE é realizado em cima da perspectiva da esperança, de futuro, de possibilidades para ser mais. As pessoas não estão predestinadas a ficarem onde nasceram, mas

precisam ser águias, ter objetivos e lutar por eles. Na minha visão, é isso que a ERTE propõe para as crianças e adolescentes camponeses.

Eu estou contribuindo com esta história. Minha contribuição começa em casa, com minha família, quando me coloco diante de Deus para servir ao meu próximo e peço-lhe que o próximo sempre me veja como a imagem do próprio Deus a serviço do seu bem, da sua saúde.

Ao chegar no meu setor, posto médico, atendendo a todas as crianças e adolescentes inicio com a paciência em ouvi-los com suas queixas. Nessas escutas, percebo, muitas vezes, que não há uma patologia, mas uma dor interior, uma tristeza que está somatizando. Ao dialogarmos, a dor passa e eles esquecem o que iam dizer.

Aqui entrei no dia dezenove (19) de fevereiro de 2015. Sou técnica em enfermagem, socorrista do SAMU, e faço a graduação em enfermagem para, dessa forma, dar uma melhor e maior contribuição em minha área de trabalho e, assim, continuar colaborando com a escola dos sonhos de todos nós.

ASSUMINDO O FOGÃO

Andilene Silva Santos
Cozinheira



Sempre ouvia falar dessa escola que muito ajuda às crianças da zona rural e da cidade também. Sei que os alunos que estudam aqui saem muito felizes. Eles se comportam melhor na sociedade e a convivência nos bairros é diferenciada.

Comecei a contribuir com a manutenção da construção dessa escola no dia 06 de maio de 2015, faz pouco tempo, mas já sinto que este é um lugar que alcança tanto os alunos quanto a nós, funcionários.

Tenho sentido a alegria de presenciar as providências de Deus na cozinha da ERTE. É Ele que, constantemente, faz a provisão de todas as coisas, mesmo nas crises. Assim, estou crescendo no conhecimento das coisas que Deus realiza.

Da mesma forma, sinto a paz em meio ao desafio de fazer panelas muito grandes de refeições para tantas crianças e adolescentes. Já estou testemunhando do que tenho visto neste lugar.

Sei que ajudo a construir esta escola quando faço as refeições e sirvo. Sem alimento, as crianças não poderiam assistir suas aulas. Servindo assim, pretendo continuar firme nas minhas funções e fazendo cada dia melhor para que a ERTE cresça mais e mais.

COMEÇANDO A LIMPAR COM ESPERANÇA NO FUTURO

Maria Cristina Bastos de Jesus
Responsável pela limpeza do prédio



Só conheci a ERTE neste ano, no mês de maio de 2015. Precisava de trabalho. Procurava um trabalho. Entreguei meu currículo em lojas do comércio e na ERTE. Na ERTE fui convidada para uma entrevista. Depois da entrevista, a diretora me disse: “Seja bem vinda!”. Fiquei muito emocionada. Recebi como um presente, uma graça de Deus. Eu que nasci na zona rural e lá morei por muito tempo, vejo-me entre os rurais e isso é maravilhoso.

Digo isso porque vejo a ERTE como um lugar sagrado onde as crianças aprendem e são acolhidas com muito amor por todos. É interessante como acolhem aos que aqui chegam. As crianças sabem abraçar e acolher carinhosamente.

Fui aceita para trabalhar nos serviços gerais. Sou responsável por toda limpeza do prédio administrativo. Amo limpar. Identifico-me muito bem nesta área porque acho prazer na limpeza. Para mim, limpar é terapia. Limpar um espaço para as crianças camponesas ainda é melhor. Faço isso com todo meu amor.

É dessa maneira que desejo continuar, por muito tempo, nessa escola dos sonhos. Sei das lutas da ERTE pelos salários dos funcionários, mas sinto que a causa é bem maior e quero perseverar nesta escola dos sonhos e aqui crescer e avançar tanto na minha vida estudantil quanto profissional, como tenho visto muitos outros aqui.

NA REABERTURA DO INTERNATO DO COLÉGIO BATISTA TAYLOR-EGÍDIO NA ERTE

Miralva dos Santos Miranda

Responsável pelo dormitório do casarão



Mesmo antes de trabalhar nesta escola sempre nutria excelente impressão desse lugar. Sempre fui frequentadora de sua horta, onde fazia e faço minhas compras. Mesmo apenas como consumidora da horta, sempre fui bem tratada. Olhava para os professores e os achava muito comprometidos com a ocupação e com as relações humanas.

Além dos professores e professoras, as crianças nos olhavam com olhares de felicidade e eu pedia: “Ó Deus, por que tu não me dás um trabalho aqui dentro para eu me sentir criança outra vez?”. Hoje, como funcionária, meus netos vêm me visitar e me perguntam: “Vó, por que você não nos coloca aqui?”

Num momento quando eu mais estava precisando, já com mais de meio século de vida, achando que nenhuma escola mais poderia me aceitar, fui aceita e acolhida por todos da direção e por todos os professores e funcionários para trabalhar na ERTE. Assim, sinto-me em casa quando estou servindo na cozinha e vendo a alegria das crianças e dos educadores que as conduzem. Isso é bom demais. Meu relacionamento é excelente com todos e aprendi a desenvolver a espiritualidade.

No meu dia a dia na ERTE ajudo a servir na rampa, a lavar

as louças e a cooperar com o que for necessário, mas meu trabalho central é com as internas do Colégio Batista Taylor-Egídio. O internato do Colégio Batista Taylor-Egídio reabriu comigo, neste ano de 2015, está sendo de grande valia tanto para o Colégio quanto para a ERTE.

Ajudo a construir esta história de amor, cuidando, com muita seriedade, do internato que, com certeza, Deus abriu e a porta que Ele abre, ninguém fecha.

COMENÇANDO PELO VOLUNTARIADO, FELIZ COM A PERMANÊNCIA

Elisângela de Jesus
Educadora técnica em enfermagem



Comecei na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) como voluntária. Sou amiga de pessoas que aqui servem e serviram. De ouvir falar desta escola, a admirei e, por isso ofereci-me em serviços voluntários.

Reconheço a ERTE como uma escola dos sonhos, uma escola mãe. É interessante perceber que as pessoas que aqui trabalham são diferentes, têm um compromisso que supera o vínculo de emprego.

Da mesma forma, os estudantes que aqui estudam são diferentes. Eles sabem retribuir o amor. Esse fato é muito importante para todos nós, servidores, porque nos encoraja a continuar fazendo o melhor para todos.

Assim, encontro-me disposta a servir integralmente a esta escola. Desejo doar-me por inteiro, dar o melhor de mim, a qualquer momento, a qualquer hora.

Aqui, já tive experiências muito fortes como acompanhar crianças que precisaram ficar internadas na Casa de Saúde. Foi uma noite inteira que vivenciei a experiência de ser a mãe que a pequenina não tinha consigo.

Após meu período de voluntariado, em junho de 2015, fui convidada a fazer parte dessa equipe que, efetivamente, faz

acontecer esta escola dos sonhos. Fato que despertou minha gratidão pela grande oportunidade.

REFLEXÕES SOBRE GESTÃO

CRENÇAS SOBRE LIDERANÇA GERAL APLICADAS À GESTÃO EDUCACIONAL²

Sonilda Sampaio Santos Pereira³

Cada pessoa tem que fazer suas próprias crenças, assim como cada um tem que fazer a própria morte. (HUNTER, 2004, p. 74)

De modo geral, a liderança revolucionária é encarnada por pessoas que, desta ou daquela forma, participavam dos estratos sociais dos dominadores.

Em um dado momento de sua experiência existencial, em certas condições históricas, estas pessoas, num ato de verdadeira solidariedade, renunciam à classe à qual pertencem e aderem aos oprimidos.

Seja esta adesão o resultado de uma análise científica da realidade ou não, ela implícita, quando verdadeira, um ato de amor, de real compromisso.

Esta adesão aos oprimidos importa uma caminhada até eles. (FREIRE, 1987, p. 161)

Contextualizando

A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio está um sonho de ambiência educacional. Tornou-se o possível da utopia. Ao completar quinze anos, desafia as características da adolescência e porta-se como adulta. Amadureceu antes da

²Este texto tem caráter especial: Enquadra-se em relato de experiência porque a autora apresenta suas crenças sobre liderança e toma a ERTE como o espaço no qual tais crenças foram vivenciadas. É o último texto da autora como gestora da ERTE; enquanto o texto está sendo produzido, ela tramita os papéis de sua aposentadoria. A depender do lugar de fala da autora, é utilizada uma pessoa pronominal: 1ª do singular, 1ª do plural e a impessoalidade.

idade prevista. Um fenômeno que tem despertado mais de uma dezena de pesquisadores que a tomam como objeto de estudo em mestrados e doutorados, dentro e fora do Brasil, em universidades como: UCSAL, UESB, UFRB, UNINOVE e UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI SASSARI⁴.

Quando a ERTE se propunha nascer, tratava-se de devaneio de alguns poucos apaixonados pela educação e que comungavam dos ideais “oníricos” do educador Paulo Freire; não, a ERTE tornou-se real, enquanto unidade escolar no mundo das coisas tangíveis, e hoje é referência educacional não só na Bahia, mas em todo o Brasil, quiçá em todo o mundo. (ANDRADE JR. In: PEREIRA, 2011, contracapa)

Foram e são muitas as causas que fazem desaguar nessas conseqüências educacionais notáveis. Dentre outras tão importantes, neste capítulo, o destaque é para as crenças sobre gestão com as quais foi conduzida durante uma década e meia. A incumbência é dizer sobre a escola com que sonhei e ajudei a construir. Nessa fala estarão minhas crenças sobre liderança. Crenças que brotaram de sementes plantadas desde os anos de 1980, no Seminário de Educadoras Cristãs, no Recife – Pernambuco.

Embora este trabalho não tenha um caráter estritamente acadêmico, é pertinente esclarecer que utilizo crenças, como metodologia de estudo, com base nas pesquisas de Barcelos (2001) sobre Metodologia de Pesquisa das Crenças sobre Aprendizagem de

³Gestora fundadora da ERTE. Permaneceu na gestão durante 15 anos: de janeiro de 2001 a janeiro de 2016.

⁴UCSAL – Universidade Católica do Salvador – Salvador – Ba; UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Jequié – Ba; UFRB – Universidade Federal do Recôncavo Baiano – Amargosa – Ba; UNINOVE – Universidade Nove de Julho – São Paulo – SP; UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI SASSARI – Itália.

Línguas: Estado da Arte, nas quais a autora define o termo da seguinte maneira:

As crenças são pessoais, contextuais, episódicas e têm origem nas nossas experiências, na cultura e no folclore. As crenças também podem ser internamente inconsistentes e contraditórias. Uma das mais importantes características das crenças refere-se a sua influência no comportamento. [...] Elas são fortes indicadores de como as pessoas agem. (BARCELOS, 2001, p. 73).

Enquanto primeira e atual gestora dessa unidade de ensino⁵, busquei a aplicação das minhas crenças sobre liderança à gestão educacional, numa tentativa de fazer um recorte do universal ao local, pisando, literal e cotidianamente, o chão da escola e nele residindo. É do chão da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) que falo. Descalça, no sentido colocado pelo rabino Nilton Bonder:

O que é retirar o sapato? O sapato representa o que está amoldado a nosso pé, é a forma que acompanha nosso feito, nossos calos. [...] Deslaçar os sapatos é retirar o habitual que nos envolve. [...] Habitua-mo-nos a determinados padrões e condutas que se tornam nosso sapato. E é com ele que caminhamos pela vida. Tal como a realidade que precisa ser vista por trás de lentes e véus, porque é abrasiva demais para a consciência humana, o sapato representa a proteção indispensável entre o ser e seu meio. Nesse processo, há uma importante interação entre os pés e o sapato. Este nos protege pela sola, mas para que cada passo seja confortável ao pé e para que ele não se despegue é preciso que o corpo do sapato vá se ajustando à

⁵Ato de nomeação: Diário Oficial de 30 de janeiro de 2001 - Terça-feira – Ano LXXXV. Nº 17.604 - Portaria Nº 1446.

nossa forma. O chão, no entanto, é o pavimento da vida e ele não se ajusta à nossa pisada. De tanto em tanto, temos que retirar o sapato e tocar o solo com a planta do pé. Encontramos então sob ela uma superfície irregular e desconfortável que pode até nos ferir. Mas esta será uma experiência singela de libertação e expansão. Sentir o chão é reencontrar a vida. [...] É do chão que vem o alicerce e o embasamento. (BONDER, 2008, p. 21 – 22)

Cheguei calçada no ano 2000 para ajudar na construção; e, em 2001, ainda calçada, para gerir a novel escola rural. Contudo, os desafios inusitados de uma escola residencial para camponeses, obrigaram-me a retirar os sapatos confortáveis, fabricados pelas teorias e pelos modelos educacionais aplaudidos nas cadeiras e nos púlpitos acadêmicos. Os sapatos não deram conta. Fui gerindo a ERTE, dia a dia, no período de quinze anos, descalça.

É desse modo e desse lugar que me ponho a escrever sobre a escola com que sonhei e ajudei a construir. Minha participação em sua construção está diretamente ligada à gestão. Dentro da escola, pisando seu chão, na função de gestora, fui validando umas crenças e descartando outras. As validadas estão, neste texto, defendidas porque foram se emanando do chão – solo fértil - e se autorizando nas avaliações sobre a prática. Como já se sabe com Paulo Freire, toda teoria que se presa é oriunda da prática e para a prática volta num vai e vem sem fim de ação – reflexão - ação. Porque

não é possível praticar sem avaliar a prática. Avaliar a prática é analisar o que se faz, comparando os resultados obtidos com as finalidades que procuramos alcançar com a prática. A avaliação da prática revela acertos, erros e imprecisões. A avaliação corrige a prática, melhora a prática, aumenta a nossa eficiência. O trabalho de avaliar a prática jamais deixa de acompanhá-la. (FREIRE, 1994, p. 83)

Foi na avaliação constante sobre a prática, em reflexões individuais e coletivas, socializadas com educadores e educandos que se firmaram as crenças que estão aqui defendidas, uma a uma, sem obediência a ordem de valores ou hierarquias. Ser-me-ia extremamente difícil ou impossível hierarquizá-las. São crenças sobre liderança geral aplicadas à gestão educacional.

Está posto dessa forma porque compreendo o gestor escolar como um líder. É assim também que Chalita o concebe “O diretor escolar há de ser um líder” (CHALITA, 2014, p. 118). Uma ‘pessoa que se evidencia’ diante da comunidade e tem a função de guiar outras pessoas e ações. O gestor, enquanto ‘pessoa que se evidencia’, é entendido, por mim, como alguém com a responsabilidade de fazer colocações claras, de ter postura indubitável, ou melhor, de apresentar provas evidentes da sua visão e das suas propostas de trabalho. Neste texto, usarei os vocábulos gestor e líder, indistintamente.

Tentarei apresentar as crenças que perpassaram minha gestão na ERTE, sob as quais embasei ações, posturas, lutas e esperanças. Sob estas crenças, numa paráfrase do texto de Salomão:

Escolhi lã e linho, com prazer trabalhei com minhas mãos, busquei de longe provisões. Antes de clarear o dia me levantei e dividi tarefas. Avaliei e comprei. Entreguei-me com vontade ao trabalho (por isso foi-me acrescentado o trabalho de neutralizar inúmeras críticas). Tive braços fortes e vigorosos. Deixei as lâmpadas acesas à noite. Segurei o fuso e a roca. Acolhi e estendi as mãos. Não temi o frio (porque os agasalhos das crianças rurais eram feitos com um ano de antecedência). Ensinei com todo amor (com que fui capaz de amar). Temi ao Senhor. (PROVÉRBIOS 31: 10 ss In: BÍBLIA SAGRADA)

Foi dessa forma porque na minha mente e no meu coração a luz clareava o letreiro: A GESTÃO PASSARÁ E OS

CONTINUADORES PRECISARÃO DA REFERÊNCIA DO FAZER PARA CONTINUAREM A OBRA. É bom facilitar o caminho para o outro, mesmo quando não se sabe como fazê-lo. Nesse texto elejo sete⁶ princípios da liderança geral que busquei aplicar à gestão, de quinze anos, que fiz na ERTE. Na seção seguinte, uma reflexão sobre o primeiro princípio de liderança: os liderados refletem o líder. E o líder precisa ter consciência disso.

1. Fazer para ensinar. Os liderados refletem o líder

Sou entusiasmado ao louvor a Deus e a oração ao ver a fibra audaz e guerreira dos que tomam nas mãos o comando da ERTE, testemunha que sou de suas muitas pejeas. (Pr. José Jorge Almeida Pereira, na ERTE há 15 anos). (PEREIRA, 2001, p. 91)

A direção da ERTE consegue tanto encarnar as ideias de Paulo Freire quanto conduzir uma equipe por caminhos de conscientização. (Pr. Marcos Monteiro, parceiro da ERTE). (PEREIRA, 2001, p. 06)

Acredito que, em última análise, a função do líder é espalhar esperança.
(Bob Galvin)

A partir dessa crença, o gestor (em uma escola, o líder é o gestor. Os liderados imediatos são os docentes e os servidores e, em segunda instância, os discentes) é desafiado a pensar e propor ações a partir do que é capaz de realizar. Todos os liderados de uma empresa (aqui compreendo escola como empresa a partir das acepções de empresa como: execução de projeto; empreendimento,

⁶Decidi por 7 princípios por questões didáticas e por considerar o 7 um número especial nos escritos sagrados. Estudo detalhado sobre o número 7, encontra-se no endereço: http://www.luzparavida.net/curiosidades_numero7.html.

associação e desígnio) miram seu gestor como uma matriz de referência. Referência que pode ser seguida ou rejeitada, mas referência. Dessa forma, impregnada dessa crença, e com visões especificadas para cada segmento da escola, julguei ser mais eficaz a orientação pelo fazer e não pelo dizer verbalmente, apenas.

Na ERTE, escola residencial com pedagogia de alternância para (e com) crianças e adolescentes camponeses, há muitas atividades docentes, administrativas e dos serviços gerais que são singulares. Nesse formato de escola, há de se pensar e agir em dormitórios, cozinha, lavanderia, horta, barbearia, sala de costura, biblioteca, posto médico etc.

Na tentativa de orientar pelo fazer, acolhi as lições de James C. Hunter, ao tratar da essência da liderança, na história do Monge e do Executivo: “o papel da liderança é servir”; “É uma vergonha que tantos líderes gastem seu tempo falando de seus direitos como líderes em vez de suas terríveis responsabilidades como líderes”; “A autoridade do líder se constrói sobre serviço e sacrifício”; “A verdadeira liderança é difícil e requer muito esforço”. (HUNTER, 2004, p. 50, 51, 63, 69).

Nessa crença e apoiada nessas lições, há a inevitabilidade de colocar as mãos na massa, em todas as repartições e departamentos da escola. Seria impossível a implantação, na contemporaneidade, de uma escola residencial para crianças e adolescentes do campo, se a gestão não aplicasse o princípio nº 1 de liderança: fazer para ensinar porque os liderados refletem o líder. Ao vê-lo fazendo, aprendem e fazem, no movimento de espelhamento, no ato de espelhar.

Cabe esclarecer que o espelhar o líder, não extrai do liderado sua individualidade, suas características próprias e singulares que o tornam um cidadão único, com seu modo único de fazer. O líder consciente ensina pelo exemplo zelando da individuação, por meio da ação de distinguir cada indivíduo sob sua liderança, permitindo a cada pessoa ser, existir e fazer como única, responsável e criativa.

Pois bem, terminada a necessária digressão do parágrafo anterior, voltemos ao ponto. Nesse formato de escola, além de se pensar e agir em dormitórios, cozinha, lavanderia, horta, barbearia, sala de costura, biblioteca, posto médico, itinerância na zona rural etc, há do gestor também pensar e agir em dormidas, plantões de domingos e feriados, faxinas gerais, organização de armários e guarda-roupas, estoques de mantimentos, provisão de cobertores, visitas às casas dos estudantes na zona rural e agasalhos para o frio.

Considerando que os liderados refletem o líder, como se posicionariam no acompanhamento das dormidas sem o direcionamento seguro de quem dormiu? Como conduziriam os planejamentos dos domingos sem a palavra autorizada pela experiência? Só se fala com propriedade, de fato e de direito, sobre qualquer tema quem o vivenciou. Por isso, no diário de minha gestão: muitas noites no internato; muitos plantões aos domingos; muitos feriados no chão da escola; muitos sábados, à noite, inaugurando e dando continuidade aos projetos vivências!

Se o gestor de uma unidade de ensino deseja a excelência da instituição que lidera, precisa desejar também a excelência dos serviços prestados pelos servidores e docentes que militam com ele. Para tanto, precisa orientar sua equipe pelo seu fazer. Os excessos de verbos e discursos gritados, distantes de práticas e exemplos, são apenas palavras que se perdem ou se perderão no espaço. As lições práticas oriundas de aulas concretas, no concreto, ultrapassam até os limites do fazer, alcançam o quefazer postulado por Paulo Freire: “Mas a ação só é humana quando, mais que um puro fazer, é um quefazer, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão.” (FREIRE, 1987, p. 40).

As demandas administrativas não permitiram realizar todo o meu ideal de pensar e propor ações a partir do meu fazer. É óbvio que nem sempre haverá tempo e espaço para os consertos, inclusive das minhas falhas, mas há em mim e, haverá sempre perguntas gritantes na consciência do líder responsável e comprometido com sua liderança, quando em enfrentamento das limitações e

complexidades dos seus liderados: “Nosso diálogo foi claro?”; “Minimizamos as dúvidas?”; “Houve uma mostra do desejado?”; “Eles tiveram (ou têm) uma referência?”, dentre outras.

Assim fui tecendo a gestão que agora completa quinze anos. Tentando estar ao lado de todo servidor e de todo serviço, enquanto era necessária, é claro; e ausentando-me para permitir a criatividade e autonomia dos servidores em cada setor. Desta forma, fui conhecendo todos os cantos da escola e suas nuances, buscando o diálogo participativo sobre e no quefazer. Inclusive liderando, avaliando, orientado e sistematizando, a cada ano, os documentos oficiais como: Plano de Ação, Plano de Trabalho, Projeto Político Pedagógico, Regimento Interno, Programação de Carga Horária, Matrizes Curriculares, Propostas Curriculares, Planos de Intervenções, Calendários anuais minuciosos com todas as atividades previstas e descritas e Projetos Especiais da Secretaria Estadual de Educação, da Fundação José Carvalho e da Convenção Batista Baiana. Da mesma forma acompanhei, sem ser a principal responsável, o inventário de bens e imóveis e o setor administrativo que decide pela aplicação e acompanhamento dos programas financeiros.

Ainda, nesse primeiro princípio de lideranças, incluo o exercício da fé que o líder só pode ensinar por meio de sua própria fé em constante exercício. Uma escola cristã, residencial, que alimenta, em média, trezentas pessoas, diariamente, passa por agruras. Nos momentos mais atroz, não tínhamos alternativa: ou confiava plenamente no Deus do suprimento ou confiava. Muitos foram os dias em que meus joelhos se dobraram e meus olhos se encharcaram e a fé, a fé em Deus, foi colocada em xeque. Esses foram os maiores momentos de minha gestão. Deus foi fiel em todas as crises. A abundância chegava. Inúmeras experiências!⁷

⁷Enquanto esse texto está sendo escrito, vivemos, mais uma vez a experiência do exercício da fé, o desafio de animar o grupo a prosseguir e as revolucionárias provisões de Deus.

A premissa dessa seção os liderados refletem o líder, pode ser uma arma contra o próprio líder. Contudo, ainda que eu morra por esta arma, continuarei a reafirmá-la. É minha crença!

Depois do líder saber sobre o princípio que o responsabiliza perante seus liderados, é necessário tomar consciência que gere pessoas e não coisas. Pessoas são inacabadas e estão em permanente movimento de ser e não ser. Esse é o próximo princípio de liderança a ser tratado.

2. Acreditar no potencial dos liderados. As pessoas ainda não são, estão sendo e serão

Aceitei a proposta para ser o vice-diretor e juntamente com dezenas de outras pessoas começamos a procurar o conhecimento do que, afinal, seria nosso papel dentro de um projeto tão grande quanto desconhecido. (Prof. Lourival Brito, vice-diretor na ERTE desde a fundação). (PEREIRA, 2001, p. 73)

Muitas coisas aconteceram em nossas vidas na ERTE. Minha vida houve uma verdadeira transformação de personalidade e comportamento. [...] Nos deixa contentes e orgulhosos pertencer a um lugar que nos permite crescer enquanto pessoa e profissional. [...] Compreendi o quanto nossos comportamentos e atitudes são importantes para vivermos bem conosco e em

To be or not to be, that is the question
(SHAKESPEARE '1599 - 1601', 1976)

comunhão com o próximo. (Profa. Sandra Martins, docente na ERTE desde a fundação). (PEREIRA, 2001, p. 84 - 85)

Com respeito e na língua original, esta seção é aberta com a máxima de William Shakespeare. A mundialmente reconhecida frase do Ato III, Cena I, da tragédia Hamlet, está aqui colocada para ser utilizada de forma divergente. Nossa experiência em lidar com pessoas nos ensinou que as pessoas não são (estão) definitivas.

Logo, tomamos a epígrafe para propor o seu contrário: ser e não ser: eis a questão!

Se o líder lançar o olhar para seus liderados apenas com as perspectivas excludente: 'ser ou não ser', perderá a grande oportunidade de contribuir com aqueles que ainda não estão sendo. Cabe ao gestor educacional movimentar-se e fazer movimentar sua equipe dentro da percepção de "homem como um ser inconcluso em permanente busca de ser mais". (FREIRE, 1987, p. 72).

As pessoas que compõe os quadros de servidores e docentes nas escolas são pessoas também das aprendizagens e dos ensinos. Pessoas-alvo da raiz e da razão da educação. Muito se diz de escola como lugar de ensino e aprendizagem entre duas classes: discentes e docentes. A experiência, dentro da escola, durante quinze (15) anos, nos mostrou que todos somos aprendizes e ensinantes. Os conteúdos transversais e as práticas transdisciplinares tratam da vida e do crescimento como gente.

Por isto mesmo é que [a prática problematizadora] os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um quefazer permanente. Permanente, na razão da inconclusão dos homens. (FREIRE, 1987, p. 72 - 73).

Diante disso, uma gestão que deseje a excelência deve trabalhar, 'impaciente pacientemente', as pessoas que compõem a equipe. Deve manter acesa a possibilidade da comunhão como instrumento da aprendizagem, da libertação, do ser mais de cada

membro. Talvez fosse muito fácil liderar cortando pessoas que não entendam visão, missão, objetivos, eixos e valores da instituição e/ou atrapalhem seu bom andamento, mas onde se pararia? Quantos seriam os testemunhos de conscientização? E não é também a escola para seus docentes e servidores?

A Escola deve ser compreendida como lugar de ensinamentos e de aprendizagens. Esses processos no plural permitem à escola um significado e uma carga semântica muito mais abrangente. No bojo dos múltiplos ensinamentos e das múltiplas aprendizagens, o saber sobre os movimentos do ser humano, do ser sendo, do vir a ser, do ser e do não ser porquanto humano, incompleto, inconcluso e imperfeito.

De tudo, fica a fé na pessoa. Fé na escola como espaço para a pessoa ser e não ser e ser compreendida e caminhar em comunhão, num crescendo de ser gente e profissional. Isso testemunhei: pessoas, das mais difíceis, tornarem-se instrumento da paz; pessoas, das mais amargas, encherem-se de graça e doçura; pessoas, das mais descomprometidas, aprenderem o compromisso; pessoas, das mais insensíveis, chorarem com um abraço; pessoas, das mais ingratas, transformarem-se em pilares sustentadores do bem; pessoas, das mais medrosas, darem o salto da autoestima e autorizarem-se sujeitos das falas e dos fazeres.

Também testemunhei o contrário de tudo isso, em muito menor escala, graças a Deus! O bem é silencioso, mas existe! A vida, o tempo, o calor, o frio, a chuva, a fartura e a miséria se incumbem de permitir às pessoas ser e não ser e vice-versa. Contudo, fiquemos com Luiz Gonzaga Jr (Gonzaguinha) “Fé na vida, fé no homem, fé no que virá. Nós podemos tudo, nós podemos mais. Vamos lá fazer o que será”. Na seção seguinte está o princípio da organização como caminho para a excelência. Nessa excelência está, sobretudo, o homem, o poder para realizar o bem, a força para fazer o que será.

3. Organizar para acontecer. A organização é caminho para a excelência

Passei na experiência dos três meses e estou até hoje,

abraçando o ambiente, as crianças e o trabalho de excelência que é realizado. [...] É lindo o trabalho que os educadores realizam, desde a cozinha até o docente, que está em sala de aula, desenvolvendo a práxis pedagógica. (Izaná Costa Silva, assistente da direção financeira na ERTE desde 2005). (PEREIRA, 2011, p 53 – 54).

A base de toda reforma escolar é a ordem exata em tudo. Se levarmos em consideração o que conserva o universo em seu ser com todas as suas particularidades e individualidades, descobriremos que não é nada mais que a ordem. A disposição de todas as coisas. (COMENIUS, 2006, p. 123)

A Escola com que sonhei durante os primeiros quinze anos de minha vida profissional (1985 a 2000) foi com uma escola democraticamente organizada. Uma escola onde todos participassem do seu planejamento, do seu projeto político pedagógico; onde todos soubessem o que iria acontecer e lutassem por um bem comum. Uma escola que tivesse diante de si sua visão, sua missão, seus objetivos, seus eixos norteadores, suas crenças e traçasse um caminho com estratégias e não se desviasse do foco.

Em minhas andanças pelos labirintos da educação, cheguei a quase concluir que a escola dos meus sonhos em estrutura, organização e funcionamento não seria possível no mundo dos mortais. Em 2001, quando da minha assunção na gestão da ERTE, percebi que havia uma oportunidade concreta de tentar a excelência da educação básica começando pela organização da estrutura e funcionamento da escola.

Tomando a ordem como disposição dos elementos de acordo com a categoria, categorizamos desde o espaço físico até as ações discentes, docentes e gerais. Não perdemos de vista a linha tênue que separa o esquema de organização das posturas ditatoriais. Para não cair nessas armadilhas, as orientações, regras e leis foram construídas coletivamente, inclusive por escrito com rascunhos e

assinaturas arquivados.

A organização dos espaços, das ações e das rotinas na escola é elemento facilitador das vidas dos discentes, dos docentes e todos os trabalhadores da educação. A organização compreende divisão de tarefas entre todos e fiscalização de todos sobre as responsabilidades. A organização facilita e conduz ao acontecimento. Nesse ponto, a Escola da Ponte, em Portugal, contribuiu com nossas visões e intenções de organização.

Exatamente em 2001, quando a ERTE foi inaugurada, a Papyrus editou o livro *A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*, de Rubem Alves. A curiosidade foi aguçada e procuramos os documentos, regimentos, estatutos e projetos da Escola da Ponte. Neles fomos remetidos à proposta de ordem na ambiência escolar proposta por Comenius, desde os anos de 1600. Recorremos aos escritos de Comenius e, com ele, nos fortalecemos no que tange à organização como caminho da excelência e do fazer acontecer.

Dessa forma, cremos que um princípio relevante a liderança é o princípio da organização. Isso gera confiança nos liderados e respeito e credibilidade para o gestor. Esses são atributos indispensáveis a quem está à frente de grupos de pessoas. O contrário da organização é a chamada postura *Laissez-faire* que caracteriza aqueles que corroboram o canto de Zeca Pagodinho “Deixa a vida me levar, vida leva eu”.

Embora tenha seu lugar o canto do Zeca Pagodinho, o tomamos para exemplificar, de forma divergente, a postura desorganizada do gestor educacional. Esse deve saber fazer a hora e não ‘ficar esperando a vez’, ‘deixando as coisas rolarem’ irresponsavelmente ou atribuindo sua história a Deus como se não fosse responsável por construí-la. Sobre isso, Paulo Freire é contundente:

Quase sempre este fatalismo está referido ao poder do destino ou da sina ou do fado – potências irremovíveis – ou

a uma distorcida visão de Deus. Dentro do mundo mágico ou místico em que se encontra a consciência oprimida, sobretudo camponesa, quase imersa na natureza, encontra no sofrimento, produto da exploração em que está, a vontade de Deus, como se Ele (Deus) fosse o fazedor desta desordem. (FREIRE, 1987, p. 49)

Manter uma organização educacional oriunda de uma agenda pensada coletivamente é uma tarefa nada fácil. Exige boa vontade, competência, capacidade de foco e consciência da historicidade. O líder que assim escolhe agir está comprometido com todos aqueles que fazem parte da escola e dos seus arredores. Compromisso que orienta sobre as diferenças entre democracia e algazarra.

Em 1959, quando Paulo Freire escreveu sua Tese de Concurso para a Cadeira de História na Escola de Belas-Artes de Pernambuco, ele diferenciava a “voz” do povo da “voz” da algazarra. (FREIRE, 2003, p.73). Está claro que em nome da democracia não se estar autorizado à desordem. Muitos há que denominam o rigor no cumprimento dos compromissos, da agenda e da palavra como engessamento, como falta de liberdade, diferentemente afirmamos que o rigor na agenda e na ordem é princípio de democracia, de respeito e de excelência. Para tanto, toda equipe precisa compreender e proceder convergentemente o que só é possível por meio de decisões coletivas, oriundas de estudos e discussões grupais, ou seja, por meio da formação continuada, defendida na próxima seção.

4. Formar para o desenvolvimento. A formação continuada fortalece a instituição

Comecei a trabalhar na ERTE, recém-formada em magistério. Não conhecia nada sobre a Pedagogia de Alternância e não tinha nenhuma experiência com internato. Aprendi na prática e com muitos estudos de formação continuada que a escola proporcionou-me. (Eline Ramos Sousa, docente na ERTE desde a

fundação). (PEREIRA, 2011, p 40 - 41).

Eu não possuía experiência em educação. A ERTE, além de primar pelo conhecimento formal das crianças, oferece total apoio para o profissional que quer aperfeiçoar o trabalho pedagógico, promovendo cursos para uma formação continuada. (Marinilda Almeida Vieira Souza, docente na ERTE desde 2003). (PEREIRA, 2011, p 64).

Formado: saído da forma. Com-formar. Ficar igual à forma.

(ALVES, 2003, p. 114)

Nesta seção usamos o verbo formar nas acepções: criar, progredir, desenvolver, educar e preparar-se, contrariamente ao significado dado por Rubem Alves nas críticas procedentes que fazia à educação básica e universitária. Nos embates, dentro da escola ERTE, fomos percebendo a necessidade imperiosa e impreterível da implantação de cursos de curta duração, sobre os mais diversos temas e assuntos que surgiam das necessidades, das dúvidas, das divergências e dos diálogos.

O gestor educacional precisa ter a visão clara que a escola, sob sua liderança, só avançará nos projetos, se desenvolverá, e estará fortalecida quando os membros dos corpos docente, administrativo e dos serviços gerais participarem de formações continuadas, em serviço. Por isso, desde 2001 a ERTE oportunizou, ano a ano, estudos a todas as pessoas pertencentes ao seu quadro de servidores.

Para tanto, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié, constituiu-se parceira valiosa. Discentes dos cursos de licenciatura em Letras e Pedagogia, orientados, ministraram na ERTE estudos sobre a docência na educação básica, linguística aplicada ao ensino da leitura e da escrita, preconceito linguístico, sociolinguística, dentre outros.

Durante uma década e meia, junto à UESB, sob a coordenação do Ministério da Educação (MEC), por meio do Sistema de Informação e Gestão de Projetos (SIGProj), sob o nº 65618.343.82661.12112010, desenvolvemos projetos de extensão sobre a pedagogia de alternância, educação do campo e demandas da educação básica. Abaixo a justificativa e os objetivos que alicerçaram nossos projetos e garantiram sua aprovação pelo SIGProj:

PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: DEMANDAS DA PEDAGOGIA DE ALTERNÂNCIA

COORDENADORA-EXTENSIONISTA: Profa. Ms. Sonilda Sampaio Santos Pereira

Justificativa: Relação Ensino, Pesquisa e Extensão:

Há vasto material de pesquisa que questiona a 'falta' de uma educação campestre que seja, de fato, campestre.

Na UESB, a disciplina Linguística Aplicada a Alfabetização é orientada a partir do alfabetismo das classes populares e excluídas e, dentre estas, a camponesa.

A possibilidade de execução do Projeto de Extensão DEMANDAS DA PEDAGOGIA DE ALTERNÂNCIA propiciará um espaço legítimo para a continuidade da pesquisa que enfoca a educação campestre formal, como também será espaço para aprofundamento das questões relacionadas ao processo de aquisição do sistema de escrita alfabética da língua portuguesa por crianças e adolescentes das classes camponesas excluídas.

OBJETIVOS:

GERAL: Estudar com os docentes da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio os princípios norteadores da pedagogia de alternância e relacioná-los às suas práticas pedagógicas.

ESPECÍFICOS:

1. Buscar uma compreensão do processo educacional da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio que ainda não atingiu

metas relevantes se comparadas aos postulados que sustentam a modalidade pedagógica de alternância.

2. Fortalecer o corpo docente para o exercício de práticas pedagógicas inovadoras e progressistas nas ambiências escolares e rurais.

3. Estabelecer espaço de diálogo entre as memórias dos docentes, os princípios da pedagogia de alternância e Paulo Freire.

4. Dar visibilidade às demandas concretas do cotidiano de uma escola rural residencial e buscar respondê-las a partir das leituras e percepções educacionais contemporâneas. (PEREIRA, 2001 a 2015)

Todos os estudos de formação continuada, em serviço, devem focar a visão, a missão, os objetivos, as crenças e os eixos norteadores da escola para fortalecê-los e guiar todos os membros da equipe, de todos os setores, ao rumo proposto. Além dos estudos de ordem pedagógica e estrutural, ousamos estudar sobre o ser humano, seus temperamentos, suas atitudes, autoconhecimento e espiritualidade. Temas fundamentais para a saúde pessoal e, por conseguinte, institucional.

E hoje, tanto quanto ontem, contudo, possivelmente mais fundamentado hoje do que ontem, estou convencido da importância [...] da formação permanente de seus educadores e educadoras entre quem inclui vigias, merendeiras, zeladores. Formação permanente, científica... Esta foi uma das tarefas a que me entreguei. (FREIRE, 2005, p. 23)

A formação continuada, permanentemente, em serviço, fortalece a escola, a educação, a comunidade, as pessoas de per si e a gestão. O gestor será solitário em seus ideais e nos ideais da instituição que gere, se assim o quiser. Cabe-lhe realizar ou propor a

realização da formação continuada de todas as pessoas pertencentes à equipe. A ERTE foi inaugurada com um calendário de formação para todos servidores e docentes. Essa ação resultou numa compreensão geral: na escola, todos são educadores e educandos. Todos estão ensinando e aprendendo, concomitantemente, “não importa se a tarefa é de limpar a sala ou de pensar a prática educativa. Todas são importantes e nisso não há demagogia.” (FREIRE, 2005, p.170).

A partir dessa compreensão, as pessoas responsabilizaram-se diante dos estudantes como educadores e educadoras porque “a formação contínua acompanha também transformações identitárias.” (PERRENOUD, 2000, p. 158). Compromisso que resultou no prêmio do Instituto Paulo Freire: indicação ao MEC de escola modelo nos princípios freirianos. No ano de 2007, quando da celebração dos dez anos de morte de Paulo Freire, a ERTE ganhou um espaço na TV Escola no documentário ‘Paulo Freire contemporâneo’, um filme de Toni Venturi. (BRASIL, 2007).

Assim, o objetivo de formar foi sendo alcançado: criatividade, progresso, desenvolvimento, educação, preparo e fortalecimento da instituição. Em muito a ERTE se fortaleceu diante do governo do Estado da Bahia, que a mantém, com o documentário citado. Esse fortalecimento a autorizou nos enfrentamentos que foi obrigada a fazer porque elevou a autoestima do grupo, elevando os níveis de consciência dos seus membros. Nesse sentido, corroboramos Ademar Santos, ex-diretor do Centro de Formação Camilo Castelo Branco, em Portugal:

Uma política de formação contínua que não pretenda ser complacente com as inércias, os bloqueamentos e as fragilidades do sistema tem de eleger como um dos seus principais objetivos estratégicos o reforço da autoestima e a elevação dos níveis de consciência e dos padrões de desempenho profissional dos educadores. (SANTOS apud ALVES, 2004, p. 117)

Nenhum líder pode avançar se não priorizar a formação continuada dos membros de sua equipe. De nada adiantará, para a instituição sob sua gestão, seu crescimento individual, solitário. As práticas escolares, a realidade cotidiana, têm servido de reflexão e solo fértil aos gestores para repensarem o programa de formação das unidades escolares. “Desde seu surgimento, a formação contínua dos professores refere-se às práticas profissionais, mas faz pouco tempo que ela parte regularmente das práticas em vigor, para fazê-las mudarem, graças a um desvio reflexivo.” (PERRENOUD, 2000, p.159).

As reflexões emergentes dos encontros de formação têm o fascínio de suscitar dúvidas, de desapropriar convicções, de apontar caminhos. Foram as dúvidas sobre o fazer educacional que desabrigaram os membros da equipe de suas zonas de conforto, que os fizeram tirar seus sapatos e buscar outros caminhos, com outras formações. Uma equipe que em 2001 não contava, em seu corpo docente, com nenhum membro licenciado, chega a 2016 com mais de 90% graduados e pós-graduados e alguns nas intenções dos projetos de mestrado.

Sem negar o fato da abertura dos cursos superiores no Brasil, na última década, a formação continuada, na ERTE, gerou desenvolvimento, fortaleceu a instituição, fez crescer as pessoas e impôs a postura reflexiva do pensamento sobre a prática.

E fui me fazendo, na prática, um educador. E fui aprendendo, desde aquela época, a exercer uma prática de que não me afastei até hoje: a de pensar sempre a prática. De fato, pensar a prática de hoje não é apenas um caminho eficiente para melhorar a prática de amanhã, mas também a forma eficaz de aprender a pensar certo. (FREIRE, 1985, p. 9)

Assim, os membros do grupo desenvolveram-se⁸. Pensando e repensando práticas, posturas, palavras e caminhos, as consciências

foram dando saltos da intransitiva a transitivo-ingênua e, dessa, muitos chegaram à transitivo-crítica por meio do trabalho educativo que manteve o objetivo focado como Freire (2003, p. 37) orientou. A partir da conscientização dos liderados, as mudanças que levariam aos avanços, aconteceram.

5. Conscientizar para mudar. As mudanças de paradigmas educacionais devem ser propostas pelos membros do grupo

Refletindo sobre as minhas próprias aprendizagens, sinto como é trabalhoso, doloroso e, muitas vezes, ameaçador ter que aprender coisas novas. Hoje percebo como foi bom ter sido desafiada, praticamente obrigada a atualizar-me não só intelectualmente, mas também no meu comportamento. (Cátia Leliana Coelho dos Santos, docente na ERTE desde 2002). (PEREIRA, 2011, p 21 - 22).

Fui desafiada pela diretora, comecei a pesquisar sobre o recreio. Isso resultou numa mudança muito boa em toda escola. Mudamos a concepção e a prática do recreio. (Vilmaci dos Santos Dias, docente na ERTE desde a fundação).(PEREIRA, 2011, p 88).

O fato de numa democracia todos terem direito de expressar seus pontos de vista acarreta o corolário de igual responsabilidade. Não raro, a omissão é altamente nociva. (BEAL, BOHLEN & RAUDABAUGH, 1972, p. 16)

⁸Mesmo que, enquanto gestora e promotora da formação continuada, às vezes sintame exatamente como a “agulha da linha ordinária” de que trata Machado de Assis (1984, p. 59.), nada pode ser comparado à realização de acompanhar o desenvolvimento do grupo sob nossa gestão.

Tarefa complexa, mas é isso mesmo. O gestor pode até pensar além ou ver antecipadamente, mas precisa esperar que as propostas de mudanças de paradigmas sejam formuladas pelos membros do grupo e não por si mesmo. Para tanto, o trabalho educativo permanente que eleva as consciências à transitividade crítica deve ser firme e perseverante.

Cabe ao líder perceber onde estar a equipe, compreendê-la; se necessário, descer e nivelar-se para dar partida a vôos com todos os membros. Os voos são mais altos quando, pelo menos, a maioria entende os processos e impregna-se da visão e toma para si a missão. Fenômeno que só é possível pelos méritos da conscientização. Trabalho artesanal, minucioso, difícil, mas possível.

Mais difícil quando o espaço e o fim são a educação. Os paradigmas educacionais que trazemos em nosso inconsciente coletivo⁹, na camada mais profunda da psique, comuns a todos nós, são arquétipos, ou seja, primeiros modelos, imagens, antigas impressões de uma prática escolar opressora, inconsequente e infeliz.

São esses modelos escolares que também perpassam as memórias individuais e a memória coletiva (LE GOFF, 1990, p. 423). Os conteúdos mnemônicos que retemos são responsáveis por nossos comportamentos, atitudes, ações e pensamentos. Em sendo os modelos escolares, desde o período pós-dilúvio, passando pelos egípcios, gregos, romanos e mundo moderno, os mais exdrúxulos, não é de se admirar que, na contemporaneidade, os trabalhadores das escolas tenham grandes dificuldades em repensá-los.

Com motivos de sobra, Herman Hesse¹⁰ dizia que, entre os

⁹Inconsciente Coletivo: um dos conceitos da psicologia analítica criado pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung. Corresponde às camadas mais profundas do inconsciente, aos fundamentos estruturais da psique comuns a todos os homens. (SILVEIRA, 2000, p. 64)

¹⁰Herman Hesse nasceu em Calw, 1877 e morreu em Montagnola, 1962. Grande romancista alemão. Obteve o prêmio Nobel 1946. Fonte: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/h/hesse.htm>, em 16.05.2015.

problemas da cultura moderna, a escola era o único que ele levava a sério. Tinha amargas lembranças de suas experiências escolares. Afirmava: “Em mim, a escola destruiu muita coisa. E conheço poucas personalidades importantes a quem não tenha ocorrido o mesmo.” (HESSE apud ALVES, 2003, p. 94). Dos incontáveis relatos e testemunhos escolares, Anísio Teixeira indignou-se ao ponto de bradar:

Tenhamos, pois, o elementar bom senso de confiar no país e nos brasileiros, entregando-lhes a direção da sua mais cara instituição – a escola, cuja administração e cujo programa deve ser de responsabilidade local. A escola deve ser feita e realizada sob medida para a cultura da região, diversificada, assim, nos seus meios e recursos. (TEIXEIRA, 1957, p. 52 e 53)

À medida que Anísio Teixeira criticava o status quo em que a escola de sua época se encontrava, abria a discussão sobre a possibilidade de cada unidade escolar gerir-se a si mesma a partir de sua realidade. Presumia a importância da autogestão e da consequente assunção de responsabilidades dos gestores escolares. Responsabilidade referente à construção de uma nova escola na qual não houvesse lugar para a destruição da autoestima, do sonho, da poesia, da história de cada um. Uma escola que neutralizasse os ranços tecnicistas, antihumanistas, antidemocráticas, quietistas.

Nessa perspectiva, em 2001, buscamos construir a escola de nossos sonhos. A escola autogestora, responsável, democrática, progressista, inclusiva, respeitadora dos diversos falares, libertadora, organizada e criticamente consciente. O novo modelo escolar teria que passar por mudanças radicais dos modelos fixados nas memórias. A conscientização dos membros da equipe seria o caminho da construção fora dos paradigmas existentes. Todos reflexivos e conscientes suggestionariam, num corolário de igual responsabilidade, e assumiriam as mudanças.

Foi assim que fomos aprendendo a mudar. Para ousar outros modelos, dentro da escola, é mesmo necessário ‘retirar sapatos’, despir-se de roupagens antigas, ousar caminhar por caminhos desconhecidos, perigosos, ter medos. Não dar para ousar tão perigosamente na solidão. Daí, o líder precisar amparar-se e estar junto aos outros membros da equipe num malabarismo de mostrar o novo e amparar-se no velho, ensinar e deixar a autoria com outrem.

Também tem isso na liderança: quando novos, ou outros, paradigmas são propostos por quem lidera, a ideia é que a coisa veio de cima para baixo e, sem ser analisada, é rejeitada. Compreendendo este fato, “o caminho para nossos projetos foi sempre o diálogo” (FREIRE, 2003, p. 23). Fomos dialogando e abrindo os espaços para que os colegas fossem, por meio da conscientização, repensando os velhos modelos inoperantes e improdutivos. Eram modelos como imagens fotografadas, nada inspiradoras nem adequadas à proposta de uma escola residencial com demandas específicas e desafios inusitados.

À guisa de exemplos: o ‘recreio’ praticado, há décadas, como um intervalo de tempo, um hiato, que divide o turno de escolarização. O que todos nós registramos, ao longo das nossas vivências escolares, foi um quadro meio esquizofrênico, no qual crianças e adolescentes lançam-se a aventuras desmedidas, correndo perigo de perder suas vidas, enquanto os docentes reunidos em alguma sala, conversam sobre moda, receitas culinárias, notícias sobre as pessoas da cidade etc. Temos registro, em nossa região, de muro de escola desabar durante o tradicional recreio e matar criança, sem um adulto educador por perto.

Outro exemplo: a inobservância do tempo real de aula, ferindo as exigências das Leis que regem a educação nacional, como a LDB 9394/96(BRASIL, 1996)¹¹. Nossa memória guarda modelos horríveis de turmas de estudantes soltos pelos corredores das escolas, enquanto docentes, sem nenhuma pressa, caminham papeando

¹¹Sobre este tema temos um estudo minucioso que será publicado em 2016, em espaço próprio.

como se não tivessem compromisso com vinte ou trintas pessoas estudantes.

Mais um exemplo: a conhecida tensão dos alfabetizadores durante o processo de aprendizagem da língua escrita pelas crianças, entre seis e oito anos de idade. Enquanto as crianças estavam testando suas hipóteses de escrita, os docentes alfabetizadores se neurotizavam ao ponto de causar desequilíbrio em toda estrutura escolar.

Esses exemplos, sem falar da falta de planejamento para as aulas e para outras atividades; da falta de referência de uma matriz epistemológica embasadora da práxis; da opressão com aqueles que não tinham como se defender; da indisciplina e desrespeito oriundos da falta de entusiasmo docente com os objetos cognoscentes; das grosserias dos discentes como resposta as dos docentes sem afetividade; da desintegração entre as disciplinas e da fragmentação dos horários de aulas; do desconhecimento e desrespeito do turno de fala; da falta de organização dos tempos e dos espaços, dentre tantas outras variáveis que vêm comprometendo a eficácia escolar.

Como mexer em paradigmas enraizados? O caminho que nossa gestão encontrou foi estudar com a equipe. Conscientizá-la. Refletir para que todos pudessem olhar, vendo o caos educacional e desejassem outras possibilidades de fazer escola. Assim, os temas em questão foram divididos entre os docentes e esses prepararam seminários até para públicos externos. À medida que cada componente ia se autorizando um especialista em uma área da gestão, ia fazendo as propostas. Ah! Proposta que emana de membros da equipe é cheia de força.

Assim, a ERTE chegou aos quinze (15) anos apresentando uma proposta de escola díspare da que está posta na sociedade. Seus estudantes sabem ouvir; seus docentes dirigem os momentos recreativos sem a necessidade da divisão do turno em antes e depois do 'recreio'; o tempo real de aula é cumprido no rigor do possível, com toda responsabilidade. Nenhum docente tem compromissos

enquanto em seu horário de aula, a não ser com seu próprio estudante; os alfabetizadores hierarquizam as dificuldades e compreendem quando os alfabetizando estão hipotetizando.

Da mesma forma, todas as aulas e atividades são planejadas e estratégias montadas, inclusive com planos B; Paulo Freire e as teorias convergentes foram eleitos como matriz referencial da prática; as mais tênues crianças são respeitadas em suas singularidades; a disciplina é reconhecida como produto da ordem e da gestão docente eficiente; a afetividade é reconhecida como facilitadora das relações; os projetos são interdisciplinares e os horários estendidos; o turno de fala pode ser explicado pelos mais novos estudantes; ainda que não sigam à risca, todos têm suas agendas e as possibilidades de organização temporal e espacial. Como dito na introdução, a ERTE está vivendo o possível da utopia.

6. Proporcionar amizades entre os colegas. A equipe se fortalece quando seus membros constroem relações saudáveis entre si mesmos

Agradeço aos meus colegas pelo apoio nas horas mais difíceis e especialmente às professoras Mery e Vilmaci, pela amizade verdadeira que construímos na ERTE. (Adilene Costa Almeida Santos, docente na ERTE desde 2001). (PEREIRA, 2011, p 35).

Não posso deixar de relatar a minha amizade pela Professora Sandra Martins, que trabalha junto comigo. Essa amizade surgiu na minha vida em momento muito difícil. (Eliane Costa Araújo, docente na ERTE desde 2001). (PEREIRA, 2011, p 36).

Escola é lugar onde se faz amigos.

(Paulo Freire)¹²

¹²Esta frase é parte de um texto maior "ESCOLA É" atribuído a Paulo Freire. No entanto,

Não é que fôssemos amigos de longa data. Conhecemo-nos apenas no último ano da escola. Desde esse momento estávamos juntos a qualquer hora. Há tanto tempo precisávamos de um amigo que nada havia que não confiássemos um ao outro. Chegamos a um ponto de amizade que não podíamos mais guardar um pensamento: um telefonava logo ao outro, marcando encontro imediato. Depois da conversa, sentíamo-nos tão contentes como se nos tivéssemos presenteado a nós mesmos. [...] Separamo-nos. Um aperto de mão comovido foi o nosso adeus. Sabíamos que não nos veríamos mais, senão por acaso. [...] E sabíamos também que éramos amigos. Amigos sinceros. (LISPECTOR, 1994, p. 107)

Propiciar uma ambiência onde os membros da equipe se conheçam e se relacionem, faz parte da visão mais alargada de uma gestão. Compete, portanto, ao gestor propiciar experiências relacionais ao seu grupo. Durante as vivências pontuais de autoconhecimento e conhecimento dos outros, relações vão se estabelecendo e a equipe se fortalecendo. A partir de uma equipe fortalecida fortalecem-se, também, a visão, a missão e os objetivos da instituição.

Pessoas solitárias, sem vínculos no ambiente de trabalho, dificilmente se entrosam nos projetos. Ficando de fora, sentir-se-ão excluídas e, maioria das vezes, fazem o percurso na contramão. Esse é um perigo para o progresso de uma gestão que se pretende coesa e proativa. Pessoas solitárias, sem referenciais de amor, dificilmente são fieis aos compromissos acordados no grupo.

Corroboramos Paulo Freire: Escola é mesmo lugar de fazer amigos. Não é simples, na visão macro do grupo, perceber e administrar os elos que vão se formando entre dois ou três componentes, ali; entre mais dois ou três, acolá. O fato é que as afinidades fazem as

não encontrei em nenhum dos seus livros, até onde foi minha pesquisa, nem na internet a referência.

aproximações e isso é muito bom. Contudo, gerenciar os interesses dos pares de amigos, dentro do grupo, requer imparcialidade do gestor. Sua demanda é reconhecer as afinidades, respeitá-las, sem permitir perdas para o todo.

Esse princípio de gestão é de singular importância porque a instituição se fortalece quando suas reuniões e celebrações tornam-se espaços de encontros das pessoas que se amam e que têm o que comunicar umas às outras. A instituição ganha ao ser o espaço escolhido quando o tempo é disputado com outros eventos. A instituição ganha porque entre seus próprios membros há apoio ao crescimento individual, há solidariedade, há vidas que se misturam nas lutas, nas cumplicidades. Quando em uma instituição há muitas pessoas que se gostam entre si, fazem melhor o trabalho e se complementam.

Muito bom de testemunhar, durante os primeiros quinze (15) anos da ERTE: nos casamentos, os padrinhos eram os colegas; nos aniversários, os ajudantes eram os colegas; nas perdas, os repositores eram os colegas; nos nascimentos dos filhos, os primeiros a chegar eram os colegas; nas formaturas, os que doavam e emprestavam eram os colegas; nos velórios, os que passavam as noites eram os colegas; nas inaugurações das casas, os chás eram feitos pelos colegas. Muitos colegas tornaram-se amigos. Caros amigos.

Somam-se também outros que não se permitiram, mas não deixaram de ver a amizade nascer e não conseguiram forças para destruí-la, ainda que desejassem. No triunfar das amizades sinceras, vimos pessoas tão contentes como se tivessem presenteado a si mesmas. (LISPECTOR, 1994, p. 107).

O princípio de fortalecer os liderados por meio do incentivo à construção de amizades, facilita, inclusive, o momento da saída do líder. Amparados nos elos criados e fortalecidos, os membros do grupo sentem-se apoiados uns nos outros e animados a prosseguirem suas trajetórias. Para tanto, impõe-se a necessidade do

gestor conduzir sua equipe de forma a alimentar as relações e as motivações individuais, subgrupais e do grupo macro, fazendo valer o espaço da comunicação clara e eficaz e do entendimento entre todos. Assim, a equipe fortalecida internamente, seus membros se valorizam e reconhecem-se uns aos outros, como pessoas em constante crescimento. Há o reconhecimento daqueles que mais se empenharam em galgar degraus mais altos do conhecimento e da própria administração escolar. Nisso se cumpre: “Um ao outro ajudou, e ao seu companheiro disse: Esforça-te.” (Isaías 41:6 BÍBLIA SAGRADA).

Na perspectiva do reconhecimento e da ajuda mútua, não há espaço para o sentimento de orfandade. Na seção seguinte, no último princípio de liderança aplicado à gestão educacional, será enfocada a difícil arte de fazer sucessão.

7. Pensar a sucessão desde o primeiro dia da assunção. O líder precisa saber a hora de passar o bastão

Eu nunca esqueci das reuniões com o corpo docente, a diretora sempre mencionava que um dia poderíamos ocupar outros cargos dentro da escola; mas não é que ela tinha razão? Aconteceu comigo. (Maryvane dos Santos Araújo, docente na ERTE desde 2002). (PEREIRA, 2011, p 69).

Na ERTE, começaram as leituras na minha vida, os cursos de formação continuada em serviço, e a vontade de aprender e crescer... Fui sentindo-me preparada... Sigo confiante de que esta escola é um projeto de Deus e que muitas décadas ainda vamos comemorar. (Vilmaci dos Santos Dias, docente na ERTE desde a fundação e atual gestora, em ação.) (PEREIRA, 2011, p 88 - 89).

Não busco discípulos para comunicar-lhes saberes. Os saberes estão soltos por aí, para quem quiser. Busco discípulos para neles plantar minhas esperanças. (ALVES, 2001, p. 11)

Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. (FREIRE, 2005, p. 10)

Como não poderia ser diferente, o sétimo e último princípio de liderança que defendo, nesse trabalho, diz respeito a passar o bastão, o poder, os ônus e os bônus de uma liderança. Passá-la de forma responsável. Passá-la com sugestões de sucessores que garantam o futuro melhor que o passado.

Parece ontem, mas são passados quinze (15) anos! Uma década e meia de grandes e inesquecíveis vivências. Um amor intenso vivido de forma extravagante. Nada, nem ninguém, pôde deter o exercício da paixão que minha alma nutriu pelos filhos e filhas camponeses que gestei no amor e na missão.

Deus fala. Naquele momento, falou-me através de dois sonhos em que mães grávidas me entregavam seus filhos e eu mesma estava grávida de muitas crianças. Era novembro de 2000. Que bom que Deus falou comigo. Engravidou-me de filhos de mães campestres. (PEREIRA, 2011, p. 11, 15)

Foram crianças e adolescentes, mas foram também companheiros de missão que fizeram parte da comunhão cotidiana inesquecível. Para passar o bastão em paz, temos que repousar a cabeça num justo travesseiro e responder a todas as perguntas que ele faz. O travesseiro não tem piedade. Ele acorda até o inconsciente e traz todos e todas, traz os momentos mais festivos e os mais tensos, para desfilarem ante nós e nos inquirir.

Para mim, tem sido extremamente gratificante não ter do que me envergonhar diante da inquisição da consciência e de Deus. A

orientação de Paulo ao seu filho na fé, Timóteo, foi “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar” (II Timóteo 2:15 – BÍBLIA SAGRADA). Desaprovo-me em minha condição humana limitadora, mas tenho paz sobre o que me veio às mãos para fazer porque minha memória registrou todas as vezes em que fui além de mim mesma.

Dentro da minha concepção de responsabilidade, o fui e o sou. A ERTE, suas crianças, seus adolescentes, seus servidores missionários, estão em mim de forma intrínseca. Deixá-la seria deixar um dos filhos que saíram de minha madre. Não há como! Contudo, desde o dia de sua inauguração e minha assunção na sua direção, em janeiro de 2001, estive com os olhos abertos e os ouvidos atentos e disponível para, se por acaso, Deus quisesse comunicar a mim sobre os continuadores da ERTE, ser o instrumento do anúncio.

Aprendi, nos diálogos com o Pr. Marcos Monteiro, que desocupar lugares é fazer a vontade de Deus, também. É compreender que não somos insubstituíveis. É ter a consciência que a causa é maior que nós e que há outros tão chamados quanto nós que precisam dos espaços vazios para se desenvolverem e crescerem. Desocupar espaços é exercitar a fé no Deus que pregamos e ensinamos aos outros a crerem.

Perder o time é um perigo! Inumeráveis excelentes gestores, enquanto produtivos, acertaram tudo, mas não acertaram o passo da saída. Outros pensaram em tudo, menos nos sucessores. Parece que alguns se sentiram imortais, “inabusáveis”, ou seja, pessoas de quem os outros nunca se abusariam.

Estou firme em minha vocação. Pronta para qualquer reinício, mas no tocante à gestão da ERTE, está na hora de passar o bastão. Hora bela. Equipe fortalecida. Lideranças jovens com visão alicerçada. Pessoal firme nas convicções e na missão. Hora bela da ERTE contar comigo nas campanhas externas, nos estudos com os egressos, nas propagandas na zona rural etc. Sempre critiquei os que não souberam sair. Chegou a minha vez. Peço a ajuda de Deus para testemunhar, com palavra clara e lúcida, o que vi dEle entre os

camponeses.

Paulo Freire alicerçou todo o seu discurso libertador e progressista nas experiências que viveu à frente do Serviço Social da Indústria (Sesi), de Pernambuco, durante dez anos. Ele mesmo afirmou, no ano de 1959: “Foram dez anos de intimidade com o operário do Recife. Foram anos de leituras, estudos e observações que fundamentaram, repetamos, muitas das afirmações que fazemos.” (FREIRE, 2003, p. 24).

A partir de 2016, enquanto o fôlego de vida palpar em meu corpo, minhas mãos conseguirem escrever e minha voz se fizer ouvir, direi todas as coisas alicerçada na experiência de quinze (15) anos de gestão na ERTE. Desse lugar falarei e escreverei, de maneira feliz e satisfeita.

Palavras finais

Abro parênteses para falar da equipe diretiva dessa instituição que, durante mais de dez anos, foi uma referência de dedicação, amor, responsabilidade, doação, organização, honestidade e tantas outras qualidades que poderíamos atribuir-lhes. (Maria da Conceição Trindade Pellegrini, docente na ERTE desde a fundação). (PEREIRA, 2011, p 33).

Combati o bom combate. Acabei a
carreira e guardei a fé!

(Paulo, o apóstolo. II Timóteo 4: 7,
BÍBLIA SAGRADA)

Paulo, o apóstolo, viveu 62 anos. Nasceu no ano 05 e morreu em 67 depois de Cristo. Todo seu ministério, possivelmente, não tenha chegado a vinte anos, mas foi inteiro no cumprimento da missão. Grande exemplo e desafio para todos os continuadores da boa obra. Combate significa luta contra obstáculos. Paulo afirma que seu

combate foi bom porque foi a favor do bem e da verdade. O combate da ERTE foi, em minha gestão, e continuará sendo bom combate por se tratar de uma luta contra o mal, contra a ignorância, contra a consciência ingênua, contra a má vontade dos poderes públicos governamentais, contra a intolerância, contra o êxodo rural, contra o analfabetismo, contra o preconceito linguístico, contra a má educação, contra a fragmentação do ser, contra a tudo que dispersa, portanto, contra o diabólico¹³.

Carreira significa: esfera de atividade, extensão de atribuições e corrida veloz. Acabar uma carreira, para mim, significa um ponto e vírgula, uma pausa para novos recomeços. Significa dizer: fiz tudo que era para ser feito por mim, num dado espaço de tempo. Durante o percurso, muita coisa precisou ser feita, muitas lutas tiveram que ser enfrentadas, tudo foi feito, da forma como eu poderia fazer, sendo eu. Eu com minhas limitações e possibilidades. Eu, com minha fé e minha humanidade frágil e escorregadia. Da minha forma, no meu tempo, acabei a carreira na gestão da ERTE.

Durante a carreira busquei a fidelidade à missão, sustentando a visão e perseguindo os objetivos. A fé está guardada. Fé nos realmente grandes – os esfarrapados deste mundo; fé no caminho que não tem volta – caminho da missão; fé de que deixar o cargo não é deixar a experiência de imersão; fé na educação como possibilidade do ser humano exteriorizar sua beleza interior; fé no poder do sopro de Deus; fé na amizade e nos amigos; fé na teimosia; fé no Deus que fala; fé no financiamento Divino e fé no testemunho.

Entre os elementos constitutivos do testemunho, que não variam historicamente, estão a coerência entre a palavra e o ato de quem testemunha, a ousadia do que testemunha, que o leva a enfrentar a existência como um risco permanente, a

¹³Segundo Leonardo Boff, diabólico provém de dia-bállein. Significa: lançar coisas para longe, de forma desagregada e sem direção. É tudo o que desconcerta, desune, separa e opõe. (BOFF, 1998, p.12).

radicalização, nunca a sectarização, na opção feita, que leva não só o que testemunha, mas aqueles a quem dá o testemunho, cada vez mais à ação. A valentia de amar que, segundo pensamos, já ficou claro não significar a acomodação ao mundo injusto mas a transformação deste mundo para a crescente libertação do homem. A crença no [povo, no Brasil]. Todo testemunho autêntico, por isso crítico, implica ousadia de correr riscos. Um testemunho que, em certo momento e em certas condições, não frutificou, não está impossibilitado de, amanhã, vir a frutificar. É que, na medida em que o testemunho não é um gesto no ar, mas uma ação, um enfrentamento, com o mundo e com os homens, não é estático. É algo dinâmico, que passa a fazer parte da totalidade do contexto da sociedade em que se deu. E, daí em diante, já não pára. (FREIRE, 1987, p. 175 – 176)

A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio chegou aos quinze (15) anos como testemunho. Já está na eternidade! Não deverei fazer nenhum pedido aos que me sucederão. O próprio Deus dará a orientação para cada novo tempo. Mas devo dizer-lhes que sinto-me contente e saciada interiormente porque:

Amei, extravagantemente, as crianças e os adolescentes do campo.

Coloquei a missão acima de todo interesse pessoal, individual.

Não contaminei minhas mãos.

Confiei inteiramente nos meus companheiros.

Disponibilizei o que consegui construir de conhecimento.

Venci a preguiça.

Busquei ao Senhor Deus, Pai do Salvador Jesus Cristo, que trabalha por meio do Espírito Santo.

Catalogar os erros e os acertos, tem igual relevância para que esta escola continue a abençoar meninos e meninas da zona rural, firmando-se como um espaço onde brotam a educação integral, a afetividade, a liberdade de pensamento e a

criatividade.

**(Nalva Oliveira Gomes, coordenadora na ERTE desde a fundação)
(PEREIRA, 2011, p 77).**

Jaguaquara, maio de 2015.

Referências

ALVES, Rubem. Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. Conversas sobre educação. Campinas, São Paulo: Verus, 2003.

_____. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. 7.ed. São Paulo: Papirus, 2004.

ASSIS, Machado. A agulha e a linha. In: Para gostar de ler – Contos universais. São Paulo: Ática, 1984.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Metodologia de Pesquisa das Crenças sobre aprendizagem de Línguas: Estado da Arte. In: Rev. Brasileira de Lingüística Aplicada, v.1, n.1, 71-92, 2001.

BEAL, George, BOHLEN, Joe & RAUDABAUGH, J. Neil. Liderança e dinâmica de grupo. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1972.

BÍBLIA SAGRADA on line: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/ex/3>.

BOFF, Leonardo. O despertar da águia. O dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BONDER, Nilton. Tirando os sapatos. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

BRASIL. Paulo Freire contemporâneo. – TV Escola – v. III. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. www.mec.gov.br. Brasília: MEC, 2007.

BRASIL. Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília; MEC, 1996.

CHALITA, Gabriel. A escola dos nossos sonhos. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

COMENIUS, Didática Magna. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREIRE, Paulo & BETTO, Frei. Essa escola chamada vida. 2. ed.

São Paulo: Ática, 1985.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *A importância do ato de ler*. 29. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. *Educação e atualidade brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2003.

_____. *Pedagogia da esperança*. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HUNTER, James C. *O monge e o executivo – Uma história sobre a essência da liderança*. 19 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

LE GOFF, Jacques. *História e memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LISPECTOR, Clarice. In: *Elenco dos cronistas modernos*. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994.

PEREIRA, Sonilda Sampaio Santos.(org) *ERTE por um ser integral*. Jequié: Editora Ponto e vírgula, 2011.

PEREIRA, Sonilda Sampaio Santos. *Projeto de extensão da UESB: Demandas da Pedagogia de Alternância*.

<http://sigproj1.mec.gov.br/resultado.consulta.php?bedital=343>http://sigproj1.mec.gov.br/apoiados.php?projeto_id=65618. 2001 – 2015.

PERRENOUD, Philippe. *10 novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet (1599 e 1601)* Tradução de SILVA RAMOS, Péricles Eugênio da. Editora Abril, 1976.

SILVEIRA, Nise. *Jung – Vida e obra*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

UMA PROPOSTA PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO QUE CONSIDERA A PEDAGOGIA DE ALTERNÂNCIA, O RECREIO PEDAGÓGICO E A FORMAÇÃO DE LÍDERES

Vilmaci dos Santos Dias¹⁴

Buscando uma introdução a partir da pedagogia de alternância

Há quinze (15) anos militamos numa ambiência educacional que recebe crianças e adolescentes oriundos da zona rural de Jaguaquara e cidades circunvizinhas. Atualmente estamos com uma matrícula efetiva de quatrocentos e setenta e um (471) estudantes, divididos em dois grupos, atendendo do 1º ao 9º ano do ensino fundamental de 9 anos.

No ano de 2001 iniciamos uma experiência de educação do campo inovadora para Jaguaquara e região. Inauguramos, no campus do centenário Colégio Taylor-Egídio, a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE), uma unidade de ensino que funciona com a pedagogia de alternância, em regime de internato. Essa pedagogia

tem como perspectiva uma educação formal para campestres vinculada a realidade rural, uma vez que a “LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº9394/96 promove a desvinculação das escolas rurais dos meios e da performance escolar urbana, exigindo para a primeira um planejamento interligado à vida rural e de certo desurbanizado. (LEITE apud PEREIRA, 2008, p. 154)

¹⁴Professora da ERTE desde a fundação, em 2001. Tendo regido classe no ensino fundamental I e II, atualmente está em exercício de gestão juntamente com a equipe diretiva. Licenciada em Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Professora efetiva da Rede Municipal de Ensino, lotada na Escola Rural Manoel Lírio da Costa.

Os estudos de Pereira (2008), embasados em Gimonet (1999), apresentaram os nascedouros da pedagogia de alternância, na França e no Brasil. Aqui destacamos:

Esse sistema educacional em modalidade de alternância não é novidade no Brasil. Aqui chegou por volta dos anos 60. Nasceu na França em 1935, a partir da iniciativa de três agricultores, dentre eles o presidente do Sindicato Rural, Senhor Jean Peyrat, e o Padre Granerau. A Pedagogia de Alternância foi batizada na França, de A Casa Familiar de Lauzum, dois anos mais tarde. Porém, só 25 anos depois uma lei francesa a reconheceu como modalidade pedagógica de alternância (GIMONET apud PEREIRA, 2008).

Dessa forma e nessa perspectiva, emergiu a ERTE. Desde o princípio apresentando sua vocação para a pedagogia libertadora e progressista de Paulo Freire. Consideramos que esse teórico pode dialogar com a pedagogia alternante porque

A importância maior da Pedagogia de Alternância reside no fato de que ela possui os princípios da pedagogia freiriana, mas com uma metodologia adaptada às condições do meio rural. Tem como ponto central a relação trabalho – escola, que no contexto do campo é essencial e constitui como ponto de partida para uma prática educativa enraizada na cultura, nos valores, nos saberes, nas práticas sociais, inclusive nas práticas produtivas dos camponeses. Permite a integração entre o trabalho produtivo e a educação. (DAMASCENO, apud PEREIRA, 2008, p. 161).

Assim, a Pedagogia da Alternância é uma das poucas propostas de educação rural voltada para desenvolvimento integral da criança, do

adolescente e do jovem do campo. Verificamos que, indiretamente, essa pedagogia possibilitou melhoria da qualidade de vida nas famílias e na comunidade onde está inserida. Não se atém apenas a temas rurais, mas também urbanos, garantindo na proposta a sua integralidade.

Com essa pedagogia, todos exercem seu importante papel na construção da qualidade da educação. Mas, a nós educadores, confere uma responsabilidade muito grande: discutir a realidade presente no dia a dia da escola e criar condições para que haja uma interação entre a prática pedagógica e a realidade do estudante e, dessa forma, adotar a Pedagogia da Alternância como uma prática de educação que promove o ensino, a aprendizagem e a própria vida.

Desse modo, a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE), nos moldes da pedagogia de alternância, com suas especificidades, tornou-se objeto de estudo de muitos mestrados e doutorados, no Brasil e no exterior. Contudo, foi colocada na mesa, em primeira mão, por sua primeira gestora, a pesquisadora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Sonilda Sampaio Santos Pereira, desde 2001, ano de sua inauguração e, coincidentemente, ano da consolidação e divulgação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (BRASIL, 2002).

Observamos que simultaneamente ao nascimento da ERTE, em Jaguaquara - Bahia, em 2001, solidificava-se, no Brasil, nas políticas públicas federais e estaduais, os fundamentos jurídicos da educação do campo, conforme vemos com Carlos e Vicente (2011). Isso tudo aponta para o fato da ERTE ser a escola dos sonhos. Ter nascido com vocação e proposta de ser espaço para o repassar os fenômenos educacionais que acontecem de dentro da escola.

A partir de sua vocação, a ERTE pensou, dentre outros fenômenos, o momento do recreio. Na tentativa de também contribuir na construção da escola dos sonhos, enquanto docente, estudei o recreio tal qual acontece nas escolas e busquei uma alternativa.

1. Recreio escolar em outra possibilidade

O labutar no dia a dia numa escola residencial tem suas singularidades que, para a formação do ser, de forma integral e cidadã, demanda organização, doação e negação de algumas práticas corriqueiras do modelo de escola que temos no Brasil desde sempre.

Uma das nossas inquietações foi o momento do recreio. Com tudo a que a ERTE se propunha, não poderíamos conceber aquele recreio solto, das 10:00 h e das 15:00 horas, em que se ouvia muita gritaria e xingamentos, meninos e meninas soltos, brigando, e ao retornarem para suas salas, estavam suados e agitados. Então, o docente perdia um tempo de 15 a 30 minutos até que todos se acalmassem para que fosse possível retomar a aula planejada, quando conseguia.

Parti, pessoalmente, para a busca de embasamento sobre o referido recreio. Não encontrei. Sem referencial teórico, debruicei-me a pesquisar em revistas, internet e outros. Continuei sem encontrar. Recreação, sim, encontrava, mas o recreio tal qual acontece nas escolas da educação básica, não havia referência.

Daí, busquei a concepção ou significação da palavra recreio. Nos dicionários, a acepção comum é: Recreio origina-se da palavra recrear que significa proporcionar recreio ou prazer a; sentir prazer ou satisfação; divertir-se. Dessa definição, depreendo que é tarefa da escola oferecer um espaço rico para que esse momento ocorra.

No entanto, tradicionalmente, esse é um momento em que os estudantes ficam livres para correr, pular, jogar bola, bater, apanhar, cair, descansar, ou até, morrer, como testemunhamos em município próximo. Esse recreio solto, não planejado, traz muitas implicações, entre outras posso citar: brigas, barulho, agressividade, reclamações, discussões, tombos, machucões e ansiedade. São brincadeiras sem regras e violentas que ocasionam portas, janelas e torneiras quebradas, lanche inviabilizado e isolamento de alguns estudantes.

Pode-se, até, pensar que o recreio escolar seja o momento mais esperado de todas as crianças e adolescentes, mas não é assim. Em

minhas pesquisas, vi o contrário. Há muitos que se sentem desprotegidos durante esse intervalo. São os menores que buscam se proteger ficando perto da porta da sua sala, próximo à sala dos professores ou da direção, e logo que o 'apito' do final do recreio soa, correm para frente da porta da sala dos professores para aguardar sua professora. Outros, por não se destacarem nos esportes, não são convidados para jogar; outros ainda, são provocados e/ou discriminados.

Na tentativa de minimizar esses problemas e proporcionar aos nossos estudantes um momento lúdico e prazeroso, propus a alternativa do recreio dirigido ou pedagógico. Na ERTE, enquanto um espaço concreto de estudos e testes de hipóteses pedagógicas, apresentei minhas pesquisas e, juntamente com toda equipe docente, experimentei o recreio dirigido ou pedagógico com o objetivo de tornar este espaço – tempo ordenado, por meio de jogos dirigidos e com a participação de professores e alunos.

Como em todo lugar de humanos, houve e há resistências, contudo trata-se de uma possibilidade de recreio de suma importância para o professor, para o estudante, para a equipe gestora e para a escola como um todo que deve ser coeso e colaborativo. Assim como a Ordem dos Jesuítas, no século XVI, valorizava o contato contínuo e pessoal entre educando e educador, o educando nunca estava só, era seguido por toda a parte, inclusive no recreio, porque essa Ordem apoiava-se no princípio que considerava o contato contínuo e pessoal entre o educando e educador, indispensável para boa educação (DURKEIM, 2002). Assim, deve valorizar, hoje, esse acompanhamento durante o recreio escolar.

Segundo a ordem dos Jesuítas (DURKEIM op cit), assim como todas as atividades escolares se direcionam para educação de cidadãos, o recreio orientado também se torna uma atividade pedagógica, organizada e dirigida com o objetivo de extinguir maus comportamentos e criar bons hábitos. O recreio organizado é melhor aproveitado, visto que o processo de aprendizagem não é interrompido, mas se torna constante.

O fato do recreio ser considerado, também, “efetivo trabalho escolar” não é um entendimento novo. Já foi adotado desde a implantação da Lei nº 5.692 – de 11 de agosto de 1971, publicada no Diário Oficial da União de 12 de agosto de 1971, que fixava as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e continuou na mesma perspectiva nos avanços da referida Lei, sob o nº 9.394/96. Dez anos após, em 2006, o Conselho Nacional de Educação, no Parecer nº 261/2006, declarou que o recreio faz parte da atividade educativa e, como tal, se inclui no tempo de trabalho escolar efetivo.

Diante disso, o recreio não deve ser um momento ocioso, mas deve ser planejado com intuito de promover o crescimento integral e a formação de hábitos sadios (GAELZER, 1979) porque não é somente a sala de aula o lugar de aprender. Tenho observado que o pátio e a área da escola são lugares de aprender, e têm papel essencial na formação da criança, do adolescente e do jovem. Mas, não sendo bem planejado, pode resultar em algazaras e brigas. Tentando perceber, que transformar o recreio em lugar de aprendizagens, onde a indisciplina é reduzida, é mais fácil do que imaginava.

Assim, observando o que diz a Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, em seu artigo 34, “a jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola” e, também apoiada em minhas observações, comecei a socializar com a direção, coordenação e docentes a possibilidade da ERTE organizar-se para, em unanimidade, funcionar com o recreio pedagógico.

Estava ajudando a construir a escola dos sonhos. Começava a implementar o recreio com recreação legítima onde a ludicidade estava presente e facilitava o processo de aprendizagens. Cada docente, de plantão no momento do recreio, exercia sua liderança e, juntamente com sua turma, decidia o que seria o melhor, inclusive quanto ao horário que não precisaria ser, necessariamente, nos horários convencionais das 10:00 h ou das 15:00 horas. Assim, dia a dia, fomos construindo o recreio pedagógico na ERTE, concebendo a

ludicidade, o jogo e a brincadeira como facilitadores de todas as aprendizagens.

Na construção da escola dos sonhos, os educadores devem garantir, aos estudantes, a ludicidade, garantindo tempos e horários organizados e diferenciados; elegendo a alegria, o prazer, a diversão, a ordem e o bem estar como possibilidades a serem vivenciadas dentro da escola.

Nessa defesa, e consolidando uma prática exitosa de recreio pedagógico com estudantes camponeses imersos na educação integral, no modelo pedagógico de alternância, a ERTE ousou em 2006, cinco (5) anos após sua fundação, empreender esforços e preparar o evento Reflexões Pedagógicas para educadores de Jaguaquara e cidades vizinhas.

No referido evento, apresentei os estudos e as práticas sobre o recreio pedagógico, na oficina sob o título: Recreio dirigido – mais do que um intervalo escolar. Educadores de todas as redes de ensino, inconformados, ávidos por mudanças, ouviram com atenção e responderam positivamente à proposta. Não posso falar o mesmo sobre a prática em suas diversas escolas, porque não dou conta de fazer o acompanhamento para verificar a aplicabilidade, ou não, da proposta.

Por essa e por outras iniciativas, a ERTE foi constituindo-se um grande espaço de aprendizado. Desde a sua fundação, a experiência tem sido de uma vivência de gestão participativa e democrática, em todos os aspectos de sua organização. Sempre houve a participação efetiva dos vários segmentos da comunidade escolar: pais, professores, estudantes e funcionários. Essa participação ativa incidiu, diretamente, nas mais diferentes etapas da gestão (planejamento, implementação e avaliação).

Um exemplo dessa participação é a construção e reconstrução do Projeto Político Pedagógico (PPP), ao longo dos quinze (15) anos. Todos participam dando suas contribuições de próprio punho. Só a partir dessas contribuições, a direção conclui o trabalho coletivo de escrita. E assim, também, ocorrem os processos pedagógicos de

natureza burocrática.

É dessa forma que vem caminhando a escola camponesa, com pedagogia de alternância. Todos participando e as inovações emergindo dos membros do grupo. Eu fui responsável pelos estudos e proposta de outro modo de fazer recreio. Saliento que essa perspectiva de gestão ampara-se na Constituição Federal de 1988, no Capítulo III, Seção I, artigo 206, alínea VI¹⁵, que aponta a gestão democrática como um dos princípios para a educação brasileira e ela é regulamentada por leis complementares e específicas, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 (LDB), no seu artigo 12¹⁶.

Então, pelos caminhos da pedagogia de alternância, num repensar constante de minha prática docente, inclusive desafiada a pesquisar sobre o recreio, dentre outros fenômenos da educação, fui me formando e aprendendo docência e gestão escolar.

¹⁵VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei.

¹⁶LDB 9.394/96

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

- I - elaborar e executar sua proposta pedagógica;
- II - administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;
- III - assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;
- IV - velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;
- V - prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;
- VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;
- VII - informar pai e mãe, conviventes ou não com seus filhos, e, se for o caso, os responsáveis legais, sobre a frequência e rendimento dos alunos, bem como sobre a execução da proposta pedagógica da escola;
- VIII - notificar ao Conselho Tutelar do Município, ao juiz competente da Comarca e ao respectivo representante do Ministério Público a relação dos alunos que apresentem quantidade de faltas acima de cinquenta por cento do percentual permitido em lei.

2. Do crescimento profissional à liderança efetiva, a partir do exemplo

No decorrer de uma década e meia, fui aprendendo, na condição de liderada, por meio da observação direta, que o trabalho do gestor escolar se assenta e se fortalece em sua capacidade de influenciar as pessoas da comunidade educacional, tais como: professores, funcionários, alunos, pais e amigos da escola. Percebi que só assim pode haver uma inteira efetivação do trabalho educacional proposto. Essa proposta de gestão efetiva se vive, diariamente, no chão da ERTE. Admirável e plausível é a forma como a gestão, dos primeiros quinze (15) anos dessa escola, dividiu atribuições com responsabilidade e os liderados, com a mesma responsabilidade, dentro das possibilidades pessoais, responderam aos desafios. A liderança presencial ocasionou a concretização de metas. Cada meta tornou-se concreta, palpável, real e edificante.

Vendo a gestão acontecer, mesmo ainda nos anos iniciais de minha experiência profissional, fui aprendendo, em serviço, a rotina administrativa. Assim, no ano de 2013, comecei, com horários bem restritos, a colaborar com a gestão da ERTE e, atualmente, estou de forma direta e com maior carga horária, ajudando a fazer a gestão geral. Sinto-me contribuindo para a permanência dessa escola dos sonhos, ao dar continuidade ao modelo de gestão de excelência, participativa, democrática, firme em propósitos, que trabalha com antecedência, cumpre o planejado em horários determinados, anima e respeita os pares e se submete ao senhorio de Deus.

Dediquei-me a leituras sobre gestão, sobre os programas estaduais e federais, sobre os projetos educacionais. Li e apropriei-me do Regimento interno, do Plano de ação, do Projeto Político Pedagógico, do Plano de avaliação, monitoramento e intervenção e da Matriz curricular com seus componentes e conteúdos propostos.

Da mesma forma, dediquei-me ao estudo do estatuto do magistério e, especialmente, das atribuições do diretor escolar. Precisei

pesquisar, e continuo pesquisando, sobre os sistemas de matrículas, censos, processos de compras e administração de recursos materiais e financeiros. Busquei compreender o Sistema de Gestão Escolar (SGE) da Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC-BA), orientado pela Portaria nº 2.906 de 08 de abril de 2011. O SGE é uma importante ferramenta para o trabalho das escolas, conforme pode-se ver na fragmentação abaixo de uma carta aberta do Secretário da Educação à comunidade escolar do Estado da Bahia, em 31 de janeiro de 2012:

O SGE é uma ferramenta gerencial para a rede pública estadual de ensino da Bahia, criada em ambiente web, que facilita a administração escolar no que diz respeito à execução, acompanhamento e controle de suas atividades afins, permitindo, assim, a atualização em tempo real da base de dados gerenciais da Secretaria de Educação do Estado. Com o novo sistema serão integradas as informações de todas as escolas da rede estadual de ensino, evitando distorções no planejamento da educação e permitindo a identificação da demanda real de vagas nas escolas, o controle do transporte escolar, a padronização dos documentos escolares emitidos pelas escolas e a eficiência na gestão de cada uma das escolas. (Disponível em <http://canaldirec28.blogspot.com.br/2012/01/carta-aberta-comunidade-escolar-jornada.html>)

Dentre os benefícios que percebo no SGE, posso citar: eficiência, qualidade e integração na gestão de ensino; atualização permanente das informações no sistema; pontualidade no envio de informações das escolas para os diversos setores do órgão central; aumento da produtividade de informação da escola para os órgãos superiores como Núcleo Regional de Educação e Secretaria Estadual de Educação; melhoria na qualidade do atendimento à comunidade escolar; apoio nas decisões; acesso rápido às informações

gerenciais. Como também alimentação online dos programas: PDDE, Mais Educação e outros.

Nessa experiência de gestão educacional, tenho aprendido que é preciso participação de todos e antecedência no planejamento, bem como o cumprimento do planejado; e, objetivando o bom andamento de cada ano letivo, o calendário escolar, com datas das alternâncias dos estudantes camponeses e todas as atividades administrativas e pedagógicas a serem desenvolvidas no ano subsequente, são planejadas, no mais tardar, até o mês de outubro do ano em curso. Observo que com o planejamento elaborado, fica bem mais fácil a rotina do trabalho gestor. Assim, corroboro que

O planejamento passa a ter, então, um conjunto de instrumentos técnicos a serviço de uma causa política. Seu escopo é obter a participação co-responsável e consciente das maiorias a favor de mudanças estruturais. A co-responsabilidade dessas maiorias atinge também o processo decisório. A serviço dessas decisões, e buscando atingir seus objetivos de maneira mais rápida, racional e eficaz, é que se colocam as técnicas de planejamento [...] O planejamento participativo no âmbito da escola implica reavivar continuamente o processo de reflexão e ação da coletividade (da comunidade escolar). Implica ainda a busca da identidade institucional, ou seja, da identidade construída e reconstruída pela coletividade. (VIANNA, apud SILVA, 2015, p. 4)

Logo, insiro o planejamento consciente, e sua execução, como fundamentais para a excelência da gestão numa escola camponesa, residencial com pedagogia de alternância. Também afirmo que a vida no campo ensina, e que a criança, o adolescente e o jovem camponeses precisam de acesso à escola de qualidade, de valorização e respeito às suas singularidades. A partir da ERTE, afirmo que a pedagogia de alternância é uma excelente possibilidade para a educação das pessoas que vivem no campo.

Buscando uma síntese

A pedagogia de alternância é uma possibilidade educacional porque nela não há tempo “perdido” nos longos percursos de ida e volta para as escolas na zona rural; a evasão é mínima porque os alunos são residentes; a urbanização da educação camponesa não ocorre, em alta escala, porque todo enfoque da escola residencial do campo é o próprio campo. Assim a pedagogia de alternância, no Brasil, vem ganhando espaços e o Ministério da Educação, abrindo possibilidade e aprovando as iniciativas existentes:

MAPA I – APLICAÇÃO DA PEDAGOGIA DE ALTERNÂNCIA NO BRASIL



FONTE: <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/salvacao-lavoura-497826.shtml>

No bojo das trinta e duas (32) escolas alternantes, no Estado da Bahia, está a ERTE, localizada na região Sudeste. Escola que tem feito a diferença com sua prática sociointeracionista, libertadora, integral e cristã, seguindo os postulados do educador nordestino, Paulo Freire, ao orientar uma pedagogia geradora da autonomia (FREIRE, 2003).

Militamos, a cada dia, defendendo a educação pública de qualidade.

Cremos, veementemente, a rotina da escola pode ser organizada, calma, sem barulhos estridentes, sem desordem e proativa. Por isso, dentre outras coisas, levantamos a bandeira de que o momento do recreio pode ser diferente de tudo quanto já vimos em nossa caminhada. Pode, sim, ser um momento prazeroso e com participação de todos.

Também afirmamos, convictamente, que a escola anda bem, tem bons resultados, quando a gestão é democrática, onde a direção consegue gerir de forma participativa e transparente, valorizando o humano como ser integral, e proporcionando formação continuada em serviço, a todos servidores do âmbito escolar e, sobretudo, responsabilizando a cada um docente e a cada um servidor pelo todo, num clima de cooperação, respeito, dignidade e integridade.

A escola com que sempre sonhei e ajudei a construir é a ERTE. Mesmo com limitações, tem sido referência na cidade, na região, no Estado. As pessoas que a visitam saem encantadas com tudo que veem, ouvem e sentem. Eu creio, meus colegas creem, nós cremos, nossas relações testemunham: estamos no caminho certo.

Referências:

BAHIA. Portaria nº 2.906/2011. Secretaria Estadual da Educação. Portaria de 08 de abril de 2011. Disponível em:

http://www.sec.ba.gov.br/sge/arquivos/PORTARIA_N_2906_diario_de_classe_1.pdf. Acesso em 23 de junho de 2015.

BAHIA. Carta aberta do Secretário da Educação. Secretaria Estadual da Educação. 31 de janeiro de 2012. Disponível em:

<http://canaldirec28.blogspot.com.br/2012/01/carta-aberta-comunidade-escolar-jornada.html>. Acesso em 23 de junho de 2015.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus. Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Lei de 05 de dezembro de 1988. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº

9.394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo. Brasília: CNE/MEC, Resolução nº 01 de 3 de abril de 2002.

BRASIL, Parecer nº 261/2006. Conselho Nacional de Educação de 2006.

CARLOS, Erenildo João e VICENTE, Dafiana do Socorro Soares. Fundamentos jurídicos da educação do campo: rascunhos e achados de pesquisas. In: BATISTA, Maria do Socorro Xavier. Movimentos sociais, estado e políticas públicas de educação do campo: pesquisas e práticas educativas. João Pessoa: Editora Universitária da UFBR, 2011.

DAMASCENO, M. N. In: PEREIRA, Sonilda Sampaio S. Educação campestre e pedagogia de alternância: possibilidades de uma educação formal integral na zona rural do município de Jaguaquara – Bahia. Práxis Educacional. Dossiê Temático: Formação Docente. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista. Vol.4, nº4, jan/jun.2008.

DURKHEIM. Educação e Sociologia. 11.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GALZER, L. O recreio na escola de primeiro grau. 2. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1979

GIMONET, J. C. Nascimento. In: PEREIRA, Sonilda Sampaio S. Educação campestre e pedagogia de alternância: possibilidades de uma educação formal integral na zona rural do município de Jaguaquara – Bahia. Práxis Educacional. Dossiê Temático: Formação Docente. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista. Vol.4, nº4, jan/jun.2008.

LEITE, Sérgio C. In: PEREIRA, Sonilda Sampaio S. Educação campestre e pedagogia de alternância: possibilidades de uma educação formal integral na zona rural do município de Jaguaquara – Bahia. Práxis Educacional. Dossiê Temático: Formação Docente.

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista. Vol.4, nº4, jan/jun.2008.

PEREIRA, Sonilda Sampaio S. Educação campestre e pedagogia de alternância: possibilidades de uma educação formal integral na zona rural do município de Jaguaquara – Bahia. Práxis Educacional. Dossiê Temático: Formação Docente. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista. Vol.4, nº4, jan/jun.2008.

VIANNA. In: SILVA, Marta Leandro da. Planejamento Escolar na perspectiva democrática. Disponível em:

https://www.ufpe.br/ceadmoodle/file.php/1/coord_ped/sala_3/arquivos/Planejamento_Escolar_na_perspectiva_democratica.pdf . Acesso em 23 de junho de 2015.

REFLEXÕES SOBRE DOCÊNCIA

**DAS ATIVIDADES METALINGÜÍSTICAS ÀS PRÁTICAS
REFLEXIVAS SOBRE A LÍNGUA MATERNA
UM ESTUDO NAS TURMAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA ESCOLA ESTADUAL RURAL
TAYLOR-EGÍDIO**

Hildacy da Silva Mota Dias¹⁷

Sonilda Sampaio Santos Pereira¹⁸

Resumo: Este trabalho busca apresentar uma reflexão crítica e denunciadora sobre as atividades normativas desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa, com estudantes camponeses do ensino fundamental, no período de 2001 a 2011, da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, escola residencial com pedagogia de alternância em Jaguaquara – Bahia, cujo retrato foi apresentado na pesquisa longitudinal desenvolvida por Pereira (2013). O retrato da década (2001 – 2011) refletiu resultados de não-aprendizagem da língua materna pela inadequação das atividades utilizadas em sala de aula que valorizavam exercícios metalingüísticos para identificação e classificação de categorias gramaticais, ancorados no ensino normativo que pressupunha um aluno não sabedor da língua e, por isso, debruçava-se a ensinar teoria gramatical e regras. Os resultados de ano a ano divergiram e não seguiram uma ascendência no tocante

¹⁷Graduada em Letras Vernáculas e Pós-graduada em Linguística e Ensino-aprendizagem de Português como Primeira e Segunda Línguas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié. Docente do componente curricular Língua Portuguesa na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio.

¹⁸Orientadora. Professora Assistente da disciplina Linguística Aplicada, na graduação, e de Teorias Linguísticas e o Ensino-aprendizagem de Línguas, na Pós-graduação em Linguística e Ensino-aprendizagem de Português como Primeira e Segunda Línguas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié. Gestora do Projeto de Educação Integral da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, desde 2001.

à aprendizagem. A problemática que desencadeou este estudo foi: qual a relação entre as atividades desenvolvidas nas aulas de língua materna e a aprendizagem dos estudantes camponeses? A partir disso, estabelecemos os objetivos: 1º estudar sobre o ensino da língua portuguesa para falantes nativos; 2º formular e aplicar atividades com perspectivas pedagógicas e linguísticas humanizadoras, progressistas, de consciência ética, interativas e respeitadoras da cultura e da identidade camponesas; 3º comparar, reflexivamente, os resultados da década 2001 – 2011 com os resultados das experiências atuais. Amparamos-nos teoricamente, dentre outros, nas questões fundamentais para o ensino da gramática (TRAVAGLIA, 2009) e na perspectiva da sociolinguística na sala de aula (BORTONI-RICARDO, 2004). Na condição de docentes e pesquisadoras, decidimos metodologicamente pela pesquisa qualitativa do tipo etnográfica porque ao mesmo tempo em que somos afetados pelo fenômeno do ensino e da aprendizagem da língua materna, também os afetamos. Os resultados ainda são parciais, mas já apontam que a análise linguística e as atividades epilinguísticas associadas a outras dão conta da formação do usuário competente da língua materna, de sua gramática interna, de sua norma padrão exigida em determinados lugares de fala e, sobretudo, da demanda de interação comunicativa que exige a compreensão e a produção de textos quer como leitor, ouvinte, falante ou escritor.

Palavras-chave: Língua materna. Ensino-aprendizagem de camponeses. Análise linguística.

1. Da finalidade do ensino da língua portuguesa para falantes nativos – uma introdução

Este estudo emergiu, naturalmente, da reflexão contínua que fazemos de nossa prática de ensino da língua materna para falantes nativos camponeses. A partir da pesquisa apresentada por Pereira (2013) sobre a não aprendizagem da Língua Portuguesa por

estudantes do 6º ao 9º do ensino fundamental, da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, um questionamento passou a inquietar-nos: Qual a relação entre as atividades desenvolvidas nas aulas de língua materna e a aprendizagem dos estudantes camponeses?

Diante da problemática, estabelecemos nossos objetivos: 1º estudar sobre o ensino da língua portuguesa para falantes nativos; e 2º contribuir, no espaço da pesquisa, com a formulação e aplicação de atividades de perspectivas pedagógicas e linguísticas humanizadoras, progressistas, de consciência ética, interativas e respeitadoras da cultura e da identidade camponesas; 3º comparar, reflexivamente, os resultados da década 2001 – 2011 com os resultados das experiências atuais de 2014.

Para contemplar nossos objetivos, e, na condição de docentes e pesquisadoras, decidimos metodologicamente pela pesquisa qualitativa do tipo etnográfica porque, ao mesmo tempo que, somos afetados pelo fenômeno do ensino e da aprendizagem da língua materna, também os afetamos. (ANDRÉ, 2007). A pesquisa etnográfica analisa o fato “em seu acontecer natural” (ANDRÉ, 2007, p.17). Assim, recorremos às técnicas de observação participante e atividades orais e escritas.

Para fins didáticos, este trabalho está organizado da seguinte maneira: Na seção 1, como introdução, apresentamos a finalidade do ensino da língua portuguesa para falantes nativos e discutimos sobre as possibilidades de ensino na concepção libertadora que permite ao falante ser usuário competente externamente, como o é internamente; na seção 2 nos ocupamos da tarefa de contextualizar o estudante camponês e seu direito às práticas pedagógicas libertadoras.

A seção 3 nos ocupou na busca de uma compreensão sobre a Análise Linguística (A.L.) como recurso de enfrentamento às tradicionais aulas de gramática normativa. E, à guisa de uma conclusão, na seção 4, comentamos a pesquisa de Pereira (2013) que aponta vazios no ensino da língua portuguesa para falantes nativos camponeses e apresentamos um ensaio sobre o ensino a partir da A.L.

O ensino de língua materna, em situações formais¹⁹, tem por finalidade o desenvolvimento da capacidade comunicativa dos falantes nativos para que esses possam trabalhar os recursos da língua e tornarem-se usuários competentes. Isso indica o emprego adequado da língua nas diversas situações comunicativas que a vida em sociedade demanda.

De acordo com Travaglia (2009), ser usuário competente da língua materna é levar em consideração duas capacidades: a gramatical (ou linguística) e a textual. A competência gramatical (ou linguística) é a capacidade que cada usuário da língua tem em si mesmo, como uma propensão inata, de falar, ouvir, ler, escrever e conceber sequências linguísticas gramaticais.

No que diz respeito à competência textual, é a capacidade de interação comunicativa de gerar e entender textos; de viver em comunidade entendendo e fazendo-se entendido por meio da linguagem em suas variadas manifestações.

A partir dos estudos mais apurados sobre competência linguística e usuários competentes, mais especificamente, na década de 80, críticas foram e são feitas à Gramática Tradicional Normativa (GTN) e ao seu ensino. As mais ferrenhas críticas apontam para a falta de objetivos claros nos estudos gramaticais; para o exclusivismo dado, pela escola, à norma culta; e para a desconsideração das pesquisas contemporâneas em linguística.

Críticas que recaem sobre o sistema educacional, mas apontam especialmente para os docentes responsáveis pela cadeira de Língua Portuguesa. São estes, na ponta, no chão da escola, que são levados a decidir, diariamente, entre concepções de gramáticas e práticas pedagógicas. São os docentes, tais quais o pêndulo, sob o próprio peso, que se movimentam entre a perspectiva do novo (já não tão novo) e o conforto do tradicional.

Nesse movimento, Travaglia (2009) observa que a prática do ensino

¹⁹As aulas de Língua Portuguesa na escola é um espaço de situação formal do ensino da língua materna.

da língua materna no Brasil tem se apresentado basicamente prescritiva, ou seja, apegada às normas gramaticais normativas, cujo ensino alicerça-se na tradição clássica literária. Nessas aulas, há um maior índice de atividades de metalinguagem para identificação e classificação de categorias e uma ausência das atividades de reflexão da língua que são as atividades epilinguísticas.

As atividades epilinguísticas são aquelas que propõem a criação de situações em que o estudante intervém na própria linguagem e constrói conceitos próprios da sua fala e da fala de sua comunidade, levando em consideração as diferenças formais de uso da língua, a partir de contextos concretos.

Contrariamente, as atividades normativas partem do pressuposto de que o aluno não sabe a língua e, por isso, cabe ao docente ensinar teoria gramatical e regras de uso. Nesta concepção, tem residido o insucesso das aulas de Língua Portuguesa e, conseqüentemente, da educação²⁰.

Assim, é da responsabilidade do professor de Língua Portuguesa, para falantes nativos, saber que sua ocupação não é “ensinar” a língua materna, que o aluno já fala ao entrar na escola, mas colaborar com o desenvolvimento e ampliação da capacidade comunicativa dos alunos, trabalhar muito mais com a reflexão sobre a língua e suas variáveis usadas, buscando um aprimoramento e adequação para que possa se comunicar e agir socialmente, de modo mais efetivo.

Diante da demanda imperativa colocada, Travaglia (2009) pontua que a gramática normativa, que também é prescritiva, por sua vez traz uma norma que se distancia do uso corrente do aluno, é uma gramática que traz um conceito idealizado pelos gramáticos, buscando assim um controle da representação escrita da língua. É uma lei para a fala com regras e normas que não trazem contribuições diretas para vida do aluno.

²⁰Somos daqueles que teimam em crer que a solução do Brasil passa pela educação e a educação passa, necessariamente, pelo trabalho com a língua vernácula. É a língua de berço que constitui ou destitui o sujeito e suas ações sobre seu mundo.

Dessa forma, a referida gramática prende-se a aspectos formais da língua como classes de palavras, usos de acentos gráficos, sinais de pontuação, excesso de metalinguagem, dentre outros itens que não dão conta de auxiliar na maior necessidade dos estudantes que é o desenvolvimento da capacidade de interação comunicativa.

Daí, Luft (2008) afirmar que, o que deveria ser um instrumento de libertação, torna-se de opressão e dominação e o estudante sente-se tolhido e inibido quando a vida lhe exige a expressão verbal. Desse modo, o ensino da língua vernácula que se ampara centralmente na gramática tradicional, gira em torno das regras que originam as frases, uso das palavras, sua colocação e a relação que existe entre elas, apenas!

Como contraponto às práticas centradas na gramática tradicional, o objetivo primordial do ensino da língua materna, em espaços formais como a escola, é o desenvolvimento da competência comunicativa que compreende o texto como unidade linguística concreta, apropriada e adequada às situações específicas de interação comunicativa.

E, para dar conta do objetivo acima, a proposta pedagógica é trabalhar com textos inteiros, significativos e pertinentes às realidades dos estudantes. Assim, a gramática interna do falante, a partir de seu uso externo, será objeto de reflexões e análises e a gramática tradicional normativa será usada como apoio, como instrumento de comparações entre o que se realiza e o que se propõe em termos de língua.

Então a prática de ensino de língua portuguesa estará além dos limites engessados e fragmentados nos níveis morfológicos de classes de palavras, flexões verbais e nominais, categorias que expressem gênero, número, pessoa, tempo, modo, voz e aspectos. Por isso, compreendemos que “tudo o que é gramatical é textual e, vice-versa, que tudo o que é textual é gramatical” (TRAVAGLIA, 2004, p.45).

Sim! O texto inteiro, significativo, pertinente às realidades dos estudantes, orais ou escritos, que auxiliarão no domínio da

modalidade padrão da língua. É na prática de muita leitura e muita escrita que o estudante vai tomando consciência de sua competência linguística inata e adequando as possibilidades de seu uso de acordo com a demanda de cada situação de interação comunicativa.

Isso porque é por meio do uso da língua materna que a pessoa pode se expressar e compartilhar seus sentimentos, emoções e pensamentos criativos de mundos. E é por meio dos estudos e reflexões nas aulas de língua materna que deve ir se dando a proficiência oral, as competências comunicativas, as estratégias em leitura e escrita que são tão requeridas para que haja uma inserção e participação social do cidadão estudante.

Logo, é responsabilidade social da escola e, mais precisamente, do docente de Língua Portuguesa para falantes nativos, a proposta e a execução de projetos linguísticos mais justos, que exijam maior participação dos estudantes, mais espaços de igualdades, onde sejam vivenciadas situações libertadoras e o conhecimento se torne significativo.

Convergindo com nossa afirmação, lembramos o pensamento de Marisa Lajolo (2002, p 07): “para se entender o mundo, para viver melhor em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola”. Nosso estudo foi realizado dentro da escola, numa escola com história, proposta e nome singulares. As pessoas que dela participam são protagonistas também singulares. Na seção seguinte apresentaremos os protagonistas, parceiros desse estudo.

2. O estudante camponês e o direito às práticas leitoras libertadoras

O estudante camponês, como todo grupo social, tem especificidades e singularidades e deve ser estudado, compreendido e respeitado de per si. Embora o Brasil seja um país de origem agrária, as pessoas

do campo ficaram fora da pauta política governamental por muito tempo, tratadas como ser de periferia, sem visibilidade.

Fora da pauta do setor social, do setor saúde e, muitíssimo fora da pauta do setor educação! Contudo, os descasos foram denunciados, a força dos movimentos sociais camponeses irromperam as agendas e, nas últimas três décadas, as legislações têm prescrito sobre os direitos das pessoas do campo. A exemplo, citamos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394 de 20 de dezembro de 1996:

Art. 28º. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região:

I – Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural. (BRASIL, 1996).

O direito à educação sempre esteve entre as reivindicações dos movimentos sociais, configurando-se um fator fundamental para que houvesse o desenvolvimento. Isso confirma o fato da educação funcionar como um agente catalisador da consciência e da cidadania, uma vez que sua função não se restringe à transmissão dos conteúdos da cultura universal, mas tem o seu sentido no que tange a contribuição para a conscientização, à valorização do saber cultural e a defesa dos interesses coletivos. A educação proposta pelos movimentos sociais não trabalha, pois, sob a égide do liberalismo, que coloca o direito à educação como abstrato e parcial. (CORREIA apud BATISTA, 2011 p. 217)

Dessa forma, a luta dos movimentos sociais pelo direito à educação segue o pressuposto definido pela Constituição Federal (BRASIL, 1988), em seu artigo sexto que define a educação como um direito

Dessa forma, a luta dos movimentos sociais pelo direito à educação segue o pressuposto definido pela Constituição Federal (BRASIL, 1988), em seu artigo sexto que define a educação como um direito social e humano, deve desenvolver plenamente a pessoa humana considerando a cidadania e a inserção crítica e participativa do sujeito na dinâmica da sociedade. (CORREIA, apud BATISTA 2011 p.218)

Assim, todos sabemos do dever de respeitar as pessoas que vivem no campo e, inclusive, respeitá-las em seu direito a uma educação que lhes diga respeito. As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, no art.2º, § único afirmam:

...a identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (BRASIL, 2002)

Amparados legalmente na LDB de 1996, na Constituição de 1988 e nas Diretrizes Nacionais para a Escola do Campo de 2002, recorreremos aos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP) com vistas a adequar um programa de ensino para (e com) camponeses a partir dos objetivos nacionais para o ensino da língua materna em situação formal:

Utilizar as diferentes linguagens – verbais, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo as diferentes intenções de situação de comunicação (BRASIL, 1997, p. 9).

Ainda recorremos outras orientações dos PCNLP, para mais ancorar nossa proposta de ensino da língua portuguesa para falantes nativos que vivem no campo e percebemos a indicação para o enfrentamento das dificuldades no mundo do trabalho e fazer diferentes leituras do mundo:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, à escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997, p.15).

Compreendemos que o acesso aos saberes linguísticos perpassa por eventos de letramento. Este é um processo contínuo, que por sinal não se trata apenas de decodificação de letras, sons, sinais, e sim de algo que estar sempre em movimento e acontece ao longo da vida do ser humano. E, para aqueles que vivem no campo, os eventos de letramento são mais escassos, fato que ainda mais compromete e desafia a escola camponesa.

Ora, se leitura e a escrita são pontos críticos nas escolas de pessoas urbanas, muito mais se evidenciam suas lacunas em escolas para pessoas do campo. Fato que se deve, dentre outros, à dificuldade e a carência de recursos materiais e a formação teórico-metodológica dos docentes.

Sem a devida formação e sem o comprometimento social enraizado, o professor de língua portuguesa para estudantes camponeses compromete seu trabalho de facilitador de eventos de letramento e de colaborador do desenvolvimento das relações comunicativas eficientes. Fatos que comprometem desde o processo de alfabetização até o desenvolvimento das habilidades necessárias na

formação de bons leitores e produtores de textos.

Paulo Freire, educador brasileiro nordestino, que tomou o campo como espaço concreto de suas reflexões pedagógicas sobre alfabetização e ensino da Língua Portuguesa para seus efetivos falantes, fez críticas à chamada escola tradicional bancária, que transforma a leitura em um ato de decifração, desconsiderando o universo do sujeito leitor e a sua experiência cotidiana.

Desse modo, o significado mais profundo da escrita e da leitura propõe uma concepção de leitura inserida na esfera social, histórica e ideológica, não se restringindo às ferramentas decodificadoras da palavra, no entanto, vinculando a leitura, na escola, como objeto de conquista de uma prática social o que, para os estudantes camponeses é de extrema valia.

Extrema valia porque é uma concepção de leitura e de escrita a partir das realidades e necessidades mais estreitas e inerentes aos protagonistas de suas leituras e escritas – o estudante do campo. Esse que deseja (e está) se engajando no processo de educação emancipatória, embasada na análise crítica da realidade “que não pode jamais prescindir da percepção lúcida da mudança que inclusive revela a presença interveniente do ser humano no mundo” (FREIRE, 2008, p. 32). O estudante camponês não pode ser considerado um mero reproduzidor dos conhecimentos existentes e sim, sujeito da ação.

Quando as aulas de língua portuguesa para estudantes camponeses, falantes nativos, competentes linguisticamente, possui essa dimensão dinâmica e dialógica, ativa os conhecimentos anteriores, construídos em sua interação social, e instaura um processo de produção de sentidos que extrapola a leitura da letra do texto. A leitura libertária permite que o estudante do campo viva intensamente sua vida, com sua história, suas especificidades e singularidades e, sobretudo, corra os riscos de fazer cumprir as legislações que lhe dão visibilidade.

Na seção seguinte, tentaremos apresentar um recorte do estudo sobre a análise linguística, no objetivo de embasarmos o trabalho, além do ensino da gramática tradicional normativa, que temos realizado nas aulas de língua portuguesa para falantes nativos,

camponeses, no espaço da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, no município de Jaguaquara – Bahia.

3. Buscando uma compreensão da Análise Linguística (A.L.)

Antes de apresentarmos um pequeno recorte das práticas de Análise Linguística (A.L.) desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa, nas turmas do 6º ao 9ºano do ensino fundamental, da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, julgamos necessária a compreensão daquilo que, de fato, é necessário no ensino da língua materna para falantes nativos.

Tomamos a indicação de Geraldi (1997) ao pontuar que o primeiro e mais necessário conhecimento concernente ao ensino e a aprendizagem da língua materna é a compreensão de como a linguagem é concebida. Esta concepção contempla três dimensões: expressão do pensamento, instrumento de comunicação e forma de interação.

Associada à compreensão sobre a concepção da linguagem, faz-se necessário, no ensino da língua materna, a compreensão dos recursos linguísticos que possibilitem o uso da língua em diferentes e diversos gêneros textuais. A língua é viva e flexiona-se a partir dos movimentos dos seus falantes. Logo, os recursos linguísticos à disposição dos usuários, oportunizarão o desenvolvimento do trabalho com leituras e produções textuais (TEIXEIRA & SANTOS, 2005).

Retomamos os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP), já referidos na seção anterior, por se configurarem como um meio de nortear a prática pedagógica no território nacional. Eles afirmam que é com a reflexão e uso que se fará com que os alunos melhorem o seu desempenho. Desse modo, os alunos compreendem e produzem textos, levando em consideração os gêneros textuais. Para Geraldi (1997), o texto deve

ser trabalhado com o aluno para que ele alcance os seus objetivos junto aos seus receptores.

Corroborando Geraldi (1997), Teixeira e Santos (2005) e os PCNLP, Silva (2010) tece diferenças entre a A.L. e o ensino centrado na gramática tradicional. Enquanto este detém-se em normas, aquela enfatiza a reflexão sobre o uso da língua (epilinguagem). Para o autor, a A.L. enfatiza os usos como objetos de ensino (habilidade de leitura e de escrita), com esses usos, remetem-se a vários outros mecanismos de ensino, como os estruturais, textuais, discursivos, normativos, apresentando-os e retomando-os sempre que preciso.

A proposta dos PCNLP no que tange ao ensino de língua materna indica os gêneros discursivos textuais como instrumento de trabalho. No que diz respeito aos aspectos gramaticais, os PCNLP apropriam-se da nomenclatura A.L. e assim fazem referências as práticas reflexivas. Observamos que o conceito de gramática usado pelos PCNLP diz respeito à gramática interna ou implícita. “Em relação à escrita de textos, a prática reflexão sobre a língua permite que se explicitem saberes implícitos dos alunos, abrindo espaço para sua reelaboração”. (BRASIL, 1997 p. 78).

Os PCNLP também indicam sobre uso e reflexão sobre a língua. “Considerar a organização dos conteúdos no eixo uso-reflexão-uso significa compreender que tanto o ponto de partida como a finalidade do ensino da língua é a produção/compreensão de discurso”. (BRASIL, 1997 p. 44).

Verificamos que o foco da A.L. que está sob os efeitos do ensino da língua é o de sentido. Ela faz uma fusão dos trabalhos com os gêneros, na medida em que valoriza a produção textual e as escolhas linguísticas. Na A.L. privilegia-se o texto, questões abertas e atividades de pesquisas que exigirão comparação e reflexão, buscando sempre os efeitos de sentido.

Assim, de acordo Silva (2010) apud Mendonça (2006) a A.L. abarca tanto o trabalho com questões de gramática quanto do texto, como coerência e coesão, e atividade de reescrita do texto. São, portanto,

aspectos discursivos, estilísticos, pragmáticos, fonológicos etc. A A.L. propõe que o aprendiz ao ler, interaja de tal forma com o texto que reflita sobre os recursos linguísticos usados pelo autor e que sua reflexão o leve a perceber os sentidos presentes na produção textual, e, com a mediação do professor, aproprie-se deles no momento da sua própria produção textual.

Desse modo, na perspectiva da A.L., as atividades desenvolvidas na escola devem originar-se do uso constante da língua, com objetivos significativos da própria linguagem e assim partir de uma reflexão epilinguística para a metalinguística, para voltar ao uso.

Dentro dessa proposta, Silva (2010), apoiada em pesquisas feitas por Mendonça (2006) ainda aponta que nas atividades linguísticas há um contínuo trabalho de construção e reconstrução dos discursos. E Geraldi (1997) diz que é uma atividade que tem o uso da linguagem como ponto inicial e também final. A apropriação dos termos técnicos deixa de ser primordial e transforma-se num meio de reflexão sobre a língua com a finalidade de contribuir na formação de leitores e produtores de textos.

Acreditamos que há um vínculo entre A.L. e produção de textos, isso porque há um espaço constituído onde os estudantes exponham seus saberes, construindo e reconstruindo seus discursos. Nesse movimento de construção, conseguem ampliar seu conjunto de recursos linguísticos que são usados na produção de variados gêneros textuais. Dessa forma, o aprendiz desenvolve os conhecimentos adequados da língua em diferentes situações de uso.

Entre as várias funções da escola está a de ajudar ao discente a crescer e ascender. Esse crescimento dá-se de modo global, isto é, com maturação intelectual e emocional. A pessoa cresce e amplia em todas as áreas da vida e com isso também linguisticamente. Todas as disciplinas corroboram para que haja um crescimento integral do aprendiz. Assim, sua linguagem se desenvolverá e suas possibilidades de uso se ampliarão, inclusive a possibilidade de uso da língua padrão culta, caso façam esta opção.

Para que isso aconteça, cabe à escola trabalhar a partir da realidade

gramatical interna dos estudantes. Para Luft (2008), os aprendizes vêm para a escola com uma gramática internalizada e a escola a trabalhará para que eles ampliem essa gramática interna até chegar ao desenvolvimento e ao aprimoramento de sua capacidade comunicativa e à teoria da gramática normativa que é externa ao falante.

De acordo com os PCNLP o objetivo do ensino de língua materna é que os indivíduos sejam capazes de produzirem textos coesos e coerentes. No entanto, isso só acontecerá se os estudantes forem imersos em atividades de nível epilinguístico. Quando o estudante é levado a trabalhar com essas atividades defende-se um ensino articulado com a linguagem, isso indica que o trabalho deve ser feito com o aprendiz real e não com um aprendiz ideal. Com atividades desse porte traz-se atividade de linguagem para a sala de aula, e isso se faz através das expressões linguísticas.

A opção por atividades epilinguísticas refere-se à atividade em que comparam e experimentam, parafraseiam, o uso delas faz com que perpassem por atividades de análise metalinguística. O papel do professor nessa situação é de um intermediador que aprimora o conhecimento linguístico, aceita as elaborações dos aprendizes e por fim faz uma reflexão visando o nível da metalinguagem. De acordo com Geraldi (1997, p. 64) “quem aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática normativa”. Assim, a proposta é otimizar o ensino e a aprendizagem da língua e não rejeitar ou inferiorizar o ensino da gramática.

A A.L. vem com uma proposta de reflexão sobre o sistema linguístico, o que contrapõe ao ensino tradicional. Nela as atividades devem estar pautadas no uso da língua, em seu exercício pleno e isso ocorre por meio de atividades metalinguísticas e epilinguísticas. Assim, de acordo com A.L. o ensino da língua materna configura-se numa práxis que tem o uso da linguagem como seu ponto de partida e de chegada.

Desejamos expor, na próxima seção, um estudo realizado por Pereira (2013) sobre os resultados do ensino da Língua Portuguesa

para falantes nativos centrado na gramática normativa e uma comparação com o ensino, nas mesmas turmas, centrado na A.L.

4. Das atividades metalinguísticas às práticas reflexivas sobre a língua materna – À guisa de uma conclusão

Visando refletir sobre as práticas desenvolvidas em língua materna, fizemos um estudo nas turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, Jaguaquara - Bahia.

Partimos dos resultados das aprendizagens da língua materna pelos estudantes do ensino fundamental, na década de 2001 - 2011, apresentados como retrato na pesquisa longitudinal desenvolvida por Pereira (2013). Abaixo o gráfico que nos possibilita a leitura do caminho percorrido pelos docentes no ensino da língua.

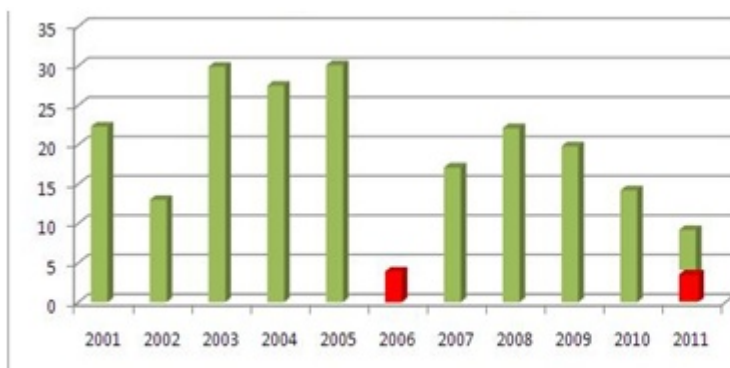


Gráfico I

Índice de reprovação por não-aprendizagem da língua
Escola Estadual Rural Taylor-Egídio – 2001 a 2011

Ao analisarmos o gráfico I percebemos que os índices de reprovação por não-aprendizagem da língua portuguesa foram altos e oscilaram durante a primeira década de ensino da escola em estudo. Segundo

Pereira (2013), a partir de suas observação in loco, o fenômeno deveu-se à inadequação das atividades utilizadas em sala de aula.

As referidas atividades valorizavam exercícios metalinguísticos para identificação e classificação de categorias gramaticais, ancorados no ensino normativo que pressupunha um aluno não sabedor da língua e, por isso, debruçava-se a ensinar teoria gramatical e regras.

Pereira (2013) apontou vazios no ensino da Língua Portuguesa para falantes nativos camponeses e os elencou na seguinte ordem:

1º Vazio da oportunização da palavramundo nas aulas de Língua Portuguesa;

2º Vazio da fascinação do conhecido que se torna desconhecido;

3º Vazio do despertar do sujeito para o encanto das palavras;

4º Vazio da reflexão sobre a linguagem;

5º Vazio do resgate da capacidade leitora que constrói a cidadania;

6º Vazio do significado nas palavras escritas;

7º Vazio de objetivos específicos em cada ano;

8º Vazio de fundamentação teórica sobre os princípios que sustentam o sistema de escrita alfabética.

Com esse olhar, Pereira (2013) consegue ponderar os vazios no ensino que resultaram em vazios na aprendizagem. Tomamos conhecimento destes vazios e dos resultados da não-aprendizagem e reafirmamos nossa pergunta: Há (e, em havendo, qual) a relação entre as atividades desenvolvidas nas aulas de língua materna e a aprendizagem dos estudantes camponeses?

Daí, durante todo o ano de 2014, nas aulas de Língua Portuguesa, com estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, formulamos e aplicamos atividades com perspectivas pedagógicas e linguísticas humanizadoras, progressistas, de consciência ética, interativas e respeitadoras da cultura e da identidade camponesas.

Foram atividades de A.L. que buscavam contemplar os vazios citados acima e garantir ao estudante o espaço da leitura e da interação com

textos. Zelando também pela reflexão sobre os recursos linguísticos encontrados nos textos e buscando a percepção dos sentidos presentes na produção textual.

À guisa de um exemplo e de uma conclusão parcial, apresentamos a seguir apenas um exemplo das muitas atividades de A.L. que estão além das atividades metalinguísticas e que respondem à demanda de práticas reflexivas sobre a língua materna no ensino da Língua Portuguesa para falantes nativos camponeses.

Pari passu de uma proposta de análise linguística a partir de uma tira:



Fonte: www.requeriendespalavras.blogspot.com.br

Desafios:

- 1º Observe as imagens, analise as falas e atribua-lhes sentido.
- 2º Confira no dicionário os significados dos operadores argumentativos presentes no texto.
- 3º Escolha uma tira e transforme-a em uma narrativa.

As respostas dos estudantes foram surpreendentes. Além de interação, participação e produção, os estudantes camponeses disseram-se satisfeitos durante esta atividade. Por meio desta, dos 8 vazios apontados por Pereira (2013), 3 foram contemplados, a saber:

a palavra mundo lhes foi oportunizada; houve reflexão sobre a linguagem e a palavra escrita teve significado.

Um exemplo dessa afirmação é o texto do estudante Josemar Bezerra da Silva 9º ano.

1 Por causa -> procura = portanto.
 2 Enfim -> significa - finalmente; por fim.
 3 ou -> Significa = dúvida, incerteza ou hesitação.
 4 pois -> porque = Pelo motivo de, porquanto.
 5 Um dia muito importante.
 6 Um belo dia Chico Bento estava atrasado
 7 para ir para escola, então ele teve que ir
 8 comendo a espiga de milho, que sua mãe tinha
 9 cozido para ele, mas sua mãe não gostou
 10 que ele foi comendo para a escola. Chico comia
 11 umas grãos e outros casam pelo caminho, ao
 12 chegar na escola, ele nem percebeu que as
 13 galinhas tinha seguido ele, comendo as grãos de
 14 milho que caiu no chão, a professora falou para
 15 Chico: logo a sua mãe vai chegar procurando
 16 as suas galinhas e vai li-dar uma surra nela
 17 mãe vai mi bater porque as galinhas encher
 18 o papo.

Para desenvolver essa narrativa, o educando utilizou diversos elementos que não estavam na tira Maurício de Souza. Embora o nosso foco fosse o uso dos operadores argumentativos, podemos perceber que com essa atividade de retextualização, o aluno pôde refazer algumas falas de Chico Bento que apresentavam uma variante rural, dispare da padrão culta.

Solicitada a atividade de retextualização, verificamos que além de todas as nuances provocadas, ela também permitiu que os educandos construíssem o conceito dos operadores argumentativos (conjunções, advérbios, preposições), mesmo que o vocábulo não tenha sido mencionado nas aulas, à função de conector foi apreendida e construída, sem apresentarmos categorizações de palavras. A construção desse entendimento deve-se às análises linguísticas desenvolvidas em sala de aula.

Ao introduzir o texto, o educando contextualiza o leitor ao sugerir:

“tudo começa em um belo dia em que Chico estava atrasado para ir à escola” (linhas 2 e 3). Essa afirmação é causa, motivo e base de toda a situação vivenciada por Chico naquela manhã. Nesse momento, o autor utiliza o operador argumentativo ‘então’ (linha 3), conhecido tradicionalmente como advérbio de tempo, que visa mostrar a circunstância de Chico ir comendo milho pelo caminho da escola.

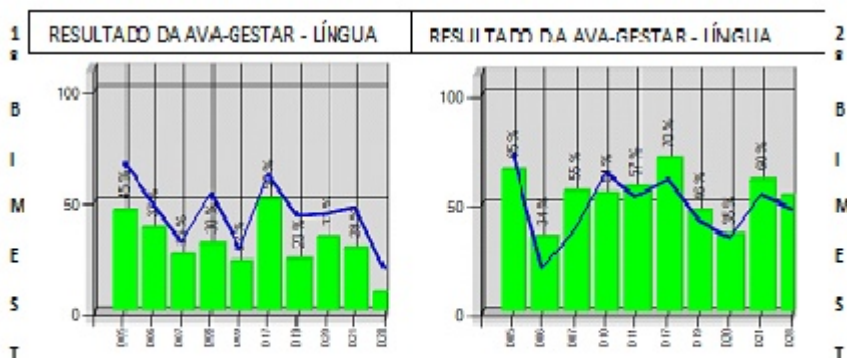
Logo adiante, o autor do texto utiliza o operador argumentativo ‘que’ (linha 4), classificada na gramática tradicional como conjunção subordinativa integrante, que objetiva completar o sentido da oração principal. O educando a utiliza no momento em que visa completar o sentido da oração que trata do fato que a mãe de Chico tinha cozinhado o milho para ele. O ‘mas’ (linha 5), também aparece em sua narrativa, denominado pela gramática normativa como conjunção coordenada adversativa, esse operador é utilizado visando apresentar o sentido da adversidade da mãe de Chico, que é contra ao fato dele ir comendo para a escola.

Para concluir, o discente utiliza o operador argumentativo ‘logo’ (linha 11) conhecido tradicionalmente como advérbio de tempo e pode ser substituído pela locução adverbial ‘daqui a pouco’. Nesse momento, verificamos que o conector ‘porque’ (linha 13) foi usado por Chico substituindo a variante linguística rural ‘pruque’. Para evocar esse campo semântico, o autor usa o operador argumentativo ‘porque’ (linha 11) visando apresentar uma explicação para o fato das galinhas terem enchido o papo, ou seja, tinham comido bastante porque Chico ia comendo para a escola e deixando cair milho pelo caminho. Esse conectivo é conhecido na gramática normativa como conjunção coordenativa explicativa.

Os resultados são subjetivos e, ainda, parciais, mas já apontam que a análise linguística e as atividades epilinguísticas associadas a outras dão conta da formação do usuário competente da língua materna, de sua gramática interna, de sua norma padrão exigida em determinados lugares de fala e, sobretudo, da demanda de interação comunicativa que exige a compreensão e a produção de textos quer como leitor, ouvinte, falante ou escritor. As avaliações internas

apontaram, neste ano, que 70% dos estudantes do 6º ano/5ª série (ano mais crítico que todos os outros anos letivos anteriores) obtiveram êxito nas avaliações.

Nossa afirmação no parágrafo anterior se ampara, além da satisfação dos estudantes camponeses, em resultados quantitativos das avaliações externas realizadas através do trabalho do Programa Gestar na Escola Estadual Rural Taylor-Egidio neste ano de 2014. A seguir, o gráfico dos resultados do 6º ano/5ª série:



Avaliação externa – 2014 - Resultados das avaliações SEC-BA

Ainda há muito que fazer, mas cremos estar a caminho de conquistas demarcadoras de tempos educacionais a partir das aulas de Língua Portuguesa, no ensino fundamental, com estudantes camponeses. Tendo clara que a finalidade do ensino da língua portuguesa para falantes nativos é a interação comunicativa e o desenvolvimento da capacidade linguística que lhe é interna.

Tal finalidade é alcançada quando o ensino se realiza de forma libertadora que permite ao falante ser usuário competente de sua própria língua. No caso específico deste estudo, o falante é o estudante camponês que tem singularidades e especificidades que devem ser respeitadas, conforme lhe assegura a lei.

Experientiar aulas de Língua Portuguesa em que a A.L. substitui as frias aulas de gramática normativa é um direito do estudante camponês que tanto a escola quanto o(a) docente da cadeira devem

assegurar.

Desta forma, os vazios já encontrados no ensino da língua para falantes nativos camponeses serão preenchidos por outras maneiras de ensino e consequente aprendizagem significativa sobre os fenômenos linguísticos. Assim, estaremos muito além das atividades metalinguísticas, experimentaremos com satisfação as práticas reflexivas sobre a língua materna.

Referências:

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. Etnografia na prática escolar. 13. ed. Campinas: Papirus, 2007.

CORREIA, Deyse Morgana das Neves. O PRONERA no ensino superior: a educação do campo ocupando o latifúndio do saber. In: BATISTA, Maria do Socorro Xavier. (Org). Movimentos sociais, estado e políticas públicas de educação do campo: pesquisas e práticas educativas. João Pessoa: UFPB, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

BRASIL, Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica, Brasília, 2002.

FREIRE, Paulo: A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 49. ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

GERALDI, João Wanderley. Unidades básicas do ensino de português. O texto em sala de aula. São Paulo: Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São

Paulo: Ática, 2002.

LUFT, Celso Pedro. Língua e Liberdade: por uma nova concepção da língua materna. 8. ed. São Paulo: Ática, 2008.

PEREIRA, Sonilda Sampaio Santos. Vazios da/na aprendizagem da escrita. Anais as jornada de linguagem. Florianópolis: UDESC, 2013.

SILVA, Noadia Íris. Ensino Tradicional de Gramática ou Prática de Análise Linguística: uma questão de (con)tradição nas aulas de português. RBLA, v.10, n.4, p.949-973. Belo Horizonte: 2010.

TEIXEIRA, Claudia de Souza. & SANTOS, Leonor Werneck dos. Ensino de gramática: abordagens, problemas e propostas. Livro dos minicursos do IX CNLF. Cadernos do CNLF, v. IX, n. 5. Rio de Janeiro: CIEFIL, 2005. p. 97-106. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/5/09.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2011.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática: ensino plural. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

COMPETÊNCIA LINGÜÍSTICA: EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA NA ESCOLA ESTADUAL RURAL TAYLOR-EGÍDIO.

Hildacy da Silva Mota Dias²¹

Resumo

De acordo com os avanços dos estudos linguísticos, tem-se verificado a necessidade de trabalhar em sala de aula não só a gramática normativa, mas, também, as variedades linguísticas que nos cercam, ou seja, a pluralidade discursiva. Partindo desse pressuposto, devemos levar em consideração que a variabilidade linguística já está presente em sala de aula e precisa ser discutida, porque o educando pode dominar bem uma ou duas variedades e alguns elementos de várias, mas, mesmo assim, tem muito que aprender das diversas variedades, principalmente das que domina.

Amparamo-nos teoricamente, dentre outros, nos pressupostos teóricos dos pesquisadores TRAVAGLIA (2009) e LUFT (1994). Refletiremos sobre a variação lingüística e atividades realizadas em sala de aula de estudantes camponeses da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, escola residencial com pedagogia de alternância em Jaguaquara – Bahia. Decidimos metodologicamente pela pesquisa qualitativa do tipo etnográfica porque enquanto docente percebemos ser a mais viável para o trabalho em sala de aula.

²¹Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia(UESB) campus de Jequié, Pós-graduada em Linguística e Ensino-aprendizagem de Português como Primeira e Segunda Línguas pela (UESB),campus de Jequié. Especialista em Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências Educacionais. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Evangélico do Brasil.

Docente do componente curricular Língua Portuguesa na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, no Colégio Batista Taylor-Egídio ambos em Jaguaquara-Ba e no Grupo Escolar Gersino Coelho, escola da rede municipal de Itaquara-Ba.

Palavras-chave: Aluno camponês; Variação linguística; Norma culta; Gramática internalizada; Atividades exitosas.

Breve histórico

Diversas são as situações discursivas que os cidadãos deparam-se no dia a dia. Travaglia (2009, p. 42) sugere que com os avanços linguísticos precisam ser trabalhados em sala de aula, não só a gramática normativa, como vem sendo aplicada, mas, também as variedades linguísticas que estão presentes em nosso cotidiano, ou seja, a pluralidade discursiva. Partindo desse pressuposto, deve-se levar em consideração que a variabilidade linguística já está presente em sala de aula e precisa ser discutida.

Soraia Reolon Pereira²², pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, debruço-se em pesquisas diacrônicas realizadas a fim de trazer significativas contribuições históricas sobre o estudo do léxico caipira. A pesquisadora cita Amadeu Amaral, que em 1920, publica um estudo: O dialeto caipira. Nele o autor explora o léxico caipira e os aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos da língua portuguesa.

Observamos por meio do estudo da referida pesquisadora, que no período medieval o Português culto já usava expressões como: fruta, pranta, musga e outras. Posteriormente o falante desse dialeto caipira, vem a ser um indivíduo que habitava o interior do Estado de São Paulo e que sobrevivia da agricultura, com produção pequena, praticamente para a economia familiar e de vizinhos, desse modo, formavam bairros rurais, praticamente fechados.

Segundo Soraia Pereira, o vocabulário caipira foi constituído por elementos originários do português usados pelos primeiros colonizadores, muitos dos quais se apropriaram da língua culta; termos oriundos das línguas indígenas; vocábulos importados de outras línguas, como do castelhano; e vocábulos formados no próprio

²² <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/educacao/2015/03/27/caipira-conserva-formas-antigas-da-lingua-portuguesa-afirma-pesquisadora.htm>

núcleo dialetal.

No entanto, ao longo do tempo, essas palavras sofreram modificações tanto na sua fonética como em sua grafia. Assim, o que de repente é considerado como um erro, trata-se apenas de uma conservação arcaica da Língua Portuguesa Culta. Precisamos lembrar que somos seres históricos e como tais devemos sempre recorrer aos nossos antepassados para entendermos o nosso momento.

1. Propostas Contemporâneas

No decorrer do nosso estudo, fizemos uma reflexão nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa de 1997 (PCNLP) documento nacional que norteia a educação brasileira. Nessa pesquisa compreendemos que quando se fala em língua portuguesa, fala-se em uma unidade constituída de muitas variedades. Apesar desse documento reconhecer essa realidade, observamos que há um preconceito para com as variedades não padrão, isto por causa, do alto valor concedido as variedades padrão e ao distintivo relacionado às variedades não padrão. Por conta disso, os PCNLP propõem que a escola necessita observar na sua práxis para não reproduzir a discriminação linguística. Sabemos que não devemos tratar essas variedades linguísticas como se fossem descaminhamentos ou inexistências. Os PCNLP sugerem:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográficas e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades lingüísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (BRASIL:1997, p.31).

Para ser um cidadão proficiente, faz-se necessário que relacione e maneje adequadamente a língua e as variedades dialetais faladas

nos grupos. Assim, esse cidadão apresenta conhecimentos necessários para combater ideologias existentes que atribuem à língua, variantes de maior ou menor valor. Dessa forma, a leitura funciona como afirma Paulo Freire: um agente de “libertação do homem” (2001).

De acordo com essa variação linguística, o saber da gramática internalizado torna-se flexível e devem-se levar em consideração as variedades linguísticas, sejam elas temporais que estão relacionadas à história, geográficas que são as regionais e sociais que se referem às posições sociais. Cada aluno sabe a sua língua e essa apresenta a sua peculiaridade de acordo com o seu convívio.

A linguagem é um patrimônio da humanidade, ou seja, é uma propriedade do homem independentemente de fatores sociais, de raça, de cultura, de situação econômica, de circunstâncias de nascimento ou de diferentes modos de inserção em sua comunidade. Todo falante, em qualquer modalidade de linguagem de que se sirva, possui uma gramática interna ou pelo menos interiorizada, a partir de suas próprias experiências linguísticas. (CHOMSKY, 1973 apud LUFT, 1994).

Para que haja o desenvolvimento cultural e vocabular da criança, o meio em que ela está inserida fará toda a diferença. Logo, se ela está em um contexto com um nível sócio-cultural-econômico ‘menos’ privilegiado, que apresenta uma linguagem tida pelos tradicionalistas da gramática como ‘errada’, a criança assimilará essa variedade linguística própria do seu núcleo interacional. Mas, se a criança é oriunda de um ambiente cultural-social-econômico tido ‘superior’, a tendência dessa criança é apresentar um vocabulário prestigiado socialmente.

Diante disso, a escola precisa promover oportunidades para que o aluno possa ser um leitor de diversos textos. Cabe ao professor de língua portuguesa propiciar situações que permitam ao educando tornar-se em um ouvinte eficaz do português tanto urbano quanto rural; um leitor de diversos textos; um falante e escritor eficaz. Luft (1994) ainda sugere que um professor de língua materna precisa ter

noções claras no que tange a linguagem, a língua e a fala; a partir daí é que suas atividades devem ser alicerçadas.

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e de escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (BRASIL: 1997, p. 32)

Sendo assim, para Faraco (2011), a reflexão sociolinguística é mais importante do que os aspectos estruturais no ensino da língua. Dessa forma, compete ao ensino linguístico tornar-se mais abrangente quanto a sua mobilização sociolinguística. Precisamos garantir uma transição vasta e autônoma. Apresentar ao educando as variedades cultas é um dever da escola, mas esse ensino precisa acontecer de forma a atrair o educando e não forçá-lo a decorar regras e normas. Deve-se lembrar que para que isso aconteça, faz-se necessário um ensino e uma aprendizagem de língua de maneira contextualizada. O aprendiz deve conhecer não somente a gramática normativa com suas regras, mas também a realidade sociopragmática da língua.

O professor de língua portuguesa deve ser alguém que esteja em constante busca para manter-se informado no que tange aos avanços das pesquisas linguísticas. Faz-se necessário que saiba os fenômenos e como acontecem as variações, com isso saberá comunicar para o educando como está sendo usado o português brasileiro.

Por muito tempo, os professores de língua portuguesa acreditavam que para os linguistas “tudo vale na língua”, supunham também que eles são contrários ao ensino da variedade culta. Entretanto, temos observado que os linguistas não só defendem o ensino da variedade

culta, como também defendem a oportunização aos aprendizes dessa variedade.

Essa oportunização da variedade culta deve acontecer em consonância com as práticas socioculturais. Até por que, quando aprendemos a língua escrita padrão somos possibilitados a tornarmos leitores e produtores de textos nas diversas situações sociais. Para Bakhtin (2004), a língua é a forma como acontece à expressão das lutas de classe, é o reflexo das ideologias e dos conflitos nas estruturas sociais.

Ainda dentro desse arcabouço linguístico, vale pontuar o que Aguer²³ (2013) ao citar Faraco (2011) tão bem discute: a imposição por parte de alguns gramáticos e da mídia quanto ao uso da “norma padrão”. No dia a dia verificamos que há equívocos quanto à distinção do que é “norma culta” e “norma padrão”.

De acordo com estudos de Faraco²⁴, a imposição por uma norma-padrão começa desde o século XVIII com a proibição do uso da língua indígena em locais públicos. Observa-se que essa demanda vem desde o imperador D. Pedro II, que apoiou de diversas maneiras um interdito que visava impor uma norma-padrão para toda a sociedade brasileira.

Podemos observar, diacronicamente, que na década de 1930 até meados de 1950, o desejo de termos uma norma-padrão para todo o território brasileiro continuava vivo. Aguer (2013) ainda discute, embasada em Faraco (2008) que o desejo por um embranqueamento da língua inspira-se nos moldes lusitanos do Romantismo. Nesse período as variedades populares são nomeadas de ‘pretuguês’. Observamos nesse momento da nossa história um jogo político, cultural, econômico e ideológico. Logo, quem usava a língua que não

²³Web-Revista SOCIODIALETO • www.sociodialeto.com.br Bacharelado e Licenciatura em Letras • UEMS/Campo Grande *Mestrado em Letras • UEMS/Campo Grande* e ISSN: 2178-1486 • Volume 3 • Número 9 • março 2013

²⁴https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=por+uma+pedagogia+da+variação+linguistica+carlos+alberto+faraco . Acessado em 05/06/2015.

fosse a tida como norma-padrão, estaria exposto a uma exclusão sociocultural.

Essa visão está presente nos dias atuais quando impomos ao aprendiz uma norma-padrão e a colocamos como crivo para todas as outras. O que propomos ao orientador de língua portuguesa, na educação básica, é um trabalho dinâmico, no qual todas as variedades linguísticas sejam estudadas e vistas como importantes para a sociedade. A norma culta precisa ser estudada paralelamente porque é com ela que adentramos em determinados meios sociais e certos gêneros textuais exigem o seu uso.

Após essa discussão sobre as variedades linguísticas e o ensino de língua materna, vale a pena lembrarmos que a criança vem para a escola dominando a sua gramática interna. Na escola, o aprendiz apenas desenvolve a sua capacidade comunicativa.

O ensino da língua materna existe com a intenção de que seus falantes aumentem seu vocabulário, os recursos expressivos e também tenham consciência das suas potencialidades linguísticas. A compreensão da escrita, pontuação, organização dos parágrafos, técnicas de correção e aprimoramento dos textos também fazem parte do estudo da língua materna.

Podemos perceber que essa insistência quanto ao ensino da gramática normativa tem gerado nos aprendizes, ao longo dos anos, um preconceito que lhes bloqueiam o entendimento e eles ficam tão presos, ou seja, tão engessados, que não conseguem expressar-se livremente. Isso nos faz refletir sobre o “servilismo” discutido por Luft (1994), em que o linguista sugere que essa atitude da escola com seus discentes faz com que eles tenham essa postura frente ao ensino de teorias gramaticais.

2. Resultados de aprendizagens frente à proposta de ensino de Língua Portuguesa

Se a escola propõe um ensino libertador, caberia no seu currículo um conteúdo que estagnasse os aprendizes? Verificamos no resultado do

Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) 2014 concedido pelo g1.globo.com/educacao²⁵, que 529 mil provas foram zeradas em redação, índice que indica 8,5% dos candidatos a seleção, afirmação do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Esses educandos são oriundos de escolas públicas e privadas que pretendiam uma vaga nas universidades do país. Esse resultado crítico mostra a ineficiência do nosso trabalho enquanto professores de língua portuguesa.

Os nossos aprendizes saem inseguros, com dificuldades na escrita, inibidos, têm um vocabulário restrito e apresentam dificuldades em transpor para o texto o pensamento. Mais uma vez sugerimos que o ensino de língua portuguesa precisa incentivar os discentes no manejo permanente da língua, falada e escrita.

Sabemos que o ensino da língua materna tornou-se uma missão, precisamos remar contra a correnteza que insiste na subserviência do aprendiz, e isso ocorre quando o aprisionamos por meio da palavra, palavra essa que seria a sua forma de libertação. E o camponês, que é o senhor da terra? Esse se sente humilhado e inseguro diante de uma língua que ao invés de libertá-lo, o aprisiona.

3. O educando camponês

E o aprendiz camponês? O adolescente camponês, aprendiz na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio, traz as marcas dessa educação excludente. Com o objetivo de reparar as nossas falhas no ensino de língua portuguesa, falhas que atravessam décadas. Propomos um trabalho diferenciado, no qual o educando possa ser ouvido, sem ser constrangido por seu falar diferente, possa escrever e ter a possibilidade de reescrever, resignificando e expondo seus sentimentos. A partir dessa visão e com base nas teorias expostas nas seções anteriores, temos proposto e realizado as atividades declinadas abaixo.

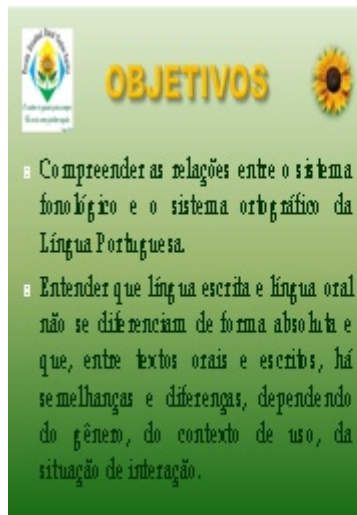
²⁵ <http://g1.globo.com/educacao/enem/2014/index.html>. Acessado em 05/06/2015.

4. Atividades Exitosas

Para desenvolvermos essa missão, propomos algumas atividades em que eles fossem impulsionados a se expressarem tanto oralmente como na escrita:

IMAGEM 1





Minidicionário rural e Projeto linguístico

Fonte: Arquivo pessoal

Síntese do Projeto Linguístico

Professora- Hildacy da Silva Mota Dias

Email- hildacymota@hotmail.com.br

Componente curricular: Língua Portuguesa

Experiência Exitosa

Escola Estadual Rural Taylor Egídio

Diretora – Sonilda Sampaio Santos Pereira

Endereço- Rua Aloísio de Castro, s/n – Bairro Muritiba – Jaguaquara –Ba

Discentes da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) pesquisaram o falar camponês, para realização dessa pesquisa os educandos da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) juntamente com seus familiares fizeram parte do corpus. Nesse trabalho, os alunos da UESB buscaram explicações para os fenômenos linguísticos na região rural do município de Jaguaquara-Ba.

Quando o Minidicionário Rural uma pesquisa sociolinguística foi lançado na UESB, os alunos do 8º ano participaram do lançamento e discutiram com os universitários sobre o falar diferente, realidade peculiar a cada um deles.

Separamos quatro aulas para trabalharmos com o tema de variação linguística, focando o falar urbano X falar rural, estudamos com a turma o minidicionário rural que é o léxico das expressões utilizadas pelos camponeses de Jaguaquara-Ba.

No dia 21 de maio de 2013, os alunos do 8º ano da ERTE apresentaram o Minidicionário Rural para toda a escola, explicando desde o seu momento de pesquisa até a sua proposta linguística. Naquele dia, houve uma apresentação com a música Morar na roça, da autora Mara Gasbarre; declamação do poema: O qui é Brasi cabôco? Do autor Zé da Luz. Na apresentação foram contemplados os temas de variação linguística, sendo os mesmos aplicados aos discentes que são camponeses.

O qui é Brasi Cabôco?

É um Brasi diferente
Do Brasi das capitais,
É um Brasi brasileiro,
Sem mistura de estrangeiro,
Um Brasi nacional!

É o Brasi qui não veste
Lifone de guimara,
Camisa de peito duro,
Cum bucalhão de ouro...
Brasi Cabôco só veste
Camisa gessia de lista,
Corça de brim da "Polista"
Gilete e chapéu de couro!

Brasi Cabôco não come
Assentado nos banquetes,
Misturado cum os home
De caçaca e anêlito...
Brasi Cabôco só come
O bode uito, o feijão,
E as uva uma panelada,
Um pião de carne verde,
Seis dias das melação,
Quando vai servi de ocação
Pra home de posição!

Brasi Cabôco não sabe
Fala inglês nem francês,
Muito meno o português
Qui os outro fala impressido...
Brasi Cabôco não escreve;
Muito má anota o nome
Pô vetá, quando os home
Sé Gamveno e Tipuádo!

Os cem melhores poemas brasileiros do século, seleção de
José Nilton e Pinto. São Paulo: Companhia Editora, 2001, p. 113-2.

ZÉ DA LUZ nasceu na cidade paranaense de Itaipava, em 1904, e morreu no Rio de Janeiro, em 1965. Sobre a leitura de sua poesia, José Lima do Rêgo disse que é como "escutar o falar arrastado do povo, nos seus cantos, nos seus sem-fim". Zé da Luz publicou Brasi Cabôco: O sentido em canto e prosa.



IMAGEM 2



Apresentações públicas em pôsteres

Fonte: Arquivo pessoal

Pela experiência narrada aqui, já é possível perceber que as nossas aulas de língua portuguesa têm por finalidade oferecer aos discentes a capacidade comunicativa para que esses possam trabalhar com a língua e tornarem-se usuários competentes. Isso indica o emprego adequado da língua nas diversas situações comunicativas da sociedade.

Começamos, também, o um projeto de escrita de um jornal por ano. Nesse jornal colocamos, de forma selecionada, textos dos educandos. Perseguimos Geraldi (1997) na sua obra, *O texto na sala de aula*, ao propor que o texto do aprendiz precisa ser socializado para que assim ele sinta-se motivado a escrever.

Para desenvolvermos o referido projeto, colocamos para os aprendizes uma diversidade de atividades:

1º Leitura de livros diversos;

2º Fichamento e resumo escrito dos livros lidos;

3º Socialização para toda a turma dos livros;

4º Escolha pela turma da melhor explanação oral;

5º Seleção pela docente, dos resumos escolhidos pelos discentes para serem submetidos ao Jornal da Escola.

Durante o desenvolvimento das atividades, focamos um tema específico, pesquisamos sobre o assunto. Essa pesquisa é feita em textos impressos e também midiáticos. Levamos a turma para a sala de informática e lá pesquisamos o assunto proposto. Os educandos voltam para a sala e escrevem sobre o tema pesquisado.

Desse trabalho, temos colhido muitos frutos, por que é um dos que mais motiva os aprendizes, e desde o começo do ano, os discentes já perguntam pelo jornal e se esforçam para que o seu texto seja selecionado.

Mas, para que os textos sejam selecionados, apresentamos alguns critérios. O primeiro deles é que façam as leituras dos livros previamente selecionados pela educadora. Convencemos que só terão argumentos para escreverem o texto se lerem os livros e os textos indicados. A partir dessas leituras fazemos resumos, biografias e entrevistas com alguns autores que temos acesso. Produzimos textos dissertativos, fazemos retextualizações que são as reformulações e transformações de gêneros textuais trabalhados. Dessa maneira tentamos perseguir o ideal dos PCNLP que sugerem:

Se o objetivo é que o aluno aprenda a produzir e interpretar textos, não é possível tomar como unidade básica de ensino

nem a letra, nem a sílaba, nem a palavra, nem a frase que, descontextualizada, pouco têm a ver com a competência discursiva, que é questão central. Dentro desse marco, a unidade básica de ensino só pode ser o texto. Priorizar o texto não significa que não se enfoquem palavras, nas frases nas situações didáticas específicas que o exijam. (BRASIL, 1997, p.35)

Sendo assim, com essa atividade escrita focamos a gramática normativa dentro de práticas concretas, ou seja, a partir do texto trabalhamos a metalinguagem. Aqui, o educando reflete sobre a produção de sentidos por meio das palavras, sua coesão e coerência. Com essas produções foi possível observar o crescimento linguístico das turmas, bem como uma participação determinante na construção e desenvolvimento do projeto.

Seguem alguns exemplos:

Título do livro: Vila Maravila: gols de esperança no campo da vida.

No dia 04 de outubro de 2014, nós recebemos um grande escritor, Marcos Monteiro, ganhador do prêmio Jabuti e autor do livro Vila Maravila. Nesse dia, o autor fez em nossa escola uma noite de autógrafos, em que todos os presentes ganharam um livro com uma dedicatória do próprio autor.

No seu livro, o autor relata por meio de crônicas o cotidiano de nordestinos, que tem Jesus andando pelo nordeste, em especial na Vila Maravila, lugar fictício e cheio de graça, onde as personagens representam o nosso dia a dia.



IMAGEM 4



Livro Vila Maravilha e Estudantes com o autor

Fonte: Arquivo pessoal

Autor: Marcos Monteiro

Ilustrações: Ana Matos

Editora: Curviana

Categoria: Crônicas

Número de páginas: 157

PRODUÇÕES DOS ESTUDANTES

1. Apostando corrida com o vento

Apostando corrida com o vento é uma crônica que relata sobre dois times rivais, o Maravila F.C. e o Ipiranga. O Maravila é o melhor time do mundo que tem como principal jogador um rapaz chamado Biu do Efeito que fazia gols incomuns, chutes perfeitos. Ele era tão rápido que antes do primeiro minuto, aproximadamente sete segundos, fez o gol mais rápido do mundo, o pessoal da Vila garante que não cronometraram os seus gols mais velozes ainda.

No entanto, ele tinha um sonho, fazer um feito emocionante, cobrar escanteio e correr para cabecear a bola; fazer o gol. Biu do Efeito agitou a torcida com sua habilidade, cobrou o escanteio e correu sem muita pressa enquanto a bola ia à esquina contrária, voltou onde ele estava posicionado para fazer gol. Agiu como louco, começou a bater a cabeça e a falar sozinho.

Depois disso, nunca mais jogou futebol. Após certo tempo, seu Aroeira achou que ele deveria voltar a jogar no Vila Maravila F.C.. Aroeira inventou um treinamento, soltou cachorro bravo para correr atrás do centroavante, vezes outras soltavam boatos de catástrofes.

Um belo dia, Biu do Efeito voltou a jogar futebol e aconteceu. Efeito cobrou o escanteio e saiu correndo como se tivesse apostando corrida, no momento certo, cabeceou e marcou o gol. Todos do outro time comentaram o acontecido do time rival fazer dois lances e o juiz ainda expulsar todo o time rival, os jogadores, o técnico e o presidente do clube.

Laureano Celestino e Sávio Santos (alunos do 9º ano)

IMAGEM 5



Estudantes escritores do texto "Apostando Corrida"

Fonte: Arquivo pessoal

2. Resumo do livro: Uma porta para a vida de Celso Godoy

Celso Godoy, hoje, é um homem de Deus, revestido pelo Espírito Santo. No entanto, antes de se converter ele foi preso diversas vezes e condenado por cometer variados crimes. Envolveu-se com o mundo da criminalidade ainda adolescente, também frequentou e participou de vários centros de espiritismo, fazendo assim o que desagradava a Deus.

Godoy passou por diversas penitenciárias, sendo elas: Carandiru (Caldeirão do Diabo) e Penitenciária Lemos de Brito (Cemitério dos Vivos). Nesses dois lugares, presenciou inúmeras mortes, mas como o Senhor Jesus Cristo tem planos para cada um de nós, na vida dele não foi diferente, o Senhor tinha um chamado em sua vida e não desistiu porque Ele não desiste de nós.

Hoje ele é casado com Raineire, pai de família, pastor evangélico, Diretor de Missões Urbanas da Convenção Batista Brasileira, Coordenador de Missões Estratégicas para Grupos Específicos e dar palestras sobre drogas e sexualidade juntamente com sua esposa.

Resumo e entrevista - Alunos do 8º ano

Thainara Argôlo- Qual o sentimento que o senhor teve ao entrar para o mundo das drogas?

Pastor Celso Godoy- O envolvimento com drogas é algo imperceptível, quando percebemos já estamos envolvidos.

Luana Palma- O que o senhor tem a dizer sobre o sistema penitenciário brasileiro, melhorou ou piorou nos dias atuais?

Pr. Godoy- Sempre foi e continuará sendo um caos, no Brasil há milhares de prisões, poucas vagas e o governo não investe o suficiente por não apresentar retorno.

Raone Almeida- O que o senhor sentiu ao libertar-se das drogas?

Pr. Godoy- Senti como se tivesse tirado uma coisa ruim de dentro de mim.

Jirlane Oliveira- O senhor tem alguma lembrança que considera boa do seu passado?

Pr. Godoy- Sim, na época da adolescência quando eu ia passear com meus amigos. Tomar banho de cachoeira, por exemplo.

Nanna Rocha- Pr. Godoy, as pancadas que você recebeu no presídio deixaram alguma cicatriz?

Pr. Godoy- Sim, deixaram algumas cicatrizes, se assisto a um filme costumo esquecer.

Milene Damasceno- Se você pudesse resumir sua vida em uma frase, qual seria?

Pr. Godoy- A minha frase é: Jesus transforma!



Fonte: Arquivo pessoal

3. Resumo de livro: Pode me beijar se quiser

Autor: Ivan Ângelo

Ilustrações: Ricardo Azevedo – Editora: Ática

O livro conta a história de um menino chamado Miguel, todos os dias ele levava bilhetes de sua professora Soraia para o doutor Nelson. Certo dia, Miguel levou uma caixa de bombinhas e seu primo soltou-as, por causa disso ele foi chamado à diretoria e acusado de criar uma explosão. Coincidentemente, a professora Soraia pediu demissão da escola, Miguel pensou que fora culpado por causa do acontecido. Passado um tempo, Lindinha, filha do Dr. Nelson, veio passar as férias no interior, ao conversar com ela, Miguel descobriu o verdadeiro motivo da saída da professora da escola, a causa era porque ela iria se casar com Dr. Nelson. No momento em que Lindinha foi se despedir de Miguel para retornar à capital, ela deu um beijo nele, o qual foi o seu primeiro beijo. Educanda: Geracina Rocha Neta (8º ano).

Considerações Finais

Com as ideias aqui apresentadas, pretendemos colaborar de alguma maneira com os professores de língua portuguesa, que também militam no dia a dia por um ensino significativo e desvincilhado da tão famosa gramática tradicional. O trabalho aqui proposto não abandona o ensino da norma culta, apenas o utiliza no momento certo e visando fins específicos.

Sugerimos, amparados em teóricos linguísticos que, o ensino da língua materna objetiva a formação de usuários competentes da língua, e isso indica o uso adequado a cada situação de interação comunicativa. Tudo o que expomos, teve a intenção de assegurar, a você leitor, que é possível trabalharmos dentro de uma perspectiva textual- interativa.

Vimos em primeira instância, que a aula de leitura (compreensão de

textos) precisa ser priorizada no trabalho com a língua, porque é por meio dela que o aprendiz amplia o seu vocabulário, busca e levanta efeitos de sentido possíveis. No segundo momento, percebemos que a aula de produção de textos orais e escritos é um exercício de aplicação da língua, que podemos trabalhar com as funções da linguagem e também observar as variedades linguísticas.

A aula de gramática continua acontecendo, não mais com exercícios de classificações ou análises de palavras de modo solto e descontextualizado. A metalinguagem ocorre por meio da reflexão-uso-reflexão. O discente é oportunizado a selecionar entre os recursos linguísticos os mais adequados para dada situação de uso.

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 11 ed. São Paulo, Hucitec, 2004.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 40. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GERALDI, João Wanderley. Unidades básicas do ensino de português. O texto em sala de aula. São Paulo: Ática, 1997.

LUFT, Celso Pedro. Língua e Liberdade: por uma nova concepção da língua materna. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 1994.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Disponível em: https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=por+uma+p+edagogia+da+variação+linguistica+carlos+alberto+faraco. Acessado em: 05/06/2015.

Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/enem/2014/index.html>. Acessado em 05/06/2015.

Disponível em: www.sociodiaeto.com.br Bacharelado e Licenciatura em Letras • UEMS/Campo Grande **M e s t r a d o e m L e t r a s • U E**

M S / C a m p o G r a n d e ISSN: 2178-1486 • Volume 3 • Número 9 •
março 2013

Disponível em: <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimasnoticias/educacao/2015/03/27/caipira-conserva-formas-antigas-da-lingua-portuguesa-afirma-pesquisadora.htm>

MOTIVAÇÃO COMO FATOR IMPRESCINDÍVEL NO ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA ESTADUAL RURAL TAYLOR-EGÍDIO

Juliana Cardoso Bastos Santos²⁶

Durante minha experiência como educadora, ficava observando que alguns alunos pareciam que estavam em outro espaço que não na sala de aula. Não pareciam estar estudando e isso me incomodava muito. Como não sabia o que estava acontecendo com os educandos, pensei até que seria algo normal por se tratar de adolescentes e jovens. Foi nesse momento que comecei a pesquisar. Descobri que o problema era exatamente a falta de algo que os estimulasse aos estudos. Seria a ausência da motivação para aprender? Neste texto procuro dar ênfase à importância da motivação para a aula de história.

Palavras- chave: Motivação; Aprendizagem; Espaço escolar.

1. Na busca de fundamentos

Segundo o dicionário Ramos (2011), motivação é o ato ou efeito de motivar, causa, razão ou estímulo que impulsiona a fazer algo ou o que o determina.

Para os aprendizes, está na sala de aula não fazia nenhuma diferença, pois eles não mostravam motivos que lhes atraíssem a vir para escola e participar das aulas. A motivação deve ser observada como fogo que queima e devora rapidamente tudo que encontrar por suas proximidades. Assim, a motivação desperta no educando o desejo de se movimentar de um lugar para outro em busca de seus objetivos.

Em uma classe onde os discentes estão desmotivados, os

²⁶ Licenciada em História pela Faculdade de Tecnologia e Ciências – Jequié - Bahia. Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade João Calvino-Barreiras - Bahia.

educadores encontram dificuldades para conduzirem os componentes curriculares sob suas responsabilidades. Os aprendizes não conseguem ter uma boa aprendizagem, justamente por estarem desmotivados e acabam afetando o docente que não consegue responder as suas expectativas, enquanto profissional.

A motivação é indispensável para efetivação da aprendizagem, visto que é um fator que impulsiona o educando a estudar, a realizar as atividades e avançar nos estudos. Assim, é pertinente a afirmação de Guimarães e Boruchovitch (2004) ancorados em Ames (1992); Givvin, Stipek, Salmon & Macgyvers, (2001); Guthrie & Alao (1997); Stipek, (1998):

A motivação intrínseca do aluno não resulta de treino ou de instrução, mas pode ser influenciada principalmente pelas ações do professor. Embora não se desconsiderem as crenças, conhecimentos, expectativas e hábitos que os estudantes trazem para a escola, a respeito da aprendizagem e da motivação, o contexto instrucional imediato, ou seja, a sala de aula, torna-se fonte de influência para o seu nível de envolvimento. (Ames, 1992; Givvin, Stipek, Salmon & Macgyvers, 2001; Guthrie & Alao, 1997; Stipek, 1998, apud Guimarães & Boruchovitch, 2004)

Perfeitamente! É nessa visão que este estudo está sendo desenvolvido: “o contexto instrucional imediato, ou seja, a sala de aula, torna-se fonte de influência para o nível de envolvimento do aluno” (op cit, p. 147). Logo, o ambiente escolar contribui, significativamente, para o aprendizado do discente. As experiências adquiridas pelos aprendizes têm grande influência na imagem que ele faz de si mesmo. No espaço educacional, os educandos devem buscar várias metas, metas essas que facilitam o desempenho e, consequentemente, a aprendizagem.

Muitas disciplinas têm apresentado um alto índice de desmotivação por parte dos estudantes. A disciplina de história, de acordo com os

Parâmetros Curriculares Nacionais de História (PCNH) (BRASIL, 1998), tem buscado meios para possibilitar melhor compreensão do real objetivo do seu ensino. Nele o estudante é o construtor ativo da sua própria história e não mais um mero receptor dentro de um contexto histórico. É importante, observar que o educando já traz consigo alguns saberes relacionados aos conteúdos de História, que foram adquiridos no seu convívio familiar, social e escolar.

É importante que o professor crie situações rotineiras, nas suas aulas, de atitudes questionadoras diante dos acontecimentos e das ações dos sujeitos históricos, possibilitando que sejam interpretados e compreendidos a partir das relações (de contradição ou de identidade) que estabelecem com outros sujeitos e outros acontecimentos do seu próprio tempo e de outros tempos e outros lugares, isto é, relações que estabelecem por suas semelhanças, suas diferenças, suas proximidades, suas dependências, suas continuidades. (BRASIL:1998.p.54).

Dessa forma, a aprendizagem de história, assim como qualquer outra disciplina, passa pela construção e pelo domínio de conceitos que vão se formando, se ampliando e ganhando outros significados numa relação dinâmica com novos conceitos e com os processos históricos. Assim, a escola, por meio do professor, deve viabilizar, socializar e sistematizar os conhecimentos do educando, ampliando suas potencialidades de direção e aquisição do saber sistematizado, criar o estabelecimento da relação entre as estruturas da sociedade em que está inserido. Porque “o estilo motivacional do professor revela-se um importante constructo educacional pelo impacto que exerce no desenvolvimento motivacional dos estudantes”. (Guimarães & Boruchovitch, 2004)

2. Contextualizando o espaço do estudo

Localizada na Bahia, Região Sudoeste, acerca de 300 km de Salvador, no município de Jaguaquara-Ba, está a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE). Unidade de ensino rural, que oferece educação integral para alunos camponeses. Funciona como internato, onde os alunos ficam trinta (30) dias imersos na ação educativa e trinta (30) dias em suas casas, na zona rural. Esta é a conhecida pedagogia de alternância.

O eixo, que faz tudo funcionar, na ERTE é o campo. Sua proposta de conduta tem amparo nos postulados de Jesus Cristo, por isso é cristã; e a proposta pedagógica ampara-se em Paulo Freire, por isso é freiriana. Trabalha na perspectiva da formação integral. Daí, comprometer-se desde o ensino da leitura e da escrita até às questões cívicas e morais. Aqui os discentes são valorizados.

3. Entre a Proposta dos PCNH , a Lei 10.639/03 e a transposição para a práxis

Seguindo as orientações propostas pelos PCNs de História e a Lei nº 10.639/03 que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2003), temos todo o cuidado em trabalhar nas aulas de História, além da consciência de igualdade entre as raças e suas misturas, a motivação no educando. Esse trabalho com a motivação justifica-se porque recebemos alunos sem nenhuma perspectiva de crescimento na vida profissional e pessoal, uma vez que seus contextos familiares assim os fazem. Então, buscamos levar esses educandos a construírem uma autoestima elevada, proporcionando-lhes mecanismos que os levem a sentirem-se importantes na escola e na sociedade, inclusive ressaltando-lhes a legalidade para o empoderamento diante da história (BRASIL, 2003).

Um desses mecanismos são as 'Mostras Literárias'. Durante um período, eles estudam determinados conteúdos de história, simultaneamente fazem leituras de livros paradidáticos propostos

pela docente e, no final do período letivo, isto é, a cada final de mês da alternância na escola, apresentam para todos os colegas e funcionários e, algumas vezes, para a comunidade geral.

Buscando um exemplo concreto, durante o segundo semestre de 2014, estudamos em História, a vida e luta dos negros no Brasil. Como resultado desse estudo, fizemos uma 'Mostra Literária' utilizando várias leituras como Navio Negreiro de Castro Alves (2004), músicas, encenações e outros.

Para realização dessa atividade propomos o seguinte roteiro:

1. Segmento: Ensino Fundamental II – 7º ano A – 38 estudantes
2. Tema: Os negros e suas condições de vida no Brasil
3. Tempo de duração: 6 aulas (50 minutos cada)
4. Conteúdo desencadeador: As versões da história dos negros no Brasil
5. Objetivo geral: Identificar, por meio de análise de textos, imagens e músicas, a forma de vida dos negros no Brasil
6. Objetivos específicos:
 - 6.1. Buscar conhecer a história dos negros antes de chegarem ao Brasil
 - 6.2. Tentar um entendimento das funções dos negros no trabalho
 - 6.3. Reconhecer que os negros escravizados resistiram à escravidão
 - 6.4. Observar os documentos históricos e a troca de informações
 - 6.5. Conhecer as causas e as consequências da escravidão no Brasil.
7. Metodologia:
 - 7.1. Exposição do conteúdo por meio do diálogo
 - 7.2. Apresentação de documentos, destacando a vida dos negros antes da chegada ao Brasil
 - 7.3. Conceituação do vocábulo 'escravo', com utilização de

diversas e díspares fontes

8 Observações sobre a metodologia:

8.1. No decorrer das exposições, haverá espaço aberto para troca de informações e esclarecimento de dúvidas.

8.2. Durante as aulas, será montada uma peça teatral para apresentação na culminância do período letivo (um mês).

8.3. Após todos os passos, os estudantes farão uma produção escrita.

9. Recursos didáticos:

9.1. Livros didáticos

9.3. Mapas

9.3. Imagens (dos negros em diversas situações)

9.4. Música

9.5. Data show

9.6. Quadro branco

9.7. Piloto

9.8. Aparelho de som.

10. Avaliação:

10.1. Por seu caráter processual, será avaliada, cotidianamente, a participação nas aulas

10.2. Relação entre os conteúdos prévios e os abordados nas aulas

10.3. Interesse pela manutenção da atenção durante o assunto estudado

10.4. Esforço pessoal para responder as atividades propostas

10.5. Participação e desempenho efetivo nas atividades programadas

11. Referencias para o projeto de sala de aula:

CASTRO, Alves. Obras completas. Edição organizada por Eugênio Gomes, 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

PROJETO ARARIBÁ: História/Organizadora editora moderna; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna;

editora responsável Maria Raquel Apolinário. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2007.

Disponível em: <http://letras.mus.br/gabriel-pensador/66182/acesso> em 18/set/2014.

Disponível em <https://www.google.com.br/#q=gravuras+do+navio+negreiro>. Acesso em 18 set. 2014.

**** * * * *

Essa proposta de trabalho foi desenvolvida para incentivar e despertar a curiosidade, motivando os estudantes para o estudo acerca do assunto proposto. Conforme planejado, participaram os trinta e oito (38) educandos do 7º ano A, do ensino fundamental III. Todos se envolveram na atividade, de forma inteira, das pesquisas às apresentações teatrais públicas. Na foto abaixo, um momento da culminância.

FOTO 1 – CULMINÂNCIA DO PROJETO DE ESTUDO SOBRE A HISTÓRIA DOS NEGROS



FONTE: Arquivo de fotos da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio - 2014

À guisa de esclarecimento e, quem sabe, auxílio para quem se interesse em utilizar a ideia, está abaixo alguns dos materiais e textos utilizados durante o processo:

IMAGEM 1 – CAPA DO LIVRO TEXTO BÁSICO



FONTE: <https://www.google.com.br/search?q=navio+negreiro+castro+alves&biw=1352&bih=620&source=lnms&tbn=isch&sa=>

Acesso em 24 de junho de 2015

Dentre os poemas do livro supracitado, elegemos, juntamente com os estudantes, o seguinte:

[...] Senhor Deus dos desgraçados!

Dizei-me vós, senhor Deus!

Se é loucura... se é verdade

Tanto horror perante os céus?!

Ó mar, por que não apagas

Co'a esponja de tuas vagas

De teu manto este borrão?...

Astros! Noites! Tempestades!

Rolai das imensidades!

Varrei os mares, tufão! [...]

(ALVES, 2004, p. 906)

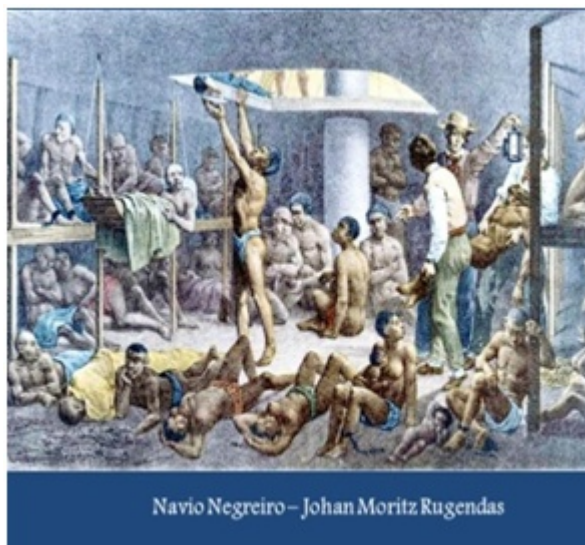
Nesse poema, os educandos analisaram o sofrimento dos negros, ao serem transportados em um porão de um navio, feito animais amontoados. Os escravos vinham sem as condições mínimas que um ser humano necessita para se locomover de um lugar para outro. Foram observadas, também, as questões da falta de higiene, da má alimentação e os maus tratos que recebiam dos capitães do navio. Abaixo, algumas das gravuras utilizadas para a clareza do texto escrito:

IMAGEM 2 – GRAVURA DA REALIDADE DESCRITA POR
CASTRO ALVES
EM NAVIO NEGREIRO



FONTE: <https://www.google.com.br/#q=gravuras+do+navio+negreiro>

IMAGEM 3 – GRAVURA DA REALIDADE DESCRITA POR
CASTRO ALVES
EM NAVIO NEGREIRO



FONTE: <https://www.google.com.br/#q=gravuras+do+navio+negreiro>

IMAGEM 4 – GRAVURA DA REALIDADE DESCRITA POR
CASTRO ALVES
EM NAVIO NEGREIRO



FONTE: <https://www.google.com.br/#q=gravuras+do+navio+negreiro>

As gravuras foram utilizadas para ilustrar o poema, ampliar os dados, como também trazer informações para o enriquecimento da aprendizagem. Como planejado e apresentado acima, também utilizamos músicas. Abaixo, uma de Gabriel, o Pensador, que também colaborou na elucidação do tema e no fortalecimento da consciência crítica, livre, sem preconceitos.

LAVAGEM CEREBRAL²⁷

Gabriel, O Pensador

Racismo preconceito e discriminação em geral
É uma burrice coletiva sem explicação
Afinal que justificativa você me dá para um povo que precisa de união
Mas demonstra claramente
Infelizmente
Preconceitos mil
De naturezas diferentes
Mostrando que essa gente
Essa gente do Brasil é muito burra
E não enxerga um palmo à sua frente
Porque se fosse inteligente esse povo já teria agido de forma mais
consciente
Eliminando da mente todo o preconceito
E não agindo com a burrice estampada no peito
A "elite" que devia dar um bom exemplo
É a primeira a demonstrar esse tipo de sentimento
Num complexo de superioridade infantil
Ou justificando um sistema de relação servil
E o povão vai como um bundão na onda do racismo e da
discriminação

²⁷Embora extensa a letra, julguei muito importante colocá-la inteira por conta da riqueza da poesia, do conteúdo e da história. Essa letra sustenta e fortalece a Lei nº 10.639/03: Por uma educação antirracismo no Brasil. (BRASIL, 2003)

Não tem a união e não vê a solução da questão
Que por incrível que pareça está em nossas mãos
Só precisamos de uma reformulação geral
Uma espécie de lavagem cerebral

Não seja um imbecil
Não seja um Paulo Francis
Não se importe com a origem ou a cor do seu semelhante
O quê que importa se ele é nordestino e você não?
O quê que importa se ele é preto e você é branco?
Aliás branco no Brasil é difícil porque no Brasil somos todos mestiços
Se você discorda então olhe pra trás
Olhe a nossa história
Os nossos ancestrais
O Brasil colonial não era igual a Portugal
A raiz do meu país era multirracial
Tinha índio, branco, amarelo, preto
Nascemos da mistura então porque o preconceito?
Barrigas cresceram
O tempo passou...
Nasceram os brasileiros cada um com a sua cor
Uns com a pele clara outros mais escura
Mas todos viemos da mesma mistura
Então presta atenção nessa sua babaquice
Pois como eu já disse racismo é burrice
Dê a ignorância um ponto final:
Faça uma lavagem cerebral

Negro e nordestino constroem seu chão
Trabalhador da construção civil conhecido como peão
No Brasil o mesmo negro que constrói o seu apartamento ou que lava
o chão de uma delegacia
É revistado e humilhado por um guarda nojento que ainda recebe o
salário e o pão de cada dia graças ao negro ao nordestino e a todos

nós

Pagamos homens que pensam que ser humilhado não dói

O preconceito é uma coisa sem sentido

Tire a burrice do peito e me dê ouvidos

Me responda se você discriminaria

Um sujeito com a cara do PC Farias

Não você não faria isso não...

Você aprendeu que o preto é ladrão

Muitos negros roubam mas muitos são roubados

E cuidado com esse branco aí parado do seu lado

Porque se ele passa fome

Sabe como é:

Ele rouba e mata um homem

Seja você ou seja o Pelé

Você e o Pelé morreriam igual

Então que morra o preconceito e viva a união racial

Quero ver essa música você aprender e fazer

A lavagem cerebral

O racismo é burrice mas o mais burro não é o racista

É o que pensa que o racismo não existe

O pior cego é o que não quer ver

E o racismo está dentro de você

Porque o racista na verdade é um tremendo babaca

Que assimila os preconceitos porque tem cabeça fraca

E desde sempre não para pra pensar

Nos conceitos que a sociedade insiste em lhe ensinar

E de pai pra filho o racismo passa

Em forma de piadas que teriam bem mais graça

Se não fossem o retrato da nossa ignorância

Transmitindo a discriminação desde a infância

E o que as crianças aprendem brincando

É nada mais nada menos do que a estupidez se propagando

Qualquer tipo de racismo não se justifica

Ninguém explica
Precisamos da lavagem cerebral pra acabar com esse lixo que é
uma herança cultural
Todo mundo é racista mas não sabe a razão
Então eu digo meu irmão
Seja do povão ou da "elite"
Não participe
Pois como eu já disse racismo é burrice
Como eu já disse racismo é burrice
Como eu já disse racismo é burrice
Como eu já disse racismo é burrice
Como eu já disse racismo é burrice
E se você é mais um burro
Não me leve a mal
É hora de fazer uma lavagem cerebral
Mas isso é compromisso seu
Eu nem vou me meter
Quem vai lavar a sua mente não sou eu
É você

FONTE: <http://www.vagalume.com.br/gabriel-pensador/lavagem-cerebral.html#ixzz3dyR218WV>

Essa música foi utilizada para os discentes fazerem uma leitura e interpretação do que acontece com os negros, ainda na atualidade. Muito pertinente porque mais de 90% dos estudantes camponeses, pobres, são negros. Observamos que, por meio da música, os alunos se encontraram e se fortaleceram para dizerem suas palavras e proferirem seus próprios discursos a partir de seus lugares de fala. Após a análise da música e das leituras dos livros e das gravuras, partimos para a produção dos textos dos estudantes. As produções eleitas pela turma e pelos docentes, irão para o jornal da ERTE que são construídos anualmente e divulgados na própria escola, na comunidade local e regional. Pontuamos que essa divulgação eleva

a autoestima dos educandos e dos educadores.

Como orientam os PCNs de História em um dos seus objetivos:

Dominar procedimentos de pesquisas escolar e de produção de texto, aprendendo a observar e colher informações de diferentes paisagens e registros escritos, iconográficos, sonoros e materiais. O estudo de contexto específico e de processos, sejam eles contínuos ou descontínuos. (BRASIL, 1998, p. 43 - 46).

Abaixo, um dos textos produzidos, na aula do componente curricular História, pela estudante Milene Andrade Damasceno:

NOVA CONSTITUIÇÃO

Milene Andrade Damasceno

Em 1795

Uma nova constituição foi aprovada

Mas só participavam das eleições

as classes elevadas

dois conselhos foram criados

para formular resoluções

composto por 250 membros

era o conselho dos anciões

O diretório era o novo poder

O novo poder executivo

Por 5 anos e 5 membros

Ele era exercido

Foi um período de conflitos

e tentativas de golpes de estado

Napoleão Bonaparte

Era um nome muito citado

O dia 18 de maio
Importante no calendário da revolução
Foi criado o consulado
Como nova constituição
Tudo isso por causa
De um golpe de estado
Em que Napoleão Bonaparte
Estava interligado
Depois de tantas reviravoltas
Napoleão foi coroado imperador
A França virou monarquia
Mas a história não acabou...

Palavras finais

Diante do vivenciado nas aulas de História, na ERTE, e minimamente apresentado neste texto, considero provável que a motivação é um fator imprescindível ao trabalho do docente e, em especial, ao docente do componente curricular História. É nesse componente que o espaço se abre para a construção da ponte entre o passado e o presente. Nesse espaço e nessa ponte, há grande possibilidade do estudante perceber-se agente transformador da própria história e, consequentemente, da história que o cerca.

Nessa perspectiva, e com o amparo dos Parâmetros Curriculares Nacionais de História (BRASIL, 1998) e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 20013), e, buscando entender e aplicar ações motivacionais, nas aulas de História, venho cooperando com a escola com que sonho e ajudo a construir.

Referências:

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos

- do Ensino Fundamental – História. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Lei 10.639/03. Brasília: MEC/SEF, 2003.
- CASTRO, Alves. Obras completas. Edição organizada por Eugênio Gomes, 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, 906 .
- GUIMARÃES, Sueli E. R. & BORUCHOVITCH , Evely. O Estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: Uma perspectiva da teoria da autodeterminação. In: Psicologia: Reflexão e Crítica, V.17 nº 2, p.143-150, 2004.
- RAMOS, Rogério de Araújo. Dicionário de Língua Portuguesa: Ensino Fundamental, 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2011.

DESAFIOS DE UMA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: DA REALIDADE A FORMALIDADE

Sandra Martins de Souza²⁸

A escola com que sempre sonhei e ajudei a construir me proporcionou, ao longo dos seus quinze (15) anos, muitas aprendizagens. Em todo o período que lecionei na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE), vivenciei as mais diversas sensações. Desde alfabetizar, que é uma paixão em minha vida, crianças e adolescentes rurais, os quais necessitam de mais tempo para desenvolver uma aprendizagem formal; ao trabalho com a disciplina de Língua Portuguesa, momento de grande valia para mim, pois tive a oportunidade de, junto com os educandos, desenvolver um trabalho de construção de conhecimento mútuo, no estudo da língua materna, pois de acordo com Paulo Freire (1996) somos seres inconclusos e nos construímos a todo tempo; passando pela ministração do componente Matemática; à coordenação pedagógica dos anos iniciais até à cooperação com a formação de professores, que acontece na ERTE, no curso de Pedagogia da UESB – PARFOR.

Dentre todas as experiências citadas, elejo o ensino da Matemática para, neste trabalho, discutir. Atualmente estou buscando desenvolver um trabalho significativo no ensino com o referido componente curricular. E, por meio de muitos estudos e pesquisas feitos tanto individualmente, no lugar de professora, quanto coletivamente, com as turmas do ensino fundamental II, acredito que estamos trilhando um caminho favorável a aprendizagem porque de acordo com Freire:

Pensar certo, envolve um movimento dinâmico, dialético

²⁸Pedagoga pela Faculdade de Ciências Educacionais e Pós-graduada em Alfabetização e Letramento pelo Instituto Pró Saber. É professora do componente curricular Matemática na ERTE – Escola Estadual Rural Taylor-Egídio e no CBTE – Colégio Batista Taylor-Egídio. Professora alfabetizadora efetiva na rede municipal de ensino de Jaguaquara-Ba.

entre o fazer e o pensar sobre o que fazer. O pensar certo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. Por isso é que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é a reflexão crítica sobre a prática. (1996, p. 39)

E são as reflexões contínuas sobre a prática do ensino da Matemática que têm conduzido a mim e aos estudantes a uma compreensão mais abrangente deste campo do saber tão criticado e chamado de “difícil”, que é a ciência matemática.

Comumente, observam-se pessoas que não dominam a língua materna, envolvidas em situações cotidianas fazendo uso intenso dessa, situações que os colocam como letrados, o mesmo acontece com os conhecimentos matemáticos que, por sua vez, estão presentes nas mais variadas situações cotidianas e acadêmicas.

E o ensino de Matemática, em alguns casos, tem deixado à margem sua importância e sua relevância. Ou melhor dizendo, os docentes dessa área deixam de levar em consideração que os conhecimentos matemáticos se intercalam com todas as outras áreas, uma vez que:

a vitalidade da Matemática deve-se também ao fato de que, apesar de seu caráter abstrato, seus conceitos e resultados têm origem no mundo real e encontram muitas aplicações em outras ciências e em inúmeros aspectos práticos da vida diária. (BRASIL, 1997, p.23).

A matemática por si só não sobreviveria, a não ser como parte integrante de um todo e, como tal, se faz necessário um olhar mais apurado na busca de caminhos mais acessíveis a esses conhecimentos, sendo assim o papel do professor é imprescindível na condução e na mediação pedagógica. Os PCN Matemática enfatizam que:

O conhecimento da história dos conceitos matemáticos precisa fazer parte da formação dos professores para que

tenham elementos que lhes permitam mostrar aos alunos a Matemática como ciência que não trata de verdades eternas, infalíveis e imutáveis, mas como ciência dinâmica, sempre aberta à incorporação de novos conhecimentos. (BRASIL, 1997, p.30).

Partindo de situações que envolvam a história da construção do conhecimento matemático, fica claro para os educandos que em todo tempo há “necessidades cotidianas que fazem com que [...] desenvolvam uma inteligência essencialmente prática, que permite reconhecer problemas, buscar e selecionar informações, tomar decisões” (BRASIL, 1997, p. 29), ou seja, os saberes, seja quais forem, se constroem e se reconstroem.

Então, cabe à escola, como instituição, a partir da coordenação pedagógica, organizar tais conhecimentos para que possam servir de respostas aos anseios dos alunos. Nesse contexto, caberá ao professor movimentar-se como: organizador, mediador e incentivador nas construções estabelecidas, visando potencializar as capacidades dos seus alunos.

Nos últimos anos, muitos estudiosos têm afirmado que o estudo das mais diversas áreas do conhecimento, podem e devem partir da necessidade de se resolver uma situação problema, ou seja, de acordo com os PCN Matemática “o ponto de partida da atividade matemática não é a definição, mas o problema” (BRASIL, 1997, p.33).

Então, a partir das construções dos saberes matemáticos seguem as necessidades do uso de situações que envolvam contagem, medidas, formas, informações contidas em gráficos, entre outras, que estão presentes no dia a dia de todo cidadão. E, com as pessoas do campo, em todo tempo, tais situações fazem-se presentes. Essa pontuação é necessária porque este estudo é realizado na ERTE, escola do campo.

Embora no campo encontrem-se muitas pessoas com um grau de escolaridade ainda baixo, as vivências matemáticas são

cotidianamente utilizadas, nas mais diversas situações, como: observação do tempo; escolha do local para plantio; colheita; organização, transporte e comercialização dos produtos e na utilização dos rendimentos financeiros. Sendo assim, a matemática se faz presente a todo momento, mesmo informalmente, não havendo para esses fins a menor necessidade e importância dos conhecimentos sistematizados academicamente.

Dessa forma, a escola tem um papel fundamental. Cabe-lhe conscientizar os educandos que, mesmo fazendo uso dos saberes matemáticos assistemáticos, tais saberes podem e precisam ser sistematizados e formalizados para melhor compreensão e uso diário mais consistente. D'Ambrósio (2002) afirma que, não levar em consideração essa situação, é uma agressão à dignidade desse grupo.

Assim, a escola necessita saber-se como uma extensão da vida cotidiana dos seus educandos, valendo-se das situações matemáticas diárias como ponto de partida dos conhecimentos formais, “proporcionando a todos um espaço adequado para o pleno desenvolvimento de criatividade desinibida, que, ao mesmo tempo preserva a diversidade e elimina as inequidades” (D'Ambrósio, 2014, p.110)

Portanto, estando o homem do campo em contato constante com a natureza e a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) sendo camponesa e de alternância, nada melhor do que utilizar-se das vivências dos educandos para a organização do trabalho pedagógico, pois de acordo com Freire “precisamos de conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos” (1996, p.71).

Com uma visão crítica, grande responsabilidade e sentindo a necessidade, no lugar de ministrante do componente Matemática, busquei ressignificar a proposta curricular, amparada legalmente no artigo 28, da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I conteúdos curriculares e metodologias dos alunos da zona rural. (BRASIL, 1996)

Assim, no intuito de organizar melhor o trabalho pedagógico da ERTE, a partir de observações e diálogos,tenho buscado desenvolver um trabalho que parta da vida concreta dos educandos camponeses, como propõe D'Ambrósio:

A dinâmica curricular sempre pergunta “onde” e “quando” um currículo tem lugar e o problema chave na dinâmica curricular é relacionar o momento social, tempo e lugar, para o currículo, na forma de objetivos, conteúdos e métodos de uma forma integrada. O momento social é mais do que simplesmente tempo e local ou quando e onde. Trago à tona uma dimensão extra de natureza mais complexa, que é a diversidade cultural (1993, p. 64).

A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio é uma escola de alternância, modalidade educacional que nasceu na França em 1935, idealizada por alguns agricultores. Chegou ao Brasil na década de 60 no estado do Espírito Santo, onde seu movimento se dá pelos estudantes alternarem os tempos de estudo entre um período no ambiente escolar e outro em casa (NASCIMENTO, 2003, p.3).

Considerando que na ERTE os educandos alternem entre trinta (30) dias em casa e trinta (30) dias na escola, vivendo em regime de internato, o que gera grandes gastos na manutenção, senti a necessidade de pesquisar, juntamente com meus alunos, sobre a realidade financeira. Busquei, a partir da matemática, uma análise sobre os custos/benefícios. Com os números nas mãos, partimos para o trabalho de conscientização sobre a necessidade de toda comunidade escolar economizar.

Diante desta problemática e a partir de diálogos entre docente e discentes, em 2012 desenvolvemos um projeto intitulado: Demandas Financeiras em uma Educação de Alternância.

Por meio do referido projeto, fez-se necessário que os educandos da ERTE se familiarizassem com os investimentos necessários para esta educação diferenciada e de qualidade, compreendendo melhor o processo de funcionamento da escola que é residencial com o seu diferencial de educação integral, o princípio educativo da ERTE ultrapassa as questões pedagógicas, perpassando por vários setores: saúde, alimentação, limpeza e higiene, materiais didáticos, materiais agrícolas, combustível, dentre outros.

E assim fizemos uma pesquisa sobre o consumo básico na ERTE, mensalmente, cruzando com conhecimentos gerais para que através dos dados obtidos pudéssemos utilizar os conhecimentos matemáticos, gerando uma aprendizagem significativa e conscientizando os educandos acerca da economia necessária, e da importância e necessidade de uma educação de qualidade.

O trabalho foi organizado conforme demonstrado na tabela abaixo:

CRONOGRAMA E AÇÕES DESENVOLVIDOS DURANTE O PROJETO

AÇÃO: (1) Divisão das turmas em grupos para a visita aos diversos espaços da escola em busca de autorização para a pesquisa e data de retorno. Retorno das turmas aos espaços para a aplicação das entrevistas e questionários.

PESSOAS ENVOLVIDAS: (1) Professores, funcionários e educando da 5ª, 6ª e 7ª série do ensino fundamental II

TEMPOS NECESSÁRIO: (1) II unidade de 2012

AÇÃO: (2) Pesquisas de preços no comércio da cidade e a origem dos produtos.

PESSOAS ENVOLVIDAS: (2) Professoras, funcionários e educandos

da 5ª, 6ª e 7ª série do ensino fundamental II

TEMPO NECESSÁRIO: (2) II unidade de 2012

AÇÃO: (3) Organização de atividades a partir dos dados da pesquisa. Tabulação e organização dos gráficos.

PESSOAS ENVOLVIDAS: (3) Professoras, funcionários e educandos da 5ª, 6ª e 7ª série do ensino fundamental II

TEMPOS NECESSÁRIO: (3) III unidade de 2012

AÇÃO: (4) Apresentação dos resultados da pesquisa em forma de palestras. Publicação no jornal da escola.

PESSOAS ENVOLVIDAS: (4) Educandos da 5ª, 6ª e 7ª série do ensino fundamental II

TEMPOS NECESSÁRIO: (4) IV unidade de 2012

Em meio às pesquisas, conforme o cronograma acima, as atividades eram elaboradas, dentro da realidade concreta dos estudantes e do projeto proposto. Abaixo, algumas das atividades desenvolvidas:



11 ANOS:
Educação Continuada e
Gratuito Profissional



DEMANDAS FINANCEIRAS EM UMA EDUCAÇÃO DE ALTERNÂNCIA:

"Através do projeto **Demandas Financeiras de uma Educação de Alternância** se fez necessário que os educandos da FRTF se familiarizassem com os investimentos necessários para esta educação diferenciada e de qualidade, compreendendo melhor o processo de funcionamento da nossa escola que é residencial com o seu diferencial de educação integral, que conta com várias despesas e demandam grandes gastos, pois o princípio educativo da FRTF ultrapassa as questões pedagógicas, passando por vários setores: saúde, alimentação, limpeza e higiene, materiais didáticos, materiais agrícolas e até mesmo comunitários entre outros.

E assim fizemos uma pesquisa sobre o consumo básico na FRTF mensalmente cruzando com conhecimentos gerais para que através dos dados obtidos pudessemos utilizar os conhecimentos matemáticos, gerando uma aprendizagem significativa e conscientizando os educando da importância e necessidade de uma educação de qualidade."





Queridas educandos:

As questões a seguir foram criadas a partir das descobertas feitas por vocês durante as pesquisas sugeridas pelo Projeto citado acima, agora estão em suas mãos para que possam resolvê-las consolidando sua aprendizagem.

Escola:		
Educando:		
Professora:		Disciplina:
Grupo:	Série:	Turma:



Questão - 1 De acordo com o texto os produtos da cesta básica na Cesta do Povo são cerca de 30% mais baratos, portanto se o açúcar em um supermercado da cidade custa R\$ 2,00 por quilo, quanto custará na Cesta do Povo?

- a) R\$ 2,60
- b) R\$ 1,60
- c) R\$ 1,40
- d) R\$ 2,40

Através de pesquisa feita pelos alunos da ERTE observou-se que a quantidade de alimentos consumidos na escola durante o período de um mês (30 dias), é um tanto elevado.

Veja uma pequena amostra de alguns itens pesquisados:

Quantidade (kg)	Produto	Preço (R\$)
240 kg	Feijão	3,45
600 kg	Açúcar	2,00
60 kg	Café	2,30 (250g)
900 kg	Farinha	3,00
120 l	Óleo	3,60
600 pacotes	Biscoito de sal	2,35
900 kg	Sardinha	6,49
700 kg	Flocos de milho	1,39
300 kg	Arroz	1,85



120 l	Óleo	3,60
600 pacotes	Biscoito de sal	2,35
900 kg	Sardinha	6,49
700 kg	Flocos de milho	1,39
300 kg	Arroz	1,85



Questão - 2 Quanto a ERTE gasta mensalmente na compra de feijão?

- a) R\$ 500,00
- b) R\$ 828,00
- c) R\$ 840,00
- d) R\$ 588,00



Questão - 3 Observando o preço do biscoito, qual é o gasto mensal em reais?

- a) R\$ 1.140,00
- b) R\$ 410,00
- c) R\$ 1.440,00
- d) R\$ 1.410,00



Questão - 4 Utilizando o consumo exposto na tabela e nas informações dadas no texto acima sobre a cesta básica, quantas cestas básicas para um casal a quantidade de açúcar e farinha poderá comprar.

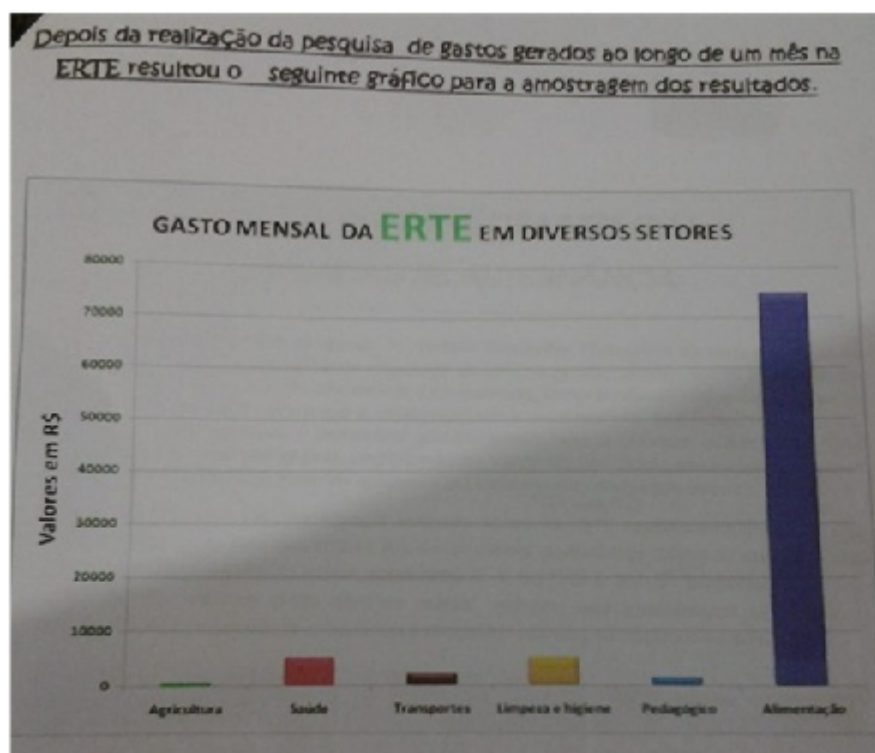


Questão - 4 Então calcule a área (base x altura) utilizada pela ERTE para o trabalho com a agricultura, sabendo que os lados do terreno retangular medem 150 m de base e 100 m de altura. Essa área tem aproximadamente:

- a) 2 hectares.
- b) 3 hectares.
- c) 1 hectare.
- d) 1,5 hectare.

"Horta se parece com filho. Vai acontecendo aos poucos, a gente vai se alegrando a cada momento, cada momento é hora de colheita." (Ruben Alves)





Momentos de socialização dos resultados das pesquisas, no pátio da ERTE:



Esse trabalho movimentou todo o ambiente escolar, gerou aprendizagens de forma significativa e dinâmica, como se pode observar na fala da educanda M. D. “Nesse trabalho descobrimos que a matemática se relaciona com todas as outras matérias e que ela está em todo lugar”.

Assim, observa-se que partir de um contexto próximo do educando faz toda a diferença no processo de ensino e aprendizagem. É como Paulo Freire afirmava:

Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias (FREIRE, 1996, p. 30).

Portanto, sendo a ERTE uma escola que atende a comunidade camponesa, torna-se de suma importância trabalhar a partir dos conhecimentos relativos ao plantio, às colheitas (agricultura), as criações (pecuária), ao espaço e até mesmo a comercialização, situações que são importantes para atender às necessidades básicas de uma sociedade, pois o campo fornece todos os subsídios necessários para a manutenção da vida, que vão desde alimentação até o vestuário, tendo o sujeito camponês total importância nesse cenário. Portanto, para D’Ambrósio,

além do caráter antropológico, a etnomatemática tem um indiscutível foco político. A etnomatemática é embebida de ética, focalizada na recuperação da dignidade cultural do ser humano. A dignidade do indivíduo é violentada pela exclusão social, que se dá muitas vezes por não passar pelas barreiras discriminatórias estabelecidas pela sociedade dominante, inclusive e, principalmente, no sistema escolar. (2001, p. 9)

Os tais conhecimentos vão além dos números e operações, grandezas e medidas, espaço e forma e até mesmo o tratamento de informações com a elaboração de gráficos e tabela das colheitas, pois de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática (PCN Matemática) formam os blocos de conteúdos matemáticos que fazem parte do currículo para o ensino fundamental.

Partindo dessas afirmações, busquei e buscamos o desenvolvimento de práticas voltadas para o cotidiano rural. No início de cada ano letivo, na ERTE, partimos de perguntas semiestruturadas que visam compreender melhor a visão dos educandos em relação a área de estudo em foco, nesse caso, a “Matemática”.

Em seguida, questionamos sobre o uso da Matemática no dia a dia do campo, perguntamos sobre o meio de sobrevivência das famílias e tipos de culturas e criações desenvolvidas em cada região, dessa forma verificamos, concordando com D’Ambrósio (2002) que a disposição do professor em escutar os seus alunos de forma a lhes dar voz e agência é o elemento fundamental ao caracterizar o professor pesquisador.

Ao ouvir os alunos, ouvimos respostas bem diversificadas que nos permitem trazer um pouco da suas realidades para o ambiente escolar. São situações que perpassam por todos os blocos de conteúdos sugeridos pelos PCN Matemática, como já foram citados anteriormente. A partir dessas respostas, buscamos associá-las aos conteúdos propostos para as turmas.

A proposta pedagógica da etnomatemática é fazer da matemática algo vivo, lidando com situações reais no tempo [agora] e no espaço [aqui]. E, através da crítica, questionar o aqui e agora. Ao fazer isso, mergulhamos nas raízes culturais e praticamos dinâmica cultural. Estamos, efetivamente, reconhecendo na educação a importância das várias culturas e tradições na formação de uma nova civilização, transcultural e transdisciplinar (D’AMBROSIO, 2001, p. 46).

Ainda tecendo comentários sobre as respostas dos estudantes e, em conformidade com a citação de D'Ambrosio, o agora e o aqui, mais presentes em suas falas, são sobre a parte financeira de suas famílias, sobre os produtos que estão em alta ou em baixa de preços para a comercialização. Segundo eles, as baixas nos preços desanimam os agricultores a ponto de alguns deles pensarem em abandonar o campo.

Entre as várias respostas decidimos por relatar um pouco sobre as formas de medidas usadas para os diversos produtos cultivados: a arroba para a pesagem do cacau, o cento para a quantificação das bananas, a quarta como medida da farinha, as razões para a quantificação para as polpas, especialmente, “de graviola e cupuaçu”, entre outras, as medidas utilizadas nas plantações. Assim, ainda com as contribuições de D'Ambrósio:

o cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante, os indivíduos estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando, inferindo e, de algum modo, avaliando, usando os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios à sua cultura. (D'AMBROSIO, 2001 p. 22).

Um dos relatos que chamou atenção foi o do educando M. S. que diz que ao contar as “pencas” das bananas utiliza-se de uma banana para fazer as marcações relativas a quantidades de pencas, nos remetendo assim ao estágio inicial de contagem como trata a história da Matemática, onde “cada ovelha se associava a uma pedrinha ou um risco com carvão em osso”.

Outro relato que chamou atenção foi de como é feita a contagem da apuração da polpa de graviola. A polpa é acomodada em pequenos baldes para serem depositadas em recipientes maiores, a cada balde ao ser colocado nesse recipiente é associado uma semente da fruta, ao final da apuração contam-se as sementes e essas são multiplicadas pela quantidade de polpa que cabe em cada balde. É

isso que D'Ambrósio também pontuou:

[...] cada indivíduo carrega consigo raízes culturais, que vem de sua casa, desde que nasce. Aprende dos pais, dos amigos, da vizinhança, da comunidade. O indivíduo passa alguns anos adquirindo essas raízes. Ao chegar à escola normalmente existe um processo de aprimoramento, transformação e substituição dessas raízes. (D'AMBRÓSIO, 2001, P. 41).

Então, a partir das respostas obtidas, as aulas foram e são organizadas, bem como as atividades. Assim, todos os aspectos citados e defendidos neste trabalho, são considerados, conforme o exemplo abaixo de uma atividade

ATIVIDADE DE MATEMÁTICA – 6º ANO

1 – Observe a tabela abaixo.

Tabela 3 - Número de pomares de graviola, área plantada e produção estimada em sete municípios da região Sul da Bahia, 2010.

MUNICÍPIO	NÚMERO DE POMARES	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO ESTIMADA (T)
Gandu	68	89,3	1.020
Itamari	11	40	520
Nilo Peçanha	4	34	500
Nova Ibiá	49	37,8	510
Tauredo Neves	52	97,6	1.171
Teolândia	9	22	264
W. Guimarães	202	502	7.000
Total	395	822,7	10.985

Fonte: ADAB (2011).

Retirado do artigo de Afonso Estrela 22/05/2015

2 - Escreva por extenso os números referentes a quantidade de toneladas de graviola dos municípios que são contemplados pela nossa escola:

- a) Teolândia. _____
 b) Wenceslau Guimarães. _____

3 – Quantas toneladas de graviola Wenceslau Guimarães produz a mais do que Teolândia?

3 – Quantas toneladas de graviola Wenceslau Guimarães produz a mais do que Teolândia?

4 – Na roça de Fernando há um pomar de graviolas. No momento do beneficiamento desta fruta, ou seja, a produção da polpa, é feita uma contagem. Assim para cada balde com capacidade para 20 litros de polpa é associada uma semente da graviola. Se Fernando diariamente junta 12 sementes de graviola, ao final de duas semanas, de cinco dias cada uma, quantos quilos de polpa são produzidos?

Caminhando assim, também vou ajudando na construção dessa escola dos sonhos que é a ERTE. Sempre buscando formalizar e sistematizar, nas aulas de matemática, o que os estudantes já conhecem em suas vidas práticas.

Essa é uma maneira de valorizar os conhecimentos trazidos de suas experiências, os quais podem e devem ser associados ao currículo escolar. Ora, todas as formas de conhecimento surgiram, a princípio, das necessidades humanas.

É assim que acredito estar no caminho de uma proposta de aprendizagem significativa e contextualizada. Certamente que com maior aperfeiçoamento teórico e prático chegarei e a ERTE, como um todo, chegará a resultados ainda maiores.

Referências:

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. Brasília: MEC/SEF, 1997.

D'AMBROSIO, U. Etnomatemática: Um programa: Educação Matemática em Revista, Blumenau, nº 1, 1993.

_____. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. Educação matemática da teoria a pratica. Campinas: Papirus, 23. ed. 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy. Pedagogia da resistência cultural: Um pensar a educação a partir da realidade campesina. Texto apresentado no VIII Encontro Regional de Geografia (ERECEO) na Cidade de Goiás, 2003.

REFLEXÕES SOBRE TRANSVERSALIDADE

ERTE: SINGULARIDADE E TRANSCENDÊNCIA

José Jorge Almeida Pereira²⁹

Quando cheguei a ERTE, subitamente, fui atraída pelo cumprimento afetuoso de uma estudante. Algo acontecia dentro de mim. Uma espécie de ebulição de sentimentos. Nasceu um desejo de retornar, de fazer parte daquele lugar, de alguma forma. E esse desejo se agiganta a cada retorno. É impossível chegar a ERTE e não ser inflamado, tocado. É algo espiritual que nos toca! (Profª Esp. Sara Oliveira – PARFOR – UESB)

A diversidade de acepções destes termos, singularidade e transcendência, induz à busca do que melhor e mais fielmente traduz e identifica a Escola Rural Taylor-Egídio (ERTE) na especificidade de sua práxis educacional como escola camponesa, priorizadora dos enfoques espiritual e transcendente, também embasada em princípios éticos e morais.

Em 1993, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) propagou o que estabeleceu como os quatro pilares da educação do século XXI: 1º) aprender a conhecer; 2º) aprender a fazer; 3º) aprender a viver juntos; e 4º) aprender a ser. A ERTE tem nesses pilares sua inspiração que a entusiasma ao conhecimento, que logra ser de excelência e qualidade, a fazer educação com o espírito e teor missionários e a exercitar as boas relações humanas e a solidariedade, firmando, cada vez mais, sua identidade de escola cujo campo é foco e eixo de suas ações e razão de ser de sua existência.

²⁹Pastor e educador da ERTE desde a fundação em 2001. Bacharel em Teologia. Licenciado em Filosofia. Pós-graduado em Metodologia do Ensino Superior. Ministra os componentes curriculares: Filosofia, Língua Portuguesa e Cultura Cristã. Atua, também, na educação integral.

Sabemos que não se pode definir para outrem o que são singularidade e transcendência. São conceitos humanamente indefiníveis em sua plenitude. As suas muitas ramificações talvez seja a evidencia mais convincente deste fato.

Um olhar sobre a singularidade permitirá vê-la nas mais variadas perspectivas: tecnológica, gravitacional (espaço-tempo), matemática, espacial, filosófica etc., e vai designar a unicidade e particularidade de uma determinada modalidade de campo de atuação ou vivencia. Rafael Kenski liga o termo ao avanço científico e tecnológico, permitindo-se assustar-se (e assustar-nos) com a não menos enfática informação:

O termo “singularidade” foi emprestado da física. Lá, ele designa fenômenos tão extremos que as equações não são mais capazes de descrevê-los. Um exemplo são os buracos negros, lugares de densidade infinita, que levam as leis da ciência ao absurdo. Ou seja, a singularidade é um nome bonito que exprime tudo o que está além da nossa capacidade de cognição e previsibilidade. O conceito virou a palavra do momento entre os futurologistas, porque muitos acreditam que nosso progresso científico pode também chegar a este grau extraordinário. Por causa da taxa explosiva do desenvolvimento, o crescimento tecnológico no século XXI será equivalente a 20 mil anos de progresso na velocidade atual. (Ray Kurzweil, autor do Livro *The Singular is Near* (A Singularidade está Próxima))

Essa previsão de Kurzweil, notavelmente, não surpreende as Escrituras. Daniel (605a.C), em sua pena profética, vaticinara um avanço científico sem precedentes, como hodiernamente se vê, e se prevê ainda maior: “E a ciência se multiplicará” (Daniel 12:4, BÍBLIA SAGRADA).

Da perspectiva filosófica, segundo Armando Cuvillier (1997, p.165) , singular é “o que se aplica a um sujeito único”. Dessa ótica, a ERTE

vivência a sua experiência de “sujeito único” quando pensada como sonho tornado realidade para quem participa de seu projeto existencial, como acentua Marcos Monteiro:

O sonho é sempre possível. É ele que norteia nosso caminhar, porque faz de nós o inominável. Faz-nos transcender, capacitando para a prática do bem, da alteridade. A ERTE – Escola Rural Taylor-Egídio representa bem um universo de sonhos que se tornou realidade e que foi capaz de transformar vidas. Não só das crianças campestres, mas de todos que compõem o corpo estrutural da unidade escolar. Na ERTE, os sentimentos de humanidade afloram, na mesma proporção em que determinam o dever de continuidade de uma obra educacional que só podem ter nascido no seio do coração divino. É, pois, uma tarefa apostólica inserida em um mundo secularizado, orientada, sobre tudo, pelo pensamento freiriano. O mundo de Paulo Freire é possível em Jaguaquara. (MONTEIRO in: PEREIRA, 2011, p. 5)

A singularidade da escola também se evidencia no nível afetivo de como acontecem os relacionamentos. Conforme Paulo Freire (1996, p. 91), “A tarefa de ensinar exige amorosidade, criatividade, competência científica, mas recusa a estreiteza científica”. Exige amorosidade, afetividade, meiguice, simpatia, amor, enfim. Por quê?

Porque, didaticamente, os esquemas cognitivos dizem respeito à inteligência, enquanto os afetivos levam à construção do caráter. Eles representam a fonte energética que mobiliza a inteligência, sem contudo alterá-la. A efetividade é a mola propulsora que faz surgir o desejo de aprender, bem como promove a autoestima do sujeito, que é determinado no exercício da autonomia. Tais premissas se constituem no maior desafio atual da instituição escolar.

Urge, exatamente, fazer da sala de aula um lugar de diálogo humanizado, onde o lúdico deve ter um espaço privilegiado e, por isso mesmo, prazeroso tanto quanto as atividades fora da escola na vida cotidiana. Uma das tarefas da educação é promover a interação, a união, a integração entre inteligência e afetividade e suas possíveis relações. (CARVALHO, 2009, p. 36).

Essas expressões de afetividade não são estranhas nesta relação professor-aluno da escola, mas frequentes, prazerosas e compensadoras, como podem confirmar os depoimentos expressos nos textos dos professores da ERTE:

Acreditar que o aluno pode aprender é a melhor atitude de um professor. Para chegar a um resultado positivo, sempre acreditei em meu trabalho e em meus alunos, e diariamente recebo cartinhas, mensagens de agradecimento por acreditar que eles podiam e podem mudar o curso de suas histórias.

- Você é muito legal, sorridente, alegre, brincalhona. Obrigado por acreditar em mim. (J.B.S.)

– Pró, você é uma pessoa muito especial para mim, é uma luz que Deus colocou na minha vida. (J.C.S.)

– Tenho muito orgulho de ser seu aluno porque a senhora sabe fazer seus alunos felizes e acreditar neles. (R.S.G.)

- Pró, lhe admiro pela sua postura e o seu amor, eu amo suas aulas, porque a senhora é muito engraçada e a aula fica muito mais prazerosa. (J.O.S.)

- Pró, você é uma das prós que fazem um trabalho sério em

sala de aula. Todos os dias canto meu amor ao Criador. (L.L.S.)
(PELLEGRINI, in: PEREIRA, 2011, p. 32)

Ainda guardo em minha memória um aluno que chegou para mim e relatou que gostava de mim, e quando questionei o porquê, ele respondeu:

- A senhora me dá muito carinho; mais que meus pais.

Fiquei muito emocionada e, por conta disso, meu carinho e cuidado aumentaram por todo os alunos. (BORGES, in: PEREIRA, 2011, p. 42)

Sempre questionava: Por que crianças que dão tanto trabalho estão aqui? Eu ainda não entendia que na ERTE nós não desistimos tão fácil das pessoas, especialmente de crianças que necessitam do nosso apoio, carinho e compreensão. E com tudo isso eu compreendi que não foram só as crianças que mudaram o seu jeito de ser, pois sei que hoje também sou outra pessoa; a compreensão, a paciência e tolerância são sentimentos que se tornam fortes em nosso ser. (MIRANDA, in: PEREIRA, 2011, p. 78)

Como não se encantar com os rostinhos sorridentes, olhinhos brilhantes, gestos e palavras de carinho de nossos educandos? Meu coração é grato a Deus por essa oportunidade que me fez uma educadora feliz e comprometida.
(DIAS, in: PEREIRA, 2011, p. 87)

Estarei marcada para sempre pelas experiências vividas com crianças que me encheram de alegria quando descobriram o segredo da leitura, me fizeram chorar ouvindo suas história de dificuldades, como abandono e desamor. No domingo, horário de almoço, todos muito alegres com a macarronada com frango que

iriam comer, um garoto pega sua bandeja e vai rapidamente para a mesa. No momento em que começa a comer, fica triste e pensativo, com os olhos cheios de lágrimas, fala para mim: - Será que mãe tem o que comer hoje? (GOMES, in: PEREIRA, 2011, p. 77)

Cada criança necessita e deseja ser amada, acolhida, aceita e ouvida para que possa desabrochar para a vida e o aprendizado... É impossível tentar explicar o amor através de palavras. O amor não se explica, sente-se através do universo e sensações e sentimentos que recebemos dos nossos pequenos, para dividirmos com eles atenção, saber e amor. (GOMES & SOUZA, in: PEREIRA, 2011, p. 71).

Ouvi do pedagogo e filósofo, Celso Vasconcelos, que “a educação se faz nas relações humanas”, e Paulo Freire que “o que faz o educador é o amor pelas crianças.” Essa relação humana de amor, afetividade, carinho, é uma realidade bonita de se ver na ERTE. Algo natural, espontâneo, e os alunos respondem a estes gestos e manifestações de muitas maneiras, inclusive verbalmente, como ouvimos da estudante Carla Lima, 8º ano do ensino fundamental II, 2014: “Tenho o maravilhoso prazer de conhecer esta escola e, não apenas amar, mas me apaixonar pela escola dos meus sonhos, onde diretores nos chamam de filhos. Os professores são os nossos pais, nesse espaço familiar”.

O conceito de transcendência, por sua vez, na singularidade e experiência da escola, aponta para Deus, substanciado em uma relação que envolve o exercício permanente da fé, e é, também, objeto de demonstração de sua celebrada eficácia, se temos a permissão de discordar de Bréhier, citado por Armando Cuvillier, “o transcendentalismo é objeto de fé, não de demonstração”. (CUVILLIER, 1997, p.178).

De confissão cristã, a ERTE testemunha que a educação que se

busca de qualidade e excelência, é fruto do cultivo e inclusão de Deus. A presença de Deus aproxima as pessoas, irmana-as, e as tornam sensíveis às carências mútuas, também acolhedoras. Neste contexto, a educação tende a deslanchar e avançar, livre e prazerosamente praticável, tocando e abençoando as vidas em seus espaços.

A educação de conteúdo integral não prescindirá da dimensão transcendental, sobre pena de privar, educandos e educadores, de um ingrediente fundamental da constituição humana: a alma. “É preciso reunir religião e ciências, matemática e música, medicina e cosmologia, corpo, mente e espírito em uma inspirada e luminosa síntese”. (KEPLER apud NUNES, 2007, p. 89).

A ERTE tem em Deus seu porto seguro e seu abrigo, sua bússola e norte, suprimento fiel, e seu socorro bem presente (quantas vezes!). Quando achava-se que o barco afundaria ao uivar de ventos contrários e de ondas ameaçadoras para, depois, com alegria, vendo a despensa cheia, poder dizer: “Aquieta-se a angústia para dar lugar à paz” (BOFF, 2009, p. 76). Ou, então, tomar para si os versos da alma serena e convicta de Santa Tereza de Ávila, ao escrever em seu marcador de leitura:

Nada me perturbe
Nada te espante,
Tudo passa,
Deus não muda,
A paciência tudo alcança.
Quem tem Deus
Nada lhe falta
Só Deus basta.

(ÁVILA, apud BOFF, 2009, p. 77)

Encontros com Deus reais e transformadores, têm na ERTE palco dos que testemunham uma transcendência possível e uma educação pautada, não apenas em valores éticos e morais, mas também

espirituais, como pontuam seus educadores.

A ERTE é o lugar onde encontrei a presença de Deus de uma forma muito forte, servindo aos pequeninos e aprendendo a conviver com o meu semelhante de uma forma mais íntegra. Descobri o verdadeiro sentido de ser uma educadora missionária, compreendi o quanto os nossos comportamentos e atitudes são importantes para vivermos bem conosco e em comunhão com próximo. (SOUZA, In: PEREIRA, 2011, p. 83)

Eu andava tão distante da palavra de Deus que tinha vergonha de abrir a boca para orar, me peguei várias vezes falando coisas sem nexos, sem ser de coração, mas aos poucos, ouvindo mais sobre a Palavra, fui sendo confortada pelo amor de Deus, nessa instituição. (ARAÚJO, In: PEREIRA, 2011, p. 66)

Quantos amores! Meninos e meninas que são muito mais que alunos. São cúmplices da vida comigo. Nos olhamos e nos compreendemos. Quanta sensibilidade numa criança campestre que me olha, e diz: “Pró, você está triste?”. Outro que chega como um gatinho e vai envolvendo o seu corpinho no meu e me convida ao carinho. Como essas mil, oitocentas e noventa e quatro (1.894) crianças que passaram pela ERTE, nestes anos, falaram-me sobre Deus, desvelaram os mistérios do divino e aproximaram Deus de mim. (PEREIRA, In: PEREIRA, 2011, p. 11)

Deus aparece nas relações. No reconhecimento das crianças, vejo o divino. Vejo Cristo na vida das crianças e dos colegas. Devemos fazer a obra de Jesus na sua forma humana. (ANJOS, In: PEREIRA, 2011, p. 29)

A alegria da ERTE concentra-se nas coisas grandes que Deus tem feito, mesmo aquelas que aos olhos humanos pareçam pequenas, o que nos conduz a exultar com o salmista: “Então a nossa boca se encheu de riso e a nossa língua de cânticos. Sim! Grandes coisas fez o Senhor por nós, e por isso estamos alegres. (Salmo 126:2-3 – BÍBLIA SAGRADA).

A trajetória dessa casa de educação campestre é pavimentada de grandes momentos e inesquecíveis realizações, ao longo dos seus quase quinze (15) anos de existência. Esse espaço não caberia a menção das bênçãos de que tem sido alvo. Os seus periódicos anuais as relatam com gratidão, e atribuem a Deus toda honra, louvor e exaltação por suas graciosas benesses. Se algum brilho percebe-se no curso de sua caminhada, é porque sempre esteve sob o sol da justiça. “Deus é sol e escudo” (Salmo 84:11 – BÍBLIA SAGRADA), testificam as Escrituras, e a escola atualizou repetidas vezes em suas carências e ameaças de fechamento de suas portas, a experiência de Abraham Lincoln (1809-1865), emérito presidente americano, citado por Oliveira (1980, p. 218), “Tenho sido impulsionado a me ajoelhar, muitas vezes, pela convicção esmagadora de que não tinha mais outro caminho a seguir”.

Entendemos ser imprescindível a inclusão de Deus na educação. No contexto educacional da ERTE, tal inclusão é tudo, é a alavanca e o motor do que se realiza. Os reflexos deste olhar focado no Eterno e das mãos que lhe suplicam auxílio, vemos na generosidade de seu amoroso coração de Pai, provedor e abençoador, que nos permite celebrar coisas grandes na grandeza de pequenas coisas que não saberia expressar. “É que o essencial não cabe nas palavras” (ALVES, 2004, p. 29), “é invisível aos olhos” (EXUPÉRY, 1996) de quem não acredita que a pedra que hoje é lapidada surpreenderá no amanhã, valendo a pena investir no brilho que radiante refletirá. “(...) No mais profundo inconsciente mora a beleza” (ALVES, 2004). Descobri-la pode custar a espera penosa e resignada do futuro, mas, quando raiar, resplandecerá, e excederá a força e peleja do labor empenhado. Coisas grandes na grandeza de pequenas coisas.

“Pequeninas coisas, insignificantes para o homem, podem parecer grandiosas aos olhos de Deus”. (GOLDSMITH, In: OLIVEIRA, 1980).

O girassol é flor-símbolo da educação do campo, símbolo da ERTE. Segundo a mitologia grega, o girassol nasceu de um amor sofrido, preterido ao outro, desprezado, mas que conquistou raízes por sua perseverança de não desistir de olhar para o sol.

A Mitologia Grega apresenta uma lenda que explica o aparecimento da flor girassol. Clítia ou Clície, era uma ninfa que estava apaixonada por Hélios, o Deus do Sol. Quando este a trocou por Leucotéia, Clície começou a enfraquecer. Ela ficava sentada no chão frio, sem comer e sem beber alimentando-se apenas das suas próprias lágrimas. Enquanto o Sol estava no céu, Clície não desviava dele o seu olhar nem por um segundo, mas durante a noite, o seu rosto virava-se para o chão, continuando então a chorar. Com o passar do tempo, os seus pés ganharam raízes e a sua face transformou-se numa flor, e continuou seguindo o sol. A Mitologia grega conta que assim nasceu o primeiro girassol. (Disponível em http://www.paisagismodigital.com/Mobile/Blog_Ler.aspx?id=Lenda-do-Girassol,-uma-hist%C3%B3ria-de-Amor&in=402, em 22.06.2015).

Está provado que o sol brilha para todos, mas nem todos brilham, embaixo do sol”(BOECHAT, 1998, p. 19)

Clície brilhou por sua tenacidade e perseverança. O olhar da escola, como o olhar de Clície, nem por um segundo tem se desviado do Sol e, por isso, permanecem firmes suas raízes, produzindo frutos nas vidas que brilham, porque também refletem o brilho do Sol.

Esta flor linda, refletora da energia positiva do sol, emblema de calor, entusiasmo, lealdade, vitalidade, altivez, elevação e nobreza do amor que não desiste de acreditar e tem o olhar firmado no alvo, no Sol, do

qual recebe luz, calor, vida, energia nas noites frias, solitárias e silenciosas, e sombrias, regadas de lágrimas de fé e de esperança: O sol voltará a brilhar! A noite não é eterna! “O choro pode durar uma noite; pela manhã, porém, vem o cântico de jubilo.” (Salmo 30:5 – BÍBLIA SAGRADA).

O girassol era para o grande gênio da pintura, Van Gogh (1852-1890), flor predileta, e tema favorito de suas telas.

Vincent pintou os girassóis, repetidas vezes, ao longo de sua vida. A associação entre a flor e o artista é agora tão evidente que não foi surpresa quando uma de suas obras com girassóis, que foi a venda em 1989, alcançou um dos preços mais altos já pagos em uma pintura. Ela foi vendida pela loja Sotheby's para a Yasuda Fire & Marine Insurance Company, em Tóquio, e a venda foi motivo de manchete pelo mundo todo. Os girassóis o fascinavam, a mancha luminosa do amarelo sensual, a cor do sol, calor e amizade.(SPENCE, 2009, p. 31)

Há na ERTE algo de seu, no girassol. A história da escola tem em seu percurso ingredientes identificadores e característicos desta flor que se expande e recebe os raios benéficos do Sol, para sua vitalidade, exposição de sua beleza, “calor e amizade”.

Se vista com o olhar da criança, a ERTE fascinará. Percepções e ênfases da presença de Deus são pontuações de quem a visita. Alberto Caeiro convida-nos a despir-nos de tudo que nos priva de ver a grandeza e singeleza das coisas, e a vê-las com olhar infantil.

O meu olhar é nítido como o girassol,
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do
Mundo...

Creio no mundo como num malmequer,
 Porque o vejo. Mas não penso nele
 Porque pensar é não compreender...
 O Mundo não se fez para pensarmos nele
 (Pensar é estar doente dos olhos)
 Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...
 Não basta abrir a janela para ver os campos e o rio.
 Não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores.
 Para ver as árvores e as flores é preciso também não ter
 filosofia nenhuma.
 Procuro despir-me do que aprendi,
 Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
 E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
 Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
 desembulhar-me e ser eu...
 O essencial é saber ver.
 - Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!)
 Isso exige um estudo profundo,
 Uma aprendizagem de desaprender...
 (CAEIRO, apud ALVES, 2004, p. 28 – 29)

Quem milita pelos espaços da ERTE e não perdeu a sensibilidade infantil, se encantarà com o olhar e o sorriso descontraídos da criança, a graça das perguntas, as “coisas de crianças” de um mundo tão outro do adulto, das peraltices engenhosas, da pureza refletida na mão que se estende para buscar segurança, no abraço e nas declarações espontâneas de carinho e afeto. O essencial é saber ver, com o olhar nítido do girassol, porque iluminado.

Pelas razões aqui pinceladas, e por outras que o coração e as palavras não saberiam traduzir e expressar, posso prazerosamente afirmar: Esta é a escola com que sempre sonhei e ajudei a construir.

Referências:

- ALVES, Rubem. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. 7.ed. São Paulo: Papirus, 2004.
- BÍBLIA SAGRADA on line: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/ex/3>.
- BOECHAT, Ivone. O desafio da educação para um novo tempo. Rio de Janeiro: Reproarte gráfica e editora, 1998.
- BOFF, Leonardo. O Senhor é meu pastor. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CARVALHO, Luiz Augusto. A importância da afetividade na relação professor – aluno. In: Revista da Fundação José Carvalho – Ano II, nº 3 – Pojuca, Dezembro de 2009.
- CUVILLIER, Armand. Vocabulário de filosofia. Lisboa: Livros horizonte, 1997.
- EXUPÉRY, Antoine de Saint. O pequeno príncipe. 44. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- NUNES, Clóvis. Educação pela paz. 6. ed. Feira de Santana – Bahia: Casa da paz, 2007.
- OLIVEIRA, Moysés Marinho. 7.000 ilustrações e pensamentos. Rio de Janeiro: 1980.
- PEREIRA, Sonilda Sampaio Santos.(org) ERTE por um ser integral. Jequié: Editora Ponto e vírgula, 2011.
- SPENCE, David. Van Gogh. In: Série artistas essenciais. São Paulo: Ciranda cultural, 2009.

OS SABERES NECESSÁRIOS PARA A REALIZAÇÃO DE SONHOS

Maria da Conceição Trindade Pellegrini³⁰

É interessante pensar sobre uma escola com que sempre sonhei. Como seria? Na verdade, gosto de estar em lugares onde as pessoas se olhem e comuniquem apenas com um toque, um sorriso, ou até mesmo, através de um bom dia que sai do íntimo do coração. Por isso, sempre sonhei, ainda quando criança, que seria prazeroso que a professora pudesse nos ouvir, sentar perto, olhar no olho e que contasse muitas histórias. Sempre gostei de ouvir histórias, mas na escola, não ouvia. Meu pai gostava de contá-la se eu vislumbrava ouvindo suas narrativas. Às vezes questionava: 'por que a professora, que sabe ler, não conta histórias na sala de aula'? Será que é proibido contar histórias na escola? Cresci com essa grande interrogação.

Paulo Freire apresentou os seus “saberes necessários” para realizar o sonho. Ofereceu em Pedagogia da Autonomia, a mediação pedagógica necessária para conquistá-lo. Todos os livros de Paulo Freire são livros destinados à educação para construir o sonho (GADOTTI, 2003, p. 114).

Hoje, depois de tanto tempo, posso dizer que a escola com que sempre sonhei era aquela que pudesse contar para os discentes que, na vida, apesar de estarmos em meio a tantas demandas do dia a dia, o ato de sonhar é preciso, mesmo quando não entendemos bem o sonho, pois sonhar nos remete a outro lugar. Lugar, no qual, só podemos chegar se persistirmos sem os medos de alçar voos. Compartilho com a ideia de Freire ao falar sobre o sonho possível,

³⁰Professora da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) desde 2001. Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pelo Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

onde “sonhar aí, não significa sonhar a impossibilidade, mas projetar. Significa arquitetar, significa conjecturar sobre o amanhã” (FREIRE, 2004, p.293).

Foi assim que consegui alçar voos e cheguei onde estou: Escola Estadual Rural Taylor Egídio (ERTE), que no decorrer dos anos, possibilitou-me a crescer como pessoa, profissional e, principalmente, como ser humano. Por isso, durante esses quinze (15) anos sonhei, trabalhei, busquei, chorei, persistir, sair, voltei, estudei, inovai, amei, dediquei, decepcionei, orei, emocionei e sobrevivi.

Crescer como profissional significa ir localizando-se no tempo e nas circunstâncias em que vivemos, para chegar a ser um ser verdadeiramente capaz de criar e transformar a realidade em conjunto com os nossos semelhantes para o alcance de nossos objetivos como profissionais da Educação (FREIRE, 1974).

A educação que vem da experiência diária proporciona o aumento da capacidade de repensar a prática e redirecionar todo o trabalho de forma significativa e reflexiva. A cada dia, preparo-me para realizar a missão árdua de educadora, sempre pensando em primeiro lugar no educando, pois muitos deles chegam até nós cheios de amarras e marcas que, lamentavelmente, adquiriu na família. Então, como posso entrar em uma sala de aula pensando em apenas ensinar conteúdos ou regras sem primeiro perceber a quem eu estou ensinando e impondo regras? Por isso, nesses anos na ERTE sempre me debrucei sobre o que afligia meu aluno, aquele que é tão inquieto ou agressivo ou o que é muito calado.

Eu agora diria a nós educadores e educadoras: aí daqueles, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento

com o hoje, com o aqui e com o agora, ai daqueles que em lugar dessa viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina (FREIRE apud BRANDÃO, 1994, p.101).

Confesso que muitas vezes chorei com as histórias que ouvi, segredos que eles me confiaram e que prometi jamais contar a alguém e não contei, mas demonstrei que vale a pena amar e confiar naqueles que estão dispostos a ouvir, abrindo o coração simplesmente para ajudar e amar sem pedir nada em troca, não ser a confiança recíproca.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo [...] é ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens [...] O ato de amor e comprometer-se com a causa. A causa da libertação. Mas este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (FREIRE, 2006, p.92).

Portanto, o educando seja ele quem for, necessita ser ouvido, amado, valorizado integralmente e respeitado em todos os sentidos, o professor e a escola exercem um papel imprescindível na vida de um ser humano, principalmente na vida daqueles menos favorecidos, que é o caso dos nossos estudantes camponeses.

Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o rediz em lugar de desdizê-lo. Não é possível ao professor pensar que pensa certo, mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno se sabe com quem está falando (FREIRE, 1999, p.38)

Nesse fazer diário e com o planejamento em mãos, sempre optei em ouvi-los e intervir de forma reflexiva diante das atitudes mais difíceis e contraditórias, mas, com muita paz. Buscando fazê-los acalmar e refletir sobre as suas atitudes reprovadas. Eles sempre demonstravam interesse em aprender o novo, o que estava sendo

apresentado para interagir na busca de mudança do comportamento e do avanço do conhecimento proposto.

Somente o diálogo, que implica em um pensar crítico, é capaz, também de gerá-lo sem ele não há comunicação e sem esta há a verdadeira educação. A que, operando a superação da contradição educador e educandos, se instaura como situação gnosiológica, em que os sujeitos incidem seu ato cognoscente sobre o objeto cognoscível que os mediatiza (FREIRE, 2002, p.83).

Com base na afirmação de Freire, é possível presumir que é preciso uma atitude observada nos detalhes, no comportamento dos educandos, nas suas inquietações, em seus questionamentos, suas descobertas, para que o docente direcione a sua prática pedagógica mais significativa, que respeite e valorize o sujeito como construtor do seu próprio conhecimento e que tem direito legal de se expressar e ser ouvido.

A formação de uma consciência crítica constitui-se uma condição para autonomia. Paulo Freire (1996) afirma que ensinar requer aceitar os riscos do desafio do novo como inovador e enriquecedor. É também ter certeza de que cada sujeito faz parte de um processo inconcluso, e por ser ele condicionado, haverá sempre possibilidade de interferir na realidade a fim de transformá-la.

Durante esses quinze (15) anos na ERTE, entendi que a palavra tem poder de criar, transformar, potencializar e libertar. Assim, a existência humana deve ser fortalecida com o uso da palavra. Uma vez que ela “não pode ser muda, silenciosa” (FREIRE, 2006, p.90). Freire não se refere ao silêncio para contemplar, refletir o mundo, existir, vida, mas, o silêncio que retratado no medo, na alienação, que por sua vez, oprime. Portanto, o professor precisa estar disposto a ouvir, dialogar, fazer de suas aulas momentos de liberdade para falar e debater e ser aberto para compreender o querer de seus estudantes com muita leveza.

Nesse sentido, valorizar o diálogo, as experiências, a intuição, os gestos, as hipóteses e a curiosidade é permitir que o educando perceba o poder transformador de cada ser humano ao interagir com o outro, respeitando as diversas linguagens, os sentimentos, as diversas culturas. Na verdade, tudo isso abre portas para valorizar os diferentes saberes, abrindo permanentemente o diálogo com o outro, acarretando crescimento mútuo, ampliando a leitura de mundo e, sobretudo, humanização. Isto porque, “a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. É práxis que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1981, p.77).

Certa vez, li um texto intitulado “Formalidade e Criatividade na prática pedagógica” de Cipriano Luckesi, em um trecho ele que dizia, “um caminho sem coração não é caminho”. Assim como, o professor Darci Ribeiro, diuturnamente, abordava que “uma boa escola se faz com uma boa professora”. Sendo mais específica no tocante as afirmações citadas acima, ambas salientam mesmos significados, pois o(a) professor(a) só será verdadeiramente boa(bom) se puser o coração na missão que lhe foi outorgada, envidando esforços para que seu aluno aprenda.

Numa passagem do livro, que é fundamental para a minha existência e missão enquanto educadora, a Escritura Sagrada, diz que “onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração” (Lucas 12:34 – BÍBLIA SAGRADA). Então, podemos ser felizes se os nossos corações estiverem bem, dispostos a realizar a árdua missão de ensinar e aprender, como diz uma das frases do saudoso Paulo Freire, “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dá-se fora da procura, da boniteza e da alegria”.

Do nascimento à adolescência da escola, em seus quinze (15) anos de existência, lapidamos muitas pedras que se tornaram verdadeiros tesouros e, também, fomos lapidados quando esculpíamos essas pedras, algumas brutas no sentido da palavra, “hoje são brilhos e formosura, colunas fundamentais do edifício da vida”, simplesmente

porque nosso coração estava nesse fazer, nesse lapidar. Essa era a palavra profética do poeta e pastor José Jorge Almeida Pereira, em março 2001, quando da chegada dos trezentos (300) primeiros educandos camponeses:

PEDRAS POR LAPIDAR

Penso de repente nas pedras...
 Não nessas pedras preciosas, lindas e atraentes,
 Que deslumbram os olhos e encham de admiração
 O coração e do desejo de possuí-las.
 Não, não penso nas pedras que, por seu valor, enriquecem
 Seus aquisitores, e lhes são orgulho de tão venturosa
 conquista...

Sabe?... Nem mesmo penso naquelas pedras
 Que inspiram os poetas, ao vê-las simples e ali,
 Monumentalmente adornando o cenário de um pequeno,
 Plácido e florido riacho, de águas claras e cristalinas,
 Quando o gorjeio de faceiras aves saúda as sombras da
 tarde
 E a proximidade lenta da noite...

Penso nas pedras, sim, as margens das estrelas da vida:
 Rudes, disformes, solitárias, desprezíveis indiferentes aos
 que passam
 E até as pisam, pois, que valor tem?
 Pedras relegadas, ao monturo destinadas,
 Desacreditadas de toda a expectativa de utilidade.
 Quem, afinal, vai perder tempo com essas pedras?!

Pedras por lapidar! Meu Deus, são tantas!

Pedras, assim lapidadas (quem diria!) são hoje brilho e

formosura,
 Coluna fundamentos do edifício da vida.
 Ontem, beleza alguma era vista para que viessem a ser o
 que são, hoje.
 São assim os homens: pedras por lapidar
 Bendita as mãos que lapidam! Não ficarão sem recompensa,
 Não há realização que mais contente, eleve e enobreça o
 espírito que vê pedras,
 Grotesca e vis, transformadas em pedras de fulgor radiante,
 para além do que possa
 Conceber a mente mais altruísta ou a crédula imaginação
 humana!

Mas estão aí as pedras, por lapidar.
 O importante é conservar viva e fluente
 A esperança, acreditar no potencial das pedras,
 Mesmo aquelas que porventura hoje
 Nada sinalizem quanto ao futuro,
 Essas podem, amanhã, fazer florido
 O caminho por onde transitarão vitoriosos os sonhos
 Que embalam o labor de toda a nossa peregrinação e
 persistência.
 (José Jorge Almeida Pereira, In: PEREIRA, 2011, p. 9 - 10)

O escritor José Jorge Almeida Pereira, citado acima, pode ser colocado em diálogo com Paulo Freire, quando esse afirma:

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela
 tão pouco a sociedade muda. Se a nossa opção é
 progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da
 equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da
 convivência com o diferente e não de sua negação, não
 temos outro caminho se não viver plenamente a nossa
 opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que

fizemos e o que fazemos (FREIRE, 2000, p.67).

Ouvi, certa vez, uma parábola sobre ‘o semeador e o jardineiro’. Uma história que nos é significativa para a explicação do dia a dia do trabalho docente na ERTE. Nessa parábola, o semeador lança as sementes e, tão somente, espera que os frutos apareçam esquecendo do restante do processo que é de suma importância para que os frutos apareçam e sejam viçosos. Já o jardineiro, se esmera no cuidado para que as sementes possam germinar, crescer e produzir frutos. Os frutos são provenientes de um fazer constante e com qualidade.

Nesse sentido, a escola que sonhei está amparada por jardineiros perseverantes, onde todos preparam as suas ferramentas e recomeçam tudo na manhã seguinte. Os jardineiros segundo Cipriano Luckesi são

Educadores e educadoras que rompem com a formalidade na prática pedagógica são aqueles que colocam “coração” no caminho pedagógico e insistem, inventam e reinventam possibilidades para que os seus educandos aprendam, porque, para desenvolver-se, importa que aprendam significativamente sobre tudo o que se passa diante de seus olhos³¹.

Não é tão simples fazer um trabalho árduo como esse, ele exige de nós, educadores camponeses, uma reflexão crítica e contínua sobre a prática que desenvolvemos e, com a qual, avaliamos os nossos educandos. Por isso, o educador precisa se desarmar para exercer uma prática reflexiva e ouvir com muita leveza as críticas construtivas sem se embaraçar ou desmotivar-se. “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p.43).

Só conseguimos andar firmemente quando não desistimos no

³¹Disponível em: <http://goo.gl/qwbrd2>. Acessado em: 12 de maio de 2015.

primeiro tombo, mas levantando e recomeçando tudo de novo. É certo que surgirão muitas mãos que nos ajudarão nesse recomeçar. Quantas vezes recomecei, depois de tudo pronto. Fazendo-me crescer e andar com as minhas próprias pernas. Por isso, gosto de fazer os meus estudantes repensar suas posturas e recomeçar, para que possam trilhar seus caminhos. Podemos chamar esse ato de coragem, de crescimento ou amadurecimento. Coadunamos com as belas palavras poéticas de Paulo Roberto Gaefke, quando diz: “não importa onde você parou, em que momento da vida você cansou, o que importa é que sempre é possível e necessário recomeçar”³².

Na ERTE, escola que ajudei a construir, bebi de várias fontes teóricas, tanto nos encontros de formação continuada, quanto na graduação em curso. Isto me ajudou bastante no fazer diário e na desconstrução de muitas concepções que julgava eficientes. Foi então que percebi a importância de ser uma professora pesquisadora, uma professora que se inquieta com as diversas dificuldades que emergem em sala de aula. Os estudos foram fundamentais para fazer algumas intervenções com êxito. Segundo Paulo Freire, a pesquisa é uma ferramenta necessária, uma vez que “pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 1997, p.32).

Por isso, nos resta apenas um olhar docente, que pensa no seu educando como gente, precisando de nós na posição de facilitador na construção do conhecimento, mas não podemos facilitar esse processo sem pesquisar para fazer intervenções necessárias. Segundo Paulo Freire, “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhado, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a sonhar” .

A escola que ajudei a construir – ERTE – também vem me construindo. É uma estrada de mão dupla: ajudei a construí-la, até aqui, e ela propõe-se a realizar os meus sonhos pessoais e

³²Disponível em: <http://goo.gl/ARP4lo>. Acessado em: 12 de maio de 2015.

profissionais. Como exemplo, estou fazendo minha graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia, pela universidade pública mais respeitada da região, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), por meio do Programa Especial de Formação de Professores – Plataforma Freire (PARFOR), que acontece dentro do espaço físico da ERTE e é coordenado pela gestora dessa escola.

Vale a pena sonhar. Esse curso tem proporcionado-me novas experiências na prática pedagógica. Como exemplo, posso citar o “Projeto de Leitura e Escrita” desenvolvido por uma das professoras do curso, Marcia do Couto Auad, denominado Ninhos Poéticos, que veio contribuir na leitura e escrita dos meus alunos, como também, fomentar os professores e alunos de outras turmas, na riqueza de trabalhar com poesias no cotidiano escolar.

Abaixo algumas fotos que retratam a grandeza do trabalho que desenvolvi com meus alunos:

FOTO 1 – PASSO A PASSO DA CONSTRUÇÃO DOS NINHOS



Construção do pássaro para colocar no ninho



Enchendo as bolas



Construção dos ninhos



Construção dos ninhos

FONTE: Arquivo pessoal

FOTO 2 – PASSO A PASSO DA PRODUÇÃO DOS MEUS ALUNOS



Ninho nas árvores da escola



Estudantes buscando as poesias para ler



Estudantes lendo as poesias



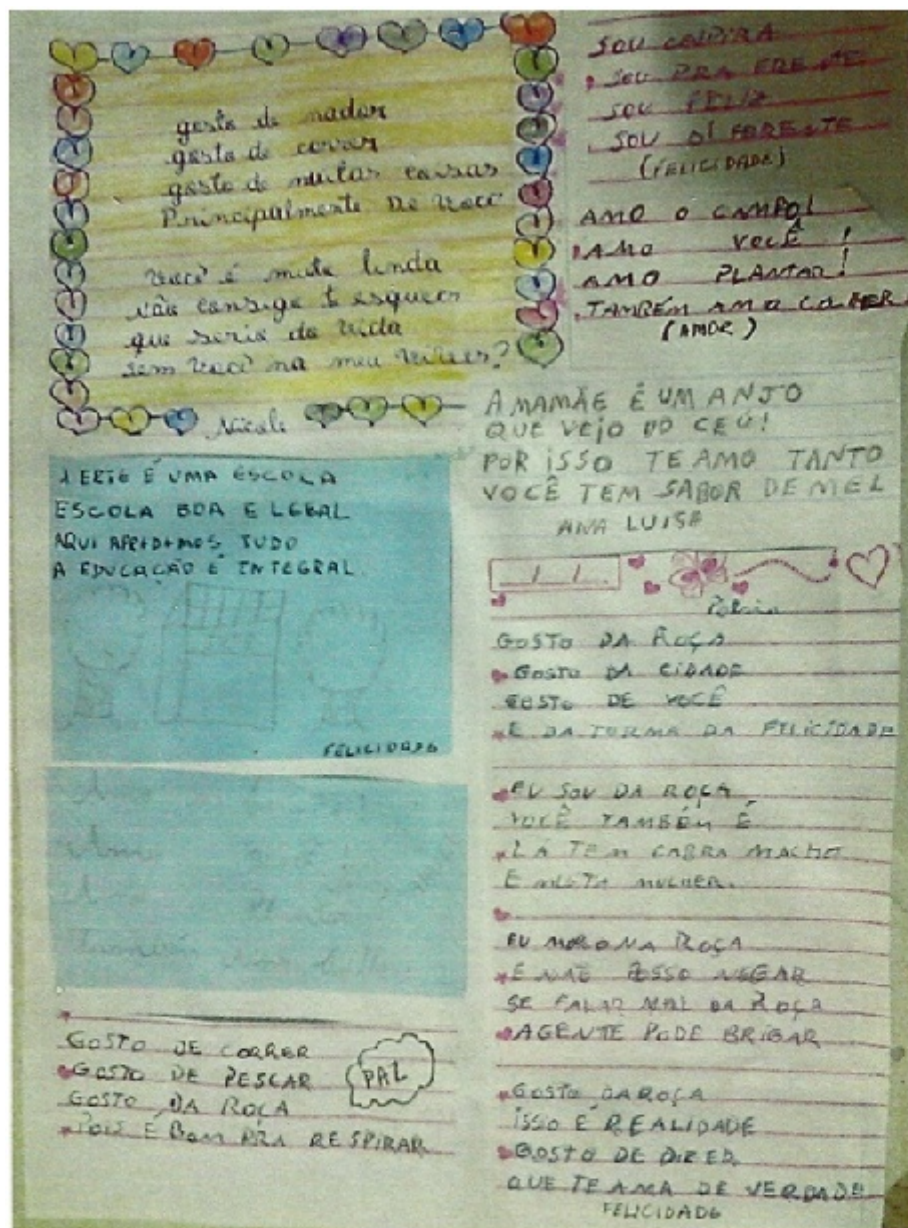
Estudantes com as poesias produzidas



Estudantes com as poesias produzidas

FONTE: Arquivo pessoal

FOTO 3 – POESIAS DOS MEUS ALUNOS



FONTE: Arquivo pessoal

É dessa forma, ensinando e aprendendo que tenho contribuído na construção de mim mesma e de uma escola que é um sonho. Portanto, agradeço a Deus e a vocês, amigos e amigas, educandos e educandas, que me ajudaram nos momentos difíceis a permanecer na escola que sempre sonhei e ajudei a construir, com garra, determinação, fé, alegria, estudos, dedicação e, sobretudo, amor que é a essência da vida e das convivências que se prolongarão, enquanto estivermos aqui, na terra, neste ato glorioso de ensinar e aprender.

Referências:

BÍBLIA SAGRADA on line: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/ex/3>.

FREIRE, Ana Maria. Educação para a paz segundo Paulo Freire. In: Revista Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUC/RS, ano XXIX, n.2, Maio/Agosto, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 1ª edição em português, 1974.

_____. Pedagogia da autonomia. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia da esperança. 1ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. Meu sonho é o sonho da liberdade. In: FREIRE, Ana Maria (org.) Pedagogia da Tolerância. São Paulo: UNESP, 2004 (Série Paulo Freire)

GADOTTI, Moacir. Saber aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação. In: LINHARES, Célia; TRINDADE, Maria. Compartilhando o mundo com Paulo Freire. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003

PEREIRA, José Jorge A. Pedras por lapidar. In: PEREIRA, Sonilda Sampaio Santos.(org) ERTE por um ser integral. Jequié: Editora Ponto e vírgula, 2011.

**EM MINHA HISTÓRIA, UMA DENÚNCIA: O STATUS
QUO DA EDUCAÇÃO; UMA NOVIDADE: A ERTE
PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO;
UMA SUPERAÇÃO: O PRECONCEITO LINGUÍSTICO;
UMA DECLARAÇÃO: O AMOR AOS LIVROS**

Nalva Oliveira Gomes³⁴

Sou professora por vocação. Realizei o sonho de cursar o magistério no Instituto Central de Educação Isaias Alves, em Salvador, escola pública de primeiríssima qualidade. Para quem desejava ser professora, não havia escola que se comparasse a essa.

Iniciei a minha vida profissional aos dezenove (19) anos, trabalhando com Educação Infantil, uma grande paixão. Casei em 1977, e vim morar em Jaguaquara, (Toca da Onça). Aqui chegando fui convidada pelo Professor Carlos Dubois, para fazer parte da equipe docente do Colégio Taylor Egídio, organizando a Educação Infantil e coordenando o curso primário, na rede particular de ensino. Aos sessenta e um (61) anos, ainda estou envolvida com a educação.

Algo que sempre me incomodou na escola, foi observar que enquanto as crianças frequentam a educação infantil, amam estar lá. São apaixonadas pela professora e choram nos finais de semana e feriados, por não terem aulas nesses dias. Nesse período, a escola é um lugar mágico, encantador, e proporciona muito prazer; a professora é uma “linda fada madrinha” e todos os dias se aprendem e se descobrem coisas novas, que são contadas aos pais e familiares com alegria e muita vivacidade.

Ingressando no Fundamental I e à medida que o curso avança, a escola perde o encanto, já não é mais aquele lugar prazeroso, e a professora muitas vezes se transforma em uma “bruxa muito má”.

O que determina que a escola, depois da educação infantil, se transforme em um lugar chato, desagradável e as crianças e

³⁴Coordenadora Pedagógica desde a fundação da ERTE, em 2001.

adolescentes desejem distância?

Acontece também de crianças gostarem de estar na escola (espaço físico), mas a sala de aula não é o atrativo. Desde Comenius essas perguntas estavam presentes. Em sua *Didática Magna*, o autor trouxe a orientação de Lutero, mas conclui a citação fazendo perguntas. Perguntas atuais nos dias de hoje.

Lutero orientava: que as crianças sejam educadas com um método mais fácil, não só para que não se afastem dos estudos, mas, ao contrário, para que se sintam seduzidas por eles, a fim de que encontrem nos estudos um prazer não inferior ao que sentem quando passam o dia inteiro a brincar com bolas ou a correr.

Conselho por certo sábio e digno de tal homem!

Mas quem não se apercebe de que até agora isso não passou de um desejo? Onde estão essas escolas para todos? Onde está esse método agradável?

(COMENIUS, 2006, p. 104)

Sei que é perfeitamente possível aliar qualidade da práxis pedagógica com espaço físico e ambiente agradáveis. As duas coisas não são incompatíveis, mas como militante na educação, há 40 anos, posso afirmar que a escola não tem acompanhado as mudanças ocorridas na sociedade, portanto, não atrai. Estamos em 2015, e a pergunta de Comenius, feita em 1627, continua atual, continua em pauta.

A educadora Izabel Alarcão, no livro *Escola Reflexiva e Nova Racionalidade*, afirma:

Entristece-me ouvir os alunos dizerem que a escola não os estimula, como foi o caso recente de uma estagiária brasileira que, ao regressar a sua escola na qualidade de candidata a professora, recordava como a escola havia frustrado os seus desejos de aprender quando passara por lá como aluna pequena. Verifico também, com grande apreensão, que após vários anos de escolarização, muitos

alunos não revelam as competências cognitivas, atitudinais , relacionais e comunicativas que a sociedade espera e das quais necessita.

A escola é tempo de desenvolver e aplicar capacidades como a memorização, a observação, a comparação, a associação, o raciocínio, a expressão, a comunicação e o risco. Quais tarefas na escola visam ao desenvolvimento dessas capacidades fundamentais para uma aprendizagem continuada ao longo da vida?

É tempo de atividade e iniciativa. Que tempo e espaço de iniciativa concedemos aos nossos alunos? E aos nossos professores? E aos alunos, professores e funcionários em conjunto? É tempo de convivência saudável e de cooperação. Como aproveitamos essas qualidades tão características da juventude e tão saudáveis para os profissionais que trabalham em conjunto? É tempo de turbulência. Como controlamos, sem excessos e sem repressões não-compreendidas?

A escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência da cidadania. (ALARCÃO, 2001, p 19)

Concordo plenamente com as idéias da educadora portuguesa e fico muito feliz por sua idéia de escola reflexiva, que corrobora com a educação integral, que o professor Miguel Arroyo (2004) define como uma concepção que contempla todas as dimensões do desenvolvimento humano: social, intelectual, ético, cultural, valores, imaginação, etc. Essa educação tem que dar conta de todas essas dimensões da formação do ser humano.

Na realidade, estamos muito longe do ideal que sonhamos para a educação em nosso país. Segundo dados do censo escolar 2011, menos de 1% das escolas brasileiras têm infraestrutura ideal. Os métodos, os conteúdos, os processos de aprendizagem estão aquém.

É urgente o repensar e agir.

Acredito que a despeito do desestímulo, a educação funciona e é a única saída para o desenvolvimento de um país.

Há quase quinze (15) anos, fui convidada pela Professora Sonilda Sampaio Pereira para fazer parte de um projeto de educação integral, com pedagogia de alternância; uma metodologia em que os estudantes intercalam um período de 30 dias de aulas na escola, e 30 dias com atividades em casa. Alternam-se, então, os espaços de aprendizagem.

Foi assim que depois de vinte e cinco (25) anos trabalhando com educação na escola regular, me vi em uma experiência totalmente nova, numa escola de tempo integral. Uma experiência maravilhosa, que mudou o meu olhar e o meu fazer pedagógico.

Paulo Freire (2005) afirmava que não se muda a cara da escola por um ato de vontade do secretário. Dizia da necessidade de todos desejarem. Realmente, é preciso coragem, determinação, dedicação, fundamentação teórica e, sobretudo, uma equipe em que todos sejam comprometidos, com desejo de aprender e com vontade real de mudar a cara da escola. Algumas têm conseguido. E isso vem acontecendo nesses quase quinze (15) anos, na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE).

Ao longo desses anos tivemos alguns desafios, foram eles:

O primeiro desafio: março de 2001 - chegada do ônibus repleto de crianças da zona rural. Eram crianças que chegavam para uma experiência totalmente nova, pra elas e para nós professores. Apresentar a escola, os espaços onde elas transitariam a partir daquele momento, o dormitório onde dividiriam com os colegas o medo, a ansiedade, a saudade da família. Para mim, o desafio de acalmá-las, fazer com que se sentissem seguras e protegidas.

O segundo desafio: Entender a linguagem rural e aceitá-la como parte da identidade campestre, vencendo o preconceito lingüístico que é tão forte nos urbanos. Geralmente a escola vê a norma padrão como a única possibilidade linguística de expressão, ignorando a

grande variedade e riqueza da nossa língua.

São as grandes e graves diferenças de status social que explicam a existência em nosso país, de um verdadeiro abismo lingüístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro, que são a maioria de nossa população, e os falantes da variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola. (BAGNO, 2007, p. 16)

Esse é um problema que ganha uma dimensão bem maior numa escola rural, com professores que são urbanos. Foi um longo aprendizado, que exigiu e continua a exigir leituras e muitas reflexões, para compreendermos que podemos trabalhar com os alunos fazendo-os conhecer a “norma culta”, sem ridicularizar ou rechaçar o seu falar camponês.

Saber-se respeitado, perceber-se importante no ambiente escolar, foi fundamental para que os alunos da ERTE interagissem conosco, professores, de forma espontânea, sem receios.

O mais engraçado: descobrir-me ou me ouvir, falando termos usados por eles, com: um “moi” de coentro, no lugar de molho, que significa feixe de ramos.

Acredito que a escola deve ser um espaço afetoso, que estimule e encoraje nos alunos o desejo de aprender; e como um dia ouvi o saudoso Rubem Alves: Cabe aos professores fazer a provocação aos alunos.

Na busca por estratégias para trabalhar a língua, impossível não pensar que só podemos começar pela leitura. Ler é um ato poderoso. Investi muito em fazer da nossa pequena biblioteca, um lugar atraente, agradável, onde os alunos quisessem sempre estar. Consegui! Conseguimos!

Como coordenadora pedagógica, procurei desenvolver atividades que provocassem nos alunos, o desejo de manusear livros, de descobrir

que história cada um deles conta.

Promovi muitos momentos de leitura no pátio da escola, hora da história na biblioteca nos finais de tarde, leitura de histórias todos os dias em sala de aula pelos professores, baú de livros, histórias teatralizadas pelos professores, saraus de poesias e mostras de literatura.

FOTO 1 – ATIVIDADE DE LEITURA NA ERTE



FONTE: Arquivo de fotos da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio

Com atividades variadas e muito empenho, a ERTE foi formando leitores críticos e ativos. Sempre compreendemos que para formar leitores é preciso ser leitor; para tanto se faz necessário que o mediador de leitura apresente propostas de atividades com o livro que levem à formação de um leitor polivalente, competente e crítico. (SILVA, 1995).

O entusiasmo do professor é fator importante na formação do gosto pela leitura. Se o professor não for um bom leitor, não conseguirá despertar esse interesse em seus alunos.

Creio que a ERTE tem feito um trabalho muito importante nessa área. Os frutos podem ser visto nos corredores e pátios da escola, onde constantemente encontramos alunos lendo, ou solicitando livros na biblioteca. Nesse ponto, cumprimos o intento de Rubem Alves (2001,

p. 65) “Ensina-se nas escolas, muitas coisas que a gente nunca vai usar, depois, na vida inteira. Mas, a experiência de ouvir a professora lendo literatura, pode mudar a vida do aluno; é chave de abrir o mundo”.

Agradeço muito à professora Sonilda Sampaio Pereira, por ter me incluído nesse projeto. Vivi nesses quase quinze (15) anos, experiências incontáveis e marcantes e bênçãos inesperadas. Conhecer um pouco da vida do homem do campo, tão sofrida e relegada ao descaso pelos governantes brasileiros de todos os tempos, me fez rever os meus valores e conceitos.

Para o nosso país onde o campo ainda carece do mínimo de infraestrutura, a escola em modelo de alternância com educação integral, é uma alternativa bastante interessante. Acredito que a despeito do desestímulo, a educação funciona e é a única saída para o desenvolvimento de um país.

Sonilda Sampaio, gestora dos primeiros quinze (15) anos, com seu entusiasmo, idealismo e a certeza do resultado, trouxe luz, amor e competência para esse projeto, contagiou a mim e a grande maioria da equipe. Eu que sou do tempo da escola tirânica e repressora (infelizmente ela ainda existe por aí), me sinto feliz e “vingada” em fazer uma escola acolhedora, tolerante e responsável.

Os meus encontros e conversas com os alunos, geralmente os mais trabalhosos, são momentos de profundas reflexões, tanto para mim quanto para eles. Começo sempre com uma bronca, mas não perco a ternura. Depois de ouvi-los sobre o motivo do comportamento descrito pelos professores, peço que me falem sobre a sua família, a localidade em que moram e como vivem. Fazemos algumas considerações, pensamos sobre mudanças no comportamento, e invariavelmente ouço de todos eles, “obrigado(a) pró, por ter falado assim comigo, eu gosto quando a senhora me chama e mostra que eu não estou me comportando bem. Muito obrigado(a)”.

Geralmente os professores relatam boas e significativas mudanças de atitudes, depois dessas conversas. Esses são, para mim, os melhores momentos do meu trabalho na escola; é então que me

sinto realmente uma educadora.

Sei que Deus está presente neste negócio, é nosso sócio e sócio majoritário. Até aqui nos ajudou o Senhor (I Samuel,7:12 – BÍBLIA SAGRADA), e continuará a dispensar a sua misericórdia conduzindo os que estarão à frente, nos próximos 15 anos, e por todo o tempo que Lhe aprouver.

Sei que, na função de primeira coordenadora pedagógica, contribui para o crescimento da ERTE porque foi grande a contribuição dela para minha vida. Uma estrada de mão dupla. Os anos passados, aqui dentro, me redimem um pouco das minhas omissões. Faço do desejo de Comenius, o desejo meu que encerra essas páginas:

Que a proa e a popa da nossa didática sejam: buscar e encontrar um método para que os docentes ensinem menos e os discentes aprendam mais; que nas escolas haja menos conversa, menos enfado e trabalhos inúteis, mais tempo livre, mais alegria e mais proveito; que na república cristã haja menos trevas, menos confusão, menos dissensões, mais luz, mais ordem, mais paz e tranquilidade. (COMENIUS, 2006, p. 12).

Referências:

- ALARCÃO, Izabel (org). Escola reflexiva e nova racionalidade. Porto Alegre: Editora Artmed, 2001.
- ALVES, Rubem. Entre a ciência e a sapiência. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2001
- ARROYO, Miguel G. Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BÍBLIA SAGRADA on line: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/ex/3>.
- COMENIUS, Didática Magna. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança. 12. ed. São Paulo: Paz e

Terra, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura na escola e na biblioteca. 5. ed.
Porto Alegre: Papyrus, 1995.

DEPOIMENTOS DE EX-ALUNOS

NA ERTE APRENDI O SUFICIENTE PARA VIVER EM SOCIEDADE. VALORES SIMPLES, MAS ESSENCIAIS À VIDA.

Bruna Silva Souza³⁵

No dia 04 de outubro de 1998, às 15:00 horas, estava na sala de parto a senhora Ivoneide Santos Silva, que daria a luz a uma menina chamada Bruna Silva Sousa. Ela sentia dores, mas tudo indicava que a criança não viria ao mundo naquele instante, então a enfermeira ausentou-se, não demorou muito até que se ouviu um choro. Sim, eu já tinha nascido sozinha e estava sobre o lençol da maca, ao lado da minha mãe.

Eu já tinha dois irmãos, João Victor e Caio Victor, um ano depois minha mãe teve outro filho, o Alan, no ano seguinte recebemos Mateus. Viemos morar em Jaguaquara- Ba. Até essa época eu e Caio Victor morávamos com minha avó, Lindaura, que hoje representa muito em nossas vidas.

Anos se passaram, minha mãe teve outro esposo, que com o tempo, passou a ter problemas com o álcool e a agredia muito. Essas brigas aconteciam com frequência, e mesmo assim, minha mãe ainda viveu seis anos casada com ele.

Eu tinha sete anos de idade, quando recebemos a visita de uma mulher chamada Azenália Santos que propôs à minha mãe que fôssemos matriculados numa escola residencial campestre, a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE). Essa escola que funciona em modelo de alternância, nela os educandos permanecem imersos trinta dias e trinta dias em casa, praticando o que aprenderam. E foi nessa escola que começou a história que Deus escreveu para mim.

Aprendi na ERTE tudo que tinha direito e minha mãe deveria ter me ensinado. A ERTE tornou-se minha casa, minha vontade de permanecer na escola era cada vez maior. Nela aprendi desde os

³⁵Entrou na ERTE em 2005 e saiu em dezembro de 2013 para a Escola Rolf, em Pojuca, dando continuidade ao estudos no ensino médio.

conhecimentos escolares, até como agir, falar, como por em prática os hábitos de higiene, respeitar e amar a todos. Aqui aprendi o suficiente para viver em sociedade, valores simples, mas essenciais para a vida. Com o passar dos anos, meus dias na ERTE passaram a ser mais curtos. Estava prestes a cursar o 5º ano, antiga 4ª série, que era a última etapa do Ensino Fundamental I.

No ano seguinte, voltei a morar com minha avó na zona rural de Jaguaquara- Ba, fui estudar em uma escola da comunidade. Eu sabia que quando saísse da ERTE encontraria novas experiências e novas pessoas, esse pensamento se cumpriu. Na minha nova escola, encontrei o oposto de tudo que aprendi na ERTE.

Estudei dois anos na escola da comunidade que estava morando. Quando já estava no 7º ano, por motivos de longas paralisações passei a frequentar a escola cada vez menos, sendo assim, minhas notas baixaram e acabei perdendo de ano. Fiquei muito triste, mas o que eu não sabia era que Deus estava agindo.

Em 2011, voltei a morar com minha mãe na cidade de Jaguaquara, recebi a notícia que na ERTE já tinha Ensino Fundamental II. Como diz no Evangelho de Lucas capítulo 15 versículo 11: o filho pródigo retorna aos braços de seus pais, e eu retornei para meus pais, a minha casa.

Passei a estudar, e aos poucos fui aperfeiçoando-me a escola novamente. Ao concluir o 8º ano, antiga 7ª série do Ensino Fundamental II, recebi a notícia de que no 9º ano, participaríamos de um processo seletivo para estudar em uma escola da Fundação José Carvalho, na Escola Rural Rolf Weinberg, em Pojuca-Ba. O principal objetivo dessa parceria é que continuássemos nossos estudos e pudéssemos ser entregues a vida devidamente preparados, e assim a ERTE sentir-se-ia com a certeza da missão cumprida.

Em 2013, fui convidada pela direção da escola para atuar como monitora na turma do 1º ano, antiga alfabetização do Ensino Fundamental I. A partir daí, comecei a ensinar juntamente com as educadoras da turma, professora Marta Souza e Elielena Duarte. Essas duas professoras, foram meu chão. No decorrer do ano, fui

encantando-me cada vez mais, assim, passei a amar os pequeninos que eu ajudava na condução no dia a dia.

Foram apenas dois meses, mas o suficiente para convencer-me do grande sonho: ser professora. Com o passar dos meses fui aprendendo mais com eles, do que eles comigo.

Eu ficava encantada comigo mesma, pois além de admirar o trabalho dos professores missionários nessa instituição educacional, eu também era um deles. O meu tempo como monitora foi muito importante, pois cresci como educanda e principalmente como pessoa.

Logo após o processo seletivo da Escola Rolf Weinberg, eu e todos os meus colegas concluintes do 9º ano, recebemos a notícia de que fomos aprovados, então no dia 10 de fevereiro de 2014, viajamos para a Escola Rural Rolf Weinberg em Pojuca. Nesse momento, os nossos corações pulavam ansiosos de alegria e também temerosos do que nos esperava.

O que vamos encontrar? Como será? Até aonde poderemos ir? Eram essas indagações. E eu as tinha constantemente. No entanto, eu sentia uma certeza de recomeço, eu sabia que pela segunda vez minha vida mudaria.

No começo foi super difícil, a imagem que ousei criar era totalmente diferente do que eu encontrei. Apesar de a escola atual ser tão diferente, não desistir. Encarei as diferenças como possibilidades para mostrar nossas peculiaridades.

A professora Sonilda Sampaio Pereira sempre diz: “Nunca desistam dos seus sonhos; ainda que, em algum dia, eu mesma lhes diga: - Não sonhem! Continuem sonhando”

Nossa semente foi plantada na ERTE, adubada e regada, porém nossas raízes ainda eram frágeis. Tivemos a oportunidade de ser avaliados e nutridos na Rolf, pretendemos dar muitos frutos, para que novas árvores sejam semeadas e cuidadas. Em 2016 estarei concluindo o Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio, Modalidade Integrada – com Habilitação em Técnico em Agropecuária, na Escola Rural Rolf Weinberg, uma unidade da

Fundação José Carvalho para onde a ERTE me encaminhou.
Meus agradecimentos ao meu eterno lar: ERTE!

**A ERTE PLANTOU A SEMENTE. CHEGUEI À
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO COM
ÊNFASE EM CIÊNCIAS AGRÁRIAS, NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA
BAHIA**

Carlos de Souza Santos³⁶

Meu nome é Carlos de Souza Santos, tenho vinte e um (21) anos e atualmente estou cursando Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Agrárias, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Sou filho de família simples e humilde. Nasci no dia dois (2) de outubro 1993, na cidade de Jaguaquara-Ba. Residi na comunidade rural da Malhada até meus 10 anos de idade.

Ainda hoje me lembro perfeitamente do dia em que uma equipe da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) foi até a minha comunidade com o objetivo de anunciar a nova escola rural, em moldes também novos e matricular alunos. Assistimos ao vídeo de apresentação da ERTE, sentimos o desejo de estudar nela. Lembro também que, naquela época, houve uma resistência por parte de muitos pais em relação ao modelo de alternância, uma visão errônea que ainda se mantêm em muitas pessoas, nos dias atuais.

O fato é que, em 2001, ano da fundação da ERTE, quando eu estava com oito (8) anos, ingressei definitivamente na ERTE, cursei o Ensino Fundamental I. Os primeiros dias foram difíceis, senti muita saudade de casa, dos meus pais, mas logo me acostumei.

Ressalto que desde cedo já trabalhava na lavoura ajudando meus pais, uma vida muito simples e árdua que trazia uma visão distorcida do campo. Graças ao tempo que estudei na ERTE, voltei com uma visão diferenciada e não estava mais nos meus planos deixar o campo.

³⁶Entrou na ERTE em 2001 e saiu após concluir a antiga 4ª série do ensino fundamental I.

Por causa das metodologias voltados para o campo, a visão de formação integral e, sobretudo, o elo com a educação cristã, tenho muito orgulho de ter estudo na ERTE.

Conclui meu ensino fundamental I no ano de 2004. Nesse ano, mudei juntamente com minha família para zona rural de Cravolândia onde moro até hoje. Cursei o ensino fundamental II, no Colégio Municipal de Cravolândia, depois fiz o ensino médio no Colégio Estadual Otto-Alencar. Terminado o ensino médio, tive a oportunidade de fazer o curso Técnico em Enfermagem, profissão que exerço com muito amor.

Ingressei no curso Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Agrárias, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Pretendo aprimorar meus conhecimentos na área da Educação do Campo para que todos os moradores camponeses tenham, como eu tive, uma educação do campo e não uma educação no campo que não corresponde às reais necessidades da população camponesa.

Sou muito grato a todos os funcionários da ERTE, a todos que um dia acreditaram no meu sonho e ofereceram a mim e a todos os outros educandos uma educação de qualidade que valoriza o território camponês, formando cidadãos que se orgulhe de sua origem campestre.

A ERTE NÃO SÓ MARCOU MINHA VIDA, A ERTE MUDOU MINHA VIDA

Erenice de Jesus Santos³⁷

Com imensa alegria, falarei um pouco da minha história na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE). Meu nome é Erenice de Jesus Santos, filha dos agricultores Maria Francisca de Jesus e de Antônio Marcos dos Santos. Nasci em 09 de fevereiro de 1992, na região da Piabanha, zona rural de Jaguaquara-Ba. Lá morei por vinte e um (21) anos com minha mãe e meus irmãos. Fui criada sem pai, só com minha mãe. O que eu mais precisava era o amor e carinho do meu pai, isso ele não me deu.

Minha infância não foi nada fácil, às vezes não tinha nada para comermos. Minha mãe era quem trabalhava para criar a mim e a meus irmãos. Quando eu tinha nove (9) anos de idade, minha mãe falou comigo sobre a possibilidade de me colocar para estudar em Jaguaquara. Uma escola da qual as pessoas diziam ser muito boa. Nessa escola eu passaria trinta (30) dias consecutivos, interna, e, depois passaria dois (2) meses seguidos em casa. Logo, em primeira instância, eu disse para minha mãe que eu não queria ir para um lugar onde eu não conhecia ninguém. Na verdade, eu tinha medo de ficar longe dela e dos meus irmãos. Não queria passar esse tempo todo longe da minha família.

Até então, eu nunca havia saído de casa. A nossa casa é simples, somos pobres. Ela disse-me que seria o melhor para mim, eu iria gostar e não me arrependeria depois. Fiquei muito triste, porque mesmo com toda dificuldade que eu tinha para estudar, gostava de estar lá, na zona rural. Às vezes, debaixo de sol quente, ou debaixo de muita chuva, mas eu voltava todas as tardes para estar junto da minha

³⁷Entrou na ERTE como aluna na 1ª turma, março de 2001. Saiu após concluir a 4ª série do ensino fundamental I. Retornou como funcionária dos serviços gerais. Atualmente assumiu a docência. Faz o curso de Pedagogia pela Faculdade Integradora do Brasil (FAIBRA).

família. Sendo a irmã mais velha das mulheres, eu que tinha que cuidar dos meus irmãos e da casa, para minha mãe poder trabalhar. Em 02 de março de 2001, quando a primeira turma estava chegando, eu também chegava à ERTE para estudar. Conheci cada espaço onde teria de me adaptar com o passar do tempo. Estudei quatro (4) anos, foram anos maravilhosos e que marcaram profundamente a minha vida, na realidade não só marcaram, como também mudaram a minha vida, o meu modo de pensar, o meu ser.

Esses anos passaram muito depressa, chegou o momento em que tive que deixar a escola. Até então, a ERTE só oferecia o ensino fundamental I. Fiquei triste ao saber que iria embora e que teria de dar continuidade aos meus estudos em outro lugar. Afinal de contas, foi onde aprendi a exercer a cidadania e adquirir princípios.

Nas escolas da zona rural, terminei a educação básica e chegou o momento, tão sonhado por todos que desejam vencer na vida e alcançar novos espaços. Ingressar no ensino superior. Quando vi, já havia feito o vestibular e estava matriculada em uma faculdade, mas precisava conseguir um trabalho para pagar as mensalidades. Pensei em um lugar que poderia oferecer-me uma oportunidade. Deus leu meus pensamentos, e usou minha ex-professora da ERTE e colega da faculdade no curso de Pedagogia, Cátia Coelho. Ela falou com a diretora da ERTE, professora Sonilda Sampaio Pereira, para conseguir um trabalho para mim, pois eu estava decidida a não fazer faculdade.

A partir desse momento, passei a viver uma nova história. A diretora convidou-me para conversar, relembramos bons momentos do meu tempo de aluna e lhe mostrei minhas mãos cheias de calos de trabalhar na lavoura para sustentar-me e também a minha família. Após nossa conversa, a professora Sonilda prometeu me ajudar, e incentivou-me a não desistir da faculdade. Daquele momento em diante, ela assumiria as mensalidades da minha faculdade até a conclusão do meu curso. Fiquei muito emocionada, confesso que chorei, eu sabia que Deus estava dando um novo rumo a minha vida. Como bem diz o salmista:

Porque mudaste o meu pranto em dança a minha veste do lamento em veste de alegria, para que o meu coração cante louvores a ti e não se cale. Eu te darei graças para sempre senhor meu Deus... (Salmos 30 vs. 11-12)

Muito feliz, cheguei em casa, e falei para minha família o quanto Deus é bom, e tinha enviado uma pessoa para me ajudar. Dessa forma, eu poderia continuar a faculdade. E mais: no dia 1º de fevereiro de 2014, fui convidada para trabalhar na ERTE, voltei a fazer parte da família Erteana. Antes era como educanda e, agora como funcionária, e sinto muita alegria. Iniciei como funcionária, em 2014, na função de serviços gerais; em 2015, assumi a docência no ensino fundamental I.

Há uma importância grandiosa em viver novamente com pessoas que me tornaram o que sou hoje. A ERTE é minha casa, é onde me tornei uma pessoa de bem com a vida e aprendi mais sobre Deus. Hoje me vejo como aquela filha que foi embora e que depois retorna para a casa de sua mãe.

Vejo que estou aqui como missão e posso dizer como Paulo Freire ao afirmar que é caminhando, pelo caminho, que se refaz o caminho e se retoca o sonho.

Ao terminar a faculdade, no curso de pedagogia, meu objetivo é continuar sendo uma educadora da ERTE. Aqui aprendi com os professores profissionais a transmitir o carinho de família. Acredito que hoje já ajudo muitas crianças que estudam na mesma escola onde estudei.

É impossível viver sem sonhos. Sonhar é arriscar. A vida ensinou-me a grande lição: é impossível vivê-la sem risco. Escolhi fazer faculdade de pedagogia porque junto com a família Erteana meu sonho tem se tornado realidade. Sou uma educadora que busca o preparo para as demandas do dia a dia escolar e também para plantar sementes em cada educando que, futuramente, tornar-se-ão profissionais aptos para atuarem na sociedade, como aconteceu comigo.

A ESCOLA QUE AJUDOU A MUDAR A MINHA VIDA E A CONSTRUIR VÁRIOS AMIGOS VERDADEIROS

Henrique Victor Gomes de Assis³⁸

Mais um dia se inicia, eu ainda estou na barriga da minha mãe. Ela está aflita de dor porque já era a hora de eu nascer, e ela pensava sobre a escolha do meu nome, de tantos e tantos nomes, ela pediu ajuda a minha avó.

Minha avó respondeu:

- Minha filha, coloque Roque em comemoração ao dia de hoje.

Minha mãe pensou bem e logo veio em sua mente 'Henrique'. Enquanto isso minha mãe estava a caminho para o Hospital Pantaleão Soares de Melo, rapidamente foi encaminhada para a sala de parto, as enfermeiras tiveram muita dificuldade com o parto, quando estavam quase desistindo, às 12h30min, se ouve um choro: nasce Henrique Victor Gomes de Assis, em 16 de agosto de 1997, filho de Valdirene Bonfim Gomes e Rosival de Jesus Assis Dias.

Meses e anos se passaram e, Henrique cresceu um menino forte, saudável, inteligente, mas não sabia usufruir sua inteligência, logo vem uma interrupção: só pensava em bola e não se preocupava com os estudos.

Minha mãe dizia:

- Filho, esquece a bola e dedique-se mais aos estudos.

Mesmo diante do meu desinteresse, minha mãe sempre apostava em mim. Ela acreditava que tudo daria certo, ao contrário dos meus familiares que só me desprezavam e viravam as costas quando eu mais precisava.

Aos 12 anos, comecei a estudar na Escola Municipal Menandro Menahim, na cidade onde moro, Wenceslau Guimarães. Estudei nela por três (3) anos, e nunca passava de ano, mas quando eu tinha 15 anos, ouvi falar da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE). O

³⁸Entrou na ERTE em 2012 e saiu em 2015, após concluir o 9º ano do ensino fundamental II.

meu colega Aldemir de Jesus Gomes falou sobre a escola de forma intrigante, fiquei muito curioso, gostei da ideia e fui falar com minha mãe.

Logo, ela se comunicou com a professora Azenália Pereira, só que não tinha mais vaga, mesmo assim insisti, então chegou o dia das buscas, na zona rural, arrumei minhas coisas e fui para o ponto com minha mãe. Quando o ônibus da ERTE chegou, ela conversou com a pró Azénalia que resolveu trazer-me, foi assim que começou a minha nova história nessa escola.

Quando entrei no portão da ERTE, senti uma coisa diferente dentro de mim, fiquei um pouco triste, pela primeira vez me separei da minha mãe, mas com o passar dos dias fui construindo uma nova família que se chama ERTE. Fui conquistando, novas amizades, aprendi a falar mais com Deus e ver todos os funcionários como professores e até como nossos pais, um exemplo que tenho disso é a professora Sandra Martins de Souza, minha segunda mãe, que a partir do momento que cheguei à escola, começou a ajudar-me, aconselhar-me e eu compreendi o meu objetivo, parei de repetir o ano, fui para o 7º ano, antiga 6ª série do ensino fundamental I.

Como na ERTE tem muitas regras, várias vezes fui tentado a desobedecer. Tinha que recomeçar novamente, pois sabia que se eu continuasse desobedecendo às regras da escola seria enviado de volta para minha casa, e eu não queria isso para minha vida, porque com tantas dificuldades que já havia passado, não queria mais vivenciá-las.

A ERTE ajudou-me bastante a ser a pessoa que sou hoje, não sei o que seria de mim sem essa escola. Hoje, eu poderia está no mundo das drogas como alguns jovens, ou até envolvido no mundo da criminalidade.

Essa é a escola que vai ficar para sempre em minha memória, foi uma porta de Deus que se abriu pra mim. Já estou cursando o 9º ano, antiga 8ª série do ensino fundamental II, muito feliz e ao mesmo tempo triste, porque é meu último ano na escola, que ajudou a mudar

a minha vida e a construir vários amigos verdadeiros.

A ERTE será sempre minha segunda casa e nunca vou abandoná-la. Pretendo concluir o ensino médio, fazer uma faculdade de Agronomia e Veterinária. Assim, mostrarei a todos que o ser humano precisa apenas de uma segunda chance, de alguém que acredite nele. Só tenho uma coisa pra falar: TE AMO, ERTE. Você é a escola com que sempre sonhei, faço e a farei existir.

CHEGUEI NA ERTE COM SEIS ANOS: DE MENINO SAPECA A COLABORADOR

Josemar Bezerra da Silva³⁹

Eu, Josemar Bezerra da Silva, nasci no município de Jaguaquara, no dia cinco (05) de junho de 1998. Sou filho de Juvenal Gomes da Silva, in memorian, e Maria Nilza da Silva Bezerra. No ano de 2001, tudo mudaria na minha família, o ano letivo estava para começar quando recebemos a visita de algumas pessoas que foram apresentar a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE). Entre essas pessoas, estava a professora Azenália Pereira dos Santos, professora de itinerância, que falou um pouco sobre a escola.

A ERTE é uma escola rural, no modelo de pedagogia de alternância e, naquela época, era um mês na escola e dois meses em casa. Hoje, a escola foi modificada para apenas um mês em casa e um mês na escola, totalizando quatro meses, por ano, de imersão na educação formal.

Minha mãe gostou da escola, resolveu matricular minhas duas irmãs, Mariane Bezerra da Silva e Marinelle Bezerra da Silva. No dia da busca dos alunos, o carro da escola foi buscar em nossa casa.

No ano em que minhas irmãs começaram a estudar na ERTE, perdemos o nosso pai. Tudo parecia ter acabado, a tristeza e a dor estavam em nossos corações, mesmo assim, minhas irmãs tinham que continuar.

No ano seguinte, em 2002, Mariane iria ter que sair, porque a ERTE só oferecia o ensino fundamental I, ela estudaria até o 5º ano, antiga 4ª série. Como minha mãe gostou muito do trabalho da escola, resolveu matricular minha outra irmã, Mailza Bezerra da Silva.

Em 2004, pude seguir os passos das minhas irmãs, fui matriculado na ERTE. Quando cheguei só tinha apenas seis (6) anos de idade. Eu nunca tinha ido a uma escola, por isso eu estava acompanhado

³⁹Entrou na ERTE em 2004 e saiu em 2014 com bolsa de estudo para o ensino médio no Colégio Batista Taylor-Egídio.

de minha irmã Mailza, que me ensinou um pouco de tudo. Como eu sentia muita falta de casa, chorava bastante, mas aos poucos fui acostumando-me. Recordo, com pesar, o fato de muitas vezes atrapalhar o bom andamento da escola, porque eu era um pouco sapeca.

Em 2006, a nossa escola participou de um concurso, intitulado: 'A leitura em minha vida', a Secretaria do Estado da Bahia, por meio da Superintendência de Desenvolvimento da Educação Básica – SUDEB que realizou um projeto de redação, baseado na vida e obra do escritor Paulo Freire. Desse projeto participaram várias escolas públicas do estado da Bahia, inclusive a nossa.

Com, aproximadamente, vinte (20) dias que estávamos em casa, o carro da ERTE chegou em nossa residência. Os professores da itinerância, que visitavam os alunos em casa, visavam oferecer um apoio pedagógico. Nesse grupo estavam a professora Azenália Pereira e Elielena Duarte, elas estavam lá para corrigir as atividades que nós levamos para casa.

Nós não imaginávamos o que estava por vir, desta vez, não era só para corrigir as atividades, era para dar uma notícia muito boa. A professora Azenália falou para minha mãe que Mailza tinha ganhado em 1º lugar no concurso de redação, do Projeto Tecendo Leituras, ela foi premiada com um computador e uma impressora, ficamos muito felizes com a notícia.

No mesmo dia Mailza voltou para a escola e viajou para Salvador junto com a professora Maria da Conceição. Elas ficaram bem hospedadas em um local muito bonito que dava vista para o mar. Minha irmã Mailza recebeu o prêmio do então governador do Estado da Bahia, Paulo Souto, no dia 20 de novembro de 2006.

No começo do ano de 2007, recebemos a visita do Instituto Paulo Freire, que estava se organizando tendo em vista comemorar os dez anos de morte do seu educador por excelência. Fazendo pesquisas, o instituto Paulo Freire, em parceria com o Ministério de Educação e Cultura (MEC), concluíram que a nossa escola deveria fazer parte do Filme Paulo Freire Contemporâneo por ser uma escola modelo e

assim o foi. Dessa forma, a TV Escola foi até nossa casa para saber sobre o nosso aproveitamento na escola, o que chegava aos nossos familiares e qual a participação da nossa família no nosso aprendizado.

No final de 2007, foi a vez de Mailza sair da escola. Em 2008, tive que ir para a escola sozinho, porque eu era o caçula e não tinha outro irmão menor para ir comigo. Chorei muito, mas tinha que ir, até porque as condições financeiras da minha família não estavam boas e a escola naquele momento ofereceria um suporte.

Recordo-me que muitas vezes o professor Paulo Eldebrando tinha que me levar no colo para tomar banho pela manhã cedinho. Os anos se passaram e chegou o ano de 2010, o ano em que eu sairia da escola, porque já era quinto ano, antiga 4ª série do ensino fundamental I e ainda não tínhamos o 6º ano, antiga 5ª série do ensino fundamental II. No entanto, Deus continuou direcionando e, no mesmo ano, foi autorizado o funcionamento da 5ª a 8ª série, ou seja, o fundamental II.

O ano de 2011 começou e eu estava de volta a ERTE, no começo estava tudo bem, mas o final não seria como começou. No dia 10 de dezembro, o meu irmão sofreu um acidente vindo a óbito, a dor e o sofrimento arrebatarem minha família, naquele fim de ano.

O ano de 2012 começou, voltei para a ERTE. Também não foi fácil, mesmo passando por momentos difíceis, retornei porque sentir que podia ser o espelho do que ele foi, responsável e honesto.

O ano passou, veio 2013, melhor que 2011 e 2012, o professor Paulo Eldebrando convocou-me para ser seu monitor, isso no próprio quarto, foi muito bom, pude ajudar o ano todo. No ano seguinte, foi melhor, era o ano das decisões e das despedidas. Logo no começo do ano letivo, a escola juntamente com os professores selecionaram alguns educandos para ajudarem na horta no período de alternância entre um grupo e outro, os educadores escolheram-me porque acreditaram que eu tinha responsabilidade para exercer essas funções, estava sendo apenas ajudante na escola, cumpria as demandas de um monitor.

Passados alguns dias, a diretora, professora Sonilda Sampaio Pereira, chamou-me para falar que estava vindo para a escola o programa do Governo Federal, o Mais Educação, e pensara em mim para participar junto com os professores, ela acreditava que eu seria capaz. O Projeto Mais Educação aconteceu durante seis meses, foi uma experiência fantástica, agora tinha na sala de aula meus professores e no Mais Educação meus colegas de trabalho. Minha postura mudou muito, pois sabia da grande responsabilidade que estava sobre mim, mas foi tranquilo administrar isso.

O ano de 2014 estava perto de terminar, agora teria que decidir onde iria estudar no próximo ano. Havia a possibilidade de vagas para a Escola Rural Rolf Weinberg, em Pojuca - Ba. Estava decidido que iria para lá, mas precisava fazer a prova, porque só iria quem fosse aprovado. Graças a Deus! Fiz a prova e fui aprovado.

Na mesma época, surgiram algumas bolsas de estudo para o Colégio Batista Taylor-Egídio (CBTE). Eu sempre tive vontade de estudar lá, mas não tinha condições para pagar. A ERTE fez uma reunião com o conselho para selecionarem alguns alunos para estudarem no CBTE. Ao término da reunião, fui informado que tinha ganhado uma bolsa. As lágrimas desceram agora o sonho estava sendo real, agradei a Deus pela oportunidade.

Hoje, moro na ERTE e estudo no CBTE. Agradeço a todos os meus professores da ERTE que me ajudaram a ser quem sou hoje e ao meu padrinho Dr. George Andrade Nascimento que está dando-me a oportunidade de seguir em frente, sonhando mais alto e realizando todos os meus sonhos.

MINHA CASAMilene Andrade Damasceno⁴⁰

Quando era bem pequena
Minha mãe ouviu falar
Em uma escola de alternância
E lá fui estudar.

Eu era muito pequena
Mas sabia o que queria
Estudar e me formar
Pra melhor cidadania.

Essa escola é a ERTE
Uma escola especial
E nela estou fazendo
Meu sonho se tornar real.

Logo quando cheguei
Fiquei um pouco perdida
Mal sabia que essa escola
Ia mudar minha vida.

A rotina do dia a dia
Foi difícil de acostumar
Todas 6:00 horas da manhã
Eu teria que acordar.

E quem diria então,
O dia todo ter que estudar
E pior ainda
Da minha mãe me separar.

⁴⁰Entrou na ERTE em 2009 saiu em 2015, após concluir o 9º ano do ensino fundamental.

Assim começou minha vida na escola,
O tempo foi passando
E também com o tempo
Eu fui me acostumando.

Fui fazendo amigos,
Aprendendo a conviver.
E logo com o tempo
Comecei a crescer.

Então a menina Milene,
Com o tempo foi crescendo
Tanto o corpo como a maturidade
Foi se desenvolvendo.

Ao passar dos anos,
Fui me habituando
E minha vida cada vez mais
Eu fui melhorando

Não em riqueza,
Mas em conhecimento.
Agradeço hoje a Deus
Pelo meu crescimento

A ERTE mudou minha vida
Minha vida por inteiro
Ela não é minha segunda casa
É minha primeira.

DA ALFABETIZAÇÃO AO 9º ANO NA ERTE À BOLSA NO CBTE E AO COMPROMISSO COM O INTERNATO MASCULINO INFANTIL

Jerffeson Bispo dos Santos⁴¹

Josemar Bezerra da Silva⁴²

Rafael Santos Gois⁴³

Renan Peixoto dos Santos⁴⁴

Aqui, nesta escola, onde começamos a aprender a ler e a escrever, onde fizemos todo o ensino fundamental, há muitas histórias que passam em nossas mentes e nos fazem recordar fatos inéditos. Por exemplo, “quando eu iniciava a desvendar os segredos da decodificação da palavra escrita, a professora alfabetizadora me entregou um texto sobre agricultura onde a palavra inicial era trator. Depois que eu li a palavra trator, deslancei na leitura e passei a ajudar aos colegas a aprender. Então comecei a andar pelas ruas lendo as palavras e as placas. Só somos alguém quando lemos as palavras e, conseqüentemente, o mundo”. afirma Rafael.

Todos nós passamos pela ERTE na condição de alunos. Nessa condição, foram muitas e inesquecíveis as experiências. Saímos de nossa casa e fomos acolhidos com amor, como filhos. “Aqui, eu vivi o que não vivi com meus pais. Nunca meu pai me pegou no colo. Na ERTE, fui colocado no colo. Eu vim para ERTE órfão de pai e aqui fui ajudado e o vazio foi preenchido e meus pensamentos foram elevados. Fui bem acolhido e ajudado”, afirma Josemar.

Atualmente, como ex-alunos, somos bolsistas no ensino médio do Colégio Batista Taylor-Egídio. Não entendemos como as pessoas podem se interessar por meninos desconhecidos, rurais. Rafael afirma e pergunta meio assustado: “Eu vou morrer sem entender isso

⁴¹Ex-aluno da ERTE, bolsista do CBTE, colaborador da ERTE

⁴²Ex-aluno da ERTE, bolsista do CBTE, colaborador da ERTE

⁴³Ex-aluno da ERTE, bolsista do CBTE, colaborador da ERTE

⁴⁴Ex-aluno da ERTE, bolsista do CBTE, colaborador da ERTE

que me aconteceu. Como pode uma pessoa rica da cidade se interessar por um guri da roça e assumir pagar tudo para esse guri continuar estudando?”

“Estar no Colégio Batista Taylor-Egídio, como aluno bolsista, me enche de gratidão e de compromisso. São meus ex-professores da ERTE que pagam minha bolsa. Sei que minha família não teria condição financeira de me manter em um Colégio particular, por isso minha gratidão. Conheci muitos alunos do Colégio quando jogava bola com eles nos jogos oficiais, em anos passados. Sempre os professores de educação física incluíam os alunos da ERTE naqueles jogos. Interajo muito bem com minha turma. Agradeço a Deus e as pessoas.” diz Jerffeson.

Como alunos bolsistas no Colégio Batista Taylor-Egídio, nós moramos na ERTE e com ela colaboramos. “Ao ser contemplado com a bolsa, pensei em onde moraria. Logo fui informado que a ERTE me acolheria e eu daria minha contribuição. Dessa forma, minha atuação é como educador que ajuda na dormida dos alunos pequenos. De aluno a professor me dá alegria muito grande e também muito compromisso. Colocá-los para dormir, acompanhá-los durante à noite, organizá-los para o café e entregá-los na sala de aula, prontos, às 7:30h da manhã.” diz Renan.

Já temos experiências grandes, como conversar com alunos carentes cujos pais os abandonaram. Os mais perigosos são os que mais sofrem em suas casas. É bom demais aconselhá-los. Já há pais que nos agradecem pelo que fazemos pelos pequeninos.

Com esse histórico, certamente, estamos ajudando a construir a escola dos sonhos de todos os alunos e de todos os educadores. Como alunos, confiamos e viemos estudar aqui; como ex-alunos, honramos nossa história na ERTE dando o melhor de nós no Colégio; como colaboradores da ERTE, buscamos imitar os bons modelos de professores que tivemos nessa casa de educação.

Você pode adquirir os títulos da Ponto e Vírgula por reembolso postal e se cadastrar para receber nossos informativos de lançamentos e promoções.

Entre em contato conosco:

e-mail: editorapontoevirgula@hotmail.com